

= A questão académica de 1907 =

Memórias

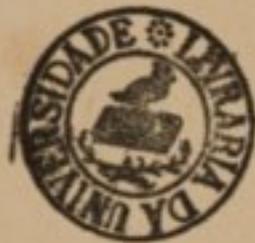
(Diário ao correr da pena)

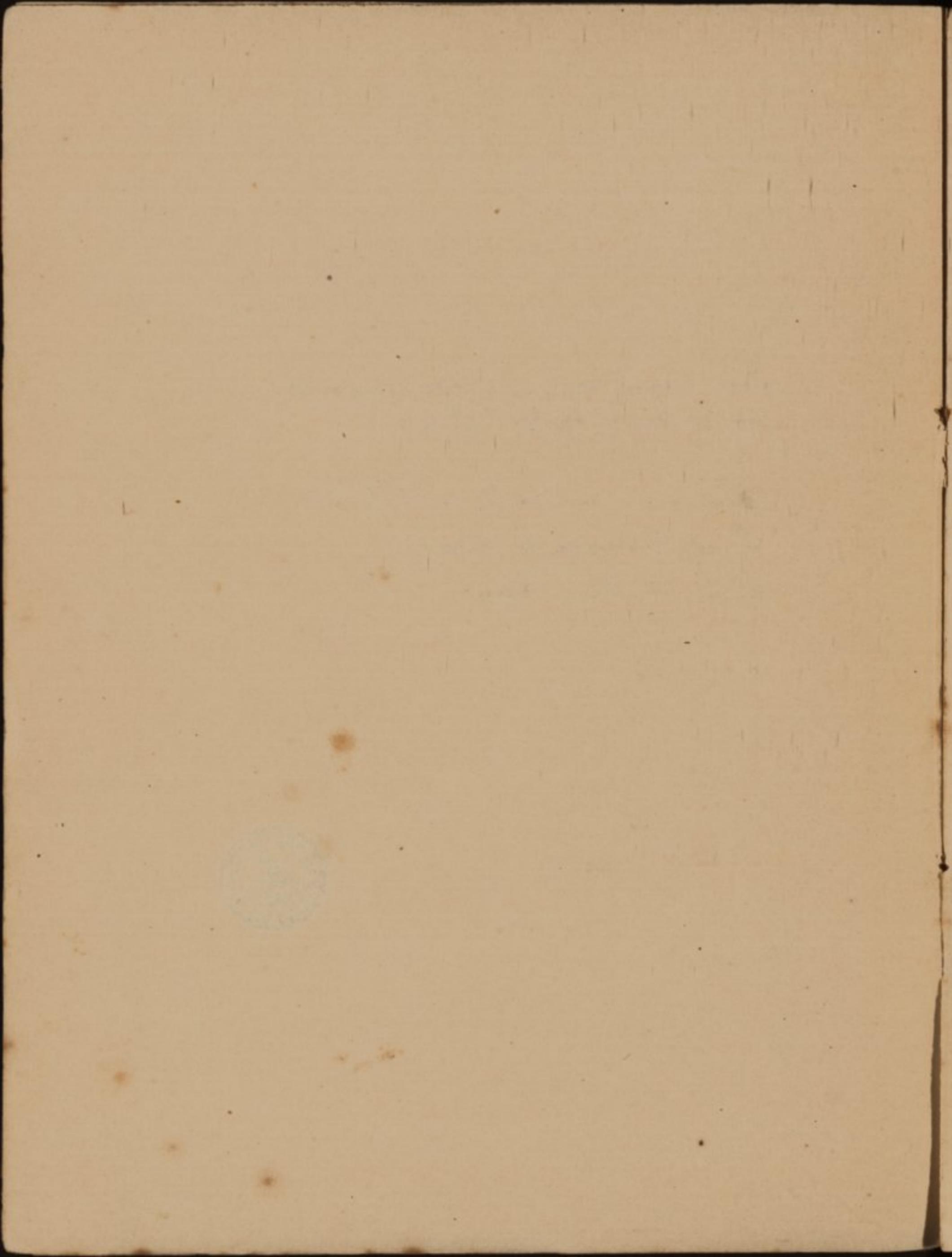
= fevereiro - junho, 1907 =

Coincência = desde março de 1908 até

Aos meus condiscipulos intravisi-
gubas do curso de "Cálculo"

Francisco Vaz Pacheco de Castro,
Luis Esteves de Aguiar
Luis de Mira Feio:





«... arde o fogo sagrado da
bella loucura dos vinte an-
nos, quando todas as espe-
ranças são realidades...»

Zolá : Garba é ruicidade.

« me occupei em cuidar
e recolher á memoria
as peydas e grandes cousas
que em nossos dias passaram. »

Rezaude: Miscellanea, fol.º

Coimbra =

= 8 d'aleril (2ª feira) =

Cheguei também de Lisboa, no meu-viagem
à 1 hora da tarde.

No balcão, onde havia uma certa ami-
gurança, não sei se foi por Domingo se foi cau-
sa dos acontecimentos, eu auscultei a opinião.

D'essa minha curiosidade resultou in-
simulamente impressionado para casa, comen-
çando de que a greve hoje, se não mantida.
Porém as causas como estavam, tendo visto
em Lisboa a metter a mais calorosa disposição
para o feio da greve da Universidade, a acade-
mia de Coimbra ia assim descer innumeroso
no meu conceito, e enforca-lha-se de mis-
tura com os irregulares processos de feio em
gratificação o feio académico — o feio e feio
ritual feio!

Assim entrei em casa; e assim, à tarde, de-
pois de jantar paki. Perfeitamente inquieto,
com aquella irritação que produz sempre um

acto de menor dignidade. Nesta diligência des-
ci a Avenida de S.^{ta} Cruz onde encontrei uma
longa fila de policias, flocadamente subindo a
ladeira; e quando cheguei ao passeio do Baes,
vi o meu condiscipulo Francisco Xavier Vaz
Pacheco, o urso de balcões, ao qual me ajuntei
perseguido. He aqui a primeira novidade:

— Bábão?...

O subão era de tal modo significativo que
logo me responderam, com o brilho d'olhos que
he é proprio:

— Tudo ordinario. Os rapazes estão firmes...

Foi como que um zêro que me tiraram; fi-
quei mais satisfeito e como a conversa não se
dia por outra, o meu condiscipulo pôz-me ao
corrente de tudo.

Fomos depois ao rajido das 9 horas da noite,
esperar os rapazes que chegavam de Lisboa e
que vinham resolvidos. Havia policia por todos
os lados e do honreros d'Infanteria 23 de Gre-
nação no quartel. Na balçada, grande ani-
mação e o Agente Pedroso Rodrigues, travan-
do-me do braço, disse-me:

— ... e você não sabe o que está por me-
cader alevantã, no Porto...

— ?...

— O Banco Lima leva 5:000 operarios
em greve. Elle é barro!...

Dei logo a noticia ao Pacheco; e subindo

Para a alta levávamos a convicção de que a
grávia dos esbudaes hoje se pseudaria.

Na alta, gabrietas de cavallaria ganávam
pennolentamente, á laia de municipal; é for-
to do governo civil dois cavallos peguros for uma
ordenança, esgerávam; e um d'elles, de rabo
carbado, era d'official.

A glicia othavo, inquiria, descaupada...

Assim entrei em casa, combatendo com a
gros gesticiva gora muito alegre de que hoje, a aca-
demia, pseudaria a grávia, em gesso, descaupau-
do as iras do governo e do seu logar-tenente na
cidade, o celebre tenente-caravel Dias, de farba
bigodeira e celebrado nome.

Foi assim que hoje me levantei, me fartei
e me encaminhei para a rua Larga, na riso-
nha esgerativa de "fartos e consideraveis acom-
decimentos."

Havia nevoso. A rua Larga, com o multi-
dão negra de esbudaes, ao fundo, com cavalla-
ria gergando e glicia á farba, indícios na
nevoa densa e baixa, ditos qualquer causa-
gordão-me a camufanção exótica! — de rua lom-
drina em dia de grávia ofensiva...

Avancei. muito grande avicia de paler e at-
titude dos ralares; se elles deixariam ir for
agua abaixo a tão afregada solidiedade aca-
demica.

Felizmente, a reunião esdrabativa foi ex-
cida: desde a rua de S. João até à Porta-Janea,
os estudantes estavam comagrebamente, e pi-
lenciosos; alguns pubricas viam os acumbai-
mentos e a Porta-Janea, chufando um eiger-
no, o bembé-cenual Dias, senhor do campo,
ganava.

Éis o ardeito geral. O administrador do
councilho, Domingos de Freitas, camba-me en-
bás que ganáram alguns leubos, como o ba-
lixto, o madureira, o Luis Maria de Silva Pa-
mos, e que nem uma galaveira se ouvira de
multidão acadêmica; mas que fora dentro do
gobos nem um estudante eubrána além dos
militares e d'uns theologos creio que padres.

A greve era góis, geral e polemica.

O Dias, de certo esdrabado com a attitude,
remexeria ganvaidura no seu ardeito algu-
ma ideia salvadora fora o fiasco golicial...
Cambave dar granchado e nisso não feridos os
toos golicias que trouxero de listas; mas de gres-
na se convenceu de que o granchado não seria
o desiderabium fora bós monumentosos problemas.

Os ralizes não eubráram, visto que o goli-
cia — caso unico! — invadira a Universidade
e tornára azeudo zelo the Labina e zelos
geraes, banuet na colheça, jurivando, quebrau
do assim violentamente e for varias fór-
mas aquillo que o João Franco avocára fora

manter o prestigio universitário: — o fôro acadêmico.

Seubi em mim uma exôta de alegria; conversando com varios rapazes, candidos-ci- gulos ou candidos páruentes, soube que só militares e padres tinham ido ás aulas, e mes- mo dos padres, nem todos; que o Dr. Casiro da Matta dissera aos discipulos militares que au- dâram que laodâvamos que elles não fôdessem acampar os seus candidos-cigulos; que o Dr. Calixto, prelescionando ao unico dos seus dis- cipulos que era militar e que era militar, embe- teve toda a hora, quasi, explicando a differen- ca entre liberdade, licença e abuso; que um leito de theologia mandava embora os policias que lhe guardavam a porta da aula; que, en- fim, tudo estava na melhor disposiçao para a greve por o mais conpleto possível.

Fui tambem procurado por dois quartanistas de Direito, um o Mauricio Costa, rapaz de má- ra habilidade para o violino, e o outro o José d'Almeida Gusmão, que foi seminariano e que largou a vida ecclesiastica para vir para Direito; perguntaram-me elles se os seus dois can- didos-cigulos os tentavam José Maria de Tross Junior e Alvaro Xavier de Castro, ambos de Lafanaris, fôderiam ou não aderir á gre- ve, atendo a riduosca de fôra do serviço. Eu respondi-lhes que um estava na situação de

estado-maior da arma e o outro, o segundo, na inatividade; que não podia tomar parte em manifestações collectivas; que não podia dizer que eram solidários com a greve; mas que ao mesmo tempo ninguém lhes podia negar o direito de não ir ás aulas... Disse-lhes mesmo que eu tinha resolvido não ir ás aulas, não como grevista, mas porque sendo-me matriculado no 2º anno de Mathematicas mais for dilettantismo que for outra coisa, estava no meu direito de perder o anno quando meido bem quizesse.

O Mauricio rafeu-se logo sem se desferir de mim e só o outro me agradeceu e foi discutir o caso com o Deputado Pons de quem for rival não gosto nada.

Assim, sem variarme alguuma, se fassou uma hora; e encaminhando-me para casa, para almorçar, encumbro ainda o mesmo Deputado Pons, na rue Lange, que me chamou:

— O' alferes! já sabe da nova interpretação do nosso Regulamento disciplinar?

Eu que sei das boas graças em que elle se' de no General-genera, dei-me um pouco d'alguma cilada. Respondeu-me não sei o que mas elle insistiu:

— Digam os meus condiscipulos que eu devo adherir á greve... que isto... que aquilto...

Embora ganhei. Disse-me o que devia fazer e com franqueza, sinceramente de mais. Elle olhou para mim, com um ar attonido, e que me dava um aspecto ridiculo os ligados cuidadosamente fixados.

— Mas olhe que lhe dizem de fazer...

— Porque, meu deus? Eu não tenho o direito de dizer do meu amor lesbico?

— Mas, embora faça a declaração que devida d'elle...

— E ainda está isso escrito?

— No Regulamento disciplinar que não contém nenhuma manifestações collectivas. Eu em Braga do Iluminismo fui repreendido...

E contou-me a historia da repressão que eu não fixei. E, quando algures uma aluno saí-me.

Pobre deus Rosa! Uma repressão faz-me ter medo de tudo!

Voltei para casa, depois de falar de novo ao Freitas e quem contou a historia com o Rosa e á qual o Freitas fez o unico commentario:

— Quando o deus Rosa é m... Tenho cuidado só em elle o não denunciar no quartel-general.

E vim almoçar.

Quando voltei a partir, parecia mais-dia. Subi á Alta e desci immediatamente á Baixa, para não dizer que eu me manifestava; no

caminho fallei a dois condiscipulos e parece-me
 d'ão que á aula de chimica organica foram só
 os militares (creio que uns dez) e que o pro-
 fessor Alvaro Basco explicára toda a hora e
 que se ia esquecendo de que dava a hora da pa-
 lida zelo que zedim desculpa...

Fui depois ao quartel do 23 onde estavamos,
 no corredor do 1º andar, algumas escari-
 lhadas de do honreus, formando tres gelotões;
 esta força, junta com as de cavallaria que se
 encontravam a Alto, manobrava sob o com-
 mando do major do 23 José Maria de Lorde,
 que andava a cavallo pelas ruas.

Tallando com officiaes, a officiação mais
 corrente é que a questão, era uma questão de
 desordens...

Pobre droga!

Encontrei tambem o amigo Bernardo Pedro
 ao qual me veio fazer o que elle chamava a
 "coacção physica" que o obrigou a não jurar a
 greue, pois que a sua qualidade de pincero e
 ferreiro franquista assim o exigia. Pobres e
 tristes franquistas que subordinam toda a
 sua féme de jurar ao querer absoluto e bo-
 cal do chefe pincero, cego e todos as mani-
 festações de liberdade!

Com elle dispenha-me a ir até a Alto, fa-
 ra saber o que havia, quando o filho do proprio
 João Franco com um seu amigo, nos cha-

meu; seguimos todos e no caminho os cadetes Cyziano Cavallaro d'Almeida e Brito e Antonio Paes de Saude e Castro que disseram que na aula de Calculo só foram tambem os cadetes e que o Sidonio, como se não tivesse passado cinco semanas de intervallo nas aulas, começára assim a sua prelecção:

— Os senhores já conhecem a formula de Taylor...

E passado um quarto d'hora, mandou sair. Ao ir, reparando-me dos camofaudeiros, juntei-me aos condiscipulos Francisco Vay Pacheco e Pedro d'Alcantara; na rua larga andávamos um cabo e quatro soldados de cavallaria de baixo para cima e de cima para baixo, a passo; gente estacionava nos passeios; o commissario d'um lado; noutro outro grupo, o Dias de farba Viçosa e o major Costa, adulando-se cordamente.

A tarde indolente e eu fui com o Pacheco para casa d'elle depois de fazerem o bedel de minha thematic, o bom Diniz, de que na Universidade de não constava a minha qualidade de official do exercido. Não por causa das duvidas...

Juntou-se a nós o Fardeamento Salgueiro, cadete d'Infanteria n.º 3, a quem os condiscipulos chamam o Dr. Salgueiro, um fallador eximio e engraçado. E no quarto do Pacheco, com o Pedro d'Alcantara deitado na cama, e o

cadete inscrevendo, conversou-me sobre o caso.

Sabe-se então que no 5º anno de medicina só tinham ido ás aulas os alumnos militares (entre elles alguns alferes do quadro de facultativos do ultramar) e mais tres que não ~~são~~ são militares:

Alvaro d'Almeida Mattos — filho do grande medico Daniel de Mattos, e graduado e futuro tenente;

José Augusto Vianna de Lemos Peixoto — filho do Dr. Lemos Peixoto, do Porto e rapaz muito de andar com lenço e desde que o confesso de condiscipulo d'Algebra, (no anno lectivo de 1833-200) bastante mandei-gueiro, pegando o calão; e

José Tavares Lucas do Boudo — cujo caracter não confesso, ou antes, ganee-me que o não sou.

Depois do jantar sahi e dirigi-me á esquerda da Alta para ver se conseguia mandar um libete aos estudantes presos: Carlos Olavo, Camillo Lima, Ramada Boudo e Alberto Xavier.

De manhã constava que tinham sido presos em Tavero, quando tinham no caminho carreo que aqui chega ás 4 da madrugada; e quando desce á baixa, encontrei o meu au-

Seu cabo n.º 36 da 1.ª do 3.º, Carlos dos Santos e que agora está na policia judiciária de Coimbra. Perguntei-lhe com certa familiaridade se realmente os rapazes estavam presos e elle tomou do meu cabo ao, respondeu-me:

— Fui eu que lhes dei a letra, meu alferes. Em Tavira, quando queriam desembarcar.

— Estão incumpridos?

— Sim, meu alferes; mas se desejar alguma coisa... já sabe...

Por isso, á tarde, me dirigi á esquadra. A policia do terra fez companhia e deixou entrar o nosso alferes.

Apareceu logo um guarda que fora tambem cabo da 3.ª do 1.º e que me apresentou um laço; e eu escrevi neste cartão de visita:

Carlos Olavo:

quanda dizer se precisa alguma coisa.

Seu amigo

— Bilizario

O rapaz accidou-me o liltete e perguntou-me:

— O meu alferes dá licença que o cabo da guarda leia esta liltete?

— Sim, homem. Se não esazas as ordens, leia á vontade.

O liltete foi e enquanto não vinha a res.

gosta, presenciou uma scena curiosa: o cabo de
servico diz para um guarda que estava de senti-
nella á porta:

— Oh m.^o Barbas, veja se dá um copo d'agua
áquelle grego. (um dos estudantes...)

— Eu?... Eu estou de sentinella!...

— Mas vá lá, homem! Então o cabo é que
ha-de levar um copo d'agua a um grego?

— E a sentinella é que ha-de sair do posto
e abandonal-o?

Engalfindaram-se um pouco, até que o ca-
bo quebrou e disse maliciosamente:

— Mas um favor faz-se a toda a gente...

— Isso agora é outro caso...

E a sentinella que não podia largar o pos-
to, que não transigia com ardens contra o
servico, foi dar um copo d'agua... por favor!

Mas veio o litheo: ⁽¹⁾

Meu caro Pimenta:

Muito obrigado pelo seu cuidado. É tambem
gentil e cuidar de nós que, felizmente, agora
de nada preciso..

Um abraço do seu amigo m.^o obrig.^o

(a) Carlos Olavo

Mas, ao mesmo tempo, a creada de regu.

⁽¹⁾ Na Collecção de Barbas, I - n.^o 72

bliva do Olavo, declarou-me que não tinha
leucões para dois dos raios; que lhe tinham
dado uma camballa de grêve para ir tirar roupa
branca, mas que podia não haver nessa rou-
pa leucões. E laobimava-se, coitada.

Escrevi então uma carta para minha casa
pedindo leucões; entreguei-a à mulher e man-
dei-a cá e os leucões lá foram.

Na Baixa, a mesma coisa. Não se fallava
senão no britanhismo da grêve e a chegada do
raido, pessoas que vinham de Lisboa, contavam
que na Polytechnica, a grêve tinha provocado tu-
multos sérios e até se dizia que no Instituto
commercial o seu director, o conselheiro Bai-
rão tinha andado ao collo dos raios!

No quartel do 23, continuávamos os do ho-
meio de gravitação; a cavallaria passava nas
ruas e os raios entusiasticos não fallá-
vam noutra coisa.

Os jornaes (a Luz por exemplo) traziam
uma carta do Bernardino Machado; escreva-
va-se ansiosamente por noticias certas de
Lisboa e Porto e continuava a dizer-se que
nesta ultima cidade a tal grêve de 5:000 ojeiros
se levaria a effeito.

Os franquistas andam furiosos!

Coimbra =
= 9 d'abril [3ª feira] =

Levantei-me tarde; resolveira não sair de casa nem a passada a hora a que devia ir a aula de Physica e ao sair do quarto me alegrar jejuas.

Corri: eram jejuas da noite O Paiz, o Noticias de Lisboa. Ainda me dei para a quinze paginas de O Paiz e comunicadamente de ir que em Lisboa, e Escola Polytechnica de Jey deu o banco e a muro a entrada da golia no edificio, como se vê nos outros jejuas, tambem, e que a grêma se golia considerar geral.

Em face d'isto, pensando no meu quarto, comecei a pensar em muito coisa que me andava de amburascamento gola attitude academica. Bella e generosa e' o aluno de moçada. de!

De facto, o proceder dos razaes, desde que se organizarão, e' digno de registro.

O funcionamento das comissões, longe de ser, como se queria insinuar, um funcionamento irregular e sem valor, era, gola cambrario, d'uma ordem e d'uma conexão o tudo o grou. No de Coimbra, na chamada comissão central, presidia um quindamista

de direito, Larocq, um alegre e desconhecido rapaz; pois as sessões faziam-se com uma variedade que se diria incamuffável com a idade dos reunidos.

Fadava-se a galanteia, discutia-se com uma ordem notável, com um pouco de ordem, do que resultava as acerbadas deliberações que tomavam.

Tinham cifras curiosas para telegrammas por causa da censura. Por exemplo, um dizia: « mandem chafers » e significava isto, por exemplo: « greve geral. »

Hoje vi eu o Larocq receber um que dizia: « Domingos Alberto chegou bem. » e que, traduzido pelo Pacheco queria dizer: « Lyceu S. Domingos greve geral. »

Alguns mesmo, tinham frases fícaras.

Uma das resoluções tomadas, foi por exemplo, no domingo, mandar os rapazes que iam chegando para ver — como em viagens de eleições... — com que se se podia combater. O Pacheco, no tarde de domingo, disse-me elle, andava a ver e a mandar os candidatos e durante a noite andava pelas republicas, lembrando, insistindo, frígando, mesmo com gestica cruzada, forçando desaparecer ainda, uma ou outra relucencia.

Assim tambem, a comissão andava, ve-

guberna, da republica em republicas, durante
de a noite de Domingo para a segunda-feira,
Assim, satisfeito com o caminho das cam-
pas, almooei e só perto da 1 hora da tarde parti
e á fazenda.

Encontrei perto do Lyceu o Balthazar Fai-
xina que me disse estar vindo na mesma: a
grêve mantinha-se e mesmo alguns que
hambem a juraram já hoje não foram ás au-
las: em direito, só um Americo d'Amorim
Girão (4º anno) e um outro Joaquim Carlos
de Souza (5º anno) que allegam por professor
do lyceu do Funchal; e na theologia um padre
José Marques Dias Junior (4º anno) a quem o
Dr. Theobaldo Garcia Tibeiro de Vasconcellos não
deu aula dizendo ao bedel que he garbiciçara
que só tinha aquelle alumno:

— Só para um não vale a pena ir lá; e de
mais a mais dão rele...

Garantiram-me a verdade da fofoca, e
subindo á rua Larga, ia satisfeito por ver que
godia dizer aquelles que me afirmavam com
convicção e ironia que a grêve se não man-
tinha, que a grêve afinal se mantivera.

Na rua Larga, o mesmo que hambem: ca-
vallaria, folia e gente parada a ver...

De um grupo de mulheres desbocou-me
a criada que me mostrou me gordinha os leucos
e contou-me affida que levava, de manhã,

uma nauza aos raios frescos e o correio que havia para elles, nas republicas; ora, como havia jornaes no correio elle enviara tudo junto e entregara a um policia. Do olho policial, Jorqui, não escapou um jornal passado sobre policia e crimiinosamente... tiraram com algazarra os jornaes, amesçaram o metter, fizeram dal barulho que a Jorqui metter julgou que ficaria fresa, tambem, e incensuravel naturalmente!

Soceguei-a e disse-lhe que se alguma causa houvesse que me fosse dizer Jorqui eu iria fallar ao administrador do concelho ou ao proprio Fernando d'Almeida, governador civil substituto, apesar de jesuita Jorqui das relações. O mesmo disse ao Nuno Monteiro, Jorqui a hypothese de qualquer asneira policial.

Fallei com o Pacheco, cada um mais animado; conversámos sobre varias causas com os condiscipulos Victor Hugo de Barros e Mira Feio e, quando me despedia do Pacheco, disse-me elle que se dizia em segredo, e com ardeur de não passar a ninguém... que o Terceirista de mathematicas, republicano, exglorioso rafez Fernando Baeza Bisaya Barretto Rosa, tinha sido preso Jorqui cido á esquadra e sendo visto á grade da prisão o Carlos Olavo, disse-lhe adeus, Jorqui que a prisão dá sobre a casa d'abrado. O policia, com o adeus, respondeu;

arruam-se discussões de que resultou o voto de greve para o Bissaya o que não foi mantido do que me nessa occasião appareceu o commissário Aguiar que o mandou embora.

Mas, quando o Pacheco me disse isto, não se pedia de nada; apenas se dizia que fôr greve o Bissaya e em pouco isto depois, quando o vi na rua e um amigo d'elle me o contou.

Depois, desci a' Baixa. Chegára então o Sud-express e os jornaes eram disfigurados ferocemente; comprei o Diario de Noticias, incolor; o Mundo e a Luz, republicanos; o Primeiro de Janeiro, do Porto e a Terminel folha do bohem, d'homem. E, conversando e zangando com o Bernardo Pedro — sobre franquista amarrado ao fôr de medo que o levou a não jurar a greve — fui lendo as noticias mais circumstanciadas dos acontecimentos de Lisboa, principalmente da Polytechnica, onde os rapazes, forfim, já queriam recomeçar ao acido sulphurico do laboratorio chimico!

As noticias de Coimbra tinham mais ou menos exatidão; os casos de um gae que acampanhou hontem um filho doente gae que elle não fosse á aula, e dos gaes que levaram os filhos a murro, são veridicos e como elles contam.

E por todos os rapazes havia uma alegria

que levei o meu condiscípulo Guesmões a Sousa, que appareceu então na balçada, e afirmou-me que amanhã iria de Górgosido á Universidade á entrada para a aula de calculo geral, no caso (que lhe constava) de o nosso condiscípulo Nicolau Fernandes querer jurar a greve, dar-lhe, á propria vista do Dias de Górgosido, um rocco, um rocco e authenticos rocco Górgosiduez...

Depois, com o mesmo Guesmões senti á noite grande vontade de jantar. Na rua Larga, os cadetes discutiam; queriam tambem por qualquer modo fazer greve, fundando-se no que Górgosidamente se sabia ter sido dito pelo general Moraes d'Almeida, em Lisboa, no Polytechnico, aos seus alumnos militares:

— Os pauleiros, para a greve por uma causa seria, deuem ir dizer aos professores que não estão dispostos a dar licença, que não podem prestar attenção, enfim, empregar meios razoaveis para que, sem apparencias de manifestação collectiva, consigam fazer a greve.

Acausar-lhes moderação. O caso Górgosiduez, não se fez assim, nem mais nem menos; não estivessem elles em desistia das licenças porque isso era peris.

O Pedro d'Alcambara disse-me que os Górgosidos mancos bonitos de Lisboa — como o Pedrinho Sabugosa (Pedro José de Nuello, nosso condiscípulo) o Villaca (filho do Eduardo Villaca)

e outros não queriam ir ás aulas; que elle, Alcantara, resolveu ir a uma aula e faltar a outra, perdendo assim o anno por faltas e não fazendo greve, visto que parece por incapacitação do João Franco combievar com aulas abertas enquanto houver alumnos que não tiverem o anno perdido por faltas.

Conversámos um pouco e criticou-se, e especialmente, o procedimento d'alguns rapazes que neste interuallo de 5 semanas perderam graça e como auxiliares ficaram livres de faltar o anno. Sob o ponto de vista d'interesse foi bom; de resto... foi razoavelmente justa!

Dois deobes são meus condiscipulos em Physica:

Flaviano Eugenio da Costa — filho do Sr. de Joaquim Euziliano da Costa, do 23;

Francisco Nicolau de Sousa Dias Goulão — filho do capitão do 23 Miguel Goulão.

Os outros de que me lembro são:

Alvaro Antonio Botto Machado — do 3º an.º de mathematicas, de Pinhal; assentou graça em Inf.º 12

Mario da Silveira Guerra Freire Almeida — do mesmo anno, e que perdeu graça em arbitrio.

... e aqui ficam as memorias.

O Alcantara pediu-me para eu agradecer

na Baixa, á noite; e como estava tudo recolhido vim para casa já tarde, sendo dado, no caminho, uma descumfrosura ao filho do tenente Barros do 23, Joaquim Dias Barros, ferre, sem querer nem a baixaria que isso representava, queria ir ás aulas.

Depois de ter já estado, voltei, como também, á esquadra, para saber dos fusos — se as ordens não fossem em contrário.

Aí já estava um guarda de policia do terço e que foi soldado do 23, ainda no meu tempo; disse-me que ia saber se os fusos necessitavam d'alguma coisa. E elle, tomando um ar de dono de tudo aquillo, respondeu-me:

— Não mees alferes; elles não precisam de nada, estão bons.

Eu ia dizendo a linha; fitei-o e frezendo as sobranceiras perguntei-lhe peccadamente:

— Tem a cabeça d'isso?

Elle reconsiderou; lembrou-se do que eu era no regimento e lá foi á prisão saber.

Elles, já não estavam na mesma prisão, quasi é vista; estavam em cima, num regimento superior.

Quando o guarda voltou, com muitas circumelias e combincias, trazia-me muitos agradecimentos e que de nada precisavam. Fiz-me tambem carter; e agradezi tambem,

fez a minha parte, o encomeendo que deu ...
Bahia uma chuva miudinha, pouco mais
que nevoeiro e eu desci á Baixa.

Na Calçada, junto do Lusitano, dizis-se en-
tão muitas cousas e as que soube serem verda-
deiras são:

que também o grupo catholico da academia
resolueu adherir francamente á grêue depois
d'uma reunião que tiveram;

que se fez um telegramma dirigido para o
Marechal Monbeiro, a academia do Funchal se de-
clarára, também, em grêue;

que também á noite o conselho de decaes
reuniu e tomára resoluções de caracter reser-
vado, fallando-se de que havia tendencias
specificas da parte dos leões, que se não con-
stavam, como ninguém sabia que os acou-
tamentos tomassem este caminho;

que malguez omissões havia colladas, as
relações dos estudantes que também juraram
a grêue;

que houve combinações secretas entre al-
gumas das mais valentes, para no caso de ba-
rreiros nos Generaes se formarem grupos para
abafar os golicias que lá estavam, e combi-
narem a esbar, e lançar-os para o lado, for-
cindo as grades;

que o Dr. Gallixto, também, ao entrar pa-
ra a aula, vendo só um alumno militar

Zerguebam - lhe :

— Não he mais alumnos militares?

— Não he...

— Ainda bem. Semad teria que o requi-
zitar ao ministerio da guerra...

Barria tambem com insistencia, mas sem fundamento, que o Lieutze fôra chamado ao Paço, mas sem se saber para que.

Visto apparecer o Pedro d'Alcambora, exaltado; queria ir fallar ao Sidonio, em nome dos alumnos militares, pedir-lhe para os não obrigar a dar aulas, pois que não queriam ser chamados sem o curso estar concluido, etc, etc. Aggreceram o Pacheco, o Fallé Trauatho, o Vasco de Baruatho, e o Baruatho e lá fomos á Escola Industrial de que o Sidonio é Director; os cadezes subiram e eu fiquei no adrio com o Pacheco, gossiciando, sob os olhares vigilantes — adé ali! — de dois golicias da secreta, sendo um d'elles o muito considerado e conhecido cabo 8 da judicaria.

O Sidonio recebeu os rapazes muito bem, afiançou-lhes mais uma vez o seu recantesciamento e annuo ao que elles pediam, dizendo que mesmo no caso de isto se concluir só muito tarde, aquelles que têm faltado á aula não seriam obrigados nos actos penáo ao que se deveu dado adé aqui.

Os rapazes tinham pedisfeitos e como

garámos no largo de Daurad a commensar, e
seriam já 9 horas, o capitão do recrutaado
militar Leandro Girão (que é franciscano)
fazendo dizer que o recruta tinha sido ás 8½
sem pagar que os papas não cabem e que
nunca se emprega essa determinação regular
nembar para os esbudaes.

Parvo.

Depois, na balçada, apparecem de repente um
garoto com o jornal O Paiz trazido no braço
do de moide; escurado para dizer que foi abso-
do, disfarçado e em poucos segundos um
masso enorme do jornal desapareceu. E eu e
o Pacheco concordávamos que isto precisava
comtambem ser mexido e agitado para não
aparecer, pois que ha algunos descendentes
que naturalmente precisam ouvir pais e
mães, depois!...

Apparecem-nos então o Aguiar, nosso
condiscipulo, transmutado, de graça, prom-
pta e fina, que em ha pouco não vê.

— Oh, vário Pinheiro!

e abraçámos-nos. E despedido-se declarou
que ia fazer a chronica dos acontecimentos
para o Illustrado e disse-o de um modo tão
serio que alguns circunstantes acredita-
ram.

Despedindo-me d'elles, fui com o Ber-
nardo Pedro, ao café Marquez Pinto, tomar

chá; e ali, questionando, disse-lhe a mulher
sã que me causava o seu procedimento:

— Que diabo!... você é franquista, você
esgana tudo do João Franco, mas quer me fa-
recer que é falta de dignidade a sua maneira
de proceder. No começo, quando tudo estava
em embrião, porque não falou você? Se se
tivesse o gosto então parece que teria direito a
querer agora entrar nas aulas...

É de facto, parece-me mais aceitavel
o procedimento do tal Girão do 4º anno de Di-
reito que arcau com a malquerença d'uma
academia insana, que este do Bernardo Pe-
dro que se não entrou para as aulas foi por
que teve medo, falou-lhe aquella coragem de-
cisiva que faz dos homens alguns cousas.

É elle que se ainda parece não pôde
mostrar ao grande chefe João Franco — o
seu verdadeiro Deus — que a academia se
não merecia consideração.

— A Psychologia de cada um — determi-
nei eu — metter a cantecem os extranhos
do que os próprios.

— Mas é que eu, respondeu-me elle,
estou acobardado desde pequeno e escafel-
lizar-me...

Não quis ouvir mais; ri-me, bati as
plumas para chamar o criado, fagámos e
retirámos.

Chouroscaus; e encontrando o Dr. Teixeira de Barutho, o conhecido Luiz Martins, vieram com elle para a escola, conversando, trocando impressões.

É para terminar o diario d'hoje a respeito de um caso que se deu no Lyceu de Coimbra, onde a grama não tem sido geral, como o Dr. Francisco de Gordo Pessoa, professor de sciencias naturaes e que elle contou a meu Pa. D'ante d'hoje faltaram muitos rapazes e só entraram 8; desses 8, sete fadaram diogense e lá dentro o Pessoa disse-lhes que isso não podia ser e que visto aquelles sete diogenes era melhor mandar esses sete que os fadaram, Coimbra. Ficou João só com um; esse unico... disse que não sabia a lição! E assim o Pessoa teve de o mandar sair e voltar em João para casa!...

De resto, falta cidade o mesmo ardeor blico de purgarem de ganancias.

Tabernas e cavallo, glicis dobrada ás espreimas, e a judicaria fazendo custas de Coimbra... o quê?

Sabe elle lá, mesmo, o que farejo!

Coimbra =
= 1o d'abril [4ª feira] =

Hoje, ao accendar, ouvi dizer cá em casa que no Lyceu faziam um barulho enorme. De facto, de quando em quando, ouvia-se uma algazarra tremenda; depois tudo parava.

No vesper-me, vi de minha janela, sobre as escadas do Lyceu, magostas de gente parada; com o meu Góthy vis-se mesmo, for entre as folhas das arvores, a policia góstada, re-removendo, na posição militar de descanso. Depois, passado algum tempo, ouvia-se gritaria e de novo tudo se callava.

Era, certamente, a greve no Lyceu.

Meu Paé patrio, foi ver; e quando voltou disse que os reitores já lá tinham provocado uma questão com a policia de que resultou, é claro, fuzilada; e que encobriera o Sr. Traujo e Gama, leito de theologia (e grande franquista) que se mostrara affectuoso com o resultado dando tudo e que lhe cobrara que os seus discipulos lhe mandassem uma mensagem de sympathia mas na qual declaravam que não iam ás aulas.

Depois do almoço, sempre fozia horas fozo patrio, comecei a ouvir a mesma algazarra no Lyceu; só quando patri e me

derizje á Alta, e' que, ao aproximar-me dos arcos do Jardim pedi barulho maior do que o do costume.

Aproximei-me e vi o alferes Motta, o Gussiano Motta, do 23, com a farda cheia de moedas, observando, enquanto não chegava a hora da aula de botânica; os rapazes em grupos discutiam acaloradamente, levantavam gesticulavam; havia correrias, mas a policia continuava quieta.

Visto, nas janelas da escada do 2º pavimento, uns rapazes near á janela, chamam e gritam; ha de novo barulho, estabelece-se uma corrente de rapazes para e contra; mas pouco depois, de dentro, irrompe nova corrente de rapazes, correndo e unindo-se aos do arco, e abe armando-se com pedras d'um monte que ali havia das obras.

Os gritos eram:

- Morra a policia! morra a policia!
- Fora a policia!...

Ha então um certo tumulto; policias emigram os rapazes, quasi todos novos, creanças mesmo; e de dentro amparado por alguns esbaldados sahe um, com um lenço na testa ensogado em sangue.

Quando se vio o rapaz assim, a vozaria augmentou extraordinariamente; ha indicios de pedradas á policia e eu, sendo im-

minuente o conflicto, atravessai para o arco de Traiccan, passando á esquerda da igreja de S. Bento, donde vi de novo tudo parecer.

Metti então á bancada de Lisboa, subi ao Castello, e vi no largo, então, enorme ajuntamento porque o rapaz ferido tinha ido para o hospital parecendo — ao que se dizia — que o ferimento apresentava certa gravidade.

Desci á rua larga e então, a todo o passo, fazendo linha nas calçadas, passei para cima um algar de cavallaria com cerca de 15 ou 16 homens; linha do lado da rua do Norte, da Universidade, onde estão aquartellados e ia para o Lyceu.

Dei graças.

At' Juntas-freitas, o mesmo, o mesmissimo algarde policial, com o tenente-coronel Dias á frente; estubantes, meia-duzia ... E na rua, na altura do café do José Maria, havia então grupos reunidos nos passeios, nos limiares das Juntas, mesmo em cadeiras. Era um aspecto curioso.

Vendo que nada havia de notavel, afroucei um americano e fui á Baixa com o meu condiscipulo cadete Saude e Barbo; ao passar no Lyceu, havia ainda ajuntamento, no qual estava o commissario e a força de cavallaria estava postada em linha, na frente do edificio, marcialmente.

Na balçada fui aos januaes. Conueguei va-
rios, entre elles as Novidades aonde uem uma
transaccão desconfortosa dada pelo gae d'um
alumnus. ex gulto, ao conselheiro José Lobo, go-
vernador civil de Coimbra.

Havia animação, conversáua-se e conta-
ua que o João Franco encerrara as camaras
sob o pretexto d'um addiamento.

No Lusitano, este facto, produzio conuer-
sas violentas; o Paulo Teixeira de Gusmão (fi-
lho do romancista Bento Monteiro) exaltou-
se com um rapaz Frazão (do 4º anno de Di-
reito) e creio que todo franquista, e por fim
já dizia:

— O addiamento de cârões é caso para uma
guerra civil; e eu sou o primeiro a ir para as
barricadas!

Havia protestos, objurgatorias, gritos vio-
lentos; e li-se com avida os discursos do
Antonio José d'Almeida e do Theodorico Teixeira,
feitos honde em nas camaras ácerca da questã,
a que o João Franco deu uma resposta du-
bia e casmurra.

O Antonio José d'Almeida, entre outros
geridos britannicos teve sobre a que é necessá-
rio jumar o fogo com que os diz:

— « O movimento é largo e leve no
seu desbocado impulso toda a febre de uma

conquista do Zensamento. Se o Sr. Presidente do Conselho julgar que vai deitá-lo com a sua mão feróz ergam-na.

Não se trata de um disturbio de cobardes sahido das real-avencas de uma annua nem de uma insubordinação de cábulas em regressalias dos RR universitarios. A questão é mais alta e um criterio superior a annua e fecunda. É toda uma aspiração das almas juvenis que querem progredir e caminhar pela estrada aspera, mas luminosa que vai dar á emancipação da intelligencia. A mocidade não vai indellida por despeitos pessoais ou ridiculos pretextos de disciplina. Vai, febril e zelosa, na ara indomavel de uma conquista liberal.

Só ha uma cousa a fazer: dirigil-a. » ⁽¹⁾

Bello e eloquente discurso! Generoso e grande alma, a do Theobaldo José d'Almeida!...

O discurso do Hüfje, é claro, mais sereno e ... cathedraico, foi tambem um discurso violento, e entre as phrases felizes, de se esta que é de todo justa, referindo-se ao caso do João Franco tomar a questão academica como um caso absolutamente d'orden publica e responder sempre que podia

⁽¹⁾ Diario da camara do Sr. Deputados - no.

garantir que não tem havido alteração d'ordenem:

— « O chefe do Governo manteve-se n'uma attitude firme e absolutamente golicial.

« O seu governar não é proceder com um criterio tão estreito e tão restricto. »⁽¹⁾

É claro que os commentarios vizavam de preferencia os dois discursos e a reafirmação de João Franco:

— A ordem não tem sido alterada... as ruas ho completamente puezgo...

O imbecil!

Voltando a casa encontrei em Eubra-meos o Bernardino Pedro; o aspecto era de meio emvergachado, meio corrido.

Para se não tocar na ferida, fui lendo, nas acimas, os discursos nos jornaes e ao despedirmos-nos ás escadas do Lyceu, elle pediu-me para ler, enquanto não havia aulas... o Procambole!

La diluir, certamente, os remersos, na leitura dissolvente, do favoroso romance!...

rao nº 56, de 8 de abril de 1808, p. 5

⁽¹⁾ Anuaes da camara dos dignos feres do reino — Sessão nº 50, de 8 de abril de 1808, p. 538.

Depois do jantar tornei a sair, embuchado no meu casaco impermeavel; havia um cho-uisco mudo; e desceudo pela Avenida, como vize adiante o capitão Martins a quem não queria falar, cornei ao Mercado, para dar tempo que passasse.

Foi um acaso feliz; de guarda ao mercado estava o Carlos Santos, zolicia, o meu amigo de 36 que deixara a leua aos estudos regulares em Tavieiro. Segueiram-se uns cumprimentos amaveis e em pouco tempo adornei a questao:

— Embão, oh Santos! vocês fizeram aquella grisação dos rapazes d'uma maneira cabida! Nos jornaes o caso nem que parece um romance!...

O rapaz teve um sorriso, como de quem tinha a zome d'um grande respeito e respeito de um grande ar de desfeitado:

— Não foi nada assim, meu alferes!

— Lá me parecia, insimiei eu; vocês go-diam e deviam fazer coisa melhor...

Elle embão abriu-se ao meu amigo alferes com quem lidava sempre mudo a bem, de quem recebam licções de escripta, de contos, etc etc. E tambem que o caso se dá assim:

Elle, Carlos Santos, andava encarregado de vigiar os comboios entre Pauphithosa e Alfarellos; naquella altura estava na estação de Tavieiro para ver se via os rapazes es-

Julho no cambóio correio que chegou a Coimbra
 com 3½ de manhã pouco mais ou me-
 nos; quando o cambóio entrou na estação es-
 tava elle a dormir; saltou da cama improvisa-
 da, pôz o varino aos hombros e chegou á por-
 ta na altura em que saltava do cambóio o
 bandido Lima; recarregou-o, deixou os outros
 ajeitar-se e como ficasse á porta, fingiu de em-
 fregado e pediu-lhes os bilhetes que se me não
 esqueceu elle disse que eram para o Luso e de 2.^a
 classe.

Os rapazes eram: bandido Lima, Thomaz
 Curto, Carlos Olavo, Alberto Xavier e Pinho
 Ferreira.

Este ultimo, imprudentemente, viuha
 de casa e badiu.

Os rapazes entregaram os bilhetes; só o Car-
 los Olavo, sempre distraído, se jassando sem
 cumprir esse dever de viajante. Trazia
 uns maos e jogaram-se a caminho. Era mi-
 de ainda e o Carlos Santos, entregando ao
 chefe da estação os bilhetes, pediu para telegra-
 phar para Coimbra mandando pedir ao comis-
 sario geral para os vir prender ao caminho.

O rapaz, não ha duvida, mostrou um cer-
 do geito, — muita habilidade! — ; e os estudan-
 tes mostraram romance quando eram inex-
 perientes novas cousas — sempre romanti-
 cos, generosos, sempre de boa fé!

Mas o Sainboz cambiumava; disse adeus ao chefe da estação, em voz alta:

— Adeus, meu chefe! até logo. Eu vou a casa e venho ao comboio das cinco...

— Sim, está bem...

E gabriu juntamente com os rapazes. O Pinho Ferreira, mais desconfiado, accendeu um fozinho e chegou-o á casa do Zolício mas não o reconheceram e como este dissesse que morava na Bancaíba, estabeleceram conversa e vieram todos esbadafara.

No lugar de Engadameira sahiam-lhe quatro homens: eram quatro guardas á fazenda que Zoliciavam á rede estabelecida nas esbadafaras que usam dar á cidade para a hypothese dos esbadafaraes se reunirem d'outra mais de traesfôrta que não fosse o comboio.

Os rapazes, desconfiados, Zoliciavam quem eram; o Sainboz que lhes dava os bons dias disse que eram operarios empregados na construção da via dupla entre Coimbra e Alfanellos; mas mais adiante, como era já dia, o Xavier contou um dos guardas:

— Estávamos agachados! disse elle.

De facto, estavam agachados... Bahin-lhes for dada o perito de esbadafaraem em Coimbra sem ninguém dar for isso; na sua ingenuidade calculavam que pórriam na estação da cidade a Zolício os esbadafaraes.

Pediram então para os deixarem mudar o traje civil para a calça e botina — sempre o romantismo! — e tirando de mala as calças, desgrilaram os polvedros e ficaram fardados academicamente.

Então, um pouco mais adiante, encontraram uns brancos, com o commissário e policiaes que os trouxeram á cidade ainda, sobretudo na Paróquia, os exigiam uma força de cavallaria. Bella entrada esta, para regozijos novos deus de vida e fé!

Os jois, a verdade, sob a grisação dos rapazos que os joiaes combatam com joiaes romanescos.

Agradei ao meu ex-36 e fui á Calçada, onde havia agitação.

Dizia-se que em Lisboa este os militares adheriram á greve, que houvera graves tumultos. Os cadetes da Universidade queriam tambem adherir á greve forqualquer forma, não queriam deixar os outros só. O Fortissimo Salgueiro fellou-me mesmo nisso, mas eu ... lancei d'ahi as minhas mãos.

Nada de conselhos: se os deus goziam os rapazes por causa d'elles, agantam grossa bofada.

No Lusitano agantem o Pedro d'Alcantara, com os outros congestionados: vinho de falar a um dos commissarios da academia.

do Porto, um pythagórico rapaz, de barba-loira
 é Christo, chamado Barberão e creio que da
 Escola Médica, e este assegurava-lhe que no Por-
 to, mesmo os cadetes, amanha, fariam grê-
 ue, e o Alcaubara dizia-lhe se seria legal dei-
 xal-os p'ós e não promover cá a greve.

Em voz baixa accrescei-lhe:

— Eu consegui, depois, á 1 hora, uma reu-
 nião dos militares no Penedo de Saudade; e
 quero conseguir outra ás 8 1/2 no mesmo mi-
 nio. É necessario fazer-se alguma coisa... Eu
 estou zangado para ser castigado... O Pedrinho
 Sabugosa tambem quer adherir...

Alisto foi chamado pelo nosso candidato
 Gaulão, já aqui citado tristemente, a pg. 20.
 Dize-me um segredo que o tambor-coronel do
 23 já patria da reunião é noide e que havia
 ordens rigorosas a tal respeito.

Eu desconfiei muito do rapaz: seria elle
 quem denunciou a reunião? Julgo-o talvez
 calgar d'isso, para querer parecer a modos pobre
 o seu nome; mas ás vezes... o interesse...
 elle é bem esbucado... mas é' dos melhores
 candidatos... é' filho d'um capitão...

Adiante...

O Alcaubara ficou quasi doido. Andava
 de zungo em zungo e em receios que elle se
 denunciaria — porque fica aqui assegurado
 que pela cidade havia uma obliqua consi-

derivel de glicias da recorta, naturalmente de Lisboa e Porto, os quaes chamavam glicias comen de bustos e cucos. O Pacheco entao não o largou e lá foram os dois para a Alta:

— Abê logo... dizia-me o Pedro; abê não sei quando!... Estou a ver que venho lá de cima logo!...

E lá foram para o Penedo da Saudade onde romanescaamente iam deliberar.

Eu entao fizeti a jurar se poderia evitar qualquer causa. Declarei-o ao meu coadjuvante de fypico Juazcio Carneiro Gargen Teixeira, aconheço, muito amigo de Pacheco e que se não dêu zogado a trabalhos; e como me julgo insufficiente, procurei o ajudante do 23, o tenente de Armas Augusto Pereira Dias que estava na Barbearia Pereira, a quem perguntei se alguma cousa havia contra os cadetes.

Elle não tinha conhecimento de nada; apenas dois tinham ido hoje desistir das licenças para estudar, parece que tinham o mesmo fim.

Fomos depois ao quartel, poriamos 8 ³/₄ de noite; perguntei ao parzeno da guarda Manuel Pedro se alguma cousa havia. Elle, tambem, de nada sabia.

Ora voltávamos, Sophia já, quando ia o major Bobo, agressado, para o quartel.

— Não... zensamos nós.

Parámos o meu passeio, vendo logo aonde elle ia; de lá, do quartel, vinha outro vulto d'official; encaminháram-se, ficando conversando. Não, passámos outra vez logo ver quem era: era o major Barbeito que serve actualmente de tenente-coronel. Continuámos a ver: os homens gesticulavam até que se separaram: o major Corda foi ao quartel e o Barbeito requiê logo Manoel'Arroyo, aonde mora.

Então o Ignacio foi á estação ver se havia alguma carta de Lisboa, por quem que viesse no navio e eu voltei ao quartel, inquieto, porque poderia haver alguma ordem para ir perseguir os negros.

Substogrei o 1.º sargento Loureiro que ia para casa; não havia de nada. Com frente do quartel observei: tudo em sossego; no meu anteparo camuflado, e 1.º do 3.º havia a folharia de costume quando os negros se deitavam.

Voltei então convencido de que nada havia de extraordinário e quasi ao fim da Sophie ouvir tocar a silencio.

E logo não esquecer: quando á reunião dos cadetes no Senado... não se realizou; no caminho, os medrosos ouvindo o argumento de que o tenente-coronel já havia de tudo, fizeram diágnosar os que iam.

Somente se reuniram cinco e eu não me aqui ficava:

Pedro d'Alcambara d'Andrade Moraes ;
Adolpho Trindade, meu condiscipulo e
 physico e soldado d'artilleria ;
João Pereira Ramos Paz, do 5º anno de direi-
 to e soldado d'Infº 3 ;
Luiz Filipe d'Assumpção, do 2º anno de direi-
 to e soldado d'Infº 5 ;
Francisco Carlos Pinto, do 3º de medicina e 2º
 sargento adeute d'Infº 7.

Chegando á balçada, encontrei o Domingos
de Freitas, com cara de caso...

Na verdade, é judiciosa aquella observação do
Floro Henriquez :

— Regare o Sr. alferes Pimenta que o major
Freitas não tem cara para politico ; a cara d'elle
é um verdadeiro termometro...

De facto, naquella altura, o termometro
marcava um temperatura frigidissima muito
faca...

Fallou-se de tudo aueiros de questões : caso
Lourenço Christo, preferências do major Goda ja-
na ficar no 23 como tenente-coronel, etc, etc.
Só me fime é que me disse :

— Não sei onde isto ha-de ir parar...

E despedimo-nos, depois de eu lhe dizer :

— Olhe a Beira dos Bardes : Pessimismo, e
Humildade, avante !

Nisto chegaram os rages que tinham ido é

estacões, ao nasido; dizia-se que na estacão me-
lha, a policia apprehendera o Paiz, mas d'ahi a
um bocado ouve-se um vóz agregoando:

— Olha o Paiz é ultima hora!

Foi um tumulto! Tudo correu para o garoto
o zombos de a nos ficar quasi impedido.

De Listos, noticias graves: militares gre-
nos; na Escola Medica, como Probesco, os profes-
soras resolveram observar o regulamento que
diz que ao fim de 4 dias de farda se riscuem os
alunos que a fazem; e outras noticias, assim,
animadoras.

Alegria enorme. Cafés com certa animação.
Fallava-se á bocca pequena d'uma reunião de
algarvios, grave e que a policia patia-o e se reu-
nira toda em local desconhecido.

Não consegui saber o que havia. E encon-
trando o Floro Henrique — o conhecido e fir-
me Floro — subi para casa, conversando e me-
dando que o Bernardo Pedro é moito, já não
afaracia, como do costume. Seria vergonha?

Valley não. Valley se immergisse na lei-
tura amavel do Pocambola...

Os franquistas, os franquistas!...

Coimbras =

= 11 d'abril {5: feira} =

Os jovens dizem, em geral, que a academia ainda excitada, que nos cafés se discute revolucionariamente. E no entanto, não é bem assim.

Nunca a Academia andou com ar tão indiferente; discute-se, e' certo, a mesmo animação, mas o barulho dos cafés é quasi o mesmo do costume, excepto uma ou outra discussão mais isolada e localizada. Mas não gritam-se, como de costume, os palcos; riem-se como de costume.

A attitude tem sido digna, séria; e desta impassibilidade resalta a consciencia do acto.

O dia d'hoje esteve fresco; no Lyceu ainda havia gente parada em grupos, e reuniam-se vozes, mas, de resto, tudo pocegado.

Na minha rua continuam a passar as garruchas de cavallaria; parece incrível como fazem andar dia e noite, os pobres rapazes, e dois, garruchando mas ainda não ha esbaldados e ainda, se os houvesse, não se encammasariam a olhar, tão indiferentes andam aos manejos policiaes e bellicos.

Porque, de facto, as phrases que o Sledge disse no seu discurso de auto-homagem, ao

Joad Franco, não infelizmente verdadeiras.
— Mas não me ha altercaçãõ d'ordenem...

Tudo em poçoço...

É como elle vai resguardando.

No entanto, no quartel de 23, sempre 40 a 60 homens de guarnição por o commando d'um capitão; cavallaria gôrnita as ruas de alta ajezar da chuva que ás vezes cahe em grandes botegas; as guardas estão reforçadas; e a golicia com os que vieram de Lisboa deve chegar ao numero de 220!

É os rapazes?

Os rapazes! Hoje, ninguém foi á Universidade; um d'elles ou talvez mais de academia rebôrou por suas casas esgrando os acontecimentos com uma indifferença decisiva e corajosa; e a Paró-jeria, abandonada, tinha algumas dentro golicia por causa da chuva.

Ora isto é' significativo.

Foi assim que eu vi a Universidade quando me lembrei de lá entrar para... ouvir! Era preciso dar-lhe uso; e já que não serviria para mais nada, ao menos serviria... de animal!...

É garsei entre alas de golicias. Na São Luiz, Paes e Paró-jeria, contei eu, de relance, vinde e oído!

Vinde e oído!...

Quando sahi, a rua largo, apresentava o

alguém que apresente no verão: ninguém!

No Ponta-Jerua, a policia de Lisboa, com juvenisava com uns rapazes que tinham jugido d'uma chupada, e trocavam cigarros, conversavam, riendo com anedotas ficasas que alguns mais descarados lhes contavam. Era interessante.

Descei, depois a Baixa, tendo encontrado o meu condiscipulo Victor Hugo Dubois que fôra á aula de Physica e na qual o Teixeira Bastos explicava toda a hora.

No balcão, poucos estudantes; chorra e se alguns havia pelas portas era á espera dos jermes que deviam chegar no sub-expresso.

Conversei com o Pedro d'Alcântara, todo embuchado no seu capote; contou-me em-tão, casos da reunião dos cadetes, no Paredo á 1 hora da tarde. O medo dominou-os e quando se fallava em entregar as guias e de-positar das licenças, quasi todos fizeram carota. Um mesmo distinguio-se: foi Roque Ferreira d'Aguiar, meu condiscipulo em Physica, cabo de cavallaria e filho do actual commissario. Este Aguiar fô no vespero convidado algunos condiscipulos para trabalhos graphics no gabinete de Physica quebrando assim o movimento unanime de solidariedade; e na reunião declarou que nada se importava por elle o unico que se não fardesse o anno, que iria

até ao fim e desconfiou-se que elle tivesse ido dizer ao Pae, da reunião.

Parece que recediamos este meu candidato, foi condemnado a agulhar como bacia que lhe para ministrada a pau sendo por alguns mais valentes do curso.

Contou-me mais o Alcaide algumas cousas que se deram na reunião e disse-me que me da noite — a que pó foram os cinco que eu já citei, — resolveram sacrificar as licenças se necessario fosse.

Constatamos o nosso candidato Francisco Dias Gualtas já aqui citado tristemente, e quem logo fomos o lobem de bradar ainda que por justificações. A cara trahi-o quando haubem veio dizer ao Alcaide que no quartel se pavia da reunião; e eu elle eu o Regue d'Aguiar foi denunciar a reunião ou não foi e neste ultimo caso veio metter obstaculo assim a que elle se realisasse. Qualquer das cousas e' triste.

E continuava o Alcaide:

— Estes acontecimentos foram como joia na... Viu-se quem ficou ao de cima e quem fassou zela na...
 ..

Com esta consideravel e profunda obstrução desgedi-me e de novo parti á Alta, fornecido de jornaes.

No Quatro-bobas encontrei o Adolpho Trin

dade, com quem troquei impressões; andava exaltado com o procedimento de muitos cadetes a que elle chamaes cobarda.

— Eu, meu alferes, antes de fazer nos livros fizei minha ~~curada~~ curada; se for necessário ainda me lembro como ella se maneja...

E fazendo um gesto d'athleta:

— ... tenho cargo para isso!

E a estas palavras dava-lhe um ar gíborresco o poldaque a coreano acumbado.

Depois do jantar meu Paé recebeu pelo telephone a noticia do telegrapho que as cândas tinham sido encerradas, depois de vislumbos tumultos e que faria um telegrapho sua garbicular dizendo que se reunira o conselho d'estado e que votara a amnistia.

Pôr o chapeu e corri a casa do Pacheco; de rua gritei e quando appareceu a cabeça a janelle, investigadora, disse logo para cima:

— Pacheco! pode acabar o hymno do triunpho!

— Subs! subs!...

Embreei e fazendo regredo da provincia disse-lhe a nova.

Foi uma alegria! e como e' natural a nos na imaginação trabothon! Imaginou-se logo uma recepção aos patriotas exilados, quan-

do embalsamem na cidade; recaptação silenciosa da causa da Zolícia, pôr-me-me com galmas, ou mesmo sem ellas:.. Combina-se lançar a ideia das luminárias nas republicas, com arremendações; d'uma manifestação de sympathy ao tenente-coronel Dias quando se fosse embora, inclusive um jantar; umas mensagens aos exilados, etc, etc.

Na rua, encontrando o Mira Feio, fomos ajudar na ideia, e na Baixa, onde se fallava já na amnistia, havia a tal respeito as mais variadas e exóticas versões.

A comissão central veio-se até obrigada a pôr, no columna do café Lusitano, um aviso dizendo que nada havia oficialmente; e pôz um outro lembrando á academia que devia continuar em grãe até que fossem conhecidas as resoluções do governo e accedidas pela mesma academia.

Hôo foi para lembrar que o simples boato d'amnistia não vinha ligar a consciencia dos que viviam no simples hypothese uma resolução dada e que poderiam assim continuar a ir ás aulas sem deadouro nem vergonha.

Até 9 horas chegou o Paiz, esgerado com interesse mas que pouco adiantava; em Lisboa e Porto tudo na mesma e á bocca seguinte fallava-se em voltar o dia da Zolícia...

E de auedote em auedota em, o Pacheco e o Alcantara, abancados a uma mesa d'um restaurante na rua de S. Joao, e abocando umas costellebas de gôco, lancivamos a ideia das festas de recepção dos exilhos, das luminárias, da despedida do dia e começamos com projectos interessantes acerca do nosso futuro curso de engenheiros civis...

E eram 2 horas quando voltei a casa.

Coimbra =

= 12 d'abril (6.ª feira) =

Quinto dia de greve!... Chove e chove bastante; foi a cavallaria garrá e táreis a jogar no miúdo rua quasi semilha deserta.

Logo de manhã, da estação telegraphica chamáram-me meu Paé garrá dizerem "que no Lyceu se estavam garrando factos anormaes e que se tinham feito gressões e que estava lá cavallaria."

Fui ao 2.º andar de minha casa, dei o binoculo, mas nada vi; e quando pahi só vi em frente do Lyceu muitos rapazes em grupos, a policia debaixo do arco por causa da chuva e dois grupos de 3 soldados de cavallaria garrando constantemente de baixo para cima. De resto, tudo rogado.

Na rua do Berrinho chamei o Pacheco, mas não estava; veio uma bofeza d'agua que me fez fugir e ao atravessar a rua larga vi o aspeito desolador e triste de uns estudantes unicamente a Porto-fenas, recolhidos da chuva, e a golicia, a eterna golicia que tambem se recolhia da chuva — esse massadãna chuva que tanto motha guardados como guardados.

A ordem estava bem assegurada; o presidente do conselho podia dizer aforadamente que se mantinha a ordem, nesse curioso modo d'interpretação de factos que levou o Hintze a chamar-lhe "golicia" e que levou João Chagas a escrever os requizitos feridos, logicamente deduzidos, pensados, verdadeiros e consensuosos:

« Aqui está, afinal, para que veio ao poder mais um governo — para manter a ordem!

Submettado ao parlamento, o chefe do governo declarou que a greve dos estudantes lhe e' indifferente. O que o fascista e' a ordem.

Alguns telegrammas de governadores civis, comunicando-lhe que tudo está em sossego, dão-lhe a impressão da ordem.

Qual! São apenas as ruas que estão em

ardam. As consciências sobão em revoltã.»
 [No Primeiro de Janeiro, de 12 d'abril, nas Mi-
 nhas razões].

É a chuva vinda ajudar a zolícia. Os ra-
 zões já meo pchiam... É se pchiam iam ja
 na os café embredes.

Mas o João Franco pôde criticar a di-
 zer — que a ardem tem sido maubida!

Leido os jornaes que chegavam até-se que
 a banca do governo, maliciosa, meiga, mes-
 mo pedubora, era encerrar todos os estabele-
 cimentos de ensino, mandar encerrar ma-
 trícula e em breve os 'actos viriam feitos,
 só com mebade da maeria, com gantos pum-
 flos...

Éra uma debocção, na verdade...

Quem não feria de tanta os escrevulos,
 quem não alterçaria logo essa ideia publicme
 de, d'acri a meo e meio se achar em ferias
 grandes, com outro aumo feito e só com
 mebade do programma dado?

Não era bem uma resolução para o con-
 flito: era uma redução á mocidade irrefle-
 xida...

O governo achou a formula, a palavra de
 sane, para acabar a questãe. Depois das amea-
 ças, a redução.

Depois dos pabres da zolícia, a perspectiva

d'um anno fora, com boas modas... Oh minha
raizinha! a mocidade esmerilhosa correria
abrás d'essa luminosa esmerilha!

Fazendo baes ou praes commensarios,
descei o Bairro, pensando no que fariam os
raizes. Logo ao Arco d'Alameda o Fortunado
do Pires da Rocha, meu condiscipulo em
balculo e d'ahi a pouco o Balthazar Teixeira
(do 4º anno de Direito) que deixáram a agra-
davel impressão de que a academia rejudi-
ria a poluccion; era esta, seguindo elles, o con-
reito geral. Depois, o meu condiscipulo
Carlos Augusto da Costa Motta tambem me
deu equal impressão e felizmente depois
de ter fallado com mais duzia de raizes con-
reici-me de que pouco tempo levaria a ef-
feito tamanha indignidade e se subjeita-
ria a tão cruéis forças caudivas.

No entanto, esmerar-se-hia, ver-se-hia.

No corbeo, dizem os jornaes deviam ser
hoje encerradas primeira dia; o artigo de fundo
do Illustrado sob o nome de Uem Joco de agri-
tação (e que é mais mais mais mais que o
garbamento...) dá a entender que não para
para admirar um didadunozinha; e as Novi-
dades sempre gronellas a deitarem o ficau-
de e a malicia em tudo diziam:

«A grande noticia do dia, diz que o chefe do

governo, após consulta com o chefe do partido progressista, resolveu:

1º: Encerrar a actual sessão legislativa visto terem decorrido os tres meses de sessão ordinária. Por este facto, mandando rapidamente a ambas casas e deputados se julgassem alcançar fôrça para o despacho d'um debate parlamentar a respeito da questão com os estudantes.

3º: Que esta resolvida, em principio, a publicação de um decreto de amnistia ... restricto. Quer dizer: os rebe condemnados a expulsão da Universidade serem privados de fôrça. »
[n.º 7.025 de 11 de abril].

O que houve parece ser certo é que o governo não se parece bem; imaginava-se que isto fosse um simples troço de rapazes e que tudo se resolvesse pelo melhor quebraando as desunas e voltando para as aulas volvidos que fossem cinco semanas de férias-lares. Mas nada succedeu assim e creio que para a primeira vez que os estudantes d'um lado se declararam em greve simultaneamente, nunca ahi houve perena, impugnação e firmeza.

A' tarde, voltando novamente pelo Alameda para procurar o Pacheco, para trocar impressões, tive a satisfação enorme de ver a

salvar a attitudde resignada mas altiva dos re-
gares.

«Ninguém cedaria!»

No Lunidano havia uma certa animação; e juntando-me aos condiscipulos Maximiliano de Mattos (de Gaje) e ao Pochô Salgueiro (o Dr. Salgueiro...) começámos a trocar impressões, contando anedotas, rememberingando o projecto do regto do benevolente-coronel Dias, para o qual estava indignado, entre outros, o esbucante Vieira da Motta, dono de respeitavel e consideravel forças...

Os dois sobão disseram-me que não encenariam matricula como o governo queria de rejar; e elles, com os outros condiscipulos Henrique d'Almeida Salgado Tenha e Eduardo Coelho dos Santos, iriam em maio ou começo de junho para Liège fazer o curso de medicina e residir no coração de Belgica, essa cidade trabalhadora e grévista por excellencia — uma verdadeira republica coimbrã! (1)

Apareceu o Pedro d'Almeida e o Trindade; contaram-me mais anedotas e fallou-me nos condiscipulos militares que honraram, na aula de physica, a combinação de se não tomar agendamentos; foram elles

(1) Escusado é dizer que todos encenaram matricula... (nota a 3-junho de 1808)

Roque Ferreira d'Aguilar, já aqui fallado; e
Antonio Joaquim Ferreira da Silva Junior,
 cadebe d'arbitria e filho do nosso grande chimico
 co Ferreira da Silva, do Porto.

O primeiro é garço, mas o segundo, talz
 intelligente e que sempre me pareceu sério,
 causou-nos admiração. Pois ambos estiveram
 com muita attenção á felecção do Teixeira
 Bastos e tornando afondamentos.

Depois andrei no Lusitano e enquanto se
 discutia acerbamente o procedimento do go-
 verno nas mesas eu voltei, aqui dizer a um
 quintanista de direito Adolpho Sampaio de
 Moraes Pinto d'Almeida, que gostava em como
 muita gente iria assignar o termo e iria aos
 actos. E dizia isto com um ar tão comicto!

Não gostei; e elle é franquista...

Foi então que, por deobajo mais que por
 outra cousa, escrevi a seguinte carta ao Carlos
 Olavo:

Meu caro Carlos Olavo:

Eu andei afastado da questão até certo al-
 tura; comecei depois a interessar-me e agora
 ando nella muito interessadissimo.

Desculpe pois o Carlos Olavo que hoje me
 nha indrometter-me minha cousa para que não
 fui chamado, e de qual me goste afastar ac-
 bendado zelo minha qualidade d'official e qual

Todos ligam a faculdade de não pensar. Permitti-me pois o meu amigo que lhe reproduza uma impressão territorial que hoje tive acerca das discussões dos academicos, no caso de encerramento de matriculas e actos a seguir — que parece ser a resolução redubada e meigo do conflito, dada pelo João Franco.

Embora não encubrisse nenhum razião que me dissesse categoricamente que não se indignava com o que se deu feito, e que ia encerrar matriculas, no entanto sabe que mesmo não caras não são corações e que pode haver quem vá a comer, de braços abertos, abraçar esse official, na tabua de salvação.

Eu não deixo feito; se alguma coisa de-
lho procurado fazer é observar ~~as~~ as opiniões
procurar ver o que vai lá de dentro & e de
muitas observações — as observações se vão
chamar — nasceu a commissão do que lhe digo.
Poucos parat, mesmo muito poucos; mas es-
tos poucos não podem fazer afagar alguns es-
crupulos de consciencia de muitos tímidos
aferrados pelos zelos e d'outras sem dignida-
de? D'aqui, esta carta.

É uma observação simples, extra-official,
pincerissima.

É não como revolucionário mas simples
mas com a preocupação d'homem digno e
de arduidade que não tem ido ás aulas, (em

hora da noite) e eu lembro-me este caso que é
 para ponderar.

Declaro que he não vou dar novidade nem
 conselho que necessite; no entanto, ajeitar
 d'homem d'espada... parece que só agitando
 e agitando bem.

Por cá parece-me que se trabalha. É neces-
 sario não deixar cahir no adoleiro tão gene-
 roso movimento.

Não faço uso desta e manda sempre o seu
 amigo até e Sr. de...
 (c) —————

Belizário

E vendo que mais nada havia aqui pela
 noite, para casa, vendo com também de fa-
 brinhas de cavallaria, e folias aos feres, que-
 ri a cada esquina.

Chovia. Ninguém pelas ruas. Em todo a
 noite havia um ar de desolação enorme!

Mas cunha-se a verdade do ditador
 João Franco e a ordem nas ruas estava com
 effeito assegurada e combinatoria a pel-o!

Coimbra =

= 13 de abril {sabado} =

Tudo na mesma, louvado Deus! Os feres
 das de cavallaria combinatoriam a Janeiro; e

golicia cambium na Universidade embora em
menor quantidade, sempre de vigilancia, e ho-
je a Porto-Janea vive o prazer de castigar o cal-
tere todo, o Terror como lhe chamavam em Lisboa,
um consideravel golicia, robusto, loiro, cabel-
ludo, d'aspecto feroz e um tanto em quanto em-
beberado com os othanos dos rapazes.

Discutia-se nas ruas a attitude que se de-
veria tomar em face da projectada resolucao
de encerrar as escolas e reunidos affirmavam
que haveria quem o fizesse. No entanto o Bar-
reis do Monde tranquillizava: que tudo o que
ahi se tem dito nao tem caracter official; o
que se resolver... apparecera a seu tempo.

Da resda, fela cidade, tudo no mesmo. A
grive, dizia-me ho pouco fela telephone o ad-
ministrador do canalho, e' caso liquidado; du-
do fassou a historia...

De novo, no mobil que, na rua Larga, o Ber-
nardo Pedro fassando por um grupo ainda em es-
tudo, fingio que me não vio e na Baixa, tam-
bem me fassam o mesmo, na tabacaria An-
drade.

Pobre franquista, impotente e ridiculo!

Nos jornales chegados, nada mais que aduan-
tasse. So' o orgão, o Diario Iluminado, combi-
nava na campanha exquisita contra o movi-
mento republicano da grive.

E mesmo descaradamente; hoje, por exam-

foi de, nas informações acerca do estado da greve, no dia d'hoje, em Lisboa:

«No Conservatório compareceram todos os alumnos.» [13 d'abril].

Do mesmo tempo, dizem os outros jornaes:

«No Conservatório não appareceo nenhum algum ás aulas.» [13 d'abril].

«Mais agitado que nos dias anteriores, os alumnos desta escola foram hoje constantemente seguidos pela policia que os não deixou sequer aproximar das suas candidaturas. O manifesto que tambem aqui publicamos foi profusamente esgathado e muito bem recebido pelos academicos que se mandam firmes na greve geral masculina deste conservatório, etc., etc.» [Novidades de 12 d'abril]

«Neste estabelecimento (o Conservatório) os grevistas conseguiram a adherencia de todos os seus candidaturas.» [O Seculo de 13 d'abril]

isto é um exemplo... E aqui está como o organo franquista julga formar a officina dos seus leitores: mandando!

Outro exemplo: no mesmo numero de-

gado hoje, diz esta phrase dubia e exorbitante:

«da Universidade com tudo na melhor ordem, não tendo sofrido alteração o movimento academico.»

Viendo no mesmo numero vem a copia d' uma carta do Dr. Daniel de Mattos acerca do movimento do filho, e que elle enviou para a Luiza. Diz entre outras cousas:

«Pois registre-se tambem a Luiza esta causa feia: — que o prof. Daniel de Mattos enviou do Porto um telegramma ao filho dizendo-lhe que confiasse em que elle cumpriria os seus deveres para com o Pai, indo ás aulas, afirmando o sua liberdade de trabalho.»

Tambem de patria para o Porto conversei com meu filho sobre os acontecimentos nos seus estudos e perguntei del-o convencido de que — sem nenhum accordo d'ideias — a solidiedade, em lugar de ser para elle um acto honesto, era um acto de fraqueza de caracter e de vaidade.»

Tera melhor que o impune professor e não tivesse escrito.

E em toda a gente se avizora a commençação de que o João Franco está seguro no governo,

e o que tambem e' verdade e' que os francezes
 das afirmam que elle tem o rei no mao e
 que este lhe obedeca cegamente.

E o caso esta cada vez mais intricado...
 Perder o auro? E', no fim de contas o que
 eu tenho resolvido.

Não cederei emquanto não se fizer a vontade
 aos reizes.

Boimbera =
 = 14 d' abril {domingo} =

O homem, apinal, o grande João Franco...
 o dezoito, o arrependido liberal, coheir!...

Ho de reizes não e' coisa facil de obter;
 julgava elle que levava a consciencia da moci-
 de a amoldar-se a zeixa algada e no fim foi
 elle que sahio mal ferido da lucta em que
 deimosa e brancamente se mettara.

Lago zelo manha, lavava eu a cara, meu
 Pai entrando no quarto disse-me que fariam
 dois telegrammas na estacao (assim th'o com
 communicam zelo telefone) um para Boim-
 ber, outro para Jira, dizendo que o João Fran-
 co coheir; e que para o governo civil viere um
 telegramma em cifra.

Assim, o nicho satisfeito publico suas
 manha!

O João Francisco, estava, de vez, em terra!
Finalmente que esse mascarado de libera-
lismo dera com os costados no chão!

Depois de vestido desci ao andar de baixo, fo-
no me despedir de meu cunhado Costa-Ferreira
que vivia na vizinhança e regresso ao antigo logar Lis-
boa. Couro de cinco minutos, não mais, de
conversa; mas foram o perfeitamente João João
observar que elle, — o revolucionário Costa-
Ferreira — já seus como professor; fallando
de amnistia disse-me:

— Bem vê você ... a amnistia é um máo
exemplo...

E foi a observação que comuniquei e calci-
me. Mas ... adiante.

Estive em casa até á 1 hora; chovia cons-
tantemente e nas ruas, as garruchas de ca-
vallaria continuavam na sua continua rou-
da! Era o tal caso d'ordem publica...

Os jornaes chegados de manhã nada aduan-
taram a não ser que a Universidade se fechava
e todos os estabelecimentos pedagogicos de ausi-
mo; e que se fallava no D. João d'Alarcão para
reitor da Universidade. As Novidades fazem
commentarios ao facto e accusam-nos:

« Se, porventura, D. João etc, etc tendo refle-
ctido durante quarenta e oito horas, declinar a
honra de dirigir a Universidade com a gloria do

Mr. Tenente-coronel Dias nos Geraes, já está de
escalafão outro digno Sr. Progressista, irmão do
último ministro das obras publicas d'aquelle
partido.» { de 13 d'abril }

Estive em casa do Pacheco para lhe ir dar a
nova da queda do ministério; disse-lhe que não
seria má, em todo o caso, foi-a de reserva,
no entanto chamau-me o vizinho da frente, o
meu condiscipulo Luis de Mira Feio e depois
o Laroey que mora mais abaixo na mesma
rua do Berratho. A gritaria chamou a atten-
ção; dentro em pouco as vizinhas deitavam
a calçada de fora e ouviam o seguinte dialogo
do Pacheco com o Laroey:

— Sabes que cahiu o João Franco?

— O quê?!...

— Cahiu o João Franco, honra!

— Ora uae-se é m.....!

— É verdade!...

— Palavra?

— Palavra... Olha: dou-te meus galões
d'honne...

E o Laroey, fazendo um gesto equívoco, e
sem acreditar, terminou:

— Queres vir jogar o vultarê?

E a chuva cahia á grande; o rio, que se
avistava por decima dos deitados, ia calda-
roso; as caras todas, tinham as janelas

fechadas. Triste grêve! nem ao menos podiam
vir para a rua conversar os poucos rapazes
que nessa altura estavam em Coimbra!

Mas as noticias de queda do governo não
se confirmavam, ninguém fallava nisso e
em convidar-me a ir comprar jornaes e a vol-
tar para casa. Na loja dos jornaes (a Casa Fa-
lty, na rua Larga) affirmava-se que ninguém
em pormovente uma semana meia-duzia de ra-
pazes iria a acôr; de facto parece que tudo mais
em menos se encaminhava para ali e os jor-
naes republicanos lançam a lembrança ne-
cessária para os ditos de que se devia goce-
dar com dignidade até ao fim.

Infelizmente ho tanto interesseiro e tan-
to indiguo!...

Ora lendo os jornaes vi que hontem houve
no ministerio do reino reunião de maiorias
e em casa do Hintze reunião de minoria
regeneradora.

Na 2ª reunião, o João Franco, explicando
o motivo porque encerrou as camaras dizia
que tinha andado com a lei, que cumprira o
seu dever; e ao mesmo tempo, á mesma ho-
ra da tarde, na outra reunião, o Hintze dizia:

« O governo encerrou as corôas. Prohibiu um
acôr irregular. » (Diario de Noticias, de 14, abril)

Vão lá entendel-os !...

Mas o que ressaltava do conhecido discurso do presidente do conselho, o que agradecia a cada passo era o tal « estranho critério politico » a que o Slindege alludiu e que fez ver ao governo, neste conflicto, unica e simplesmente uma questao d'ordem publica.

Que seja-se :

« ... o governo foi absolutamente obrigado a encerrar as camaras em frente d'uma questao d'ordem publica... »

« Levantára-se lá já um movimento que, nascendo d'um tumulto universitario a breve trecho e nos ultimos dias assumio as proporções d'uma verdadeira questao de ordem publica... »

« ... os successos de cada hora tinham de manifestar que era d'um movimento politico revolucionario que se tratava... »

« ... o governo tinha agora diante de si... uma verdadeira questao d'ordem publica... »

« ... era uma agitação que poderia, porventura, constituir um dos mais graves pro-

blemas de ordem publica que nos ultimos annos tem apparecido em Portugal. »

« ... o desordem das escolas que se estava tornando em desordem das ruas... »

« Não está no meu intuito determinar quando terminaram as causas que motivaram o movimento das camaras; porque, se a causa proxima foi uma questao d'ordem publica... »

« ... o que elle (o questao academica) tem de lato e de inquietante, e' que o governo uma questao de ordem publica... »

Além disto, continuava a insistir que o movimento academico era republicano:

« Tudo isso (as liberdades que o francismo concedeu) converteu-se a fôrça revolucionaria, desde o primeiro instante manifestando a sua intolerancia para com os seus factos recentes e contenciosos, abri' a organisação d'um movimento revolucionario para que foi tomada como primeiro elemento effectivamente o mais proprio para agitações desta natureza: os estudantes, a juventude, a idade generosa, que todas as ideias e principios desde que tenham a apparencia de nobreza e gallardia, cultivam, em.

criação e exaltam quaisquer que sejam os
 perigos e os males resultantes dessa facil-
 idade.

Que dizer desse partido o qual, ao per-
 trahido um campo legal de combate, de dis-
 cussão e de propaganda, resfende lançando á
 loba a mocidade das escolas superiores e até
 as crianças de 10 e 12 annos que frequentam
 os lyceus? » Etc, etc.

E terminou por dizer que o accordam dos
 decaanos se havia de cumprir:

«... relativamente aos que foram legal-
 mente expulsos da Universidade por aquelles
 que para isso tinham direito, em virtude de
 factos que todos conhecemos, a attitude do gover-
 no é hoje a que era no dia em que teve oca-
 são de falar a tal respeito no camara: — o
 accordam executa-se. Depois de normalizados
 os trabalhos escolares e decorrido o tempo ne-
 cessario para que as penalidades agora impo-
 sas hajam produzido os seus devidos efeitos
 moraes e sociais, poderá tambem a Universi-
 dade governativa manifestar aquelle senti-
 mento paternal e benévolo que nunca fica
 mal aos professores demonstrar em relação
 aos seus discipulos. »

Bello e significativo discurso! O liberalis-
mo alagado ia dar agua abaixo em face de
uns questões de ordem publica como esta e em
frente de incalçabilidade governativa dos republica-
nos! Pois isso voltava aos seus ardis e pinca-
nos de sempre de d'atardar a que a sua mão estava
mais afeita, e restava o garbido avançado que
que fizesse já a republica dar-me, senão... nem
ca o concubina!....

Bello e significativo discurso!

Depois do jantar p'hi e como chovia esferei
o americano; no largo D. Luis entrou o brues-
do Torres, formado no anno passado em medi-
cina e que viera de Paris ha uns dias e o meu
condiscipulo baravanno d'Almeida e Brito,
que me disseram já estar á Parba-ferres o edi-
tal fechando de novo a Universidade.

Mas a respeito de queda de ministerio...
nada! Cheguei a ver um enorme ferro pelo in-
dicarad, e de mais a mais o baravanno dizia
me ao ouvido descaradamente:

— E depois... os actos feitos... tudo á parba-
fechada... Só quem for d'olga e' que não use a
actô!... Pois não e' assim?...

— Sim... isso... bem né...

do Lunbano, barbaude animação. Discu-
tia-se o caso e dizia-se já que as comissões
grévistas funcionariam do mesmo modo,
mas deixariam já já em ramo verde a mi-

quem, que se vigiaria quem arriguaria modri-
cula, que se ajustaria combas com esses e que
abê alguns meosmo se rajbariam na mesera
do acdo!

Como póbe rajdamente a imaginação de
mocsidade! Como tudo é cên de rosa!...

Ora um dos que estava condemnado ao
rajdo era o meu condiscipulo abicolau Gau-
calves.

Os combinasões publicam de interesse, ao gar-
no que os factos desciam; e agora com o tasco fe-
chado, seria uma inenarravel pensavaria, uma
escuria e indeterminavel massada!

Foi no Luxibano que o gae do Maris Men-
deiro me informou que a comissão combinea
trabalhando e que se preparavam graves acen-
tamentos.

Abão quiz insistir, mas seria a grêue oje-
raria?

Encantrei o Floro, eubão, e d'ahi a gaus
no Marques Pardo, tomando um chá quembe
gros comeguar a chuva recehida, trocávamos
impressões dos acembecimentos. O Dr. Luiz
Marbino esteve tambem um gauso comnosco
e eubão afareceram as anedotas...

a) Tambem-se que o governador civil, o
conselheiro José Lobo, dizia zangado:

— Ora o João Franco mandou-me abri-
nar os rajtes e afinal agora becho que abri-

rar os leites!... Não queram o Jordão e eu é que os aburo!

Logo foi-me garantido pelo 2º official da repartição de fazenda districtal Augusto Gonçalves e Silva conhecido pelo alcunha de governador civil de Castello-Viegas.

b) Contou-me que o Teller, o pajubeiro da rua de S. João e que quer passar para ser influencia politica, tendo ido levar ao Lyceu duas filhas que lá andam a estudar, e vendo a attitude dos rapazes que diziam

— Não abra! não abra!

via que era melhor guardar para a popularidade e teve um cargo de aratoria:

— Pois bem, meus penhores! as minhas filhas estão á disposição da academia!...

c) Contou-me que no primeiro dia de grêua um dos numerosos paes que aqui vieram garantir dos filhos, querendo levar o seu menino para a aula, atravessou com elle a multidão até quasi á Porta-Jerua. Houve murmúrios, um certo barbaquicho, como havia já todos os dias que scandalizavam os filhos, e o homem não se lembria á verdade... Uns coitados e filhos do rapaz, vendo o caso, disseram-lhe:

— Oh Fulano! tu não vas á aula!

— Não vai! não vai!

O rapaz afrouzando o cinto disse ao pai que havia esquecido o abraço... E o pai, vendo a

atitude dos rapazes e o murmúrio um tanto agressivo, em volta, fez uma grande careta, e muito fôro, com uma lagrima de raiva ao canto do olho:

— Pois então não vão, com mil diabos!

E no primeiro encontro embarcou para a terra. Foi chamado Zelo Guim.

d) Contou-se que o Dr. Daniel de Mattos dinera a varias pessoas (e os rapazes tinham as suas declarações) que no fim do anno ajustaria contas com os discipulos; pôz-mebe os que foram a acôr muito e muito bem preparados e que logriaram ganhar.

Foi chamado Zelo Dr. Guim, e continuando:

— Elles perderam a cabeça. Os rapazes têm mostrado mais juizo que os mestres...

e) Contou-se tambem a villania de sé de Coimbra no primeiro dia de grêve mandarem para o Porto telegrammas officiaes com o noticia de a grêve ter sido completamente jurada. Li mostravam os telegrammas referendo bom effeito sobre os rapazes, sem saberem que n'esses primeiros dias andavam emissarios academicos entre Lisboa - Coimbra - Porto, informando, vendo, ajudando as officinas, procurando sustentar o espirito de independencia. Pois se elles, os melhores governantes não vão, ou não queriam ver, que os rapazes

se organizáram lindamente e que tinham tudo offimamente mudado!

Com as outras dearam as onze horas. Chovia ainda e muito; e mesmo assim, eu e o Filão, lá rubinos para a Alta, conversando e lasbriando não se pater nada acerca do que do João Franco.

Uão cahiria?... .

Comtamente que se fosse verdade as negligencias seriam logo luminárias, apesar de chuva.

Dezadi-me e peguei para casa; debaixo do arco do Castello, acolhido da chuva, uma tropa de cavallaria observava. Um dos soldados, olhando fixamente para mim e não me cheirando o meu mulo a tropa tirou a mão debaixo do capote e cambicou a fumar um bello charuto, bem recordado na faldilha do pelim.

Dois bebados discutiam, encharcados, aos arcos de S. Sebastião; só a chuva se ouvia cahir geradamente nas calçadas e, quando no meu quarto peguei no Diario de Notícias d'hoje, regarei meu ferido que de manhã tinha assignatado a lafe azul: era o meu illustre Pimentel Pinho a fallar na reunião das maiorias e a dizer:

« Perguntou o Sr. Henrique Ribeiro para onde havíamos de ir? »

« Vamos para onde sua excellencia nos mandar, certos como estamos de que nos guiará pelo caminho do dever e pelo caminho da honra. »

Valha-nos Deus que até se enredasse em
aos outros!...

Coitens. =

= 15 d'abril {2.ª feira} =

Só de tarde é que sahi de casa. A chuva e o vento combiniavam irresistíveis de modo que fiquei em casa para saber novidades e para ler lido jornal.

Assim, quando sahi á tarde, embuchado porque estava frio, encabreei ao largo de São João o Sr. Hilário Augusto Martins Fernandes, o antigo colino da republica da rua das Esceirinhas, n.º 10.

Deu-me elle logo a novidade extraordinária: for ardenci do ministerio da guerra todos os estudantes militares já em per manda dos para as Escolas Praticas: os de cavallaria e artilheria para bandas novas, e os de infantaria para Magre.

Incrível e estúpida medida governativa!
 Agressam então a Trindade, o firme Abdol-
 Jho Trindade e conversando sobre o caso dezi-
 mos a conclusão de que o governo... genduu
 a cabeça!

Pois então, se o governo queria evitar reu-
 nistês dos militares estudautes ia reunir-os
 em Vendas-Novas, em numero de 200 e ban-
 dos e em Mafra, em numero superior a 100?

Em que é que se subvertiam os rapazes re-
 não em conversar sobre o assunto, trocando
 impressões, quem sabe mesmo se fazendo com-
 binações?

Eu até affirmei: que no fim de tres dias o
 commandante da escola pratica de Vendas No-
 vas enviaria certamente um telegramma ao
 ministro da guerra dizendo que não podia lá
 abunar os rapazes, que lhes desse destino...⁽¹⁾

Venhamos o que os rapazes de lá mandam di-
 zer; o que fazem e' certo e' que os que foram fo-
 ra Mafra não se muito mal tratados.

Dezias, a nós com o Marbino Fernandes,
 Zengembai - the zelos operários atentos a sua que
 cidade de velho carbonário e maçon; se elles
 sempre fariam a grama projectada; se nahiam
 para a casa.

(1) Esta affirmacão não sahio verdadeira. Os rapa-
 zes foram presos e ardeiros... (Nota + 11 - VI - 208).

Dize-me elle quem agora anda mais medido com o agerariado de Coimbra era o Graujo e o Bissaya⁽¹⁾ e que sabe por alguns agerarios que elles estão damnados para sair para a rua e que no Porto o barão de Lima tem furado tudo e tudo está nas mãos d'elle. Um agerario disse-me mesmo ao Marbim Fernandes que por ora só desejavam deixar a terra o João Franco; se se pudesse fazer mais algumas cousas... Não sei o que era indispensavel, o que era urgente, era o João Franco em terra!

E afirmou-me o Marbim Fernandes que elles estavam prontos para a primeira vez.

Vião — estavamos então na rua Visconde da Luz, encostados a uma parede — vimos nos barões do lado de Sausad e vimos vir nos acima, acompanhados, uma multidão aos gritos:

— Fera! fera! fera!

Vião subindo a multidão e ficaram para a certa altura; os gritos continuavam, havia conversas, e passado um grande bocejo agerario com a goliçia que lá fez dispersar mais ou menos a multidão. Informei-me e disseram-me que eram os alumnos da Escola Industrial Brotero que estavam também em greve e que

⁽¹⁾ Antonio Joaquim Graujo e Fernando Balsa Bissaya Barretto Rosa.

como viram um d'elles ir p'osinho e outra aula, esgráram-nos á palha e vieram-nos trocando e gritando até á casa d'elle que era no rua Visconde de Luz por cima d'uma colchoaria.

Interessante.

No café ao arco d'Alameda, disse-me ainda o Martins Fernandes que havia áquella hora uma reunião de rapazes do Lyceu, dos mais dezes.

Com a prohibiçáo, fellou-se da infancia da prohibiçáo das reuniões academicas nos cafés em Lisboa, obrigando os donos dos cafés a não deixar, sequer, fallar nos acontecimentos. Assim o dizem os jornaes:

* A policia tem procurado sempre impedir que os rapazes fizessem as suas reuniões fóra das respectivas escolas, e assim, algumas vezes com o que alguma se projecta em p'itio concedido lá apparece á hora marcada, desfogta e dissolve todos os agulhamentos. Foi o que tambem succedeu. Para a 1 hora da tarde estava marcada no café Gelo uma reunião da grande comissáo de Lisboa, recentemente constituida.

As 11 horas e meia os rms. Major Novas e chefe Americano acompanhados de alguns guardas intimidáram ~~alguns~~ o rms. Ferreira, dono do café e não consentirem ali a reunião nem mesmo discussões sobre o assumpto, sob pena de mandarem fechar o estabelecimento. * {Seculo, de 15 d'abril}.

E ainda mais: uma vaccaria no largo do
Barro, foi fechada, pelo piúffes mas considera-
vel razão de estar ao pé do Lyceu do mesmo
nome!

Oh liberalismo franquista!

Depois fui á catedral de juremas e entre al-
tes um novo jornal organico A Bancuista do
Pão, que no seu artigo de fundo do n.º 2, chegou
hoje, alguma bem a ridicularisar:

« O facto capital de toda esta magna questão
a grande conclusão a tirar é esta — é que mais
uma vez a massa anónima surge e vem os
seus febrilidos dirigentes, vindo-nos provar
que elles a dirigem tão pouco que a descaute-
cam completamente. O facto interessante a
constatar é a existencia de um estado de espi-
rito colectivo que ninguém previa. »

Como então apparecer o Floro e logo o Pe-
dro d'Alcambara, fomos passeiar, conversando.

Este ultimo ia arranjar com uns amigos
do Bordo Lamecho para que este escrevesse um
artigo no Luzda a respeito da ida dos cadetes ja-
na as escolas gabolicas e no seu enthusiasmo
queria que o artigo tivesse por titulo: Leve de
condemnação! Sincero e generoso rapaz é o
de Pedro Alcambara!

Fallou-se tambem do mesmo candidato da
marinha d'Almeida e Brito que queria a força
fazer acto e a quem o Pacheco já corra de casa
quando um dos ultimos dias lhe fôr lá fôr
para lhe ensinar a fazer uns exercicios de cal-
culo que queria entregar ao Sidonio.

Quando o Pedro se despediu, fui eu e o Flo-
no para o Marques Pinho tomar chá.

O Salgueiro, o Dr. Salgueiro lá estava fôr
do ao Sr. Martins um artigo para a Presis-
dencia a respeito dos cadetes condemnados e de-
zoi, reuado á nossa mesa, contou-nos que o
Grande viera de Lisboa no navio (ainda fôr
como emissário da commissão) e que tinha been
impressionado com a opinião publica: todo el-
la estava com os olhos, e a gente grãve — e
entre ella alguns grandes do reino e franquistas
altos — ouvira dizer que não fôr por assim
uma guerra d'anno, que não se fôr deixar
mal uma geração tão decidida, uma geração
tão deza...

E terminava, com a franquia com que
costuma filtra tudo quando ouve:

— ... o João Francisco está em mãos ven-
cões!...

Em Lisboa, ainda segundo o Grande — o
Gabriella Grande — havia varios boatos, e
entre ellas que haveria recessão minima
Seria na qual entraria o José Luciano, para

deixam também se resolver a questão — embora...
 nho boabo mas que me não admira porque são
 calções de budo, aquelles diabos! Mais dizia o
 Graujo que na academia de Lisboa ia tal eferves-
 cencia que já se fallava em iram, em multi-
 dão confusão, com o povo a brar, operarios em
 greve e quem mais se quizesse associar, ao Pa-
 co das Necessidades, ameaçadamente injerir
 ao rei a demissão do João Franco, como uma
 pedisfocção dada não só aos reizes mas a todo o
 paiz.

Como a phantasia se camufla em roman-
 tico flauto, em grandioso flauto!...

Commemoramos ainda o discurso do Ambo-
 rio Cabral na reunião das maiorias e que
 hoje vem no Illustrado, discurso insensado,
 terrivel, alucinado de bandidos, referidas
 vezes, os honras da officina:

« Que mais querem os bandidoleiros e execu-
 tadores de politica que andam, dia a dia, espe-
 culando? »

.....

Ali (na reunião) não ha progressistas nem
 regeneradores-liberaes: ha um governo que quer
 seguir o caminho de honra e não recia uma
 officina de bandidos.

.....

Alfandando a obra do governo, dá-lhe um

conselho regendo: defende-se, defende-se
com unhas e dentes; o meu presidente do consel-
ho sabe muito bem o que são unhas e o que
são dentes para defender o juiz.»

Estaria bebido?...

Quando perdemos das onze horas, levantá-
mos-nos e partimos para a Alta; no Suelva-costas
passando na casa do Maria Mombino onde se
reunia a comissão central da academia, encon-
ramos no 2º andar, vozes. Parámos: e eu reco-
nheci a voz do Larocq, o alegre, vivaz e gaude-
so Larocq mas que agora tinha o tom firme e
grave d'um homem d'idade; depois uma outra
voz que não reconheci mas que discordia pare-
nhamente, firmemente, como numa reu-
nião de velhos, em que se tratava de uma gra-
ve questão.

Na Alta, no largo do Casbello, vi passar o
alferes de cavallaria, de honra; assim como,
poriam 9 horas, o tenente Paiva, também de
desobediência, passando na balçada, com or-
denança, honrando!...

Oh que ridiculo tudo isto! Tratando o
que se a cidade está quasi sem esbudas e se
tudo o que não se esbuda se mette em caso,
segundo o costume?

As górnias continuavam gelas mas e
eu lembrei-me da frase do Honório Cabral:

— Defenda-se, pm. Presidente do Conselho!
 Defenda-se com unhas e dentes!...

boimbera. =

= 16 d'abril {3.ª feira} =

De modo que estou no meu pequeno dia de
 ferias forçadas, sem saber o que hei-de fazer; ou
 de irai eu fazer?

Se o ministro sabe que eu fui grevista,
 bem!... estou arranjado! O Vascanellos Porto
 é feroz...

Vamos a ver no que isto dá.

A chuva continua e hoje tem havido cada
 botega d'agua que é mesmo um louvar o Deus.
 No entanto, pelas ruas desertas da cidade con-
 tinuam a fazer as górnulas de cavallaria, vi-
 gilantes, vagarosamente, sob a chuva in-
 terdoavel.

Com uma botega d'agua valente, uma ga-
 rrinha que passava em frente da minha casa,
 recolheu-se ao garrido e encobriu-se á janella
 da casa do meu vizinho Dr. José Bruno de Ca-
 bedo. Polvos rapazes que assim andam peni-
 ficados á pingles fantasmagorica d'um ditador
 que faz d'um caso de progresso um caso d'or-
 dem publica!

Como de costume aqui, seria uma hora.

No Lyceu, sob os arcos do aqueducto, canteei em
viude e pata golicias!

Viude e pata!...

No largo do Caselle havia mais; e na rua
Larga, gerfeitamente deserta, mais golicia!

Encontrei no Governo civil para fallar com o
Buenos do Miranda, com o fim de saber novi-
dades; mas estava na habitação do governador
civil, sagrado tabernaculo que eu não quiz
violar profanamente.

De caminho para casa do Pacheco, conheci
o Primeiro de Janeiro ou seja João Chagas, como
de costume, na sua cultura do Jaradonal, ex-
gõe a ridícula com uma precisão e brilho no-
táveis.

Diz elle, por exemplo, a respeito do João
Francisco de Mascarenhas com globos:

« Não se governa com globos de interrogação.
Governar é afirmar. Comtudo foi assim que o
actual governo começou governando, — com
globos de interrogação.

Estamos todos, com effeito, lembrados que,
na sua conferencia do Theatro Principe Real,
do Porto, o actual primeiro ministro, Gerju-
lho, depois de apresentar o seu programma de
governo, se o faz estava tão divorciado das
instituições que fosse impossível governar
com ellas.

O governo já está ho bastante tempo no go-
 der já que os factos tinham respondido á
 sua interrogação.

.....

O que parece ser inconcebível com as
 instituições é a liberdade, pois que sendo o
 programma do governo, um programma jus-
 tamente liberal, foi por ahí que elle fôz.

Viu-se isto já e isto responde ás interroga-
 ções do primeiro ministro. — Em Portugal to-
 da a liberdade é agoureada contra as institui-
 ções. Dá-se um momento de liberdade e o
 que se ouve logo é isto — viva a republica!

A liberdade pó' parece em Portugal já
 combater as instituições. Ha liberdade de im-
 prensa? A imprensa brava contra as institui-
 ções. Ha liberdade de manifestações? A rua
 clama contra as instituições. Ha liberdade
 de voto? O povo vota contra as instituições.
 Ha liberdade de tribuna? A tribuna genera
 contra as instituições.

Nestes termos todos os governos, todos,
 não inevitavelmente levados a fazer uma
 politica d'opressão, porque é seguindo no esse
 modo, a unica concebível com as institui-
 ções..... » {de 16 d'abril}

Li tambem a noticia de que se ia mandar
 fechar todas as agremiações politicas incluim-

do o curso republicano. Boa execução do
programa liberal!

Como o Pacheco, a conversa veio á cousa
obrigatoria; e contou-me elle que tinha sido
procurado pelo Dr. Julio Henriques que é o pre-
sidente da Sociedade Philantropica academica
que lhe lembrou a elle, Pacheco, o facto de ser
proibido pelo mesmo sociedade e que se con-
tinuasse grévista e perdesse o anno, para o
anno que vem não teria direito á probação
que bem visto. O Pacheco ficou arreliado e
censurou o Dr. Julio Henriques que sempre
foi visto por um bom homem, por um excel-
lente caracter, por ter insinuado uma cousa
desboa, obrigando moralmente a quebrar os
deveres para com os condiscipulos e para com
o consciencia.

Dize-me mais que tinha sido procurado
em casa pelo novo condiscipulo Nicolau da
Silva Ganchua que o fôra ponderar e que lhe dis-
sera que não havia agora motivo para não ir
a actos, que os actos seriam fôceis, etc, etc; no
entanto consultava-o, o elle, Pacheco, para lhe
ouvir a opinião que de facto todo o curso res-
feitava e rejeitava.

Outra aqui é de notar que este Nicolau é
todo amigo do professor de chimica organica
Alvaro Barbo, que vive a casa d'elle, e que faz
o que elle lhe aconselha. Pergunta-me: ajudará

nesta conversação, suggestões de Alvaro Basto?

Além d'isto, o Nicolau é uma creatura tímida, e de facil suggestão. A respeito do Bernardino Machado disse:

— Elle não tem razão. E depois, traiu os collegas...

Outra coisa que não é do Nicolau, é de Alvaro Basto e como tal o Pacheco me'a regebidu e eu a escrevo aqui.

Depois, desci á Baixa, onde nos jornaes corrigidos vem uma declaração do quintanista do de direito José Gabriel Pinto Coelho (da familia miguelista Pinto Coelho). É de notar tambem que este cavalheiro quer entrar para a academia e é conjugetheiro de casa do filho do João Franco.⁽¹⁾

A declaração é motivada pela outra declaração da comissão academica de Coimbra e que veio nos jornaes de 14, ante-hontem, e que diz:

« A comissão do Academia de Coimbra, munida dos poderes necessarios pelos seus collegas, tendo conhecimento que o governo tem de dar uma polucação indecorosa para o livro e honra de todos os academitas em grãve, declara cotte-

⁽¹⁾ Foi ha uns dias ante de licenciado, obtendo classificação alta... [Nota a 26-VI-1908].

goticamente que ninguém irá ás aulas, não fará exames, nem se incumbirá que elles se realizem quando não for concedida uma amnistia que abrangia os pobres estudantes exilados.

Boimbras, 13 d'abril.

A commissão da Academia de Boimbras.»

Ors o illustre Ribeiro Coelho, futuro lente, mandou para o Diario de Noticias onde veio a declaração, e pediu o seguinte:

« Sr. redactor. — No seu jornal d'hoje vem publicada uma « declaração da Academia de Boimbras » na qual a commissão do mesmo academia se diz munida pelos seus collegas de poderes necessários para declarar que ninguém fará exames ou se incumbirá que elles se realizem quando não for concedida uma amnistia que abrangia os pobres estudantes exilados.

Abolutamente ignoro que sejam aquelles poderes de que a commissão se declara munida. Eu, pelo menos, não fui convocado para nenhuma assembleia, nem tive conhecimento de que nenhuma se realizasse em que fossem tomadas aquellas deliberações ou outras analogas que só em assembleia geral da Academia se poderiam tomar e não estou disposto a permitir a quem quer que seja que envolva o meu nome em declarações que eu, muito expressamen-

te, não tenho autorizado. Peço pois a V. que torne pública a declaração, muito categorica, de que me reservo a plena liberdade de proceder conforme eu proprio resolver e não como outros poderiam resolver por mim.

Do J. etc. José Gabriel Pinto Coelho
Lisboa, 14 d'abril de 1807.

Vê-se bem, claramente, o futuro certo... E' assim que se póbe...

O Diario Illustrado chegado hoje publica a carta e commentos que é agradável ver com a ajuda realzes com o coraggio de reagir contra a audácia de algumas dassemas d'elles; depois felicita o Pinto Coelho pelas injurias que certamente terá de certa imprensa republicana e beruina:

« E' que neste momento ha duas ridiculas que muito honram aquelles que nellas se usam: a de esbudaente injuriado por jornaes republicanos e a de se agulgado pelos esbudaentes q'ristas.»

E'rico!...

Fui depois a casa de meu Tio Helio de Silva e fallando-se do acontecimento disse-me meu Tio que o Bobo Lobo, o certo de me thermatica, e que me muito lá a casa, affirma

que o movimento é republicano e que se não é republicano é com certeza de monarquia.

— He em Coimbra — diz o Bobo Lolo — uns 150 estudantes meus; bobo que cada um bota uma conta de governo o que não é muito e já assim têm a disposição 750 estudantes...

Bom calculo mathematico está certo e é facil; mas de resto...

Passadas duas horas de palestra voltei a casa e como no caminho choveu, encontrei na familiaridade do Madeira, no Avenida, e falei com o Francisco José Machado, empregado no mesmo familiar, e meu amigo camagueiro no Pro-Verdade. É um homem decidido e firme.

Pouco avancei com a conversação; apenas percebi que o operariado está decidido a saltar para a rua, com os ralzes; os ralzes é que têm o obstado, porque, como o João Franco fez d'isto uma questão d'ordem publica, elles não querem dar razão a que elle o afirma com factos. D'ahi o não ter havido parafusos até á data.

Mas lá estão firmes, é primeira vez, e diz-me o Machado — o quem nós no Pro-Verdade, zelo para a verdade, chamámo-las o carro — quando me despedi:

— Mande sempre! sempre ás suas andas, como sabe!

A tarde, lá voltei á baixo; encontrei o

Jesuicio Carneiro e disse-me que fosse a minha reunião da comissão, a 1 hora, em casa do Mario Maranhão; deveria ser interessante, attendendo a que bem havido questões a grupo de homens a passar durar 4 horas e tanto. Assistiram a esse sessão, grupo de 100 pessoas e um d'ellas que eu não sei quem é e elle ignora o nome, indignando-se com o proceder da comissão, disse que havia de ir aos actos, que faria o que quizesse, e terminou por se enfilhar com um outro.

Estava imminente o jugo: mas o grimeiro, o de indignação, quando o outro lhe quiz falar, desceu escada abaixo e ninguém o viu!...

Fugio.

Nesta altura de commença, passou uma brincarilha que o Jesuicio esgrava; é claro, lá foi obra d'ella e eu fui ao correio.

No meu entre a cadeia e a Associação do M. S. — hoje de Olympio Nicolau Tery Fernandes — havia grupo em grupos, por causa de greve da Escola Industrial. Pôrrechas de 3 soldados de cavallaria andavam d'um lado para o outro, que não deixam ninguém falar, não só na rua mas principalmente em frente da cadeia onde se dizia estar um abundante grezo.

No Luxemburgo, depois, encantei o Victor

Hago Antunes com quem andei e com quem fui tomar chá ao Margues Pinho, fazendo horas para o comboio em que elle, com os estu-
dantes de cavallaria e artilheria, daria seguir para Vendas Novas.

Passou o Padro d'Alcambara, o Pacheco, o Flo-
re Henriques, com quem trocámos uns li-
zinhos ázardos, porque nos cafés de Coimbra foi
tambem prohibido fallar-se nos acontecimen-
tos. E depois do Vicente Hugo, com toda a philoso-
phia que lhe é peculiar ter ido dargedir-se de
uma meiza e amfada Micas, fomos para a es-
tação onde 76 cadeas, com a bagagem convergen-
do, faziam uma balburdia enorme.

Vai o alferes que os acometiam á Ven-
das Novas, o Antonio Sergio de Brito e Silva
ger ~~o~~ alcuinho, deude a Polytechnico, o caval-
lo de Jão e a quem os cadeas logo começá-
ram chamando ger delicadega... o cavallinho.

Fez-se o chamado; o Brito e Silva deixou-
se disjunctar offimonmente, com o grande ar-
gumentario que todos sabem. Dividiu-os em
wagens, nomeou chefes, o demomio! e nunca
algorans enorme lá subnaram para o com-
boio, turba-multa, cantando, tocando, porque
alguns levavam guitarras e violas.

Eu fui tambem com o Pacheco. Na estação
velha, á chegada do comboio que vinha do Por-
to, houve barulho: vinham no comboio os ca-

dezes do Porto que tambem peguiam para vender as Noivas do modo que houve troca de circumstantias alta do mais para baixo...

Metteram-se duas carruagens e mais no comboio e lá peguiram todos, ao nome de uma pequena patria de Galinas que uma duzia de esbaldados deu, é Jardim de d'el Rei...

Voltei-me o Coimbra e subindo para a Aldeia, o Pacheco disse-me que era certo o Bernardino Machado ter pedido a demissão de Leubé e que o reitor lhe mandou responder na mesma forma. Temos cousa...

E com isto, despedi-me, e voltei a casa já depois das duas horas dadas, na barra polleume da Universidade...

Coimbra =

= 17 d'abril {4.ª feira} =

O jornal republicano A Lucha, de Lameira, publicava na primeira pagina um manifesto ao Luiz, feito por Antero de Quental, no conflicto academico de 1862-63; este manifesto fôra já publicado pelo jornal de Coimbra, a Resistencia, em 11 de abril e mostrando como elle que, apesar de ter sido feito ha 45 annos, tem na todia officar hoje e este conflicto — tanto tem sido o pro-

gresso do ensino publico entre nós! Li-o hoje e cito-o aqui porque de facto é um bello e eloquente manifesto como outro não podia sair do celebre author das Odes modernas.

Quiz ir á reunião do conselho; mas ao passar no balcão, vi um grupo e mais tarde de gente que a conheci de modo que perdi esse pretexto d'observação.

Os jornaes pouco dizem; quiz as Aloridades, mas diuham-se esgotado: nem uma! No Janeiro, de Porto, uma carta do Alfoim Gervais, como sempre é facção derradeira:

«Tobamos enfim... em frente Russia. As aulas fechadas; o parlamento, encerrado d'isto terialmente; as associações e academias, fechadas; os cafés, com grandes arizos á porta, em nome da policia, prohibindo conversas politicas! A Russia for um triz...»

É o visconde do Arneal, filho do Hyres de Campos, um derradeirinho ajamorado, anda ás voltas com o Mario Monteiro:

— Comtinuem nessa attitude digna, que nem cam!

É combinava cousas para o proximo comicio alfoimista, no domingo, procurando oradores academicos, agitando...

Muito interessante, o Sr. visconde!...
Voltei a casa, sem fazer novidades. Tudo
na mesma, tudo velho.

A questão acadêmica está definitivamente
de morte.

A' tarde, saindo de casa, calculava voltar
sem novidade, como de manhã; mas não:
arranjei uma fresquinha.

A' tarde do Luzitano, o Octaviano de Sá,
chamando-me de tarde, perguntou-me sub-
tilmente:

— Tem lido as Novidades?

— Tenho...

— ... e as cartas de Coimbra, que tal?

— Sim... bem não... é que...

— ... não minhas!

— Ah! Bem escritas, sim senhor! Te-
nho-as lido e com muito interesse. Tenho
gostado...

Elle então abriu-me em confidências mas
que me não lembram já. Só ^{um} caso que el-
le contou é que me lembrei porque me cau-
sou muita indignação: fôra-lhe contado pelo
alferes d'Luiz Antonio e o Luis Guilherme Nu-
nes de Carvalho.

Foi o seguinte:

Está alferes e o alferes Luis José de Motta
estando á janella — naturalmente da casa.

de reunião dos officiaes — do quartel do 23,
e, como de costume, sem fazer nada, viram
em frente, no jardim do Hyres de Campos,
(cande do Arreal) o filho visconde conver-
sando com o embathador João Paulo que
anda a trabalhar no galcio ainda em cons-
trução.

Ora este Paulo dizem ser um tanto um
quanto galeiro com um conhecido officario
agibador, Antonio Carneiro, orador galeiro
de grande vehemencia embora com algumas
folices; este Carneiro e conhecido na golicia
como anarchista e carbonario e quando foi
dos meoires galeiros de 12 de março de 1803,
foi galeiro que delatado para o Aprice sem
processo nem curso que se lhe galeiasse. Eu
gosto do homem, como gosto sempre dos gal-
reguidos, quando esses galreguidos são como
este, officarios intelligentes, honrados e tra-
bathadores.

Pois bem: os referidos galres, vendo o gru-
po, berravam logo para os outros officiaes gal-
regos, na justa intenção de salvar as ins-
tituições:

— Olhem o Carneiro a fallar com o vis-
conde do Arreal!

Ora, de facto, como bem adivido no ar o
medo d'uma greve officaria e como ho berrão
do comicio desordenado, aquella conversação di-

um budo de indorbaude e extraordinario...

Os seus defensores da gloria viram naquillo um herige; correram logo a parrel o herige que ameaçava a nação e a monarchia!... E o major bocha que parece sempre investido no commando das farras d'infanteria e cavallaria, alarrou-se; e na sua sabujice o que fez? Subiu ao governo civil e avisou o governador civil, de projectada revolta, de imminente conflagraçãõ operaria - desordem!

O que lá houve dentro não sei; o que sei é que dentro de pouco tempo o barbeiro era chamado ao commissariado de policia e o commissario advertio-o de que o barbeiro responderia por qualquer movimento operario; e alem d'isso, disse-lhe mais que tomasse juizo, que visse bem o que fazia, que elle se viriam tudo...

O barbeiro ficou admirado e sahio resolvido, quando reventasse alguma greve ou movimento operario, e correr ao commissariado e a rembar-se commodamente numa poltrona para mostrar a sua simplicidade.

Mas não ficou o caso por aqui.

No dia seguinte, creio, o caso esclareceu-se: o revolucionario não era o barbeiro, era o Paulo embalhador com quem o visconde fallava nas courses de circumnavegaçãõ do Galicio.

Foram dizel-o ao major Costa; mas este vendo o desprestigio e o ridiculo enorme que a emenda iria causar para os seus serviços incombustiveis e altos, disse que não ia desfazer o erro.

— Já agora, deixar! Não se perde nada.

Parece inventado. E no entanto não é. Po-
lhos defensores do monarchia!...

Eu fiquei obnubilado com tamanha malandrice, mas era verdade. E como verdade aqui fica como tudo o mais que escrevo.

Depois, no Luzitano appareceu o Alfredo Pimenta, o filho do Eu; o Pacheco; o Ignacio Carneira e outros. Conversou-se sobre a questão afegua da prohibição rigorosa e formal; e o Pimenta disse que sabia que alguns leites de medicina estavam resolvidos a regressar os alumnos que se abanessem a ir a actos só com a materia dada até fevereiro; que o que se deu quasi nada é, de modo que os não consideravam habilitados a exames; e disse mais que o Caeiro da Matta, de direito, ia mais alem: não comparecia aos actos se não houvesse mais aulas.

De modo que o conflicto se iria agravar agora, com... a greve dos leites...

Comi considerando varios a tal respeito e converso prolongou-se; e sobre alguma dia

tribuiu-se no café uma folha-manifesto, e
 com o nome de A cidade de Coimbra; ⁽¹⁾ e co-
 mo o Flôr alguresse embão, lá fomos pre-
 damentalmente, ao cobremado chá ao Margues
Pinto.

Ora eu estava com um pouco de lôtha e
 deu-me gana fazer uns versos...

Tiveram, porém, uma origem: de tarde,
 quando ia para casa, descendo a ladeira do Cas-
 tello, vi o Domingos de Freitas, o administra-
 dor do concelho, dentro do americano que
 sabia; fiz-lhe uma rasgada combincencia e
 perguntei-lhe sem mais dirde sem quarbo:

— Embão o programma?

Elle não ouviu; embreterim a gana do caso:

— O quê?

— ... o programma!

— Ah?

— Sim, o programma do chefe!

Mas elle não percebera ainda e eu berrei-
 lhe mais forte:

— O que é feito do programma liberal?...

Elle embão fez umos cáes peris; o thou gave
 o lado, pouco satisfeito e respondeu pómme-
 de:

— Ah! não se zenda, não se zenda!

Mas deu meida pórta.

(1) Março III = 48-E

Eu continuei o caminho a rir. Ora os versos
são não os seguintes:

Modo:

Chorae, fadistas, chorae!
Chora, oh pobre Portugal!
Que morreu de João Franco
O programma liberal...

Volta:

Ai filhos, que eu vou contar
Um caso que acussadem
da terra que Deus nos deu,
Pela bade á beira mar.
Olhem olhos q'ra chorar
E estes feitos fregaras
Pois que isto que aqui vai
E' triste de vos dizer
E q'ra não vos surprehender
"Chorae, fadistas, chorae!"

Na bade d'esta cidade
Onde nem q'ra estudar
Faltas d'aquele, d'alem mar
E diversa qualidade,
Flouze gente de maldade
Que jousou e jousou mal,

Grandes crimes sem equal
 Bem a gente de mecomica.
 Chora, bem, como a Veronica,
 Chora oh gente Portugal!

E ao João foram dizer
 Que o caso era nefando
 E que o fim miserando
 A republica era fazer;
 Que bem podia valer
 Ao governo cá do estanco,
 E elle eutão deu nuno avanço
 As ordens q'ra fechar tudo
 E Portugal ficou mudo
 Que morreu o João Franco!

Foi tão forte o escanciar
 Que toda a terra tremer;
 O gregio Mendega eutcher
 Té ás insuas transbordar;
 Era a balburdia sem jar
 Era um chiupium sem equal
 E a desordem foi tal
 Que o João, por tão baracho
 Deixou ir jar agua abaixo
 O programma liberal...

E' claro que os cofres muito bem cofiados,
 com letre disfarçada e mandei-os pelo cor.

reis, anomeyros, fora o Domingos de Freitas.
Quando sahimos, o Dr. Guineu Marques, con-
reue abráz de nós:

— Via juiz e cangaucha...

É mettendo-se no meio:

— In medicus... virtus!

Conversando, peguimos bairro de San-
to Cruz acima, e a Jofosido de Freitas disse
elle:

— Isto foi bem feito... Os franquistas au-
davam ahí com uma impertinencia... Eude-
de se abriram as aulas, no dia 8, ninguém
os podia aburar. Estavam convencidos que
tudo ia ás aulas... E olhavam fora nós com
uma impertinencia!...

É acrescentam:

— O Freitas, for exemplo: ia a gente a
passar e mesmo que se não desse fora elle, el-
le chamava-nos, dizia coisas, alegremente,
como quem tinha na mão a resolução do
conflicto, e a vontade dos países... O
Marquesinho os franquistas fallavam al-
to, lembravam que o João Franco fez, que
acabaria...

É depois com um sorriso que lhe é gen-
til e ganando:

— É agora?... Vejamos lá se elles agan-
cam!... Já ninguém vê franquistas em
Coimbra...

É era verdade. Os franquistas não agradeciam; davam a impressão de andarem em vergalhados.

É elles sempre a dizer que o programa liberal não fôra for agua abaixo! Não, não foi!...

Onde irá elle a estas horas!

Coimbra. =

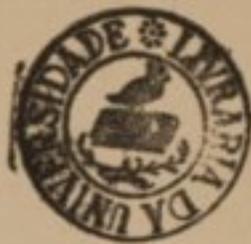
= 18 d'abril {5ª feira} =

Tudo, a final, acabou aborrecidamente n'uma nominalidade esbarrada.

Sabe a gente já a mais e mais nominalidades!

Assim me aconteceu hoje: os jornaes que sempre nada diziam de novo: nomeadamente A Luz dizia um artigo ininteressante com o nome de Os estudantes e a Jolibica; e além d'isto, a questão entre o meu amigo Pinto Coelho e o commissario academico continuava a dar de si.

De novo, afirmava-se que vinha realmente de fora para resolver a Universidade, o D. João d'Alarcão para resolver o conflicto: os leões já se haviam a annistia dos reos expulsos; elle serviria de intermediario para o governo; e o governo (arrastando em pecco) dava a au-



mistis, sendo as faltas dadas desde 8 d' abril não só aqui mas nos outros estabelecimentos d' ensino, e tudo voltava a funcionar regularmente.

Sendo assim, tudo iria pelo melhor e mesmo o Século dá como certo a nomeação referida.

Houve reunião da comissão, como de costume, no Quebra-bóbas, em casa do Mario Monteiro; foi passada agitada, tumultuosa, por causa d'um padre que subentendi dever reger com tudo, um padre alumnino do 4º anno de direito. Os outros insultáram-no chamáram-no he burro, malandro, etc, etc e etc, insultável, combinateu na sua evangelização...

Não sei como se chama o padre, mas é um padre ás direitas...

O Suflamento de caricaturas do jornal O Século, traz um bello retrato do Dr. Galvão acompanhado do respeitável nome de D. Jacinto de Paiva que não resisto a transcrever:

Quem sabe quintas de dymamide
 Com vida de pedras calcinadas,
 Pacho em linha de forja sem bom bocado
 Com braços quanto bastem, por zalgida;

Pese ao gado Hymalaya Hymalaya,
 Misture-a com vapor e com cuidado
 Deite pelito, ~~esse~~ refineado
 Deixe tudo ferver, depois agide.

Quando achar homogenea essa mistella,
 O que para de fazer, esta bem visto,
 Não precisa de mais, tire a panela.

Ponha em lugar de banho, borla a isto,
 Envolve numa esbelta gar cantella
 E eis pouco mais ou menos o ballixto.

E por hoje mais nada. Souvenha lembrei
 ao Dr. Guim Martins que podia agradecer
 fare a occasião uma grada de Voltaire á
 Universidade de Coimbra, no Candido ou o
 officinisimo e a que eu já me referi no meu
 Novo anno historico.⁽¹⁾

A' tarde recebi uma littera do Martins
 Fernandes, escripto de saudas palavras:

Saudas Novas - 17 - 4 - 207

Meu caro amigo:
 Chegámos bem. A recepção foi boa. Aguarda

⁽¹⁾ Vol. II - cap. XV.

dão-se ordens do ministerio da guerra. Não
 posso ser mais extenso. Um abraço, etc, etc
 (+) Martins Fernandes

Do mal, o menor.

Coimbra. =
 = 19 d'abril {6^a feira} =

Finalmente chegou a' cabo via o D. João d'Alar-
 cões para reitor da Universidade.

O orgão, isto é, o Diario Illustrado já
 traz os decretos de demissão do Viéga e o de
 nomeação do outro:

«Attendendo aos merecimentos e mais
 qualidades que concorreram no zephor de D. João de
 Alarcão Velozquez Sarmento Osorio, ministro
 de Estado honorário . . . » etc, etc.

Ors, quando jantava, meu Pai contou que
 o Costa Lobo (o lobo de mathematica) em con-
 versas intimas e confidenciaes com meu Tio
 Albino da Silva, lhe disse que bem procurado
 informar não só o José Luciano mas tam-
 bem o João Franco de que é necessario fazer na
 Universidade e que algumas cousas se não
 fazem de bom e de util.

Em primeira lugar, o D. João não, com
seus poderes; e como o João Franco não
quer ceder ao zelo mesmo finge que não quer
ceder, o novo reitor nem com indicações de
na proporção aos tempos como idêntica, unicamente
mesmo, o pedido ao governo para au-
misdiar os 7 expulsos e gerdoar as faltas dos
outros durante a greve; o governo atendendo
ao pedido que a Universidade fizera, accede
amavelmente e... ~~sem~~ ceder a impozi-
ções!...

Políticos!...

Em segundo lugar o D. João traz instruc-
ções para começar a reformar logo de começo
a faculdade de direito e dar indicações do bo-
da Lobo nem se afasta do serviço activo por qual-
quer razão os tempos Ballixto, Mossis Teixeira
e Pitta porque estes são, na verdade, uma
fonte de discordia e de barulhos: o primeiro
porque é doído; o segundo pela fama que já
não perde, de bruto e de dizer asneiras; e o
terceiro pelo imbecilidade que lhe apparecem com
a methice.

Além desta medida inadiável, entre as
projeçadas medidas reformadoras, parece
que ~~se~~ querem estabelecer a obrigação para os
leitores de conferencias publicas, sobre assun-
tos da cadeira que regem o que obrigaria a
uma certa afflicção porque naturalmente re-

riam lançadas a tachygraphia para conside-
rarem do respeitavel publico...

Ora o Dr. Costa Lobo, indubitavelmente,
com o feiticio que tem para ser trabalhado
para bem da policia do conflicto, informando
com verdade os factos e fazendo ver causas
que os dirigentes não veem porque parece que
os tem medo o medo republicano.

De resto sempre tudo pouco mais ou me-
nos na mesma. Entre os raios sempre
a consideração para iram aos actos mesmo que
não tenha a amnistia; as pessoas da comis-
são sempre a per. tumultuarias porque
como chegou a hora do ferizo de guardar o an-
no, não para lá alguns esbaldados ou enca-
minhados por feitas occultas ou embão de
baixa dignidade, accusar os da comissão de
desleaes, de serem conpromettido a academi,
etc, etc!...

Mas mas verdade não boas creaturas: se
alguem dos da comissão lhes diz que lhes garbe
a cara, que não metam no, julhas, etc, elles
descem escada abaixo e peguem immediata-
mente para casa...

E depois veem para os jornaes com decla-
rações.

No orgão (o Ilustrado) appareceram al-
guns d'elles, pedindo a cobriza do outro, o
Pinto Coelho dizendo cousas baniveis do commo

pad academica. Ehi nã elles, archivados para a gubernidade:

« Tõben interinamente de accordo com o a declaracãõ do meu prezado collega José Gabriel Pinto Coelho em que se cometta á commissãõ academica o poder fallar na imprensa em nome de todos os estudantes da Universidade. De este modo deixo lavrado o meu protesto contra o voto unanime da academia de que a commissãõ se fez echo.

(2) Filippe Ferreira Henriques
(do 4.º anno de Direito) »

E' filho de José Ferreira Henriques, a nobre-
ral de S. João de Lourosa, Districto de Vizeu.

« Perante o compromisso verdadeiramente extraordinario que a já celebre commissãõ academi-
ca fazese querar tomar em nome de toda
a Academia de Coimbra; grande os poderes
quasi magestáticos que, sobre a maneira de
resolver o actual conflicto ella se arroga — jul-
go meu dever declarar que nunca deleguei no
dãl commissãõ poderes de esgiza alguma; o que
comprende a dizer que a nada do que elle de-
terminar me julgarei obrigado. A attribude
que eu off arbitramente tomar goda estar
em officãõ flagrante com as conclusões de

de comissões, mas fiz de estar em absoluto ac-
 cordo com a minha consciencia. E isso me
 basta.

Coimbra, 18 d' abril de 1807

(*) José Pereira dos Santos Cabral
 (da faculdade de direito). »

É filho de Manuel Pereira dos Santos, na-
 tural de Travanca, concelho de Mangualde,
 districto de Vizeu. É caloiro de direito...

« O abaixo assignado, estudante da faculdade
 de direito, declara categoricamente que, como
 membro da Academia, não delegou poderes al-
 guem na comissão central academica que fo-
 ra ali os arroga, reservando-se o direito de
 proceder conforme a sua consciencia e as cir-
 cunstancias lhe aconselharem embora vá de
 encontro ás resoluções tomadas pela comis-
 são e assumido exclusivamente a respon-
 sabilidade dos seus actos.

Coimbra, 18 de abril de 1807

(*) Pedro Ferrão. »

É filho de André Ferrão, natural de Covin-
 lhão. É tambem caloiro...

« Não sendo, como a minha escriptura, a
 comissão academica central formada publicas

as affirmações que fiz na reunião do dia 15 do corrente, rezo-me obrigado a lançar mão deste meio para afirmar que não dei áquella comissão poderes para me representar em qualquer parte ou para fazer em meu nome quaesquer declarações.

Coimbra, 17-4-98

(e) José d'Almeida Barreiros Tavares
alumno do 5º anno juridico.

É filho de José d'Almeida Bembo, natural de Fundo de Villa, concelho de Penafiel do Castello, districto de Vizeu — e presidente do Bembo catholico democracia christã.⁽¹⁾

Aqui ficam os nomes, filiação e naturalidade, para não esquecer; se apparecerem mais combinatei nestes dados e no mesmo trabalho de lhes transcrever as declarações.

De modo que, nas reuniões da vicaria, uma parte da academia — oh! mas felicemente bem sabem! — começa a bancar a attitudede firme que tem mantido e isto depois das academias de Lisboa e Porto se declararem em greve, de se terem prejudicado por causa

⁽¹⁾ Nas ultimas eleições foi proposto delegado nacionalista, no meo não auguro pelo circulo de Coimbra. {Nota a 10-VIII-98}.

de de Coimbra e de opiniões esbar favoravel
aos rezares. Quando o terrivel João Franco
começa a gender para a clamação e a desin-
berassar-se da questão, é que um certo nu-
mero de nasbejadores, de rabujos, com medo de
os bombarrem como republicanos começa a en-
garchar uma questão tão bandida e tão juoba!

Assim, per-thez-he mais facil arraujar
um logar, um empenho para o ministro, en-
cambiar aertbas as forbas dos gabinetes minist-
teriaes. É pois necessario e bom exger bem
claramente e no orgão officioso que não ho-
maram garba em curso alguma, que foram
extranhos á questão, que nada beam com os
deserdados que fizeram a greve...

Eu não souheço nemhum dos quatro esbu-
daes cujo nome ficou acima; mas hei-de
ver se os souheço porque talvez me lembre se
elles andáram nos primeiros dias, nos bari-
thos que impediram o funcionamento das
aulas. Assim foi o meu condiscipulo Alis-
lau Gonçalves: quando a academia levou
em triumpho José Eugenio Ferreira, elle,
ao lado de Francisco Pocheco, dizia enthusias-
mado:

— Ora! É um instante emquanto se dá
um rei e dá outro!...

Mas agora, como já gôde gender o aumo,
e como bem ouvido o Alvaro Basto, já torce

a questão e já houve quebra de compromissos.

Encaminhando o alferes Alberto dos Santos Pereira Monteiro, do 23, obteve confirmação do caso do alferes Carneiro, tal como o casei aqui a p^o 92.

Fallei á noite com o Bernardo Pedro, peço que o ineducavel franquista, accusando os republicanos de intolerancia tal como Lutero e Calvino proclamando a liberdade religiosa mas mais intolerantes que os outros...

Pobre Bernardo Pedro! o franquismo submete-o a gosto de fazer comparações como esta que aqui vae!

É insidioso que o visconde de Almeida é quem tem abrigado a questão academica, em Coimbra...

O imbecil visconde de Almeida!... só os franquistas não caezes de o elevar a tão altas honras de agitar e conceder-lhe a justa e merecida honra de mover a massa dos nazifreitas que tem chuchado com elle á grande e bebido nos cafes, alguma coisa é isso mesmo...

É para acabar, as novidades já dão o gosto de o D. João d'Alarcão trazer para Coimbra, como ideia pura, o pedido de amnistia...

Como tudo custa!...

Coimbra. =

20 d'abril (sabbado) =

Só é tarde nahi. Comencei-me de que é
imobil sair de casa para saber novidades; de
de continue esmagadoramente no mesmo
pé. Escreve-se o D. João d'Alarcão como quem
escreve, depois da lucta, ver desferir ao longe
o symbolico ramo d'oliveira.

Eue nemha e que a faz seja commosco...

A esquadra da Beira continuava as gubri-
thas de cavallaria desde o largo do Parbagem
até á Praça onde mora o José Eugenio Fer-
reira, no fim de combas, sobre victoria amon-
rada ao gozo de celebridade!

Das manhas d'algumas lojas cujos do-
nos são d'idos faz mais ou menos republica-
nos, vê-se o reboto d'elle, nemha bella gho-
tura com dizeres encarniçados por baixo.

E a gho-rito, hoje o D. Luiz Marbier, no
café Marques Pinto disse-me uma coisa in-
teressante a respeito do José Dias Ferreira,
quando lhe fui dizer que apresentasse para a
Presidencia um reboto do tempo em geral
que nem nemha gho-ria de Domingos Botto trans-
cripto no baucioneiro alegre de Camillo.⁽¹⁾

⁽¹⁾ 2º vol.º, p. 36 {2ª ed.ª}.

O que me disse foi que a Direcção da Associação Commercial de Coimbra, fôra-lhe Jouve levar-lhe (ao José Dias) o diploma de socio honorário como fôra d'uns favores que queriam que fôra aqui não vêem nem em pai que fôram. O homem recebeu-os na sua casa de Quinta das Baumas e como era natural fallou-lhe no conflicto a que o filho dava incensuravelmente a causa.

E quando todos se queriam ver o metho ministro, o incomparavel rábula, o ambigo parlamentar e jurisconsulto aboar a Universidade, ou quando muito a faculdade de Direito, elle começou censurando o movimento, defendendo a faculdade e com o fôro geral dos assistentes affirmou que a referida faculdade era o metho cargo de professorado garbuzer, que era a faculdade de metho orientação scientifica, e que o movimento academico era promovido por meios duros de garotos e indigado por outros meios duros de mães.

A comissão como comissão, acabou as graças do metho ministro do esquerda-dynas-ta, mas certamente de bocca aberta...

Quem certamente disse isto ao Dr. Quim foi o Villaca, presidente de Associação que se com o resto da direcção, na missão grande da entrega do diploma.

Aqui fica registado.

Andei um bocado, é noite, com o Bernardo Pedro, irreduzível sempre, irreconciliável com o movimento. Chama ao João Chagas por causa das Minhas razões (no Janeiro) um tolo...

É já que fallei no João Chagas, que bello o artigo d'ha dia, que hoje vem transcrito no Mundo! É uma das Minhas razões e refere-se á phrase do João Franco na reunião das maiorias:

— Pois bem: façam a republica depressa; aliás eu lhes garantto que não th'a deixaremos fazer.
Commeuça assim:

«... Fazam a republica! diz elle. A republica para o chefe do governo é uma coisa que se faz. Mas façam-na depressa, accrescenta, já que se assim não fôr, não th'a deixo fazer.

Quer dizer, se os republicanos não se decidam a fazer a republica nestes dois meses mais chegados, adeus republica! Não ha mais republica, nem proximo, nem remota. O progresso já se jára, as ideias járao, os homens járao. O tempo de hoje jára-se. Não ha mais tempo. Para tudo, até os relógios. É tudo isto em virtude de quê? — Pelo vontade do chefe do governo.

Este homem omnipotente tem assim a grãdeza de patir ao carizinho da historia, da

se lhe atravessar deante e de a não deixar
 avançar. A história é gigantesca e o homem
 é minúsculo. A história passa, põe um pé no
 terre um homem e esmagá-o como um dos
 nossos pés esmagá um ticho de carvão. No en-
 tanto o homem afé-se a que a história passe.
 «E' gregresco.»

Mas os franquistas não percebem isto,
 não vêem isto..

O franquista, acima da história, dos acom-
 tecimentos d'hoje e até das convulsões psí-
 nicas, vêem um sub-reino unicamente
 te, uma verdade foderosa e ammisciente,
 um ser invariável e creador, um ser unico
 e indescindível para que o sistema es-
 nico funcione com regularidade; sim, ve-
 em somente a unicamente... quem?...
 Deus?...

Não; veem o João Franco.

A questão d'alguns maninhos não quere-
 rem que a comissão que trabalha em boim-
 bra tome deliberações em nome de toda a aca-
 demia nas augmentando.

Homem deixei escritos quatro nomes;
 pois hoje não mais que fizeram idéias de
 larações.

«E' bom enumerá-los... Um dia, quando

elles foram algumas cousas e da tribuna ou da
 imprensa allegaram aos quatro ventos a sua
 incontestada fidelidade e o seu immaculado
 caracter, eu, consultando este pinellas e desgra-
 tencioso diario, ri-me-lei com vontade...

Mas chi ficam. Alguns logo escaldar, mas
 se dar gelo apegam... zás! já ficam logo.

E é ver os nomes que me a grossa das
 mãos consegui agarrar:

Antonio Ferreira Bodelho — filho de Manuel
 dos Anjos Ferreira Bodelho, natural de Villa-
 Real; é do 1.º anno de Direito.

Jose Maria de Galves de Sousa d'Alte Es-
 garosa, filho de Bernardino Galves d'Alte Es-
 garosa — natural de Lisboa; é do 4.º anno
 de Direito.

Jose d'Almeida Correia, filho de Manuel d'
 Almeida Correia, — natural de Sequeiros, Dis-
 tricto de Vizeu; é do 5.º anno de Theologia.

João Pedro de Sousa — filho de Urbano
 Benedicto de Sousa, natural de Mirandella;
 é do 5.º anno de Direito.

Jose Antonio de Sá Miranda Guedes — fi-
 lho de Joaquim Roballo Guedes, natural de Co-
 ritha; é do 2.º anno de Direito.

Por consequencia o Pinho Boetho com os
 quatro d'haubem fazem cinco; com os cinco

que s'hi ficam hoje, já são dez. E o numero ha de subir, certamente.

Fallando com o meu coadiscipulo Aguiar, contou-me elle que o Dr. Luis Maria da Silva Ramos, o decano de theologia, pregou antes de abrirem as aulas o jurar-se a grêve com algunos alumnos da sua faculdade; afinal foi comido e hoje no Seculo vem uma declaração do Maria Monteiro affirmando este caso e intimando o leute a publicar a lista com o nome dos rapazes.

E por causa destas cousas, destas questões-nhas de vis rasbejadores (não thes acho outro nome) a comissão central academica tem feito um certo numero de declarações pensadas e hoje nos jornaes vem uma outra que diz:

« A comissão central academica de Coimbra para não prejudicar assumptos de interesse colectivo a favor de questicuillas sem urgencia, resolve determinar esbo perie de declarações affirmando o seguinte aos rigoristas das censuras e comissões:

1º: Que em harmonia com os poderes de que foi investida em assembleias geraes ha de continuar a manter a dignidade da academia visto que para tal fim não the foram impostas restricções algumas.

2º: Que declarem ninguem ir ás aulas ou aos

exames para o indulto geral porque não pôz que
esses cobradores fossem coerentes na sua linha
de conducta visto terem mandado as duas gréus
e subsistir ainda de já o mesmo motivo que os le-
vou a proceder assim.

A comissão. »

Vamos a ver onde nos tudo isto garar! Sui-
ze dias de férias desde a Gaschoa, com as três pe-
manas de março, cinco semanas e isto tudo no
mesmo!

Onde está a rara energia desse presidente do
conselho?...

Coimbra. =

= 21 d'abril [domingo] =

Só nahi de tarde, porque hoje foi domingo...
Na baixa encontrei o Balthazar Teixeira de quem
aqui já tenho fallado e perguntando-lhe o que ha-
via de novo, disse-me pouco mais ou menos o
que o Aguiar me disse no vespero a respeito da
intervenção do Dr. Luis Maria. A comissão lá
descobriu tudo e pouca que eram vinte e sete as
assinaturas que havia na tal declaração em que
se compromettiam a ir a actos; pouca que era
um serviço que o referido leute queria apresentar
com arguimento ao João Franco e que tudo foi feito

com conhecimento do governador civil. Ora, n' esta altura chegou o Ernesto de Miranda que é secretario particular de José Lobo; e ouviu e ouviu-me, como quem sabia e não dizia...

Nisto appareceu o Floro e despediu-me do Balthazar peguei com os dois até ao Luxitano onde eu interroguei a tal respeito o Ernesto, mas este (mascaração como é) nada me disse e respondeu com evasivas mais ou menos agradadas. A unica coisa a perir que disse foi que não acreditava que o João Franco concedesse a amnistia aos rapazes.

Appareceu tambem o Pacheco que contou a clareza o caso:

A commissão soube que ~~era~~ o Dr. Luis Maria andou trabando de jubiar rapazes para ferárem a greve e depois para irem a actos (caso fosse a solução do conflicto o haver actos proximos, sem amnistia); soube até quem eram os 27 rapazes que tinham assignado a declaração; e tambem — um pouco quichotescaamente, na verdade — tomou sobre si o dever de se constituir em ~~um~~ tribunal e mandou internar os rapazes (desses 27) que estavam em Coimbra a comparecerem na sua presença.

Foi tambem uma bella coisa: houve e hoje appareceram alguns que desmascaráram tudo — os imbecis! — e felizmente veio a lume que esse tal movimento que a maioria de aca-

davia queria fazer logo conseguir furar a greve quer das aulas quer dos actos, não passava d'uma grebada sabijica de 27 honras que queriam passar nos seus actos com mais facilidade.

Conseguiu (cito aqui os nomes cujos nomes o Pacheco me disse por os ver lá) por exemplo o Sergio Ferreira da Rocha Ballisto, do 5º anno de medicina, graduado no 4º anno⁽¹⁾ que se desdizse, que assignou sem ver o que a declaração dizia, que metten os pés zelas mãos a que sahio emverganhado; conseguiram José Maria de Proença d'Almeida-Garrett (catolico) filho de Dr. Gonçalo d'Almeida-Garrett leute de mathematica e José Taveira de Carvalho, ambos do 5º anno de direito, que depois de se defenderem a um interrogatorio feito por varios membros da comissão foram mandados embora, sendo votada por maioria a sua falta de dignidade e de caracter o que incluia o voltar-se-lhes as costas quando se encontrásem; conseguiu José Tavares Lucas do Couto, do 5º anno de medicina que declarou que no primeiro dia de greve, a 8 de abril⁽²⁾ fêra á aula por equivoco (!) e sendo-lhe perguntado se tambem assignára a declaração por equivoco, titubian, foi absolvido e trocado por

⁽¹⁾ Jáa fazer acto de licenciado na faculdade esta vez... Sua desinteressa!... (vota a 12-II-909)

⁽²⁾ Ver pº 10.

todos os presentes. Interessante quadro, este!...

Deves qu'isto lembrava-se o Pacheco quando os vira.

Interessante que devia ser a scena; passada mesmo pela acanhada do Mario Monteiro, no meio de rages que nem mais nem menos se constituiram em tribunal d'hora para julgar da dignidade e do caracter dos conflagrantes!

O Pacheco deu-me uma carta do Pedro d'Alcambano, que recebera de vendas novas e que me cedeu para aqui ficar no diario:

Vendas novas: 20/4/207

Caro Francisco:

Acordo ainda a tempo para cumprir a promessa que fiz de te escrever assim que chegasse.

Lembrei-me que era melhor esperar algum tempo para poder dar-te algumas informações mais certas.

Estou melhor, muito melhor, do que julgava poder estar.

Passo fome, mas tenho dinheiro; durmo pouco de noite mas durmo alguma coisa de dia.

Como tenho dinheiro vou almoçar ao Hotel Brasílio uns dias; em outros, vou a um restaurant a que chamo, por harmonia chimica, o «restaurant ambinómico».

A verdade, pelo menos aparente que a of-

fidelidade da escola tem que nos tratar bem, tem desgosto a minha gossa muito o seu favor.

Se estivessemos genuinamente acomodados deve mol-o ao nao franco e nao á Escola que nao tem culpa de estar falha.

Calcula, 122 ralgres em aves de rapina sugaio todos minha escola que perue algumas gars algumas desceus d'algeres!

De casernes em que duramo ficamo mais dez ralgres, todos bons, mas cuja bondade nao aquece o frio dos nossos dias — pois a caserna é larga de — meu evita a correspondencia criminoso do ar que corre das jorbas velhas gars o tecto esburacado e deaba gars aquellas... provocando nos verdadeiras explosões de tosse.

So: genuinamente te poderei dar informacoes mais cautelosas gars, gar escrito, nao corrigo per fil e preciso; digo muito ameira e gar um serbo gars.

Um exemplo de inutilidade dos officiaes — cavidade todos os dias gars o jantar dois ralgres com quem brincam e folgam, com probabilidade, mas nota bem, sempre militarmente, gar causa das cousas.

Recomendo-me ao Pimentel, é rapazinho de conhecida e ao Aguiar e quem desejo que agradeças a carta que me escreverem hoje.

Dize-lhe que amanha taguey the envie um postal verdadeiro.

Adens, bom amigo. Um valente abraço de
bom amigo

(c) Pedro d'Alcântara.

Piñonesca, como é, não precisa comemorários,
e certo que ali fica.

O D. João de Alarcão sempre chegou hoje no
raizido das 9 horas de noite; no estação alemã
do governador-civil, tenente-coronel Dias e do
comissário de policia, estavam só... progressis-
tas. Sem um franquista, disse-me o meu
Pae que tambem lá foi, nem um!

Elles andam dançados por todos the lau-
carem em rosto que mais uma vez o José Lu-
ciano esbodeu ao João Franco a sua velha
mas valente mão salvadora!

E como o novo reitor é progressista, e todo
de José Luciano, esboderam que assim la-
uravam o seu Roberto.

Vamos a ver se elle sempre traz o desejado
ramo d'oliveira, o symbolico bandeira de Joe!

De resto... as notas officiosas, a respeito d'eo-
te ultimo trazer instruções para trazer do in-
dulto e ter accedido o logar sob essa condição,
afirmação categoricamente: « nada d'isso é
exato. »

O João Franco não transige!

Por isso os seus partidarios the chamam n'

um arruabamento enorme « o grande honorem! »

O grande honorem!...

Mas adiante: outra declaração da comissão central:

« A comissão central académica desmarcha os votos dos jornaes afirmando, em face das declarações prestadas na última reunião por alguns estudantes considerados surdinhos, que é absolutamente falso ter alguém zangado em trair a causa da academia. Coimbra 20 de abril.

A comissão. »

Coimbra. =

= 22 d'abril [2ª feira] =

Quando sahi levava a intenção de ir ver a Zorse do reitor, mas foi tudo á Zorba fechada. Juntou-se Zorbe na via-labura Zora ver, mas a Zorba do palle dos cadellos fechou-se lambalumbando na casa dos circunstantes.

Na loja feliz, onde conheci jornaes conversei com o Tavares, (Francisco Luis Tavares), um bello açoreano, com quem troquei impressões. Este, acrescentou mais algumas cousas ao que haubem o Pocheço me dissera acerca do Lucas do Baúto:

Este ultimo chegou a afirmar que o tal Sr.

Barreiros Tavares, presidente da Democracia
Cristã, incumbê-lo a arranjar, com a comissão
 para tal nomeada e manobrada a occultas ge-
 lo Dr. Luis Maria de Silva Ramos, umas 200
 e tal assignaturas para declaração de ir e rebos,
 as quaes, juntas com os milibares, dava um
 numero de pagizes referien a 300, e assim
 havia numero para a Universidade funcioner.

Era este o plano que elle declarou, assim
 como o já citado Taveira; mas quando os ou-
 tros da conjuração pouveram desber dois se de-
 rem deixado caer nos interrogatorios, incul-
 taram-nos, desconfuzeram-se uns aos ou-
 tros e tudo se desmanchou.

Os paubos catholicos!....

Quando conversava e me informava, en-
 trai me hoje o referido Sr. Barreiros Tavares;
 me me estavam uns pagizes que se calaram e
 ficaram a olhar para elle; e elle com boa zousa
 vergonha que embren, rohiu muito mabulimen-
 te e peguiu o pau caminho.

Como eram horas de reunião da comissão, o
 Tavares e o Ignacio Barreiro que tambem appareu
 foram para o Quelera-costas; passavam tempos
 de pobre-casaca e chadon alto para a fosse do novo
 reitor; o bonre da Universidade tinha bandeira
 e for pignale que esparozada e eu desei á bai-
 xa onde encontrei o Bernardo Pedro que ainda
 cada vez mais zangado e irritado com as cousas.

Eu, para chuchar zenguebei-lhe:

— Porque é que você também não fez declara-
ção nos jornaes?... É modo...

— Não ligo á comissão indifferencia para isso.

— Não heu...

— Além d'isso não considero a comissão boa
pelo seu constituição e não sei mesmo se que
reunião elle foi eleita. E por outro lado acrescento
que consta que para daes comissões não foi eleito o
sr. Mario Monteiro ao qual mego confidencia
moral e caracter bastante para poder dirigir
uma academia.

Islo é textual porque o escrevi em frente d'el-
la e elle mesmo o ditou.

Esta verdade o franquismo não é um partido
é uma raia.

Voltai ainda á alta e na rua Larga o Balthazar
Teixeira disse-me que um grupo de notables, apre-
sentados pelo Roberto Junier (que é das relações
do D. João d'Alarcão) procurou este e exigir-lhe,
com a maxima franqueza, toda a questão, e fel-
sciente da attitude da academia.

Da fozdo, quando meu Paé o foi visitar, na
casa em que habita na couraça de Lisboa, ainda
mãra uma sua Tia, elle disse-lhe, e respeito da
questão:

— Hai-de ver o que se póde fazer... Eu não
meinho com más intenções... Vámos a ver...

E acrescentou:

— Os rapazes já ali estiveram comuço ás vol-
tas...

Mas mais nada.

O Balthazar Teixeira disse-me mais que na
comissão se providenciava já para que o Mario
Monteiro não tivesse a assignar coisa alguma
em nome da comissão, porque de facto, como
não deem tido que dizer aos rapazes, fegam-lhe
porque o Mario Monteiro arroga a si a presiden-
cia e a direcção da Academia, o que lança sobre
o caso um certo ridiculo.

Ara a verdade manda que se diga o seguinte:
a comissão reune-se em casa do Mario Mon-
teiro, presidida, como aqui já foi dito, pelo
quintanista Laroeg; e como é na casa do Mario
que se reune, que escrevem, enfim, que se
trabaha, a correspondencia tem sido dirigida toda
para «Mario Monteiro, Quelera-costas, Coimbra»
com o fim de centralizar tudo e figurar um uni-
co nome para evitar confusões. Além disso o
Mario é que tem trabalhado mais na parte ma-
terial de escrever cartas, redigir officios, fazer
communicações e algumas vezes assignava:
«pelo comissão, Mario Monteiro.»

D'agui o fellar-se de elle por o director dos es-
tudantes, quem queria tomar a direcção do mo-
vimento, quando elle, na the a verdade, sempre
representou um papel secundario. Mas como
em Coimbra o rapaz se bem tratado um pouco

ridículo quer ser um enorme chrysanthemum
que traz perfume no boutonnières quer pelas suas
probações litterarias, quer por outras causas, os
franciscistas não se fariam de dizer:

— Ora vejam! O Mario Monteiro é que di-
rige a academia!...

Aqui fica sobre o assunto a verdade nua e
crua. E foi esta a razão porque a comissão resol-
veu que tudo o que mandasse para os jornaes fo-
se assignado por "a comissão".

Trocando mais impressões com o Balthazar
que eu considero muito, ficámos indecisos
quanto á resolução do conflicto; o conflicto afigu-
rao-nos-nos em terminal ponto de interrogação.

A' noite fui fallar ao Sidonio, á Escola
Brotero; o homem estava, recebeu-me, como de
costume, muito amavelmente; disse-me que o
Sr. Cunha procurado para lhe dar conta d'aquillo de
que elle mais em meos me encarregara a para
lhe dizer que não tinha ido á aula porque — disse
lho o mesmo — fiz como o presidente do curso.
Lho: desinteressar-me...

Fallou-me em varias cousas, mas não sei o
que lhe achei que não gostei da sua attitude.

Não gostaria elle de lhe eu contar o que os alu-
mnos de Phisica fizeram ao Dr. Teixeira Bastos?
Tomaria elle a minha visita como homenagem,
agora que parece isto encaminhar-se para bom
caminho?

Não sei. O que sei é que nahi de lá, com a
 impressão vaga de quem não ficou com a cons-
 ciência tranquilla.

Na balçada encontrei o Gloro que andava
 com o seu amigo Nicolau do Fonseca e pu-
 biendo jure e alá com elles, o Nicolau contou-
 me o caso seguinte que aqui fica registado:

Este Nicolau é empregado do Banco de Portu-
 gal e faz actualmente serviço na agencia desta
 cidade e tem por collega um rapaz sobrinho do
 Dr. Luiz Maria de Silva Ramos; ora no 1º dia
 das Vésperas do José Eugénio Ferreira, o Dr. Luiz Ma-
 ria foi á agencia do banco falar ao sobrinho
 e contou-lhe a seguinte manifestação que tinha
 havido ao candidato, acrescentando que o rapaz
 iria ficar reprovado porque os honrosos se tinham
 combinado e chamou a esta combinação univer-
 sitaria.

Depois, quando se deram os primeiros scan-
 tecimentos, o mesmo Luiz Maria achou tudo
 symétrico, dizia mesmo ao sobrinho que
 os rapazes tinham razão e de facto, como isto
 constava elle teve um rey (em 1 de março)
 uma manifestação d'agredo á Parba-janea,
 manifestação que eu vi porque estava lá, nes-
 sa occasião.

Mas, finalmente, como era necessario en-
 combrao cullados o mesmo Luiz Maria assignou
 o accordão que expulsava os estudantes.

O sobrinho no dia em que appareceu esse documento descreveu com o tio e da discussão resultando o rapaz abandonar a casa do mesmo tio, com quem vive, na ladeira do Seminario, pois que lhe chegou a dizer as ultimas.

Com esta substancialisima descripção segui para casa, encontrando na minha rua deserto, e que seguia para bellas, ainda mais deserto, uma pennolenta garrucha de cavallaria.

Boiuteria =

= 23 d'abril (3º feira) =

Comença o calor e como hoje, de manhã, me appareceu que se requeria um dia de verão, deixei-me ficar por casa.

De modo que as grimeiras nobicias foram-me dadas por meu Pae que as recebeu do correspondente do Seculo: e foram ellas que os rapazes que hontem estiveram ás voltas com o novo reitor estiveram hontem movendo com elle; o D. Joao VII (como lhe chamam os jacobinos) recebeu-os muito bem mas foi-lhes dizendo que tudo o que elles queriam seria de mais... etc, etc, e resumindo propoz-lhes a seguinte solucao: a Universidade abrir-se, os rapazes iam todos ás aulas e elle, fundando-se na normalidade dos trabalhos escolares, pro-

queira — e afiançava por a sua glória de
honra... — ao governo a amnistia dos rebeldes
exilados.

Um dos rebeldes perguntou:

— E V. Ex.^a dá também a glória de honra
de que nem a amnistia?

— Isso... bem vê... — disse o D. João Simões
daquelle — que não posso afirmar, essas
coisas não sou eu que mando...

E ficaram nisto.

D' tardeahi e logo no Luzitano encontrei
o Siquis Carneiro com quem conversei e que
me informou do que se passára nas reuniões
em casa do Mario Monteiro.

Commece a haver questões. Hoje o Bissaya
Barretto e o Mario chegaram-se; o Bissaya
pediu a demissão, o Mario também, e com a
falta do Larocq que tinha feito para aquelles pre-
sidenças, começavam as questões e abanda-
lhar-se.

Conseurei uma tal coisa; não se devia dei-
xar cahir as reuniões nesse estado; era neces-
sario energia, era necessario fulso para conter
aquella gente na ordem e fazer ver que era a
morte não só do conflito mas da propria
academia não somente as dissensões inter-
nas mas também o confecerem-se cá fora;
isso iria dar alima aos estudantes que obra-
vavam contra e ao novo reitor cujas idéas

ções boas começámos hoje a pôr em duvida.

O Senacis depois foi para a alta e eu fiquei com o Pacheco e com o Lucendo Ferjáz (quindonista de philosophia); e sobre pôr a questão de gosto do receber nestes termos:

— A verdade é esta: o D. João é jolibico; não passa por ser de uma grande honradez e mesmo glaura d'haura de jolibico, para mim, nada vale. E quem nos diz a nós que isto tudo não é um truc do João Franco para nos fazer cahir? Elle a firma que se o governo não der a amnistia, pede a sua demissão e nós podemos combinar no mesmo já... Mas que vale isto? Não será tudo combinado já e não serão estas as instruções?...

E escreveu-me mais baixo:

— Porque bem vêem que se nós começámos a ir ás aulas, elles poderão começar a demorar a amnistia, a demorar, a demorar... começando a esquecer... e depois, para que nos perca a demissão d'elle se elle a pedir? Nessa altura, a graça, é que se não tenha a fazer; mimido, é certo, não irás ás aulas, mas como é uma pequena memoria gondera o auno... os outros não a são... Eis a arueditha!

De facto, com raciocinio, já exposto no commissão é razoavel e infelizmente verdadeiro. Não será isto a arueditha que resultou das conferencias do D. João com o João Franco?

E a reunião d'hoje, em casa de Maria Mourão, renovou esta resolução.

A attitude é no fim de contas expressa por estas frases: "a academia não se deixa coimur!"

E agora, de mais a mais, que ha a certeza de que estes tão poucos rapazes que querem ir a actos não fessam dos 27 já desmascarados, agora é combinar para a frente e reger as blandicias (embora sob galarias d'haura...) do novo reitor que pará muito bem, para mesmo offício suas... é politico.

Embora para as aulas para a amnistia para perder tudo; depois começavam os rapazes a reunir-se bem e a pensar em fazer nos actos; os expulsos começavam a esquecer... e tudo ia por agua abaixo! Seria a queda de tudo quanto se tem feito de nobre e digno!

Os jornaes contrarios ao governo combiniavam no seu tarefa de assegurar que os rapazes não se rendem; dizia a Lucta:

« Por ora o que ha e registar é isto — a firme resolução em que estão os estudantes de não voltarem ás aulas nem irem a actos nem que possam acorregual-os os seus colegas expulsos. A sua causa está ganha, etc. » [de 23 de abril]

E as Solidades, no seu constante githérie não

cerca de chegar "ao fanfarrão" como lá chamam
ao João Franco; o numero d'hoje diz:

«É verdade que nós, a respeito do illustre chefe
deste governo temos uma opinião antiga que hoje já
sabemos garantida pelo faz iceiro: o honravel
tem... bicho carijunheiro no corpo.

«Não se de estar quieto.»

É a respeito do facto de só progressistas se des-
pedirem ou esgerarem o novo reitor, diz:

«Façam favor de ler nos jornaes da manhã
a lista das pessoas que foram honravel á estacão
do Nocio despedir-se do D. João VIII. Tudo progres-
sistas retintos. Francuistas... nem mais, fare me-
mente.

Oh! negra ingratitude! Já lá uma pessoa poeri-
ficar-se fare servir... o seu amigo!»

Tanto em Lisboa como em Coimbra, nem
um francuista!

Já é, no verdade, ingratitude...

Mas, continuando a gamear com o Pacheco
dize-me elle que tambem é noite foi procurado
pelo Nicolau Goncalves que lhe disse ter sido um
dos 27 rapazes que assignaram a tal declaracão;
fare consultal-o e disse mais que assignara por
conselho do Dr. Alvaro Basto.

Admirou-se por ouvir do Pacheco a formal resolução de não ir a actos nem ás aulas para a amnistia.

Ho. de por sempre o insensuravel Nicolau, o abstenido Nicolau que se matriculou em Calcu-
lo diferencial porque era uma cadeira "muito educativa..."

Coitados dos imbecis !...

Encontrámos o Aguiar, o vario Aguiar, que se nos declarou inimediatamente — segundo a sua forma gítonica de procejar — "incondicionalmente ao nosso lado..." e como tal se gabou para rubir a laureas de Lisboa com o Pacheco.

Eu fiquei a encontrando o António Martins, disse-me este que o novo commissario de policia (pois que o que estava a ir para o Judic) era o major reformado d'infanteria António José da Costa e Cunha que foi capitão no 23 e hoje é franquista em Taboa. Bom homem, muito serio, mas fraco.

Teremos.

É a resgito do caso que contei⁽¹⁾ do visconde do Ansel com o agrario Carneiro, disse que escrevi com toda a franqueza o Ernesto de Miranda do organo de que foi victima o pobre artista; elle fez-se de móvas suas ficas — re-

⁽¹⁾ Ver pg. 92.

quando disse — peizente... E hoje, nas Novidades
 vem uma carta do Visconde desmuntando varias
 cousas a respeito da sua intervenção na greve e
 entre outras diz:

«... 2.º: É igualmente falsissimo ter conferen-
 cias de qualquer caracter com o ogerário barucino
 que hoje difficilmente conseguiria gorguanto foi-
 rre ha dois annos agantado rumos das ruas de
 Coimbra e desde então não mais o vi.»

Por aqui se vee veudo o quanto leva essa noção
 do dever errada e idiota de muita gente que quer
 salvar as instituições. De quanto ridiculo se não
 cobra o major Costa e os meninos alferes se tudo
 se descobrisse como eu contei anteriormente?

Continuarei a olhar pelo caso; no dia em que
 o barucino — ogerário infeliz — correr ge-
 rigo, não terei duvida em desnuar carar esses
 laes pervidores da monarchia!

Coimbra: =

= 24 de abril {4.ª feira} =

Finalmente, depois de quasi dois meses de
 aturadas e consecutivas reuniões das comissões
 academicas, consegui vencer o minha timidez
 e assistir hoje a uma dellas.

Desci pela rua do Quelbra-costas, metti ao beco da esquerda e resolutamente entrei pela casa do Mario Monteiro. Subi uma escada acanhada; ao cima ha uma porta que deitava para a sala e que estava tapada com raios de sol.

Consegui, no lico dos pés, olhar para dentro. Em volta, pendidos mais ou menos convenientemente, havia muitos raios, agitados uns de encontro aos outros; e gelo chão, sobre umas das paredes já velhas, grande quantidade d'elles estendidos, pendidos com linhas cruzadas, acocorados, etc.

Visto o aspecto geral olhei para as caras...

Oh! ingénios e bons raios!...

Lembrei-me da frase do João Chagas e respeito do jornalista Barbosa Botelho: « elle é, na politica portugueza, aquelle sujeito que nos bailes de mascaras, conhece todas as mascaras... »

Lembrei-me e disse de mim para mim:

— Eu tambem conheço as mascaras...

Em primeiro lugar, quem presidia era o quintanista de medicina Antonio dos Santos e Silva, conhecido e futuro chefe da faculdade; conheço-o ha bastante tempo e tenho como creature pouco segura. Ainda parece com os outros e é muito soberbo e ha pouco tempo, em Paris, ainda, numa americana, ouvi eu elle censurar o movimento academico ao Dr. José Bruno de Cabedo e censuras asperamente.

Se era sincero João que ia alle á reunião e que
ridir? Se o não era, dava mantença a um mes-
tre...

Depois, olhando para o chão, vi o Bernardo Pedro,
de cócoras, olhando de proboio para um rapaz que fol-
ta e que naquele momento chamava casmurro
ao João Franco. O que fazia elle ali? ouvir piunhas
mente o que se dizia? passar o tempo? Bom fran-
quez não gostei de o ver lá...

Altoz delle estava o padre José Fernandes Faria
do 3º anno de theologia e que tomava parte activa
na discussão. A este padre accuso o Bernardo Pedro
de ser o delegado do visconde do Anual para aju-
dar a conservar este fogo pagado da intrusão ignea,
por conta dos derradeiros aljornistas.

Do lado deste estava o reverendo Solgueiro —
Joaquim Bonfim Solgueiro — do 5º anno de theologia,
fauzado e pereno, como canjele a um zezador...
mas rei garçô mas desconfio delle.

A uma janella estava o Sergio Ballisto, já aqui
citado, um dos 3º que assignaram a tal declaração
e que agora vai ás reuniões, arregandido, coubita-
mente...

At' garto, a ouvir, estava o Lucas do Bauto, tam-
bem já aqui citado e que pela mesma assembleia
foi accusado abertamente de burro, de imbecil, de
estupido...

Ara precisamente quando eu cheguei discutia-
se o facto de as autoridades não consentirem me-

nheuma reunião dos estudantes excepto aquella em casa do Mario Monteiro Zorquer o que lá se resolvesse logo cá fora se sabia.

— Onde estão pois os delatores? São os vizinhos de baixo, dos lados? é a gente da casa?

— É talvez conveniente mudar de casa, abriam um.

— Procurem os traidores aqui dentro e deixem-se dos vizinhos — acrescentou e com razão um outro.

Com vista disto e depois de discussão — Zorquer os rapazes nada fizeram senão a indizgensavel retherica — ficou resolvido que a comissão eleita no dia 1 de março e que tem funcionado, nomeasse uma outra comissão, mas secretamente, cujos membros ficassem encarregados de saber quem seriam os delatores do que lá se passava dentro e no caso de o saber de o dizer por intermedio de um unico membro (o unico que ficaria conhecido) á assembleia, mesmo que fosse deante do Zorquer accusado. Teria uma especie de policia secreta, uma especie de delegação inquisitorial mas necessaria e util nas qreentes circunstancias.

O Mario Monteiro Zorquer mesmo que os nomes dos estudantes que fossem conhecidos como traidores fossem postos em grandes letras em cartazes, Zelas esquinhas, para que todos vissem.

Ora enquanto isto se discutia, eu não cessava de olhar para o Bernardo Pedro; fizis-me alguns

não a sua presença ali, calado, para regatar com
 curso alguma.

Por isso eu disse: ingénios e bons ralzes!

Fallou-se depois da poluição do conflicto.

Contou-me então o Pastora Junior, um pyrrhithi-
 co ralze, cárs ralzido, museno, jezveno, mas muito
 vivo, deotando intelligencia; e goz o que loutem
 se jansára com o D. João d'Alarcão goz que elle fêra
 quem apresentára o grupo de estudantes que estêve
 "ás voltas" com o reitor.

Contou-me então que lhe expusera tudo ás claras; as
 informações que jrece o tal Sr. Barreiros Tavares
 forneceu, afirmando que mais de 200 estudantes
 iriam ás aulas se ellas abrissem, eram falsas, jo-
 dia elle, reitor, acreditar. E regelir o que dissera
 n'um crecendo d'entusiasmo:

— Breis V. Ex.^o que estamos resohidos a não
 ir ás aulas nem aos actos. E se alguns quizerem
 ir não os deixaremos!

A discussão generalisou-se.

O João Dalqueiro com um gafelinho na mão
 onde tinha apontamentos, começou a falar, jaus-
 damente, com muito perreuidade, querendo concu-
 liar a dignidade com os interesses da academia;
 nem pó uma, nem pó a outra causa...

O Alfredo Franco, bo cárs de verzejador, queri-
 do das ralzarigas, rezgou-lhe com um leve
 mas muito concisa argumentação que não era
 possível conciliar as duas causas; e como lau.

nesse dos cantos uns "afogados" o Padre Salgueiro disse pouco lentamente:

— Eu rezando, senhor presidente, eu rezando...

Falou também o Lanoco, com a sua graça própria, e ficou a propósito; e assebou-se em que se devia ir dizer ao reitor categorica e definitivamente:

— A academia de Coimbra não vai ás aulas nem aceita os actos agora, como foi usado pelo governo; afirma que nenhum estudante faltará a isto mas na hypothese de alguns faltarem e irem ás aulas, os outros, invadindo as aulas não os deixarão funcionar e não faltarão. Para combater se necessario fór, com a gloria. Tornamos pois V. Ex.^{ta}, rezamosavel pelo acanhecimentos grandes que sobrevierem!

E o Pestana, que é anarquista, acrescentou com movido:

— E eu, senhor presidente,erei um dos que hão-de ir preparados para lutar. Se o governo nos offere uma provocação nós reagiremos. De com outros. E eu sou o guerreiro!...erei dos guerreiros a cahir sempre por um motivo, mas gloria!... não estou aqui para outro caso! E se me vier... nada se perde!

Immediatamente se quiz nomear uma comissão para procurar o reitor; mas afirmou-se logo que elle não estava, que tinha ido a Lisboa, o

que fez dizer (meio) ao Larocq as seguintes judi-
ciosas observações:

— Estou convencido de que o Sr. D. João d'Alar-
cães Xezia de Lisboa a auctoridade mas naturalmen-
te ordena, tambem, para jogar até á ultima. A
auctoridade peria o ultimo cartucho. E de mais elle
foi suggerido pelo Barreira Tavares que lhe trouxer-
am os boes 200 ou 300 alumnos para as aulas...
Ora como tudo isto lhe appareceu muito differente de
que parecia de longe, foi a Lisboa conferenciar com
o João Franco. Um homem que bráa glorioz jode-
res que necessidade tem de ir consultar o João
Francos dois dias?

Essas observações calaram no animo de todos
e resolveram-se que auctoridade iriam falar ao ho-
mem se elle já cá estivesse.

Depois a discussão proseguio, com episodios en-
gracados, por causa de uma teimosia de um rapaz de
direito, Barreira da Rocha, acerca de uma proposta
feita á comissão e que motivou o seguinte episodio:

Dizia elle, indignado, esballeira ao vento, rian-
do, sem querer, em ão.

— ... porque eu profuz na ultima sessão, por
consideração para com a comissão...

E o Larocq, indignado, abalhou:

— Hei-bis, senhor D. Villão!

E logo um outro:

— ... ou não vendes coração!...

E' claro, o episodio ficou resultado em riso.

E poriam 4 horas se cerrou-se a sessão (tinha começado á ~~esse~~ ~~meia~~ tarde) marcando-se para o ordeni do dia de amanhã 1º: ouvir algumas esboudanças que tenham feito declarações nos jornaes, se elles lá fossem; 2º: assentár no que a academia deuria fazer em qualquer das hypothèses que o governo apresentasse.

A parte da sessão assistiu o Jayme Luzarbe Cortezão, estudante da "Medica" do Porto, e que foi meu condiscipulo no Lyceu.

Fizeram-me um calorosa recepção, e elle disse que no Porto tudo continuava na mesma attitude intransigente e que até um dos estabelecimentos de ensino (se a memoria me não falha o Instituto commercial) exigia, além da annuidia, o numero d'aulas perficias até ao fim do anno lectivo. Isto provocou da parte da parte da assembleia uma ruidosa manifestação de sympathia.

Depois de pahir e combinar com o Pacheco em fazer afastar o Bernardo Pedro daquellas reuniões desci á baixa, aos jornaes.

Realmente o Bernardo, nas melhores bo-fé go-dia combiar causas ao Freixas e este, como goliatico, não querer pagar de nada e combiar ao governador-civil ou receber qualquer causa de inforta-ção que se dêre lá.

Nos jornaes e mesma causa; os derrideiros e republicanos continuam na ~~mesma~~ tarefa pyrrifica de alimentar o fogo sagrado:

«... Não insultem as crianças porque ellas se mostram mais intelligentes e mais affectivas que os homens, praticando a solidariedade como a eu-
tendia o famoso Heleno. O egoismo é a lei moral
dos nossos dias e na sociedade portugueza elle não
é só feio é tambem estúpido.

...
 Não se esqueça a gente das más qualidades de
 tantos homens barbudos a ver como se afirmam
 dignos e berrosos os ralzes ainda sem buço.» (A
Lucta, de 24 de abril.)

É o órgão do franquismo combiema na mesma
 estúpida babugem...

Vem tambem a noticia de que um grupo de
 paes se reunio na Real Associação d'Agricultura
 em Lisboa, para decidir cousas.

O Balthazar Teixeira contou-me mais que es-
 tes paes foram ao João Franco e produziram-lhe
 a abertura das aulas ou os actos; que o presidente
 do conselho lhes disse que mandava abrir as au-
 las ou começar os actos se elles se responsabilis-
 ssem pelos filhos; que para a certeza de que seria
 gente para a Universidade combieman aberta, não
 a mandava abrir:

— Não quero subjair-me a outro fiasco, co-
 mo o do dia 8...

Isso affiançou-me o Balthazar e é interessante.

Os zacs, em vista disto, quasi todos disseram que não iam violentar os filhos, e deixavam fazer o que elles quizessem...

Os jornaes dizem mais que uma comissão d'esses zacs vem a Coimbra, para conversar com os leões...

Estão arranjados!

Os Novidades transcrevendo a noticia da Joz se do reitor, encerra-a zelas zelaunas: «Real! Real! Real! Por D. João VII, intellectual!» Segue a noticia:

«Seguidamente, os decaes das faculdades de Theologia e de Direito por Dr. Lino e Galvão e o rectorario da Universidade dirigiram-se á sala do throno onde já estava o pm. D. João observando e farda de zar do reitor sendo ao zaido as suas condecorações.»

E termina zar com a seguinte puzgla seguinte:

«Depois, houve beija mãos.» {Novidades, de 23 de abril }

Quanto ao Illustrado vem cada vez mais infame. No artigo de fundo, referindo-se a intervenção na greve, do Dr. Luis Maria de Silva Ramos (já fallado aqui) chama-lhe comissão educa-

Siva e comparecendo-o ao Dr. Bernardino Machado
diz o seguinte:

« O Zimereiro (Bernardino Machado) foi um
agradador — e não tinha o direito de o ser, sobre tu-
do enquanto não se houvesse demittido do lugar
que occupava no corpo docente da Universidade; o
pequeno (Luis Maria) é um adrecedor, proceden-
do em harmonia com o seu dever profissional e
até em harmonia com a logica e o bom senso. »

Curioso.

Neste mesmo numero veem mais quatro de-
clarações, como as anteriores, sendo uma delle, a
do celebre Girão que furou a greve no Zimereiro
dia de aulas, e que foi enviada para o jornal ca-
tholico A Palavra, como as outras tres.

Não merece duvidas que o honorem é jesuita.

Mas se ficam para publicar ás outras:

« De harmonia com o anterior procedimento
na questáo da greve, faço ténção de ir a actos, se
os houver, não obstante quaisquer resoluções toma-
das pela Comissáo Central Académica de Coimbra.

Américo d'Amorim Girão
(Do quarto anno juridico)

Estremoz, 21-4-907. »

É filho de Custodio Ribeiro Pereira d'Amorim

Ginão, de Fátima, districto de Vizeu, e como
se disse, do 4.º anno de Direito.

« Sem. redactor:

Querendo ser coerente com as afirmações au-
teriormente feitas devo dizer mais uma vez, e
uma maneira clara e categorica que sou ambi-
guedista. Não tendo passado em Coimbra pro-
vação alguma para ser meu agir reservo-me o
direito de proceder em todos os meus actos, cuja
responsabilidade eu totalmente assumo, segundo
o criterio da minha consciencia e impulsos da mi-
nha livre vontade.

Tribunais, 22-4-97

« Abilio Pereira de Araújo. »

É filho de Joaquim de Azevedo de Araújo Couto,
natural de Tribunais, districto de Braga, e aluno
de Theologia.

As obras duas idênticas na essencia e na for-
ma são de:

Carlos de Azevedo Mendes, filho de Manuel
Marcos Mendes, do concelho de Torres Novas, do 1.º
anno de Direito; e de

Antonio Pereira da Silva, filho de Antonio
Maria Pereira da Silva, do concelho de Tondella,
Vizeu, do 5.º anno de Theologia e 4.º de Direito.

Este ultimo, começa com a declaração de sua fir-
meza e gratidão:

«Sou redactor:

Desejando ser inscripto na galeria de honra do Mundo, faço a V. a fineza de ... etc.»

Transgôrta (de p. 116) 10; com mais 4 d'hoje
somma tudo — 14.

Depois do jantar, na baixa, a mesma coisa.
Nada de importante. Esgravam-se os galãs e en-
tre elles o muito irascivel Reis Torral.

E até ás onze da noite, conversando e garrui-
ando com o Floro, modo que appareceu diguo de re-
gisto alem das garruchas e raudas successivas da
cavallaria zelo meu bairro e zelo estrada da Beira
por causa do José Eugenio, e a esplendida noite de
lunar, sem humidade, que fazia fugir a nossa
imaginação, ha quasi tres semanas envolvida
em cousas bem barreas, fazo cousas bem diver-
sas. Fallou-se vagamente em garras, em pu-
theras, enquanto zelo rio acima, meu barquito,
zembé garrava, cantando qualquer coisa que se
zordia ao longe, faz entre os palmeiros das mar-
gens.

Coimbra. =

25 de abril {5: feira.} =

Hoje, pouca coisa. Com o calor que faz, deixei-

me ficam por casa, arrestando por entre livros e folios, a minha irrederivel indolencia.

A certa altura telephonei para o Freitas, e em breves horas disse-me, como que casualmente:

— Oh meu major! Quer fazer um favor ao Bernardo Pedro?

— Diga...

— Veja se lhe diz que não vá ás reuniões da comissão academica...

— Elle vai lá?

— Eu vi-o lá hontem. A razão dir-lhe-ei depois, porque não é coisa para telephonear...

— Bom, está bem, eu digo-lhe.

E assim consigo afastar o rapaz das reuniões onde a sua presença seria surtida.

Depois,ahi, é tarde, mas não vi nenhum dos rapazes conhecidos; no Lusitano a mesma coisa; commentarios, diverties, offensas...

E assim fui, novamente, para casa.

Quanto aos jornaes:

O Correio da Noite anegela-se todo porque o jornal desordenado O Dia vem como um damado gela a actividade dos rapazes;

Os Novidades fizeram o requerimento do republicano Francisco Borges promovendo processo ao João Franco por fazer distribuir o seu discurso nas reuniões das maiorias para as formalidades ou exigencias da nova lei de imprensa!... e

entre outras cousas lançou a seguinte bisca :

«D. João V^o acceueitou os acadêmicos de Coimbra a cabedular perante o governo.

Ora ste que enfim se sabe o que elle lá foi fazer.»

É o Tribuna Popular, de Coimbra, esse seu caucetrada diz seu artigo de fundo, pelo nome do catedrático Oliveira Guimarães :

«Sim!

A Universidade não pôde contentar-se com a amputação de cirurgia urgente que se traduziu na eliminação de sete pretensos discipulos.»

É sempre aqui fazer umas emendas.

O seculo d'hoje diz o seguinte :

«Houve no domingo, á noite, um conuicio no Beiramar, onde falaram diversos estudantes sobre a questão acadêmica. As 7 horas da manhã do dia 23 alguns estudantes fizeram uma conferencia na feira de Santa Clara, enthusiasmandos-se.»

Ora este conuicio foi o seguinte: no dia 22, um grupo de estudantes em que entrava o pequeno-mista de medicina José Augusto de Oliveira e

Vasconcellos foram fazer uma fandeza á Beem-
cauba. Quitánada, carbonia, o diabo...

Isto fez jumban govo e o calor do vinho fez
como que a certa altura a mesa da ceia fosse trans-
formada em tribuna; houve discursos vehemen-
tes e o govo ouvia e achava graça.

A ceia, como é costume prolongou-se zela
noite adiante; quando saíram o pol estavam
ellos em S.^{ta} Clara, tomando ~~os~~ o fresco...

Era o dia de feira de gado; jumbou-se gente
para os ouvir tocar e ainda em restos do vi-
nho provocaram novos discursos.

Eis a verdade sobre o comercio e sobre a con-
ferencia a que o idiota do correspondente do Se-
culo deu curso tão estupidamente.

Coimbra =

= 26 d'abril (6.^a feira) =

Bommo estava calor fiquei por casa. Só á tarde
nahi, á cata de novidades, que desde a entrada do
acabecimentos na monotonia em que estão,
quasi não existem.

Andei de um lado para o outro e eis penão
quando encontrei o Ernesto de Miranda, secre-
tario particular do governador civil a quem che-
guei e com quem comecei falando.

O Ernesto, bom delegado do chefe do distri-

eto, começou logo a bravar contra a comissão acadêmica, contra o Mario Mambais, « um gutha » como elle disse, e a vergilô do qual accrescentou mesma sua gumentaria de mysterio:

— Sei causas delle, que se o meu amigo souberre !...

Eu aculei-lhe a sua lingua e a vontade de deambulá-lo contra esse gobre diabo com laivos de futuro pocio da Academia real das sciencias; quasi o fiz fallar e elle então, indignado, como quem bria na mão a refutação do ralgz contou uma engenhosa historia duma memoria que bria garfiar um arrumamento duma cope forte do tio da glaupe requestada para que um gajel gregioso não compromettere o gae do Mario Mambais-ro !...

O cego franquismo !... Como estas cousas se immentam !

Eu, quando o Ernesto acabou, ri-me; elle deu parte com o riso e quando iamos a voltar é cargo e eu a dizer-lhe que se quizessem deslustrar os ralgzes não se permitiriam de argumentos tão reles, chegou-me a nós o indignado commissario de golicia, o major Cunha.

A conversa veio cahir, porque eu a fiz cahir, no insuccesso da sua escolha para commissario; e elle, com a sua voz um pouco faheira, explicou:

— O meu neto o alferes: eu disse ao conde de (o governador civil) que para reorganisar a goli-

cia, precisava de um subalterno, embora a título de interino; que não queria por nomeado pensar também como interino, porque se podia dar mal; que queria mais gente para o cargo de polícia e com bom recrutamento, dando fora uma certa quantidade de imbecis, etc, etc. Mas...

— Não quiz...

— ... como não quiz... não temos nada feito...

— Foi melhor assim, meu major: que necessidade tinha V. Ex.^{ta} de se metter em causas...

— Bem vê: eu gostava de ser agradável ao conselheiro e mesmo ao partido. E com franqueza, nas relações em que estou com o João Franco... pois, queria ser útil.

— Ora, meu major!... isso é...

Mas fui interrompido bruscamente pela presença terrífica do tenente-coronel Dias.

— Oh Ernesto, como vai você...

E o Ernesto, sabendo que eu não queria ser apresentado ao homem, volta-se para mim:

— V. Ex.^{ta} dá-me licença que lhe apresente um dos meus poucos amigos... etc, etc.

Veio á ~~esta~~ convenção o caso da não aceitação do Cunha para commissario; o Dias desculgava o conselheiro José Lobo e de curso em curso, com uma loquacidade extraordinária veio a combater e pôs estreis como official em commissão na policia.

Eu estava com attenção e dizia de mim Gama
mim, vendo o pai entusiasmado vaidoso no co-
lorido da narrativa :

— Mal sabes tu que o que dizes me tudo Gama
o Gama !...

Mas elle contava : fôra quando ha bastantes
anos o João Franco dissolvera a Associação
comercial de Lisboa. Tinha então cinco dias de
serviço na Gólicia e fôra encarregado de ordenar nas
ruas ; conferenciara com o ministro, este dera-
lhe certas instruções, mas a respeito de bernan-
das algumas dissera :

— O resto é conforme o seu critério e o
seu bom sauze...

Está cousa de o resto fizeram-me cocegas... Que
diabo !... o resto !...

Mas lá foi.

No Terreiro do Paço, de dia, houve ajuntamento,
to, chiupim, o diabo ; abiraram-se á Gólicia, co-
meçou a bardoada, houve granchada de crear bi-
cho, gente ferida, Gólicias feridos, o Gregório Dias
agachou, foi, enfim, um paritho terrível. Quan-
do se vio puchar da grande graça Gombalina,
com os seus honores a puar, liugando de pau-
que os chausathos e a testa, disse Gama os seus
botaes :

— Fil-a bonita ! estou arranjado... O João
Franco desanca-me...

E pobre o auxilíen, táciturnamente, foi

ganhar. Amargurado ganhar!... e meio chamou-nos ao telefone: «meu depresso! o Ticio transborda de gente! salve as instituições!» (a ultima agostinho é meu depresso...)

O Dias foi.

O Ticio estava aginhado; havia barulho certamente; pediu reforço e troça de municipal e o seu olho luziu quando viu descer um esquadrão dos lados do barão! Estava tudo salvo: combateu com a policia, a gente d'um lado; fellou ao capitão (que disse ser candidato) um tamagueti, com bivaras piquetas e zás! quando tinha tudo cercado de policia, fez o signal, a cavallaria cahiu em cima da multidão, acubilararam a torto e a direito, o fogo abriu brecha no cerco e irromperam para todos os lados, deixando gelos espedas piquetas de sangue.

— Foi um paritho!... dizia elle com a berrugela em molimentos, como o cardeal Turo da baia do Julio Dantas.

O que é verdade é que tudo se passou; mas depois tornando a fazer:

— Estão bem amarejados! desta vez é que vou á nella!...

Foi á esquerda, tomou os seus aginhamentos para um relatório e eis quando o chamaram ao ministerio do reino:

— O Sr. ministro deseja-he fallar!

— Oh co'os diabos!...

E lá foi, tremulo, esse terrível Dias, que fizera fugir meia Lisboa, há umas horas!

Um vez na presença do João Franco este disse-me que contasse o que acontecera. Minudamente, com precauções, fixando a cabeça á sua jardineira, contou tudo... a revolução na rua, a queda das instituições, os gritos altamente subversivos, a grande data de franchada que deram, os ferimentos na policia, os hospitais cheios de manifestantes contínuos, as ruas tintas de sangue d'irmãos...

E o ministro, depois de ouvir callado, levantou-se, estendeu-me a mão e despediu-o com a seguinte phrase a que elle dava o potage beirão:

— Muito bem! o xarior comprehendeu muito bem o meu gouzanamento...

E quando o Dias, cheio de enthusiasmo acabou esta phrase, do grande honorem, olhou para nós com o olho maroto que lhe luzia na gelle trigueira de amulhado, como quem diz:

— Embão que dizem vocês a isto?...

Eu, modesto official d'infancia provincial, fiz uma leve venia, como de admiração profunda por tão alto feito d'armas e por tão elevado e tão piucero conceito...

Depois, como receasse que o minha conversasse com tres personagens de elevada gerarchia politica e policial, despedi-me precipitado, despedi-me e desci ao Marques Pinto purificar-me num banho republicano com o Floro e o Nicolau do Fom.

peça que discutiam a uma mesa um caso brio-
do da nova lei da imprensa — e com os olhos
pudi imediatamente vê-lo, depois, levando em
conta na memória a phrase conceituosa e — oh!
estantemente! — bem pinçada do João Franco, fe-
licitando o Dias e esquecendo a tudo o que hou-
vera de brutal no regresso:

— O senhor compreendeu muito bem o meu
juízo!...

Como elle, a esta hora, deve estar generoso de
não poder dizer — quando felicitasse o Dias tri-
unphante, no seu regresso, depois de deixar esten-
didos varios academicos — essa mesma phrase
tão conceituosa e tão profunda!

Coimbra =

= 6 de maio [2.ª feira] =

Quando, no dia 27, me preparava para o almo-
ço em seguida ao qual iria saber noticias, um
telegraphema que me annunciava a morte de Lici-
nio Silva, obrigou-me a partir immediatamente
para Lisboa no sentido que d'ahi a uma hora pas-
saria em Coimbra.

D' agora, mettendo umas cousas no mala,
esqueci-me de levar comueigo este caderno su-
de assentaria uma vez por sobre algumas cousas;
assim, vou tentar lembrar-me do que ouvi e do

que vi durante os nove para dez dias em que estive na capital de marmore e de granito, tendo ao lado um masso chronologico de jornaes.

Durante os primeiros dias não pensei em nada de questões, impressionado com a morte gravatada do que eu considerava já amigo; de quando a quando jogava meu jornal e lia qualquer coisa, com o desconsolo de ver que as duas declarações continuavam infamemente.

Ouvia falar vagamente em reconposição ministerial; ouvia insinuar que a greve se não mantinha; mas sobranceira a todas as impressões havia a triste impressão que sentia, vendo que só de Coimbra haviam declarações contrarias á greve e que, de Lisboa e Porto, haviam protestos firmes de intransigencia.

Que gens me causava tudo isto! Como se ia atolando um generoso movimento!

Logo no primeiro dia, a 27 de abril, quando jantei no Franco, encontrei o meu contemporaneo da Escola do Exercito, hoje tenente de archiveria, José Marques Alogueira, que foi ajudante do Sebastião Telles quando ministro na ultima situação progressista. Como sei que elle é todo de rua dos Alvarozes, perguntei-lhe:

— Então o João Franco, vai ou não vai abaixo?

Elle, com o feitiço dubio que o caracteriza, ainda honrando a alcinha de franquismo que tinha na Escola, disse que sim, que não... e terminou por

afirmar que na 2.^a feira seguinte (29) haveria conselho de ministros no qual se resolveria a queda do franquismo ou a recondição; que o José Luciano não queria dar a ministros progressistas, mas o que era certo é que a situação estava geriditante...

— Os pelagres sempre fizeram algumas coisas...

— Olha que a greve tem sido o diabo!...

Está grande a minha formal confissão, attendendo a que o Algueira é muito de nós dos navegantes e vai casar com uma filha do Eduardo Villaca, que foi ministro dos estrangeiros no ultimo governo progressista.

Contente, José, escrevi quando acabei de jantar uma carta ao Freitas, contando o caso; e sahi do hotel para de novo voltar a Sete-rios, lembrando-me de que as novidades da vespera, applicavam ao caso o rituello da Grã-Duquesa:

Deixis d'avanço
Terminis a sanganho...

Sempre o mesmo, o Sr. Barboza Coler!

Os jornaes que cantei, pouco se adiantava além da noticia que um grupo de gazes, de Lisboa, se reunira na vespera e ia tomar o caso á sua conta enviando uma circular aos outros gazes; que o Diario do Governo publicara na vespera o decreto exonerando o Bernardino Machado, de lente; que de Coimbra garbaram para a Beira dois estudantes em viagem de propaganda; e que parece que

a maioria dos rapazes da Universidade continuava intransigente.

Compreendo, no dia seguinte, 28, os jorneiros, vi um curioso artigo de fundo no Seculo acerca dos sete exfalsos e que vale a pena ler; vi que os leites de direito não publicam um livro em que grovarão que o seu methodo de ensino está á altura dos tempos modernos e certamente... regenerar a todas as calumnias; e que os galegos continuavam no mesmo afanosa missão de tudo confundir e harmonisar o que deu logar a um bello artigo, no Lucta, do Brito Camacho.

No segunda-feira, 29, tive ao almoço, para que o commandante me visse, o Salgueiro, o inimico faldado Salgueiro; lá amarejára licença em Meja, viera no vespero e lá é noite outra vez para o convento.

Perguntei varias cousas e elle contou; mas o que aqui merece menção é a seguinte:

Os cadetes tinham umas horas para estudar; e uma tarde, a umas horas, meus camaradas, por signal que me "pella dos engomados" os rapazes estavam uns jogando, outros deitados, outros lendo e um recortando luchos para o concurso do Seculo.

Á certa altura entre o commandante da Escola Prática — o meu querido ex-commandante do 23, Pedro Celestino da Costa — e vi aquillo tudo, mas não disse nada. Regraudo, jorneiro, no

recorte incoerente dos luchos lembrou a conveniência do estudo... lá os luchos do Seculo, que diabo! isso é que não...

Schim, e d'ahi a pouco entrou o official de serviço aos cadetes, lembrando a inconveniência de, ás horas do estudo estar a recortar a lucharia do Seculo...

(Polvo Celestino da Costa!)

No correio da manhã chegou-me a Resistencia, e trazia de novo o manifesto (já aqui referido) do Partido de Guentel, mas com as assignaturas todas em que se vê não só representado o conselho de decaus que assignou o glorioso acordão, mas muitos importantes da politica... Representante do conselho de decaus vem o Dr. Julio Augusto Lauriquez, já bacharel em direito e está no 3.^o anno de philosophia; representante da politica está, entre outros, o conselheiro e zar do reino (da ultima jornada) José Luis Ferreira Greine, está no 2.^o anno de direito.

A Lucta, vem com artigo de fundo assignado por José de Luaghaes:

« É agora a situação é melindrosa porque a verdade não pôde já evitar o recuo, nem cair do na indignidade. A culpa é de quem deixou que as coisas chegassem a este ponto. »

Outros jornaes trazem uma gortaria do rei.

mistério do reino, sendo-aos noszinhos do Lyceu fraternalmente, amigavelmente...

«Attendendo a que os acontecimentos produzidos em alguns Lyceus do Paiz no decurso do corrente mez, devessem contribuir-ae ás influencias exteriores mais do que ao proposito deliberado dos alumnos Lyceos que nelles tomaram parte;
«Tendo em vista... etc.»

É nos januaes de tarde quinta e nove que o commandante da divisão absolvera os dois cadetes que foram accusados de bater na policia quando esta invadira a Polytechnica no dia 8 de abril «... tendo-se sabido que as partes carregadas da policia não eram a expressão da verdade.» [Solidades, de 29 abril].

Assim é que é. O general bravo Lages tinha na sua mão um código terrível; achou-o cruel para um caso daquelles, não o applicou.

Se fosse com os primeiros leões de direito!... bater na policia!...

É assim que se fez o dia glorioso de 29 de abril, o primeiro aniversário da Carta, com bombadeamento fingido no Tejo e bandeiras nas casas officiaes.

Assim no dia seguinte, subreflexivamente, o creado do hotel metter-me fez debaixo da Carta, de minha mão, uma carta.

Pelo subscripto vi que era do Freitas; curioso,

saltei de casa e abri... e li casei interasse e com
um sorriso o pequenito: ⁽¹⁾

29-4-207

Meu caro Biliario

Saudes gravidas.

Então queda?! Facilmente acreditamos o que
desejamos.

Ha hoje conselho, ha recomposição e nella ordem
teremos ministro novo fabricis.

Mas queda e indulto isso é que não.

O principio de autoridade e ordem salvo. E' as-
sim que Jesus bleuanceau mandando prender
anarchistas e anti-militaristas por causa do 1º de
maio.

A Liberdade, igualdade e fraternidade é uma
formula de glorificação mas que é oca para todos os go-
vernos desde os mais conservadores aos mais radi-
caes.

.....
Poco para não me metter perto com noticias
alarmantes para mim mas muito agradaveis pa-
ra o Mario Monteiro.

Quando reunire o seu verdadeiro

(*) D. de Freitas

⁽¹⁾ na Coll. Cartas - I, 72-A.

Curiosos estes franquistas!... Esta carta é um documento bem interessante!...

Em janeiro vi que uma comissão de rapazes, em Coimbra, procurava o reitor da Universidade e lhe disseram:

«... far uma vez que a academia portuguesa resolveu: 1º: não entrar para as aulas para concorrer a actos antes da admissão dos pte estudantes expulsos. Isto não quer dizer que abandona as suas anteriores reclamações mas tão pomente que, no caso de admissões dos pte camareadas resolverá a attitude a seguir então. - 2º: não concorrer a actos, mesmo dada a admissões dos pte, enquanto lhe não for concedido um periodo de aulas para o conhecimento integral das materias.

At resposta do Sr. D. João de Alarcão foi a seguinte:
— Eu nada tenho que dizer. Estou insbirado.» (O Sembo, de 30 de abril.)

Vi também que uns rapazes foram ao Porto, continuando a propaganda; e que o reitor, na viagem, andava em Coimbra, fazendo visitas, ao que as novidades acrescentavam: «De regresso; — já se deixa ver...»

Chegou no dia seguinte o 1º de maio, da festa dos trabalhadores; há dois meses que lá iam os acontecimentos determinando da greve e o governo

modo resolveu de Jorjão ajeitar de per alvinhado de governo de rana e quasi unica energia!

Em dois meses não surgira um raio de luz na noite caliginosa da teimosia franceza!

Alguns agora os Jofás vieram dar um novo aspecto á questão com a sua intervenção miraculosa; os jornaes annunciaram que começára a distribuir-se a circular alludida já e que meu Paé tambem recebera e me guardou.

Esta circular Joro meu Paé foi entregue por Bernardino Rago d'Alte Engargos, um analfabeto rico, Joro dum memoio já citado aqui⁽¹⁾; elle proprio a veio deixar em casa de meu Paé.

O zelo!...

Nessa circular allude-se á disciplina, á ordem publica, á dignidade Jorçal, e varias cousas me nos á amnistia dos 7 exilados... esses peté... aos quaes, como dizis o chefe, elles disseram tambem:

— Jxo é que não!...

Iniquávam Jofás de todas as cores e de todos os feitios; e era nesse Jofel que todos Junham as esperanças de uma futura civilização!⁽²⁾

E junto, vindo já a Jofinha feito nos seguintes dizeres Joro que não houvesse trabalho e ajeitas a desfese minimo de 5 reis...

Bil-a:

(1) A H^o 115

(2) A circular nao affere a esta Jofinha.

Lisboa, 26 d'abril de 1907.

Ill.^{no} e Exm.^o Sr.

Tendo-se reunido alguns paes de familia, com o fim de combinar a intervenção que no interesse de seus filhos poderiam ter junto dos Poderes Publicos, para evitar a perda d'anno escolar e ulteriores consequencias da continuação do conflicto ou questão academica, foi lembrado — como era de razão — o nome de V. Ex.^a para ser igualmente ouvido e consultado sobre o caso, resolvendo-se perguntar a V. Ex.^a se por sua parte e de seu filho concorda em proceder por esta fórma e prestar a sua adhesão.

Parece-nos, claro, que as providencias a tomar para fazer cessar o conflicto sem prejuizo para os membros da Academia e suas familias dependem, em primeiro logar, de se poder ou não assegurar o restabelecimento da ordem e regularidade escolar, terminando dissidencias ou fazendo cessar quaesquer imposições para deixar plena e absoluta liberdade de apreciação aos estudantes que d'ella possam e queiram usar, intervindo os paes, não só como naturaes conselheiros e primeiros amigos, mas como legaes representantes dos filhos que ainda sejam de menor idade, cumprindo assim deveres, que só a elles cabem e de que não quererão abdicar.

Rogamos, pois, a V. Ex.^a se digne responder-nos com a brevidade que o assumpto reclama o que resolve, devolvendo-nos assignada a declaração junta para sabermos se concorda ou não com o nosso proposito de intervenção para os fins referidos e se evitar a perda d'anno aos estudantes, como para todos parece ser consequencia necessaria da actual situação, se providencias especiaes em contrario não forem obtidas, como é nosso empenho.

Escusado será dizer a V. Ex.^a que não é menor desejo nosso que o beneficio que procuramos para a Academia possa vir a ser geral, assegurando a concordia e boa harmonia dos estudantes todos, que tão proficua é, sempre que assente no reciproco respeito pelos direitos e opinião de cada um, mas, entendemos que no actual estado de coisas, que não creámos nem de nós tem dependido, não podemos impôr condições e temos de acceitar aquellas que ficam referidas do restabelecimento da disciplina academica, que faz parte da indispensavel ordem publica e consequente regularidade escolar, completada com o respeito e consideração devidos ao Professorado, o que tudo bem se concilia com os principios da dignidade pessoal, que nenhum pae pôde dispensar que seja assegurada a seus filhos.

São estas as ideias correntes na reunião referida e, como delegados d'ella nos dirigimos a V. Ex.^a pedindo a sua resposta e assignando-nos

De V. Ex.^a
att.^{os} e ven.^{ros}

<i>Abel de Mattos e Abreu.</i>	<i>Frederico Pinto Soares.</i>
<i>Alberto Telles de Utra Machado.</i>	<i>Henrique Justino da Rocha Ferreira</i>
<i>Alfredo Tovar de Lemos.</i>	<i>Jayme Arthur da Costa Pinto.</i>
<i>Amandio Eduardo da Motta Veiga.</i>	<i>J. J. Izidro dos Reis</i>
<i>Antonio Eduardo da Costa.</i>	<i>João Pedro Peixoto da Silva e Barbosa.</i>
<i>Antonio de Castro Freire.</i>	<i>João José da Silva.</i>
<i>Antonio Ferreira Augusto.</i>	<i>Joaquim Augusto da Silva Carvalho.</i>
<i>Antonio José dos Reis.</i>	<i>José d'Abreu Macedo Ortigão.</i>
<i>Antonio Maria de Carvalho Almeida Serra.</i>	<i>José Bernardo Antunes de Souza.</i>
<i>Antonio Telles de Pereira Vasconcellos Pimentel.</i>	<i>José Henriques Tavares.</i>
<i>Antonio Vieira.</i>	<i>José Joaquim Roque Correia Affonso.</i>
<i>Antonio Waddington.</i>	<i>José Leal da Costa.</i>
<i>Arthur Maria Botelho Lobo.</i>	<i>Luíz Gonzaga Reis Torgal.</i>
<i>Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio.</i>	<i>Manuel Antonio dos Santos.</i>
<i>Caetano Francisco Filomeno de Figueiredo.</i>	<i>Mauuel Emygdio da Silva.</i>
<i>Domingos Pinto Coelho.</i>	<i>Manuel Ferreira Cardoso.</i>
<i>Ernesto Madeira Pinto.</i>	<i>Paulo de Azevedo Chaves.</i>
<i>Francisco Ferreira Garcia Diniz</i>	<i>Vicente R. Monteiro.</i>

Sello postal
—
cinco réis

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Antonio Maria Pereira

Circular dos Paes de Estudantes
sobre a questão academica.

Cocubra

Resposta á circular dos Pais de Estudantes aos seus collegas sobre a intervenção no conflito ou questões academicas.

Responde á circular referida que concordando no intervenção dos Pais para se pedissem providencias necessarias a evitar a queda do anno escolar dos filhos e ulteriores consequencias egualmente prejudiciaes para elles e para todos querendo para isso e minha adhesão em meu nome e no de meu filho.

.....

E no verso, em letra gorda:

dos delegados de Pais de Estudantes

Rua Garrett, 95 - 1.^o
(sede da II. Associação Central
de Agricultura Peninsular)

Lisboa. ⁽¹⁾

Creando tudo isto a perfidia extrema! Ven-se-
he o que d'aqui se ha.

Nos jornaes viuha: uma carta de um Sencaira -
mista de direito Sencaira Corbe-Réal de Cources, abri-
tando que para o anno lectivo que vem ninguém
se deve matricular se não vier a assistência dos pa-
tes; um artigo de fundo, bom, nas Novidades, sobre

⁽¹⁾ Este archivo: no Masso III = 48-F

o caso, chamado "A questão dos estudantes." E tive o consolo de ouvir no noite d'esse mesmo dia, uma lôza no João Franco, dado pelo coronel Alfeu do Augusto de Barros, chefe de uma repartição do ministério de guerra, que é um homem de senso, muito intelligente, illustradissimo e vendo bem as cousas.

Viei a quinta-feira, 2, e nos joruaes de manhã a nova dum novo manifesto Ao Paiz⁽¹⁾, com uma carta energica e nada real escripto; e eu, que andava com ella fozgada, — fozque dei parte com a communição do João Franco com o Glemanceau — resolvi responder ao Freitas, lançando-lhe algumas baixas e demais com a minha impressão da recomunição ministerial em que entrava o Marbuis de Carvalho (o Marbuis banda do por alcanho) deshonra da minha terra natal... que tambem the servio de banco.

Escrevi Jois a seguinte carta:

« Meu major:

« A ironia! sempre a ironia!... E os litteratos julgando tristemente que a ironia baixana é cousa com o odaver frio e inerte do Es de Suinos!...

⁽¹⁾ Masso III = 48-H

« Como elles se enganáram, os maldandinos!...
 Qual! a ironia vive, a ironia ficou, a ironia bruta ex-
 cellentemente e com verdadeira facundia de varios
 gantos e muito principalmente das redacções publi-
 cas, das zonas officiaes dos funcionarios severos,
 dentro de polserigos carimbados com a indicção
 graciosa da respectiva redacção!

« Qual!... Embão que mais fina ironia que aquil-
 la em que se confundia a Blemanceau com certo ho-
 mem que como o mestre d'Aviz quiz por o me-
xiao de uns nove gantos!... Sim, a Blemanceau,
 que, se faz rir o estado principis "de autori-
 dade e ordem" é para seguir leis boas, leis verda-
 deiramente liberas e progressivas que se tem de
 fazer em obediencia, não a esse tal principis
 de "autoridade e ordem" mas sim a um outro
 muito mais elevado e muito mais pagado: o
 progresso. Sim, confundida a Blemanceau esse
 certo, xuão, a Blemanceau que acata as leis que
 elle não dignas e não porque não leis!

« Querem leis, mais acerda ironia?...

« Ah! bom bça!...

« Na verdade, meu major, nós, os troças, que
 ainda estamos naquella principis que já existia
 antes de Christo, naquella principis que se resu-
 me na frase latina duro lex sed lex, ohamos
 para Blemanceau e venhol-o... um Marquez de
 Pomal! Sim, um Marquez de Pomal... e vá
 sem ironia; ohamol-o de longe e dizemos para

causados: "dava um bom commandante de regimento..."

« D'aqui, a ideia errada que se formou, querendo estabelecer comparação entre elle e este nosso uão; ~~esse~~ a convicção errada em que se está de que se deve obedecer á lei ~~que~~ que ha, simplesmente porque é lei, só tem lugar para franquistas que são homens gerbencentes e uão reita d'horizontes bem estreitos e que gozam mais gozaram, em materia de progresso, do que em meia-duzia de cifras.

« E vem então a comparação!

« Blenauveau, meu major, faz cumprir as leis, porque as leis são tãoes que asseguram a evolução da patria franceza para uão melhor vida; extinguiu os conventos porque os conventos eram um travão a essa marcha triumphal; grande os anarchistas porque estes — pobres viscosarios! — não admittem a evolução, querem a absoluta equaldade, a absoluta felicidade humana, brotam do furor e insensateza do meio do fumejar dos incendios e das explosões do dinamite, depois de destruirem de vez a podridão do mundo moderno; grande os anti-militaristas, porque a evolução não chegou ao grão necessário em que se possa dispensar essa custosa obediência de forças. Por isto, Blenauveau, faz cumprir as leis.

« Mas obedecer a um burro porque, simplesmente o burro fita as orelhas e se lembra de

mandar... isso não. Será tudo, meus princípios
de Clémenceau.

« Dura lex, sed lex é uma fórmula boa para o
despotismo, não para se lançar sobre a obra grandio-
sa desse grande ministro que o meu major cita,
meu desusamecimento de franquista puro e irredu-
tível...

« Sou duvida: o triângulo symbolico de liberd-
de, egualdade e fraternidade, essa fórmula ôca, re-
quendo me diz, será ôca, na verdade, para os gover-
nos de reacção como o franquista, como o regenera-
dor; mas não o é seguramente — oh! não — para
quem vir nelle, — nesse altivo e immortadouro
symbolo do progresso — o symbolo que levou o go-
vo francez á destruição de greguicaitos velhos, de
ideias seculares, e a pedir, como unico pathos,
a esloca, cansada do descendente de não sei quaes-
tões dynastias reinantes.

« É ôca? Será, para o franquismo. Para mim
não o é. É o meu major veja se, através de todas
as causas da história, quer as reacções sejam even-
gias, quer o despotismo feroz, veja se acima de
tudo não surge sempre luminoso, esse triângulo
que assusta tanta gente, que mette medo a qua-
lós tyranos e tyranetes vejetam por esse mun-
do.

« Terça e poderoso era o princípio "de autori-
dade e ordem" do czar de todas as Russias; ru-
do e cego era o povo; e no entanto a luz surgiu

e ho-de surgir sempre: Comegamos o xuão a ble-
mancau e um dos maiores erros históricos
que cometeo. Só deum franquista zodia um tal
ideia...

« E pense o meu maior misto, que é pincero; e
laure-ne que no seu espirito, no seu intelligen-
cia, existe mais liberdade do que julga; afaste dos
olhos esses olhos franquistas — que são como os
"olhos de illusão" — e verá como a sua vista se
congraz a ver cousas novas e bellas.

« E deixe fallar o Bernardo Pedro...

« Seu mais, etc, etc,

Belj — Pincero

Depois de a deitar no correio, parece que me
senti mais alliviado...

Consultando mais os jornaes, té vi que con-
tinuavam as taes declarações de alguns membros
e o que é curioso é que na maior parte são diri-
gidas ao jornal A Palavra; e vi com certa grada
a seguinte declaração de S. Zagal de Chaves, que
trodue bem a colera desses energicos e taes fla-
vienses:

« Sr. redator.

Pedimos a finca da Terceira publica a seguinte
ta declaração:

Vendo e agrauidado o movimento de zotés.

to que diariamente se vai manifestando, por parte dos academicos pensatos e estudiosos, contra as violencias que os inquietos e desvairados exerceraem e ainda continuam exercen sobre elles; vimos fazer bem publico que nossos filhos, alumnos da Universidade iras e actos, se iras lhes fôr facultado, indo nós com elles, caso se julgue necessario para assumir a responsabilidade de tal proceder perante a comunidade, impedindo assim que nossos filhos, pelo seu pequena idade e falta de experiencia da vida sejam novamente amaldiçoados e violentados a não cumprir as nossas ordenas. É para que este mesmo procedimento seja eficaz contra os desvairados academicos portuguezes, convidamos desde já todos os paes que o paibam por, a concorrerem ali para com a nossa solidariedade liurarmos, como nos cumprir, nossos filhos, das violencias ou excessos d' aquelles que, vendo-se perdidos, querem por força perder os outros.

Chaves, 28 de abril de 1807

(20) Domingos Gomes de M. Sarmento
 Manuel de Barros Ferreira
 Gabriel Lourenes
 Francisco Luis Alves
 Joaquim Augusto Alves. »

Ostinos os taes flavicenses, os taes galés « que o sabem por!... »

Cavalgadas...

No dia seguinte (3) mais declarações de estudantes e no Diario Illustrado mais casos históricos de revoltas academicas para demonstrar a maldade desta...

Das unhas das declarações merece nota especial:

«Sr. redactor: não podendo comparecer-me com o procedimento da comissão que, em nome da Academia, declarou que nenhum estudante iria a actos, pois que lhe não deleguei esses poderes, venho laurar o meu protesto contra esse facto e tornar publico que me reservo o direito de proceder como bem me aprouver e as circumstancias me aconselharem.

Argemil, 1 de maio de 1807

Padre Antonio da Costa Gaitto

(aluno do 2.º an.º de Direito).»

Esta ultima parte é que eu queria frisar; é de padre e de bom padre!

Oh bom Costa Gaitto...

No dia cinco, que era domingo, procurei o meu tio José em casa; ainda o não tinha visto de modo que conversei com elle animadamente sobre varias causas e entre ellas a nomeação do D. João para reitor.

E dizia-me elle mais desrespeitado que não ti-
vera tempo de conversar com elle a tal respeito;
receberei no dia em que o honraram com uma
carta que me havia de dar, ⁽¹⁾ em que dizia que las-
timava não ter tempo de se despedir e contar-lhe
os innumerados motivos que o lançaram na aven-
tura mais insolita da sua vida de politico.

Depois, contou-me meu tio que o João Franco
já lhe falara ha tempos para elle ir para Coimbra;
que elle se excusára sempre mas que por fim o
João Franco se agarrára ao rei, que está lhe escre-
vendo e, como o pedido do rei é uma ordem...
o D. João obedeceu.

— Como bom pervertido...

No decurso da conversa, não vi meu tio, de
ordinário sempre gravito na reflecta, muito á
vontade no assunto. Que poderia elle? não se
quereria elle adiantar, na presença de um cento de
thursias que eu manifestei?

Fiquei um tanto ou quanto desconfiado... mas
quize-me parecer que essa intransigencia do go-
verno contra os esgulos era um tanto ou quanto
exterior e que o D. João talvez levasse no bolso da
sua polrecasaca gelaciada outra coisa qualquer
que não a intransigencia irreductivel para com
os netos esgulos.

Seremos...

⁽¹⁾ Mas que nunca deu... [Lm 24-XI-209]

Depois de varias cousas mais que me não lem-
bram, sahi e no electrico para Beaufra li os jornaes.

Sim, os meus informadores, os meus amigos
jornaes...

Mas... estou como o outro: « não sei de novo co-
mo o centê! » — lá vi, meua dessas folhas a dez
reis, o nome do Bernardo Pedro, declarando-se dois
meses depois, não reconhecendo a autoridade da
comissão e outras babuscinas eguas, para quê?
sim, para quê? Oh Deus do céu todo misericordio-
so...

Oh!... para que o Patrão visse que o Juiz do
administrador do conselho de Coimbra, que o acade-
mico que ajudava a fazer coutras á esca do pre-
sidente do conselho, que se tratava tu cá tu lá como
o filho, etê, etê, não adheria á turba-multa dos dis-
colos...

E depois, nos mesmos jornaes, vi outra cousa
que me enojou: uma carta do filho do Mercado Pa-
guez, conde de Monsarás, e que se assigua, desgre-
zando o nome Játuro, Alberto Monsarás. A car-
ta é pignificativa; é feita, claramente, pelo Joz, que
melhor parte teve nas suas outras produções litterá-
rias... Diz uma serie de asneiras, justificando-
se das faltas cometidas involuntariamente pelo
mocidade generosa, que não pyndathira com a
gráve Joz quatro razões que axjõe e têm a infelici-
dade dos requintês Jozidos que são indignos do
illustre Jozta:

« Regrouando nós a reatença do conselho de de-
 canos que riscou parte academicos, poderemos algo-
 rar e aglandir a firme resolução de riscar por nos-
 sas próprias mãos a academia inteira? »

« Todo este esforço do movimento da academia re-
 ha-de ir, pouco a pouco, esterealizando, por falta de
 um grande levantamento. É uma linda armadura
 d'aco, resistente mas vazia, esgocada por comissões
 de vigilancia e encostada a uma parede que se des-
 ruoza! »

Chicho... na verdade, o poeta desejava bem quan-
 do em tempos disse num poema dedicado ao po-
 gro:

« A viva admiração que eu sinto quando o vejo
 Faz crescer na minha alma este intimo desejo:
 Que o meu filhinho vá ao pai avô mestre! »⁽¹⁾

Conveni notar que o sogro era um importante
 negociante de vinhos na Figueira que enriqueceu a
 ponto de deixar dois e tres mil contos...

Mas adiante...

Os jermos accusavam divergencias na comu-
 são de Coimbra; mas como estava para voltar

⁽¹⁾ Poesias - p. 110.

hoje, (6 de maio) resolvi averiguar e depois escrever o que de verdade houverse.

Hoje, 6, vim para Coimbra, no fim da tarde; nos jantares, o mesmo padre e no almoço tive a infelicidade de vir com o inspector (creio eu) dos tabacos, desta zona, o Sardinha Baldeira, que, como bom frequentador da Slavazera cá da terra, interrompeu-me na leitura do Débauche de Zola para me obrigar a desconfol-o... Elle é burro; ouve os cathedrauticos e quer reger as minhas asseiras, de modo que me ia irritando. Ao meioz passaram-se depressa as 3 horas de viagem.

Ao chegar a Coimbra fui direito ao Museo Pinto onde o Floro e o Nicolau, sentados a uma mesa, deram-me a impressão que ali tinham ficado desde a ultima vez que ali os viam...

Alada de novo me deram, na conversação, até que vi a minha casa; pormente resultou della a triste verdade de as academias do Porto e Lisboa se terem portado dignamente, sem ouelhas desgarradas ao passo que a de Coimbra, tem dado o mais seravel espectáculo da discordia, da indignidade da falta de leão e de coragem, mostrando mais e mais quanto é deprimente a educação universitaria.

Levei em casa; tomei posse da gelada, e eis aqui resumido o que me lembrou de tudo quanto vi e li durante os dias que estive em Lis

boa; de conversas, de impressões pouco me ficou
 porque as não escrevi logo.

No entanto aqui fica o que agora mais é neces-
 saria e apanhei procurarei o Pacheco para elle me
 informar — com o seu ár. pário, grave e froudo,
 do que se passou na comissão, da divergencia, da
 circular aos raios (que encontrei no meu
 24, com data de 4 de maio e dirigida o meu) e do
 que corre como mais certo e peris a tal respeito.

E aqui vai tambem a relação dos meus que
 fizeram declarações; são os que consegui colleccionar:

Francisco Moreira dos Santos — filho de José da
 Silva, natural de Fátima, concelho de Castello de Pa-
 vos, districto de Aveiro; é do 3º anno de theologia;

Américo Viana de Lemos — filho de Luiz Gau-
 calves Viana de Lemos, de Louzã; é do 1º anº de ma-
 thematicas e philosophia; é meu condiscipulo em phy-
 sica, e um grande sedante; é dos taes que se julga
 alguém...

Francisco Cotrim da Silva Gancez — filho de Theodorico
 Cotrim da Silva Gancez, de Dornas, dist.º de Sampa-
 reu; é do 5º anº de theologia e 4º de direito; foi um
 dos autores do manifesto referido a pp.º...

Luiz Affonso Viana de Lemos — irmão do Amé-
 rico, acima referido; está matriculado em cadeira
 do 1º e 2º anº de direito;

Francisco Carneiro d'Almeida e Brito, filho de

Francisco d'Almeida e Brito, de Lisboa; é calouros de direito;

Candido Augusto de Mello — filho de José inco-
gnito, de Vizeu; é do 5.º an.º de direito;

Adelino d'Almeida Couto — filho de José d'Al-
meida Couto, de Oliveira de Frades, dist.º de Vizeu; é
do 5.º an.º de direito;

Augusto Carlos Affonso — filho de Manuel Lou-
ranço de Sá Marques, de Veiros, conc.º de Estarreja;
é calouros de theologia;

Antonio Rodrigues de Oliveira — filho de Fleuri-
que Troiz de Oliveira, de Souto de Lafões, conc.º de Oli-
veira de Frades, dist.º de Vizeu; é do 4.º an.º de direito;

José do Patrocínio Dias — filho de Claudino Dias
Agostinho e Rosa, de Covilhã; é do 5.º an.º de theologia;

Antonio da Costa Gaitto, filho de Antonio da
Costa Gaitto, natural de Valle de Matôco, conc.º de Azga-
real; é do 2.º an.º de direito; é padre...

José Teixeira Branco da Silva Ferraz — filho de
Bernardino Teixeira d'Branco da Silva Ferraz, de Fi-
gueira da Foz; é do 5.º an.º de direito.

Adelino Martins Paeslona Corte-Real — filho de
André Diogo Martins Paeslona Corte Real, de Lis-
boa; é do 3.º an.º de direito;

Alvaro Augusto Diniz da Fonseca — filho de Do-
mingos Diniz da Fonseca, de Ruvina, conc.º de Sabu-
gal; é do 2.º an.º de direito;

Bernardo Pedro — filho de Francisco Pedro, de
Coimbra; é do 1.º an.º de mathe.ª e philosophia;

Alberto Moura, filho do conde de Moura, de Lisboa; é calouro de direito; tem referencias especial em pagina anterior. (Pg: 174)

Com o N. do transgênto (de Pg: 147) e com estes de reseta, por mim — 31.

Gloria, Jois, aos bravos.

Coimbra =

= 7 de maio {3: feira} =

Reconforto dos dias de Lisboa, tomada posse do meu quanto trabalho, eis-me de novo lançado a amentoar aqui, estabohadamente, documentos (com que o não, sem duvida, estas notas) para algum futuro Barbosa Coler the lançar a garras ademas de investigador.

Sim, porque eu ainda espero pervir de base, com isto, a futuros historisadores; a questao academica tomou muito, que entrou na historia politica de Portugal e eu conto por um greguismo Fernando Lopes m' esta outra revolta do Mestre d'Aviz... de cajo a bati-na, elevando sobre o congo do fero-Audeiro e era nobra do engrandecimento e da libertação...

Mas vamos lá...

Quando, á tarde, sahi de casa e passava pela Alta, encontrei o Pecheco, com dois contemporaneos. Disse-me que o ia procurar, para que elle me infor-

marra de tudo, e que amanhã o procuraria com o
gar, com Zogel, com Lúcio...

— Mas isso é uma interview!...

— Exato... E levarei a minha machina photogra-
phica...

E a conversa correu, correu, desde a alta até ao
arco de S. Sebastião onde elles voltaram para trás, e
d'ahi até á rua Larga.

O Pacheco referiu-se por alto aos acontecimentos,
disse-me que me referia tudo succintamente e que
nisso levaria certamente mais de duas horas, de
modo que eu deveria agradecer dispostos a valer para
a interview...

Diz-me que estava dispostos, assim como os fa-
bricados da ilha de S. Miguel, a iram no paquete de 20,
para casa e que, num manifesto, deixariam escri-
to alguma coisa de sua justiça; e que o unico que
audava a tocar o bico ao greco era o Laroey.

— Contos longos... e crescentes.

Depois, a respeito dos condiscipulos, disse-me que
o Nicolau Gonçalves, o insubstituivel Nicolau, se
fôra despedido delle haverem, que ia para Guimarães
e que de lá enviaria aos jornaes, simultaneamente,
uma declaração; que era uma tolice não
ir a actos... que os actos viriam a ser feitos... en-
fim, uma peducação por conta do Alvaro Basto.

De modo que os trabalhos da comissãõ acade-
mica, ainda ficam para amanhã, para ficarem
com a certeza e veracidade que estes agraça-

meus exigem. Em caso othei os jereses: falam
em numerosas adherções de Jagás; dizem que a co-
missão executiva que jedira a demissão, voltaria
a tomar o seu gosto o que tambem me fôra dito p.
o Pacheco; e no Lucto veem um artigo do Brito ba-
machio e que não posso deixar de me referir.

Castiga pueramente os Jags que querem funar
a greve obrigando os filhos a voltarem ás aulas
sem querer saber dos condiscipulos; castiga os me-
uinos que tem declarado não acatar as resoluções
da comissão, sem querer ~~saber~~ saber que Jags causa d'
elles e de todos nós, de Coimbra, os senhores de Lis-
boa e Porto se tem sacrificado; tembra a resposan-
bilidade moral deste proceder que é um deshon-
ra e uma ignominia; e acrescenta:

« Só Coimbra poderia dar-nos o espectaculo d'essa
vergonha e ainda em Coimbra elle não seria tal
muy possível para a existencia d'essa famosa Facul-
dade de Direito... »

« São estudantes de Coimbra, são algarvidos de
bacharel todos esses filos e Jagás que tem afarecido
e renegado o mais bello acto de solidariedade que
ainda uma classe produziu por motivos de justiça
e dedicação fraternal. »

E termina o brilhante artigo deste modo:

« Como tudo isto é triste e como tinha razão esse grande descausado que foi Carrillo, ajeitado do alto das Torres da Universidade por uns fundadores de grêves ancestraes, quando escreveu:

— Aqui está o que nos dá Coimbra afóra meelhões e arrufadas! »

Mas os paupristas nada veem, cegos pelo seu espirito de peita.

Bem hajam elles, que para elles está o reino do ceus!...

= Coimbra =

= 8 de maio {4.ª feira} =

Hoje, o dia glorioso da entrada do exercito libertador do duque de Terceira, pela minha terra natal, com regiques e bandeira azul e branca hastada, foi mais fertile de impressões e consideraveis noticias para este Diario.

Consideraveis, digo bem; não se fez só para os livros do Esq de Suezoy a gloria consideravel...

Ora, peris meio dia, fui ao Quartel-general para me darem o recibo do soldo como gente que se greeza; infelizmente não estava lá quem me o desse e assim, sem vintem, voltei á alta, procurando o Pacheco.

O Pacheco não estava; e para embreter tempo

fui ao commissariado onde o Freitas já estava e substituindo, como administrador do concelho, o commissario de policia.

Entreí; estava elle vendo a correspondencia e despatchando uma garbe dos guardas das ruas; o gabinete, era um gabinete pequeno e com revólveres, facas, navalhas, armas e lembranças das garbes, como trophéos dos vencidos... Viha mais uma grande secretaria official; uma cadeira de braços; uns grandes reflexeiros ligados; na mesa, um bom timbeiro de laca verde, com dois vidros e entre elles um busto de bronze... de quem?...

Ninguém, de certo, imaginará de quem é o busto que está sobre o timbeiro, no commissariado de policia, de Coimbra!

É de Voltaire!

De Voltaire...

Sim, o mesmo Voltaire, com o riso diabolico bem conhecido, meio recolhido numa espedie de tégua romana e olhando na direcção da jasta do Freitas, onde elle, nessa altura, escrevia a margem de uma garbe qualquer uma ordem de intimação a uma certa Diotilda não sei de quê, me rodava na sua direita, que se queixára de que o amante, sem ser conhecido, lhe roubára umas alfinetes de caso de gachos!

Sim, olhava diabolicamente, para o despatcho, o mariola do Voltaire...

Eu mebei a presença d'aquelle busto, ao Freitas.

— É' g'ra que paiba, disse elle.

— Mas é que devia ter como g'raha o Trotado
polere a tolerancia...

— Lá vem o pauha!

— Prosegto, colo-nue...

E só depois do secretario pahir — um honorem
grosso, de bigodeira grossa e calida, quasi calvo —
é que se começou a fellar.

O Freitas, cubão, abriu-se; fellou sinceramen-
te, porque elle não tem cára g'ra meubir; e a respei-
to do questão dos ralgres, disse:

— Você, he t'ungo, quando algareceu um officio
meu nos jermas, mandando pahir os ralgres exful-
ros, de Coimbra, escreveu-nue de Lisboa dizendo
que me lembrasse eu do que dizia o tal cardeal...

— Cardeal?...

— ... o do Beia: Inmunicia, a humosidade
avanca!... Ora você sabe como eu sou.

— Muito bem...

— Eu tratei com os ralgres e tudo amizavel-
mente. Elles estiveram aqui, tudo correu bem
e elles nada temem que digas de mim. Lá fora é
que forem escarcar...

E acrescentou com um sorriso de barchois
e em voz baixa:

— E aquella comparação com o Clemeanceau...
era g'ada!...⁽¹⁾

⁽¹⁾ A pg^o 162 e 167.

Fiquei um tanto ou quanto aturdido com o que ouvia; aquillo para mim representava uma formal confissão de culpas... uma declaração de que estava de coração com os rapazes, mas que a posição, o cargo, os filhos...

A verdade era o que o Pleno dizia, referindo-se a elle:

— O Freitas, o unico defeito que tem, é ser franquista.

Eu então, favoreci a confidencia. Lembrei-lhe que tirasse dos olhos a luneta franquista, que visse a marcha da humanidade, que se deixasse dos conselhos do Bernardo Pedro que cheirava suggestivamente a seminário... E elle respondeu:

— Você conhece-me, que diabo!...

E continuou:

— O diabo foi quando vi o meu officio nos jornaes... Disse logo: vou arranjar secretario ou dou ordens verbaes; isto é que não serve... Mandam tudo para a imprensa e...

— E, o quê?

— ... você sabe que eu não pou meuito forte em grammaticos...

O Pleno tem ou não tem razão?

— Mas com o que dei parte, foi com uma noticia que veio no Mundo dizendo que se dava ordem para se prender o filho do Honravel Christo nos primeiros dias de greve no Lyceu, antes de 8 de abril. Ora o caso foi este: veio noticia de que no

Lycen queria fazer grãua com assuada ao que
embrassem para as aulas; como eu então fizis de
comissário, chamei o chefe Motta e mandei-o lá
com ardeus gateruas, dizendo-lhe que eram crean-
ças que se não levavam á gausada, que fivesse ja-
ciencia, etê, etê. Ora depois, veem elle dizer-me que
os colheças de nobium eram os filhos do Slouicem Chris-
tô e Fernandes Gote e outros que, como você sabe,
já são taludos...

— Voludinhos, taludinhos...

— A isso respondi simplesmente que para eni-
tar gausada, quando visse esses provocando as-
suadas, os gaudesse a leu e cá no commissariado
se arranjariam as causas pelo methodo. Isto era ja
ferivel e das gausadas, como depois houve, mas
felizmente já com outro commissario. Ora quér vo-
cê saber o que se combere?... Esse filho de do
Motta vai dizer ao correspondente do Mundo que
eu dei ordem para que gaudesse o filho do Slo-
uicem Christô isto dias depois do Slouicem Christô
se atirar a mim no Povo d'Avueiro como gato a fi-
thozos!...

— Isso era de esperar! É um melandro, esse
Motta.

— É que quér você que eu faça?... Ora veja vo-
cê como as cousas são: eu cá dentro, a querer har
monisar tudo, e esses melandros a torcerem!

— Olhe meu major: mande-me os aquella gar-
te e deixe-se de commissariados...

Mas fomos interrompidos por haurem que vinha queixar-se de algumas cousas; e depois, continuou elle, em voz baixa:

— Ora imagine você que todos os auctores é que são bons; mas no commissario de quem acreditam que não ha uma relação dos hoteis, das casas de pasto, das associações?

— Mas ha um busto de Voltaire...

— Ueu busto de Voltaire e a relação das mulheres infelizes... É a unica cousa que por cá ha com rigor.

— E esse ultimo é porque go'de ser de utilidade para algum commissario judeico...

— Mas othe que os auctores é que são bons. Verá que ainda páio d'aqui com furos de ladrão ou feitor!...

Mas o secretario subreui de novo com sorriso e eu desfedi-me convencido mais uma vez de que o unico defeito do Freitas é, na verdade, o de ser franquista.

Fui então o case do Pacheco. Já estava; e sentados é mesa, enquanto o seu canário inbriado saltitava na gaiola alegremente, elle começou a narração minuciosa dos successos que houve pela comissão e que aqui não expostos, confarame elle dire, quasiadamente, facientemente, e que eu tomava em notas breves nuns folhos de papel.

Toto foi dito com alguns intervallos de descanso, quén para me mostrar um grande jarafuso

de ferro que elle ia pôr na grade do quarto, symbolo de engenharia, qu'èr fôr me contar como subtrais um azulijo dos genes da Universidade e que como n'igual de desprezo fôrera a arruinar a mesinha de cabeceira.

Jssim se passáram algumas horas de interview amena, adocados com os outros meigos da filha de Augusto Cosmeiro, esgiosa joven de olhos saues-uhudos e fartos peios que de quando e quando esgaitava das janelas da casa da frente.

Vamos fôr aos trabalhos da comissão.

No dia 2 de maio, na reunião do costume, o quintanista de direito, Francisco d'Albas Mauro Preto Mendes Cruz, que até ali gerencia ao grupo dos que não admittiam transigencias com o governo, apresentou uma proposta para se entregar ao Paes em geral, a solução do conflito. Esta proposta com algumas alterações é a que vem na circular que transcrevo adiante.

Considerando a situação insustentavel e alem d'isso que se tem descuido uma solução consiliatoria, os redizes entregáram-se nos braços Jtêrnos, e elles que resolvessem.

Acudiu Santos Meito, do 5º an.º de medicina fôrando um additamento: que se fôrera como condição primeira non, a admissão dos 7 expulsos.

A proposta do Mauro Preto, com seu pem additamento foi regravada, depois de uma ligeira discussão.

No dia seguinte, 3, o mesmo Mauro Preto, com mais quatro academicos: Larocq, José Garcia de Costa, Marcellino Filho Gomes e José Martins Casiro Carrasco, todos do 5.º an.º de Direito, apresentou a mesma proposta da vespera com a alteração seguinte: em vez de se entregar aos Paes a poluição do conflito, se restringisse a uma simples comissão de Paes. Não fallou na amnistia dos paté exilados e acrescentou as seguintes palavras persuasivas: se esta proposta fosse aprovada pela academia, elle pedia que a circular dos Paes de Lisboa (já então em distribuição) seria considerada sem effeito, e pedia mais por vias officiaes que esta poluição seria a unica que o governo aceitava.

Solo, como era de esperar, levantou celebração. Começaram a olhar de postais para o Mauro Preto; e suas mudanças de cor não agradou, de modo que foi interrogado a respeito das afirmações que fizera. Trocaram-se argumentos, e concluíram que, dado o tom de cabeça com que fallava, bebeudo tanto, do fino, afirmando que pedia cousas por vias officiaes, elle era nem mais nem menos do que um encançado por alguém do governo para fazer aquella proposta. E além disso, sendo interrogado por que se não fallava dos paté exilados, disse gaudiosamente:

— Por conveniências diplomaticas!

Os os honores levaram gente nova que nunca lá ia, naturalmente por causa de alguma vo-

tação e na verdade, sendo a proposta sujeita á votação, foi rejeitada por 38 votos contra 18.

Segundo nos vencidos, os casaca-viradas!

No meio destas causas todas, surgiu, no entanto, um outro conflito e que poderia ter más consequências.

O quintanista, José Garcia da Costa tem uma noção em que, attendendo a que a comissão executiva tem systematicamente rejeitado todas as propostas conciliatórias e que nada tem feito a favor do conflito, propunha um voto de confiança á mesma comissão.

Dos estudantes levados lá pelos quintanistas referidos, carneirada Lara a votação e Lara o barulho, garbiaram apoiados, tal como — Devo louvado — nas nossas casas de parlamento.

Depois, o mesmo Garcia da Costa, explicou que propostas eram aquellas que a comissão rejeitou systematicamente: uma, do quarcionista José d'Almeida Burebis Lara se aceitar a solução do novo reitor, isto é, de enviar Lara as aulas e depois se tratar do caso; outra, de um caloso de direito Evaristo d'Algoim Torresano e Moreno, — (oh! os filhos d'algo!...) — Lara se ir pedir ao príncipe real o indulto dos expulsos; e a outra, a proposta em questão e que acabava de ser rejeitada.

Assim estava lançada a discordia nessa reunião de rapazes; o interesse começava a vir ao de cima, a turvar esse mar azul do entusiasmo, como na agua dos tanques quando se lhe mette no fundo.

Claramente, nessa mesma noite, a comissão executiva reuniu-se e deliberou apresentar a sua demis-

são visto o voto de desconfiança, embora rejeitado.

De facto, no dia seguinte, 4, de novo reunidos os rapazes sob a presidência de Santos Mesita, foi lido um officio em que a comissão, exceptuando o Larocq, declinava o seu mandato e pedia a sua demissão, considerando-se offendida e cuja copia mais se viu nos seus nos jornaes sob a forma de declaração:

« Os abaixo assignados, membros constitutivos da comissão executiva nomeada em Assembleia geral da Academia para formar o nucleo da comissão central, declaram de fôr o seu mandato nas mãos dos outros estudantes da Universidade residentes em Coimbra, pelos motivos seguintes:

1.º - Por serem accusados de ostar á resolução do conflito academico não accitando a gratiosa poluição que o novo reitor trazia;

2.º - Por serem accusados de deslealdade e incorrencias na attitude que tem seguido; e

3.º - Por não quererem a responsabilidade de iniciativas que são, no seu entender, desairosas para o bem da academia.

Os abaixo assignados declaram mais que até hoje tem cumprido os seus deveres: afirmar que a academia faz grave erro quanto os sete estudantes expulsos não forem readmittidos.

Porque se tem mandado nesse se é que são accusados de ter impedido a resolução do conflito e a necessidade do movimento.

Porbante, qualquer que seja a orientação futura da Academia — elle não é da responsabilidade dos abaixo assignados.

Coimbra, 4 de maio de 1907.

Alfredo Pimenta
 Binais Barreto
 Henrique Braz
 Manuel Machado Machado
 Mario Monteiro
 Alfredo França
 Francisco Luis Tavares
 Pastora Junior
 Costa de Cabedo
 Lucinda Forjaz. »

Como é costume propôr-se para que se fosse concedida a comissão a voltar aos trabalhos propo-
 do-se igualmente um voto de confiança, voto que
 foi aprovado por 32 contra 1. Este voto isolado foi do
 calouro de direito Antônio Paes Bravisco, filho de
 Joaquim Paes Bravisco, de Sourel, Parbalegre; mas
 nos 32 que aprovaram subiu o proprio Garcia da
 Costa.

Este Garcia da Costa, com o seu ar de grande se-
 nhor, de quasi quinceze annos, explicou jo-
 rem o seu voto e explicou-o gausadamente, como
 é o seu modo de fallar, mas de tal forma confu-
 zo e difficil que não se gerchem. O Santos Mouta
 que geridia, amavelmente, com o ar mais deli-

Caro collega:

Em vista da situação difficil em que foi collocada a questão academica pelo Governo com a sua intransigencia, e pela Commissão Academica que, fiel ao mandato recebido em assembléa geral da Academia, não pretendeu uma solução conciliatoria, attitudo esta que já devia ter mudado com as circumstancias, e em vista da Commissão nomeada pela Academia se ter demittido, nós tomamos a iniciativa de vos apresentar a seguinte proposta, pedindo-vos a vossa adhesão em carta ou bilhete postal, com a maior brevidade, no prazo de 4 dias, adhesão essa que deve ser-nos enviada com qualquer das seguintes direcções: Jose d'Almeida Eusebio - R. do Loureiro, 13; Francisco d'Antas Manso Preto Mendes Cruz - Arcas d'Agua, 21; Marcelino Fialho Gomes - R. das Flores 17; José Velho Quintanilha de Souza Larocq - R. do Borrvalho, 9.

A commissão a que esta proposta se refere será constituída pelos paes de estudantes residentes em Coimbra, podendo aggregar-se-lhe todos os outros paes que assim o julgarem conveniente.

É dever de lealdade declarar-vos que tal proposta não terá execução emquanto não obtivermos uma maioria de adhesões dos alumnos matriculados na Universidade.

Proposta

Considerando a absoluta necessidade de se resolver immediatamente, sem perda de brio, o conflicto Academico;

Considerando melindrosa e difficil a situação em que a Academia, a Universidade e o Governo collocaram a questão academica;

Considerando que esta situação é insustentavel por mais tempo, visto que, se a Academia, no actual anno lectivo, responder ao Governo e ás Escolas com o seu nobre sacrificio, não o poderá fazer no proximo anno, pelos motivos que todos conhecem, ponderando-os fria e sensatamente;

Considerando que a Academia descurou a resolução do conflicto, não entrando a devido tempo em relações directas com os orgãos officiaes;

Considerando que é para nós, estudantes de Coimbra, da mais sincera lealdade o procurarmos corresponder á heroica abnegação de todos os nossos camaradas, que tão dignamente vieram secundar o nosso movimento;

Considerando que os nossos paes são talvez os unicos competentes para conseguirem que a sentença que incriminou os nossos sete companheiros não produza os seus effeitos;

Propomos que a Academia entregue a uma Commissão de Paes a resolução do presente conflicto, dentro dos limites da equidade mais honesta e justa.

COIMBRA, 4 - V - 07.

José Velho Quintanilha de Sousa Larocq

José Garcia da Costa

Marcelino Fialho Gomes

Francisco d'Antas Manso Preto Mendes Cruz

José Martins Caeiro Carrasco

José d'Almeida Eusebio

Sérgio Ferreira da Rocha Calisto

José Fernandes Forte

Alfredo Mendes Pereira Gil

Caro collega

Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas

Albano do Carmo Rodrigues Sarmento

José Tavares Lucas do Couto

José Mendes Pereira Gil

Luiz Lopes de Mello

Henrique Martins de Carvalho

José Francisco Soares

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho

José Maria de Mendonça Negreiros

Amancio d'Alpoim Toresano e Moreno

Pedro Tavares Mendes Vaz

Filippe Ferreira Henriques

Alfredo Mendes d'Almeida Ferrão

Manoel Pinheiro da Costa

Alvaro da Motta Alves

David da Restauração e Silva

Albertino Augusto da Silva

Antonio Bernardo de Bragança

João d'Oliveira Castel-Branco Moniz Barreto

Alvaro de Seabra Elvas Leitão

Antonio Dantas Manso Preto Cruz

Antonio Alberto dos Reis

Emygdio Roque da Silveira

Ernesto José Pereira de Brito

Rodrigo de Carvalho Sant'Iago

Antonio Pereira

Joaquim Gomes d'Almeida

José Affonso de Lemos Albuquerque

Eduardo Augusto Ferreira Senrella

Adriano de Sousa Costa

Alberto Vicente da Silva

José dos Santos Bernardino

Elias Rosado Gordilho

Bernardo Ferreira de Mattos

Augusto Maximo de Figueiredo

Manoel Lourenço Dias

José Augusto da Silva Teixeira

Antonio da Trindade

Alexandrino Nunes Lopes Russo

João Gualberto da Cruz e Silva

Paulo Limpo de Lacerda

Mario Martins Ribeiro

José da Silva Neves

José da Silva Bartholo

José Marques Dias Junior.

caso que soude arranjar, pediu-lhe para escrever na calificação de voto que fêra «de tal modo transcendente que não se comprehendera bem.»

Houve risos, e dano.

Officiou-se ainda á comissão demissionaria, mas não accitou o convite.

No dia seguinte, 5, domingo, reuniram-se na Associação Académica, reuniões mais ou menos convocada pelos cinco estudantes acima referidos⁽¹⁾ já tristemente conhecidos e nomeados e nobres. Generosidade do Sergio Ballixto — a sergite da chefie da associação para com o seu presidente, o também José Maria da Rosa Junior.

Foi então que cahiu como um raio no meio dos ralzras um ingressos em forma de circular, com data de 4, e que aqui fica a grosso para esboçarmos⁽²⁾ do vindouros.

Ora a ordem do dia era a attitude dos ralzras agregados á comissão executiva, gerante e demissão da mesma; de modo que começou a levantar-se questões que tal proposta já tinha sido rejeitada duas vezes e principalmente pela reprovação que merecia o cabeçalho da proposta que indignou muitos dos presentes.

No entretanto extraiu-se que apparecesse ali aquelle ingressos e não estivessem presentes os pri-

⁽¹⁾ N.º 189.

⁽²⁾ Este ingressos vai junto a esta pagina.

Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas
 Manoel do Carmo Rodrigues Sarmiento
 José Tavares Lucas do Couto
 José Mendes Pereira Gil
 Luiz Lopes de Mello
 Henrique Martins de Carvalho
 José Francisco Soares
 Manoel Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho
 José Maria de Mendonça Negreiros
 Manoel d'Alpoim Toresano e Moreno
 Manoel Tavares Mendes Vaz
 Philippe Ferreira Henriques
 Manoel Mendes d'Almeida Ferrão
 Manoel Pinheiro da Costa
 Manoel da Motta Alves
 Manoel da Restauração e Silva
 Manoel Alberto Augusto da Silva
 Manoel Antonio Bernardo de Bragança
 Manoel d'Oliveira Castel-Branco Moniz Barreto
 Manoel de Seabra Elvas Leitão
 Manoel Antonio Dantas Manso Preto Cruz
 Manoel Antonio Alberto dos Reis
 Manoel Mygdio Roque da Silveira
 Manoel Ernesto José Pereira de Brito
 Manoel Rodrigo de Carvalho Sant'Iago
 Manoel Antonio Pereira
 Manoel Joaquim Gomes d'Almeida
 Manoel José Affonso de Lemos Albuquerque
 Manoel Eduardo Augusto Ferreira Senrella
 Manoel Adriano de Sousa Costa
 Manoel Alberto Vicente da Silva
 Manoel José dos Santos Bernardino
 Manoel Elias Rosado Gordilho

caso que soude arranjar, pediu-lhe para escrever na explicação de voto que fôra «de tal modo transcendente que não se comprehendera bem.»

Houve risos, e claro.

Officiou-se ainda á comissão demissionaria, mas não accitou o convite.

No dia seguinte, 5, domingo, reuniram-se na Associação Académica, reunião mais ou menos convocada pelos cinco estudantes acima referidos⁽¹⁾ já tristemente conhecidos e nomeados e sob a presidencia de Sergio Ballixto — a reunião da comissão da associação para com o seu presidente, o tenente José Maria da Rosa Junior.

Foi então que cahiu como um raio no meio dos presentes um impresso em forma de circular, com data de 4, e que aqui ficou a respeito para elles mesmos do vindouro.⁽²⁾

Ora a ordem do dia era a attitude dos membros aggregados á comissão executiva, para a demissão da mesma; de modo que começou a levantar-se questão sobre tal proposta já tinda sido rejeitada duas vezes e principalmente pela renovação que me recia o cabeçalho da proposta que indignou muitos dos presentes.

No entretanto extrahou-se que apparecesse ali aquelle impresso e não estivessem presentes os pri-

⁽¹⁾ N.º 189.

⁽²⁾ Este impresso vai junto a esta pagina.

meiros piquetários; e quando elles appareceram é que se arrouba verdadeiramente a questão.

O Laroy, o Mauro Preto e outros foram accusados de deslealdade; a discussão tornou-se rija, não se queria admittir tal proposta já duas vezes reprovada e crescendo o tumulto, o grego que representava os piquetários do Jagel ouviram de todos os lados:

- Indignos!
- São desleaes!
- Serventuarios do governo!...

So cahindo o Barro e a Trindade! Subiram ás cadeiras, vociferava-se, viaem-se olhos fechados. O tumulto cresce quando o Mauro Preto, voltando-se para o Mario Monteiro se referiu a casos da sua vida particular que elle julgava pouco dignos; cresceram um para o outro e estava imminentemente uma pecha de rãos quando os separaram e a pouco e pouco revertem tudo até que houve continuação da sessão.

Pouco mais se fallou, a não ser sobre o arbitrio apresentado para o caso de a comissão persistir na recusa; seria então conveniente nomear um « nucleo resgovernavel » para haver quem tomasse a cargo um certo numero de cousas e lembraram-se de alguns nomes que fizeram parte das comissões de Lisboa durante as ferias de março, dos quaes estavam presentes: Luis Francisco Bricudo, Adelino Furbado e João de Santiago Prezado.

Emcerrou-se a sessão serial em 5 horas da tarde marcando-se para ordem do dia, para o dia seguinte, a mesma coisa.

Nessa noite não foi Gervinell a reunião; juntaram-se em sua casa do Adelineo Furvado, na rua de S. Gerança (hoje do Dr. João Jacintho) mas quando foram para reunir viram que eram todos dos firmes, dos intransigentes; dos outros nem um, de modo que dispersaram na melhor ordem, e não se reuniram do gôsto de terem maioria para tomar resoluções.

No mesmo tempo, reunia outra casa, a comissão executiva reuniu para resolver se devia ou não voltar aos trabalhos; dois votaram contra — o Alfeu do Pimentá e o João Octávio Costa de Cabedo, do 1º an. de direito —; e por isso resolveram entregar a resolução a uma arbitragem.

Foram arbitros nomeados de uma e outra parte o Santos Moita e Luis Ricardo; e a resolução destes foi que a comissão devia voltar, dadas as seguintes condições: na reunião do dia seguinte fosse aprovada um voto de confiança aos demissionários e que para o futuro as resoluções tomadas fossem da responsabilidade das majorias que as aprovassem e não exclusivamente da comissão executiva.

Assim, pelo racional processo de arbitragem, a questão foi pacada; mas no dia seguinte surgiram novas dificuldades.

À uma hora da tarde do dia 6 (2ª feira) na sede da Associação Académica, os rapazes reuniram-se em numero de 60, pouco mais ou menos, presidido o André Miranda, do 1.º an.º de medicina e chronico muito conhecido.

Immediatamente, de novo choveram os ataques aos signatários da fúmeira da circular; Pereira da Rocha chegou-lhes certamente e com certa energia assim como Sant'Anna Leite e Santos Moita. Mas elles — Mauro Preto, Laroig e Fialho Gomes, os tres que fallaram — respondendo, disseram que aquillo que diziam não era de fera, mas simplesmente explicações, e aos trambolhões, com continuos afastes, lá foram dando algumas das taes explicações.

Ora a carta allura veio um policia com uma carta do governo civil para o presidente da Associação; o presidente, é claro, não estava e mandaram o homem a casa do tenente Rosa; o tenente Rosa não estava em casa porque fôra chamado a Lisboa por um telegramma em cifra (uns dias antes) para o Quartel-general, ás 10 horas da noite. (Isto foi-me dito no mesmo Quartel-general, pelo tenente Guedes de Mello deante do capitão Leandro Girão)

Mas pignos: como se não encontrasse o destinatário da carta, d'ahi a pouco voltou o mesmo em outro qualquer policia perguntando, da parte do governador civil por alguma de direcção. Como estava presente o Pestana J.º foi o Pestana J.º á

presença do governador-civil, dando-se então o seguinte seguinte caso:

O conselheiro José Lobo recebeu o rapaz muito ansiosamente e começou logo a dizer-lhe com a general que, como autoridade superior do districto, não podia consentir aquella reunião de estudantes quando já tinha prohibido as outras reuniões « dos outros, d'aquellas senhoras que pretendem desordear, provocar arrouças... »

O Pestana compreendeu logo que estava na presença dum esquivoco e viu que o governador-civil julgava que a reunião era dos que queriam furar a greve. E' claro, dizis, que muito gostaria de a consentir, mas... para fazer a parte...

O Pestana não se deu por grevista; começou a prometter que se não faria barulho, que tudo correria na melhor ordem, etc, etc, ao que o conselheiro geralmente accedeu, « mas só por aquelle dia... »

Como os velhos se enganam, mesmo que sejam na politica uns raio-zelados!

O Pestana voltou á Associação e fecharam a porta por dentro: por aquella tarde estavam seguros!

Foi então proposta e aprovada a seguinte moção por unanimidade em seguida ao que « comissão retornou o seu cargo:

« Os estudantes residentes actualmente em Coimbra, reunidos em assembleia geral em numero de 58, declararam publicamente que todos os actos grati-

cados pela comissão executiva e aos delegados da Academia, não de absoluta responsabilidade das maiorias que têm votado as propostas apresentadas em qualquer estudação nas reuniões da comissão e que têm sido discutidas longa e livremente. Declararam mais que a Comissão Geral Académica não tendo considerado a actual questão como exclusiva da Academia de Coimbra, mas sim da Academia Portuguesa, não tomou nenhuma resolução para primeiro ter ouvido as duas comissões de Lisboa e Porto e nomeadas pelas respectivas academias e cujo mandato ainda ninguém pôz em duvida. Feita esta nossa declaração a comissão executiva não pôde de forma alguma deixar de exercer as suas funções visto que até hoje alguma vez insignificante minoria estrangeira nembe tem pôto em duvida os seus poderes.»

Falou então o António dos Santos Silva; o seu discurso — porque se pôde chamar discurso ao que disse — foi estudado, deduzido matematicamente, bem burilado, mostrando a sua maneira clara e methodica de argumentar. Era contra a circular em questão (que elle certamente conhecia porque levava seus apontamentos); mas começou por dividir em tres classes as intervenções para se resolver o conflicto:

- 1ª: a intervenção do reitor;
- 2ª: a intervenção dos paes de Lisboa a que chamou chantage;

3^o: a intervenção dos nobres (o caso que se deba-
tia) a que chamou scroquerie.

É assim, deduzindo, analysando, fez toda a ques-
tão a descoberto com uma fôrça brilhante e que a
tôdos impressionou muito agradavelmente; termi-
nou dirigindo-se ao Mauro Preto, dizendo que, co-
mo sempre o considerára um nobre leal e serio, e
seu amigo, que agora tinha uma excellente occasião
de provar a todos que elle, Santos Silva, fallava ver-
dade: era o Mauro Preto fazer com que a circular
fosse retirada da circulação e fazer sobre isso se fizesse
se uma esboça...

Até este discurso que todos me têm elogiado res-
pondem o Larocq procurando tirar-lhe o effecto. O La-
rocq tem facilidade em fallar mas sem fôrça ora-
tória; responde a quanto agôrta lhe lançam, faz
digressões e resfêito de qualquer coisa, de modo que
o assumpto dilue-se muito e o discurso demora-
se immenso; assim, a sua anacão foi prolongada
como se não era.

Começou fazer explicar umas phrases da circular
que accusáram de ambíguas, dizendo nesses qual
o sentido em que ellas foram empregadas; mas
logo, a certa altura, virou-se para o Parreira de Ro-
cha — que lhe lançava ágoras descaroaveis — e dis-
se-lhe que não consentia agôrta o que fez derivar
a questão porque o Rocha não se deu por convencido
e combateu com elles, cada vez mais certo.

D'uma vez que o Larocq, dando a mão no co-

rações, dizia profundamente ao auditorio:

— Eu tenho procedido ao pão da oração ⁽¹⁾

o Carneira de Rocha teve um gesto de enfado e de desgosto; o Laroq viu e cresceu... O jugilato, o tão nível e ridículo jugilato estava imminente, mas serenaram e o discurso continuou, zanzado, intermeado de digressões, até que passado cerca de duas (!) horas ou mais, seriam 5 da tarde, a sessão interminável para o jantar que os reclamava.

Mas — infatigáveis rapazes! — ás 7½ da tarde, em casa do Adelineo Furtado, elles lá estavam outra vez, em maior numero até, e sob a mesma presidencia do André Miranda.

O Laroq continuou o discurso; quiz provar a excellencia da circular e terminou regaliando os alhetos de indignos e desleaes que lhes lançaram, dizendo:

— Para mim, a dignidade é uma só e a virtude também é uma só; o homem só é digno quando todos os actos da sua vida são dignos. Ora, entre os mm. estudantes que me chamáram indignos ha algunos que o são também como gosto a provar.

E enumerou: o Mario Mambeco, por causas da sua vida garbicular (a que o Pacheco se não quiz referir); — o Santos Silva por causa de uma questão levantada no seu 3º anno de medicina e em virtude da qual o Santos Misita, ali presente

⁽¹⁾ Tentual.

contou as relações com elle, assim como outros com discipulos, questões á qual verdade se devia com mais verdade applicar a Galvina perqueria do que a es- ta; e outros rages que o Pacheco se não recordava já. Calcule-se o effecto desta falla.

O Santos Silva olhou para elle admirado; houve uma quasi geral reprovacao pelo processo de se de- fender que é o mais real possível. E, quando o Santos Motta explicou que na verdade ficara mal com o seu co-discipulo mas que se convenceu em jogos de que não tivera razão e que o procedimen- to do Santos Silva, nesse tal caso, tinha sido muito correcto e dizo — o effecto foi zero ainda.

O Santos Silva veio afundar mais o Larocq ex- plicando o que tinha sido o caso e terminou por di- zer que para elle, o Sr. Larocq estava definido:

— Quem usa tais meios para se defender é zero que não tem outros meios de que lançar mão e a sua defesa é impossível (agradado); e as explicações que o Sr. Larocq deu, se ao principio pareceram ter algum valor, agora, nego-o completamente (re- gelidos agradados.)

E em vista disto o Larocq rebirou a Galvina per- queria applicada ao caso em que se vio envolvido o Santos Silva...

Depois fallou o Padre Salgueiro, o pomposo Padre Salgueiro que fez um discurso com todos os requisitos retóricos mas trocou o lugar de invo- cação ou exhortação que quando para o fim, dirigiu

do-se aos conculhadores presentes. No fim, tudo se resumia nisto: o seu nome não vinha na lista dos que assignáram a circular, por esquecimento; mas curuzia declarar que a tinha assignado porque a não achava indigna. Achava-a, sim, invariavel; mas indigna, não.

Santos Mouta respondeu-lhe, ziguezando na gale. um invariavel; e entre o peris e a troça, admirou-se de elle, um homem já feito, ecclesiastico, ete, assignar um gogosta que considerava sinceramente invariavel...

Naturalmente, o Padre Salgueiro respondeu como da outra vez, pouco lentamente:

— Eu respondi, Sr. presidente, eu respondi...

Em seguida a isto, um rapaz (cujo nome o Pacheco se não lembrava) disse que o grupo Barreiros Tavares assignára a circular mas que os nomes não vinham no impresso para o publico o não saber a por consequencia para não tirar a força á gogosta conciliataria; disse mais que o ultimo signatario José Marques Dias Junior, do 4.º an.º theologico tinha sido um dos que no dia 8 de abril firmára a greve e que um outro signatario Feliz Ferreira Henriques fôra dos que fizera declarações nos januaes;⁽¹⁾ ora, d'aqui deduzis que o facto de estes dois assignarem (sendo do grupo acima referido) certamente porque achavam a gogosta coerente com o seu mo.

⁽¹⁾ Como vem a p.º 106

do de pensar e reagido da greve, tudo levava a
 supôr que os outros piquetários teriam mais em me-
 nos o mesmo modo de pensar e de ver as cousas.

Ninguém rebatêo esta asserção.

Levantaram-se dois dos piquetários da circular
 que estavam presentes: David de Restauação e Silva
 do 3º anº de direito e José dos Santos Bernardino, do 2º
 anº de direito, declarando que na verdade assig-
 naram a circular mas pô a condição de que só iriam
 ás aulas no caso de serem admitidos os 7 exilados.

Terminou a sessão, poria mais-noite e dez mi-
 nutos!

A questão da circular parece que ficou liquidada
 e tanto que no dia seguinte, 7, a reunião aprovou
 o seguinte que veio para os jornaes:

« A comissão central academica, sobre a proposta
 conciliatória transcrita nos jornaes e enviada
 particularmente pelos seus piquetários aos estudan-
 tes de academia de Coimbra, declara:

1º: Que essa proposta foi apresentada, discutida e
 reprovada por duas vezes na comissão central;

2º: Que foi enviada ás comissões das academias
 de Lisboa e Porto, onde foi também reprovada;

3º: Que, consequentemente, nenhum membro
 da Academia de Coimbra, pôde subscrever uma pro-
 posta que, sendo reprovada pelas tres comissões, está,
 portanto, reprovada pela academia portugueza. »

Aqui terminou a entrevista com o meu candidato Pacheco, declarando-se elle enojado com os acontecimentos que me contara, e que — dizia elle — melhor seria que ficassem esquecidos.

No entanto, em atenuação á verdade historica, aqui ficou para esguito das gerações e leitura amena dos meus netos...

Deu-me elle tambem um manifesto com o nome Justiça! que sahêa a 27 de abril ⁽¹⁾ e ao qual elle pôz a nota ao lado: « Ingressão e distribuição secretas » e cujo autor não se desconhece. É um folhetto violento contra o forquês Jorge e João Franco tem procurado resolver o conflito e contra os regeres que, com a collaboração do « Min. Governador civil e a directora do collegio de Santa Isabel » quizeram por varias formas furar a grade.

Deu-me tambem o manifesto Do Paiz a que me refiro a p^o 166 e que foi distribuido a 30 d'abril ⁽²⁾; disse-me o Pacheco que the Jaraciz neto do Alfredo Pimenta Jorge foi elle que o apresentou na comissão e mesmo pela sua forquês litteraria e isto é verdade Jorge, quando viuha para casa, no americano, encontrei-o e perguntei-lhe se era delle, o folhetto, ao que elle disse que sim, garfithando-o sem escrupulo algum.

Com estes dados todos — cuidados dados! — des-

⁽¹⁾ Manso III - 48-G

⁽²⁾ Manso III - 48-H

ci é baixa, comparei as Novidades e o Ilustrado e fui ao quartel, para um soldado qualquer me levar a baixinha da esquadra — que não perve certamente ha dois meses!

Encontrei lá o meu coadjuvante José Judice Soares Gil, cadete de Inf^{te} 4 que se tirou de ir para Mapa porque estava doente e agora arranjou uma licença de junta. Fallando-me da greve, mostrou-me elle escausado com os «contêcimentos», que isto é o diabo e que quer ir a actos.

— O meu alferes não vai a actos?

— Eu, nas circumstancias presentes, não vou. Só lá vou, tudo todos, mesmo os ~~ex~~ ex-fubos. Saúdo, paciencia, volto para o serviço e tudo como d'antão...

— Pois nesse é que eu não cáio...

Pobres diabos!

Voltai para casa e lendo os jornaes vi um artigo de fundo nas Novidades no qual, entre outras cosas diz:

« O pm. capitão, ~~maior~~ major, tenente-coronel Dias foi ainda, desta vez, quem salvou a situação. »

E termina:

« Como se derrama a instrucção no anno da graça de 1807? Mandando fechar os estabelecimentos de ensino!

Originalissimo e unico! »

E vi no Illustrado mais tres declarações, sendo uma dellas bem comprehensiva e bem explicativa dum peuhor Cancellia d'Alvares que se me não enganou é um rapaz de Lisboa, que é tanto das costas e da familia do Cancellia, muito conhecido.

Ora aqui vão os tres meninos, com mais outros agalhados em diversos jorneas:

Paulo Cancellia d'Alvares, filho de Abel de Mattos Alvares, de Anadia; é do 3º anº de direito; é pois progressista puro...

Raul Flavio — filho de Sleuriqueta Gouveia, natural de Aveiro; é do 3º anº de direito

Curico José de Gouveia — filho de Joaquim Martinus de Gouveia, de Ferreiros, concº de Tondella; é do 3º anº de direito.

Jayme Pinto Osorio — filho de Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio, de Nova Gôa; é do 4º anº de direito; na sua carta chama ao pai de quem só recebe com celhos « modelo de dignidade e honra. »

Joaquim Izidro dos Reis, filho de João Joaquim Izidro dos Reis, de Lisboa; é do 2º anº de direito.

Alfredo Lopes de Mattos Chaves — filho de Augusto Alfredo de Mattos Chaves, de Guimarães; é do 5º anº de medicina.

Manuel de Menezes Pitta e Castro — filho de João Felice de Menezes Meneira Pitta e Castro, de Lisboa; é do 1º anº de direito

Com os 31 do transgênto (de J^o 179) e com estes
 nete, porventura — 38

E continua...

O Illustrado ainda dizia, a respeito de reclamações ministerial, que o ministerio, assim reclamando, mais forte e vigoroso « sob a chefia do lenithante estadista que é o m. Presidente do conselho, manifestará claramente ao Jaziz que está disposto a satisfazer as reclamações da opinião publica no que elle tem de mais justo e mais equitativo. »

A opinião publica!... Oh que consideraveis meorias!

No jantar, meu Pae, contando-me que fôra visitar o Dr. Bota Lobo, que estava de cama com uma caxalada que deu, está lhe ~~me~~ contara que dentro em pouco a Universidade se abriria para quem quizesse lá ir; que, como lá vão dois meses e mais, ficariam considerados estes como de férias grandes e os trabalhos escolares prolongar-se-hiam até outubro e que a tollice tinha sido no dia 8 de abril mandar para a Porto-feneas o tenente-coronel Dias agoravader e ministro...

De modo que, em breve, a Universidade vai abrir-se; e vamos ter o effecto grandioso de desenas de rapazes entrarem para as aulas, submissos, curvando-se humildemente á Jorta, como manda a graxe e a rabujice e assim passará á historia um movimento grandioso e suggestivo.

mente pyrrhico, e sua revolta para equal que
 alguma será sustentada por um pequeno numero de
 raios que se não sujeitarem a semelhantes forças cau-
 deas, para ganharem o triste gozo de um pouco de
 vida. Será isto má impressão minha? Oxalá que seja.

El proposita que no dia 24 de abril se vi fazer ao
 Pestano Junior, na comissão, vibrante de ~~esta~~ sin-
 ceridade e de caudido enthusiasmo, refarei que
 não achou echo pyrrhico em mais que dois an-
 tros. Essa abnegação de exigir a vida, de ir na frente
 para morrer grimeiro, será muito bonito — dizem
 elles — mas é excessivamente glotonica; a vida,
 afinal, é cousa boa, as tricanas são feitas, e o di-
 nheiro gatero escorre facilmente... E quem qui-
 zér morrer, que morra, mas que deixe os outros
 em paz!...

Ora isto é o que vai pelos cerebros illustrados de
 tanto filho de Minerva; berra, sim; para isso estão
 propositos, não faz mal nenhum; mas ir a frente, ex-
 gir a vida... isso vai elle!...

Ora, enfim... não sejamos adeantados; vere-
 mos. E depois, de minha justiça, alguma coisa
 aqui direi quando as aulas se abrirem.

Ho autãndezar, sahi. Na balçada encontrei o
 Ernesto de Miranda que me disse haver já novo
 comissário, como me vergara dissera, mas que ago-
 ra todia acrescentar que era o official reformado
 Krusse Gomes que andou em varias cavallarias
 d'Africa.

Se é o que eu gauso é o capitão d'infanteria reformado José Augusto Kreuse Gaus; tem os seus 48 annos e uma brilhante folha de serviços; mas servirá para commissário de policia?

Oxalá que o seu nome resgaitado não venha aqui porer um desaire; boimera não se leva a muro como o quadro do roto de Marraquene...

Mas a convenção continuou; e como o Ernesto ia para casa acasualizei-o até á Pentágono, onde, a propósito das medidas rigorosas tomadas por precaução, eu perguntei, e na verdade, sem esperar resposta:

— Olhe, lá óh Sr. Ernesto: os seus? ainda se não lembaram de entender com as Lojas maçônicas. Como é que tem pido tão benevolos com esses facinoras?...

— Pois olhe que estiveram arriscados...

— Conté lá isso, que diabo!...

Mas o Ernesto é meacco; não pehe assim para mais nem menos. Eu então fiz-lhe um jogo que talvez elle conhecesse e garando a uma manilha bem illuminada por debaixo da casa do fallecido Dr. Refoios, juxou deus gafeis do bolso e encunbrindo-o á minha vista, perguntou-me:

— O meu amigo conhece o Sr. João ethnes de Saldanha?

E olhou para mim, para ver o effeito. Mas eu fui garfeito... Franzi o poder'olho e garante esse nome maçônico que eu sei muito bem que é do

Manuel António da Costa, veneravel da Loja Per-
reuerança, resgandi algumas, como quem queria
obrigar a memórias:

— Dyras de Saldanha... Dyras de Saldanha...
Saldanha... Quem diabo será?... Dyras...

Mas elle continuou:

— É o Inuão Gomes Freire?

— Gomes Freire... Gomes Freire...

É foy o mesmo jogo de cara, mas desta vez a
veler quem não sabia quem era o Sr. Gomes Frei-
re.

— É o Inuão Pivard?...

— Pivard?... Pivard... que diabo! isso é um
general boer que esteve em Thomar, emigrado...

Mas este sabia em quem era: era o Dr. Armando
Gonzalves, veneravel da Loja Pro-Veritate e cujo
nome symbolico não é o do boer mas sim o do
grande medico galego francez.

Elle ria-se, como quem tinha na sua mão al-
tos segredos; eu confessei ingenuamente que não
conhecia taes crusões e elle então começou con-
tando que em Lisboa, o Oriente, receiando me-
didas regressivas por parte do governo, mandou
suadender em Coimbra as reuniões das Lojas e
que foram ter com o João Franco perguntar o que
havia; este disse que nada havia contra os maço-
nicos e de facto nunca gosáram em se metter
com elles. E terminava:

— Elles é que se desembrinaram...

— Mas se ninguém se indigna com elles para que
tenham o melhor e mais aguentamento no bolso?

— Erubas... é cá para umas cousas... E se eu quisesse
se saber mais, sabia-o...

— Valuey; mas othe que o João auga... ..

— Não me parece...

Mas, como estava com interesse em saber quem
informaria o Ernesto, tanto insisti que elle por fim
explicou:

— É que eu fui ao general Martins de Carvalho
mandado do João José Lobo, saber as associações que ha-
via em Coimbra, porque elle publicou no Commu-
nicante um folhetim a esse respeito e como lá usou
as lojas masonicas, eu tentei estes aguentamentos
para intrigar por ali alguns cavalleiros.

Pareceu-me historia a explicação, mas disse:

— Pois se se vai a guisa dos folhetins do Commu-
nicante, João de ligar as mãos á parede.

— Valuey não...

— Pois digo-lh'o eu, que nem tudo errado. E
eu não tenho necessidade de o intrigar.

É de facto nem errado. Mas, terminei por lhe
dizer:

— Já não posso confiar no senhor... Já lhe não
digo nada...

— Pois se quer saber cousas ha-de ser alla por
ella...

É foi para casa e eu fui para o Marques Pinto
encontrar-me com o Floro a quem comeci a con-

nensa e que concordou comigo quanto á desconfiança e respeito da origem daquellas moedas.

Os nove e meia, depois de umas carambolas mal dadas, achámos para vir para casa; no Calendário vejo o Bernardo Pedro que me recebeu — cotado! — com muita festa e que vinha com o Padre Faussec e um outro. Juntou-se o Vasconcellos, e então foi um desfechar de cousas contra o Bernardo que tudo ouvia com um sorriso como de quem está convencido que tudo era dito por leviandade, por pingles fiado...

E por fim lá peguimos para a alta depois de passar no largo de Sausad onde as luminárias da Câmara municipal attestavam o regozijo publico pelo anniversario faustoso.

E aqui meae agora, antes de terminar este dia cheio de factos insignificantes e numerosas cousas, o officio que o Bernardo Pedro mandou no dia 26 de abril á commissão academica, e que só hoje me'o deu para figurar neste diario.

Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Foi com sacrificio das minhas obrigações diarias que no dia 24 do corrente comparei á reunião da Commissão Central Academica por me haverem affirmado que nesse dia se tratariaahi definitivamente da attitude que a Academia de Coimbra devia tomar em face das circumstancias presentes.

Foi, pois, com sacrificio daquellas obrigações que ali gencebrecci tres longas horas em que vi e ouvi unicamente debaterem-se questões byzantinas cu- ja resolução não exigia mais que duas palavras.⁽¹⁾ Foi igualmente esta a opinião expressada pelo digno presidente da mesa. Terceiro que esse defeito derivava da falta de uma orientação definida na discussão falta, felizmente, de algum modo remedida pelo prologo do Sr. Laroque (?)⁽²⁾ manifestando a neces- sidade de se estabelecerem ordens do dia.

Esta prologa fazia prever que desde então nas successivas reuniões se iriamahi resolver os as- sumptos mais graves.

Recallando em nesses occasiões o assueto leve e a falta de gravidade bastante que, quén nesses quén em as anteriores sessões, tem presidido á dis- cussão e aprovação das prologas apresentadas; e não concordando eu com a orientação que me ja- receu descrever em algumas phrases dos orado- res que então usaram de palavras, aconselhando violencias que só podem promover o desdouro ja- ra a Academia por isso que é de honras dignos e terrosos não sacrificar, principalmente com in- tere utilidade a sua vida, os interesses ja- reses sacratissimos, de terceiros, embora escaudem

⁽¹⁾ Ver p.^o 136 e seg.^{tas} [dia 24 abril]

⁽²⁾ A interogação attinge unicamente a orthographia e não o nome da pessoa. [Nota do B. Pedro].

do - nos na falta do lenio e dignidade acadêmica, cum-
pre-me declarar a V. Ex.^{ta}, esperando que V. Ex.^{ta} dê parte
desta minha declaração á assembleia, que me não
considero obrigado pelas resoluções tomadas, nem o
meu voto expresso, para o que as aguardarei, visto que
foi resolvido ter-se-as publicas.

Se meu officio fosse lícito fazer uma proposta,
considerando que um grande numero de estudan-
tes pedem a essa commissão tão discretionary gos-
derez, como os que ultimamente se têm arrogado,
e para que essa commissão não fosse por accusada
de tyranica, antes procuro proceder em harmonia
com a opinião da maioria acadêmica, eu propo-
nha que se enviase a cada estudante uma circu-
lar-relatório das resoluções que essa commissão en-
tende que devesem ser tomadas pela Academia, a fim
de cada um dar a respeito dellas ou o seu apoio ou
a sua negação, conferuando-se a Commissão Aca-
dêmica com os dictames da maioria.

Deus guarde o V. Ex.^{ta}

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Commissão central
Acadêmica.

Coinhbra, 26 de abril de 1807

Do estudante de matematica e philosophia

(*) Bernardo Pedro.

Coimbra =
= 9 de maio {5º feira} =

No meio de tudo isto esquecia-me de falar de um protesto que o Diário Ilustrado publicou no dia 1 de maio, assinado pelo estudante Pedro Ferrão, já aqui citado a p.º 107.

Diz elle que, como um pamphletto anonymo (que foi aqui citado a p.º 204) «com um catholico pueril - Justicia! - » lhe chama a elle, Ferrão, por tabelão o lindo nome de imbecil e outras cousas feias elle declara em publico que felicemente essas calumnias não o podem manchar assim como ás outras pessoas e que infirma quem quer que foi o autor a grovar « as suas asserções em nome da sua propria dignidade. »

Ora convenem explicar aqui que conheço este senhor Ferrão apenas de vista, mas que conheço tambem um nota e seu respeito que far por a unica, não gardo. Foi ainda habermos conhecido pelo Floro:

Estê, encançou o Bernardo e o Ferrão, conversando sobre verdadeiras futilidades; e a conversa recadava e cante «tudo sobre arte... O Floro ouvia simplesmente. O Bernardo disse que Coimbra é uma terra em que mais ha que mostrar neste campo, especialmente architectura. E neste ponto quando o Floro esgarava ouvir citar a Sé Velha, Santa Cruz ou outro semelhante, o pm. Pedro Ferrão —

antigo penmanista — citou como exemplo ... o edificio ...

... o dos correios e telegraphos!

Vae para commentarios.

E e' este penhor que vem fazer protestos... Se o criterio da sua dignidade for como o seu criterio artistico, deve ter uma dignidade muito estafada.

Somos ao dia d'hoje.

Ha pouco. So' pahi á tarde, por signal que im-
pressionado desagradavelmente com o vento que
fazia.

Durante um boceado não encontrei ragazza a
quem perguntasse cousas; de modo que, quando
vi o Alfredo Pinheiro lancei-me a elle:

— Então que me diz de novo? O que se tem feito
de novo?

— Nada! a mesma coisa d'antes.

Deu-me um manifesto que hoje foi distribuido
dos estudantes do Porto, com o nome do Grêve Des-
demica ⁽¹⁾ que visa principalmente o João Franco
e que accusa a intransigencia, declarando-se
elles sempre os mesmos.

Depois falámos das declarações que continuam
a apparecer nos jornaes, principalmente no Ilus-
trado, caso d'ergoto d'esse immundicie de philo-
sophia e argumentação; principalmente foi alvo
da conversação umas cartas dos quintanistas de direito

⁽¹⁾ Mano III — 48-J

Taveira de Carvalho e Garrett, já tristemente citados neste diário, no dia 21 d'abril; carta em que souco congridinho em que dizem que, como não foram attendidos nem na proposta de conciliação, julgam-se desligados (como se o não estivessem ha muito) e resolverem não se iungir «com o que a comissão não ventu a resolver.»

Por fim o Pimenta mostrou-me uns linguados de papel com o original dum manifesto que vai sair depois de amanhã; e referámos-nos referando que se drogaris em frente os frequentadores do estabelecimento nos observávam. Podéra! o anarchista Alfredo Pimenta convencendo á jurisdade com uns columnas da ordem, um sustenta-culo das instituições!...

Encontrei ainda o Floro e quando converseámos com elle, zassou o Ernesto que disse jironicamente:

— Oh sen. algeres! Talvez aki esse penhar comheça os taes irruções de que lhe fallei hontem...

E como houvesse piuzosamente troco de zadas elle terminou por dizer que se as lojas não zregaráram o movimento, zelo mesmo ajudáram

— Isso é que não ha duvida.

E cada um foi zara seu lado.

No Resistencia chegada hoje, vem uma columna quasi dedicada á carta do mesmo Marsarás e que já me referi. É uma chuchadeira conglleta e engraçada é linda creança que tão asmatica-

amente pediu a causa, por causa dos mestres não conseguirem a ambirar com elle.

O artigo é obra do Dr. Guiu Martins e diz logo no começo:

«O gesso ao meu mestre e poderoso Alberto, filho do meu mestre senhor conde de Mansariz, senhor de sete castellos e sete cidades!...»

No artigo mostra os gestos de contacto entre a groza do menino e o hymno das escolas, obra do gazi... E acrescenta que «decididamente, Alberto, é o gazi em groza!»

Mas não esqueceremos os protestantes; temos hoje mais quatro e dois, dos bons:

José Maria de Proença d'Almeida-Garrett — filho de Gonçalo Xavier d'Almeida-Garrett, de Castello Branco; é do 5º an.º de Direito. É não só por si mas pela familia, membro da estrela; tem a alcunha de Joli.

José Taveira de Carvalho — filho de José Taveira de Carvalho Pinto de Mesas, de Amarante; é do 5º an.º de Direito.

Os dois outros nomes, são nomes que não encontro no Anuario; são elles: António Martins Graue, do 1º an.º de mathematicas e José Carvalho de Albuquerque Sousa, do 1º an.º de Direito.

Ficam estes dois de reserva e logo estão a re-
 nidade do Illustrado na publicação das cartas so-
 bre o assunto. Tudo lhe perve!

Com os 38 do transporte (de 1^o 207) e com os 2,
 nominam — 40.

Diz mais o Illustrado que o numero de adhe-
 rões de Paes á celebre circular, já póe á Linda pom-
 ma, conta redonda, de 300.

Beem Rajam.

E logo terminam: meu tio José escrevia a meu
 Paes e entre outras cousas dizia: «com respeito á
 " grãe parece que entrou muito malha e que
 " ho actos, ficando assim alguns prejudicados os que fo-
 " ram mais casamentos ou por conveniencia pro-
 " pria não queiram concorre a elles.»

Como elles falau... Ah perfidia!

Coincider =

= 10 de maio (6^o feira) =

Fui á alta, poris meio-dia. Conversei com o
 Balthazar Teixeira, com alguns outros que cobavam
 junto e fiquei sabendo com certa satisfação que a co-
 missão executiva continuava a trabalhar de ma-
 nha boa vontade, sendo de parte a questão que me
 tivára a palida.

De facto, na vespera, tinha nos jornaes uma de-
 claração explicativa:

« Por factos graves, a comissão académica delegada da assembleia geral, deu, como é patido, a sua demissão. Por factos posteriores sobre os quaes annullavam a situação em que ficavam os estudantes residentes nesta cidade e as consequências desastrosas que d'ahi poderiam advir, reassumiu a dita comissão as suas funções. Todavia só retornou o seu mandato em seguida a terem sido votadas pelo assembleia dos estudantes residentes em Coimbra duas mocções de confiança em dois dias consecutivos e em seguida a serem-lhe dadas todas as explicações e todas as manifestações de sympathia. Fica pois estabelecida a verdade do que aconteceu de forma a não ser por ninguém offendido este incidente, desagradavel que, de resto, a comissão executiva não provocou. » (O Seculo, de 9 de maio)

Felizmente, a questão, por aqui está parada.

Outro caso, foram, alternavam os rogos de boa-fé : a cada passo agneciam traidores e agora fôra descoberto que o Sergio Ferreira da Rocha Galixto era o que ia contar ao governador civil, o que se passava nas reuniões.

O Balthazar que o já conhece de outras causas lançou-se a elle numa reunião, gol-o a descoberto. O Sergio chamou-lhe yulha, o Balthazar chamou-lhe traidor e provou que uma hora depois das sessões da comissão, o desembargador Ferreira Galixto (pai do Sergio) já contava tudo o que lá se

se garrava não só aos políticos, mas aos leites!

O desembargador é todo José Luciano. Logo...

Uma vergonha.

Convenem notar que o Sergio, no anno passado, isto é, no 4.^o ann.^o de medicina, teve accessit e creio que em duas ou tres horas de gáudio; e já ho-mem que quer entrar para leite e vai-se já ha-bituando á maneira de ascender aquella elevada e pulcra hora.

Mais se parece ainda no grego e que foi afir-mado com convicção: os esbudaques da Escola-medica do Porto resolveram, no caso de as aulas se abrirem e de se lhes virem a ensinar mui-tos estudantes para a aula, vir a Coimbra e gar-ras de facto fizeram-lhe conhecer a indignidade de tal proceder, recorrendo — como se conheceu-de — ao mouro Zebueves, pediram argumentó para tão descelegadas cavelegaduras.

Bella lição de certo! Mas tambem, de certo, lá está o gae vigilante João Franco que arranjará remedio para evitar esse exemplo effeudido de dignidade.

Muito me riria e muito de vontade, ao ver o Bernardo Pedro esmurrecado na sua cara de pau-quista, por um estudante do Porto, trizeiro revo-lucionario!

Oh! que seria a minha maior consolção!... chada como o argumentó da força... não convence é certo; mas veize e ás vezes, faz deitar cogio.

namorada, o sangue do maris... Que venham e que se murmuram bastante!

Comentou-se também, umas declarações que viam no jornal catolico o Palavras e que diz:

« O Sr. João Joaquim de Costa Oliveira Bastos, escreve-nos dizendo-nos que a carta que nós publicamos, assignada por elle, não lhe pertence.

Fica feita a rectificação.

Sentimos que haja ... etc, etc. »

Continua o jogo das declarações falsas; e no Ilustrado d'hoje publicaram-se mais declarações com nomes que não existem.

O Balthazar disse que o Pestana J.^o ia escrever uma carta aos jornaes protestando contra esse facto e eu pedi ao Octavianus de Sá (um galeto que escreve as cartas para as Novidades) para se referir a isso. Do mesmo, consultassem um Annuario!

Dos jornaes de manhã, li a Lucta que traz um bello artigo do Brito Gamacho acerca da circular dos Paes e do qual diz: «... dir-se-hia feita por um jesuita que fosse ao mesmo tempo advogado.»

Traz também a declaração de um pai, Francisco Manuel Salente, que declara que viu o seu nome na lista das adhesões a que protesto contra esse abuso querendo não accusar a seus filhos sobre conductas que não fosse a de madre intransigencia unica que julga coherente e digna.

Diz mais o Lucta que na relação das adhesões veem muitos nomes de jaes já falecidos; de modo que ellas têm vindo... do outro mundo!

É mais veem a noticia de que a comissão dos jaes lembra aos outros jaes que ainda não adheriram, a urgencia dessa resposta. Diz o Seculo que as adhesões são já 466.

A respeito do gruço da circular já celebre na questã academica, dizem os jornaes que têm de adherões e que vão responder ás declarações que a comissão não tem feito e sem respeito.

há os esgravaos, com o resto do caderno em branco e que sejam bem vindos!

É agora vamos ao protestantes: ha tres geraos de leitãs mas uma pó verdadeira.

A verdadeira é:

Fernando Manuel de Mattos Cardoso - filho de Miguel de Mattos Ferreira Cardoso, de Lisboa, do 1º an.º de direito.

Os outros são: Alberto de Gouvea Carneiro e Alvaro de Brito d'Araujo, nomes estes que não veem no sumario.

Com os 40 do transcripto (de p.º 219) e com este, somam-se tudo - 41.

Dos falsos protestantes, dois de homens e dois de hoje, somam-se - 4.

É naturalmente o Illustrado continua a obrigar-

nos a estas duas complicadas operações arithmeti-
cas...

É termino este dia com a consolação de que me
não esqueci a respeito do meu amigo Sergio Galvão;¹⁾
eu ja o conhecia e mais uma vez se prova que eu
ainda sou uma creatura de juizo...

Quanto ao Santo Silvas, veremos; ora lá que eu
me esqueço...

Coimbra =

= 11 de maio {sabbado} =

Tenho hoje para registar aqui um precioso docu-
mento, de mistura com a ditadura do João Franco.
Uma e outra valeu dinheiro.

O João Franco lá levou o rei a dissolver as cortes
para consultar o conselho de estado, attendendo — di-
zia o João Franco num telegramma para o governador
civil — e que o governo não podia cumprir o seu
programma de regeneração politica com as camaras
abertas!

Voltaremos aos tempos bons do caceté e da força?
Só de ditadura e do João Franco as temos...

É de fugir!...

Mas vamos ao documento para fazer de tempo.
foi. Foi-me fornecido pelo meu candidato Aguiar

¹⁾ Já faz acto de licenciado; rias e caminho... {ulota, 5-I-910}

o marco e diverso Alguar, como nós lhe chamamos mas que a final é um unico e unico a valer.

Foi o caso que o Jaz delle Joaquim Esteves Fernandes Pereira que é influente progressista em Parada de Bueiros (Vila-Real) recebeu a circular dos Jaz de Lisboa e juntamente uma carta do conde de Vila-Real que é o chefe político progressista do districto referido.

Parece que o Jaz do Alguar não gostou porque escreveu ao filho contando que as circulares, Jaz do districto de Vila-Real, têm sido quasi todas distribuidas por intermedio dos administradores dos concelhos e que lhe enviava a carta do conde (por signal que, como tem má letra viria copiada por uma filha do Jaz do Alguar melhor general) Jaz que disse o que deveria fazer.

Oras o Alguar cedeu-me a carta e disse-me mais que o Jaz estranhava a carta por tão comprida, porque o conde, quando escreve, mesmo a respeito de cousas importantes nunca manda mais que mais-duzia de linhas.

E segue o documento precioso:

3-mais-207

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.^o

A comissão de Jaz dos estudantes que se organizou em Lisboa expediu uma circular a todos os que se encontrarem em eguaes circunstancias, pedindo a sua adherão no sentido de serem pedi-

das providencias ao governo para que os estudantes não gerassem o anno. Parece-me de toda a conveniencia que puzesse uma tentativa para produzir os desejados efeitos e por isso e' que eu venho chamar para o assumpto a V. Ex.^{ta} manifestando ao mesmo tempo o desejo de que V. Ex.^{ta} entenda poder dispensar a sua adhesão devolvendo a circular com a resposta que o acompanhava, com a sua assignatura.

Tambem pezo de toda a conveniencia que meu filho se reservasse completa liberdade de accão, não reconhecendo a commissão academica da Universidade os poderes que ella se arroja e que nesse sentido se resolvesse a publicar nos jornaes uma declaração.

Faz meu resolucion que os estudantes redidos por um ideal absolutamente, sem duvida, se deixem arrastar a ruinas inberesmes que não tem de certo, em vista, o seu bem estar e conveniencia.

Com toda a estima e consideração, amigo e obrigado

(e) Conde de Villa Real.

Não necessita commentarios uma carta d'estas, que neste diario tem um valor excepcional.

Ahi fica para mostrar que o governo ou a commissão liberal (que talvez não é nella, desta vez) afirma falso quando afirma que não se tem metido em nada.

Aqui fica um documento (cujo original se

vi a exaurir) que irrefragavelmente grava o
 contrario de tudo isto; é um chefe da politica do dis-
 trito que escreve a um influente desse districto;
 é um chefe politico que insinua a coação a um estu-
 dante que de mais a mais é dos firmes e dos bons.

Pois eu, sahendo pó á tarde, depois do jantar, e
 tendo conuigado jermes e conversado com o Bal-
 thazar Teixeira, tive conhecimento de que nem tu-
 do nao tão mal como o fazem acreditar os jermes
 franquistas; começa a haver uma reacção de mu-
 tos descontentes contra os processos dos politicos q-
 re fizeram gerar a greve.

Ainda bem.

No Illustrado nem a tal respeito dos signatarios
 da circular dos estudantes desidentes. E' muito
 conuigido; nem recheada de argumentos de joco
 goso e conuigentemente tantos; e termino por
 rogar o gazo para as respostas de adhesão (jorque
 apinal, não tiveram quasi nenhuma) e dizem:

« Terminamos afirmando com energia e nos-
 se absoluta intransigencia na situação em que nos
 collocamos procurando uma solução em que se ha-
 monisem honra e interesses. E aos nossos collegas
 que ainda não responderam á circular declaramos
 que não o fazendo até ao proximo domingo, consi-
 derá-los-hemos como não tendo adherido.»

Sempre a terrivel janeta de haure e do grouei.

to!... Ou em meo suggesto em isto ainda nem a dar
muita bondade...

No meio do converso appareceu o Bernardo Pe-
dro, com cara de mais satisfeito — uf! estiveram
para ir a terra por falta de ministros — com quan-
tos casos pingues banalidades; e como eu visse
passar, airosa, um tricarmita d'olhos negros que
estive a adoçar galas republicas as agruras
da vida, eu deixei a conversaria e peguei, como o
colgar do casaco e enfiar-me no galga cabeça, balço da
fara, sob a chuva munda...

Oh! a eterna generancia das raças!...

Mas entao, e que appareceu subitamente, da li-
vranza do Moura Marques, o Aguiar, o vario e di-
verso Aguiar!

Sempre o mesmo rapaz alegre, de fiada grunha
e ironia acerada. Já para a alta, para casa, aborre-
cido de tudo isto; não tinha ido para a terra por-
que enfim, isto sempre era melhor do que andar
entre quatro paredes... e alludia á sua terra ma-
tãl, um aldeia transmontana, perdida nas agru-
ras verdes e coras dos arredores de Ville-Real.

Mas, sabendo o que andava ali a fazer, ope-
rou, amavel, a casa, um republica:

— É um humilde leguio... Contudo, tem al-
bergado em seu pais, varias raparigas do Monde-
go de equal qualite...

E pudemos para a alta conversando sobre o ca-
so do conflito, tendo brevemente indicado o re-

publica e tricanas joueram de tentadores otros reinos.

Foi entãõ que elle me diõse da carta do conde de Villa-Real e me offereceu uma copia; e passau do ao fundo da rua do Barretho, chamáruos o Pacheco a quem noticiáruos o aduento de uma mondagide como lhe chamava o Aguiar e convidáruos o a fabricar daquella meiga convivencia.

Mas o Pacheco acabava umas cartas para os Acores; lá iria ter e como se juntasse o nosso condiscipulo em physica e chirica Maximiano Manteyro (tãmbem transmontano) que esgrava um amigo que fãra a uma internista com uma morena no Micótã (a quem os rapazes chamávan Katucha) nós tres pulnuos pela ingreme esca da do prédio da republica que é na rua dos Militares n.º 27.

Alí, naquelle quarto puzillo, havia uma curiosa arrumação; dois registos de paulos, mas zardos, com malduras de caixas de goshoros o que dava um curioso aspectõ; á cabeceira da cama, um rosario, mas um rosario authenticõ, para intrigar os visitãntes; por sobre a escrivaninha uma jagina do fulgurentõ do Seculo com uma grande rã, ~~que~~ representãdo a Univerridade; mas o que mais notei foi a diversidade dos instrumentos: um violã, uma viola meinhota, uma flautõ, um cavaguiño e um bombo, um authenticõ bumbo transmontano, de gele de carneiro, felfuda aiuda.

Seu duvida alguma — a musica começou: a cama verde do norte, a que o Maximiano dava

o verdadeiro tom com o tom do bombo característico.

A meio, fez a sua entrada, ao som do hymno da Carta, o gentil mandagide, e depois o Pacheco; mas a musica continuava, era a causa verde, era o vida, era o fado, a que o bombo dava o notô alarquanté a gosto de, no meio, se começar a juntar gente e um goliás começar a analisar as janelas cuidadosamente. Depois, vieram as modas das ilhas a que o Pacheco dava uma certa ziada porque o Pacheco é um rapaz grave, circunflexo, falando sempre sério e acrescentando a isto, o seu característico notôque agoreano.

E terminou pelo chá com que o Aguiar nos quiz obsequiar, um verdadeiro chá de republica, isto é: o chá propriamente dito e bolachas ruaris. E o Pacheco, jáo terminou, cantava:

Toda a moça que é bonita,
Que elle chora,
Que elle grita,
Nunca havera de nascer...

E o bombo, o terrível bombo, manejado pelo Maximiano, imflavel, atoador, constantemente — zuum! zuum! zuum!...

E por fim, quando começaram a ser horas de ir ao correio jáo o Pacheco deitar as cartas jáo o jacuê, a conversa cahiu jáo o sério e eu li

no numero de hoje do Primeiro de Janeiro uma das melhores razões do João Chagas em que descreve uma visita á universidade: tudo velho, archeologico, inquisitorial; só lhe despertou a attenção e a admiração uma caudaiha elétrica nos gongos, que o alvarozou por ver lá dentro uma caudaiha da civilização; mas reparando na caudaiha que tocava proximamente, viu-o tão velha, tão velha, que teve a desoladora impressão que aquella caudaiha devia por... antecipar á eletricidade!

Depois, desceram ao correio; e no palheiro, o Aguiar que tem uma bella voz de baixo-profundo, escandilhado gelos autros em falsete, entoadu um magnifico caudochão que alpende no ruay de Maria, nas Uroullivas... E assim perceimmo até á alta, era o caudochão, era o fado...

Mas não nos esqueçamos dos nomes protestan-
tes: no Ilustrado vem um:

Joaquim Carlos de Sousa — filho de Carlos João de Sousa, de S. Vicente, Funchal; é do 5.º an.º de Direi-
tó. É dos que furou a grêve explicando que era pro-
fessor do lyceu do Funchal e que estava com licença
do governo...

Mas além d'este, que é verdadeiro, vem tres
falsos: Antônio de Casto Vieira, do 2.º an.º de Direi-
tó; Calistino Garcia Ressende, de Direi-
tó, tambem; e Jo-
se Capitel de Sourelas Correio, esquivamente de

direito. E dizem que não fazem Jolitics, os franquistas?...

E cada nome!... Parecem, nomes de comedias!

Mas cá vai o nome:

Protestantes: com os 41 do transgênté (de p^o 223) e com mais um, pauvris — 42.

Falsos protestantes: com os 4 do transgênté e com estes três, pauvris — 7.

E segue...

Coimbra =

= 12 de maio {domingo} =

Ben o imaginava eu! A concentração liberal foi-se... seis telegrammas para o conde de Agueda com a nova. De modo que os progressistas que até tinham á noite elevavam ás nuvens o João Franco, passam agora a fazel-o descer ás profundas dos infernos... E os franquistas que até tinham eram tu cá tu lá com o José Luciano, passam a chamar-lhe o outro rey o «velho tonto e imbecil» e a falar do novo nos escandalos das gambas de chaulague e a stirar-lhe com o gabinete dos tabacos, etc, etc.!

Oh! que alcabrures!...

Se o homem combina no Jodên, com a fera ditadura para Joder emigrir todo o seu programma, entã, é uma vez uma assistia!

Lá vai o auno á vela, sem afelacão nem agravo! E' para elles dizarem, depois, com certo gaudio que se fez a vontade áquelles que tinham o auno perdido...

Servem-se de tudo, os franquistas!

Mas, desce em gressadamente á baixa, reparando na beleza extraordinaria da tarde, quando encontrou o Plano. Com elle andei apreciando o embardacar tão bello até que anoiteceu e entramos no Gallego, onde esmolei o Mundo.

Vinha neste a resposta da comissão central de Coimbra ás afirmações do grupo desbridante a que hauteu me referi. E' um protesto violento contra um certo numero de insinuações feitas pelos signatarios da circular; ha entre outros, os seguintes pedidos:

«A Comissão central academica, refere como injuriosa e cobarde, a insinuação mascarada de que a vida das comissões academicas seja orientada pelo partido republicano. Os signatarios do protesto estão pedindo humildemente os desculpas do governo e pedindo-se dos seus processos.....

Tudo esse insinuações no ar. Manejam-na os fadistas mais ou menos felizmente com maior ou menor desassombro.

Os signatarios do protesto, consciencia ou inconscientemente estão reduzidos a isto: funcionarios

do governo, amigos do governo e deste desastroso governo pífioses perneentuarios.»

D'ahi a pouco, na cafetaria Borges, da Calçada, appareceu o Freitas com o Bernardo Pedro; o Freitas pediu a Lucta com muito interesse a que eu logo lancei maldade...

— O quê, meu major... a Lucta?! Olhe que é um jornal republicano...

E voltando-me para o Plano:

— Bem se vê que se inspirou no busto de Voltaire...

— Cale a bocca, homem... So não fosse você lá, ainda não tinha reparado de quem era o busto. E mesmo... se reparasse... não tinha conhecido... Não sabe qual é a minha illustração...

— Modestia...

Mas na loja não havia a Lucta, e lá foi procurá-la com afincos. O Bernardo ficou e ouvindo-me falar sobre o caso das declarações de estudantes com nomes falsos, teve não sei que bicho carquinheiro, que desandou a berrar, a barafustar, com a bengala em molinetes, quasi cingestioneado, chamando a attenção de quem estava na tabacaria e de quem estava na rua:

— Aqui estão os tão liberais! (era eu e o Plano)
Eu queria - os no reculo XVI para ver se vocês falavam assim, com as faqueiras da Inquisição a andar! Vocês são os tão liberais que só querem

que os outros fizessem como vocês fizessem. Eu ao mesmo tempo sei o verdadeiro liberal porque me não importo com que os outros fizessem desta ou daquela forma! Agora você... (a fúria era igualmente sobre mim) não posso dizer Torquemedas de Yechisléque!...

E ralhado, furioso, no meio das gargalhadas minhas, do Floro, do Ernesto, voltou-se, á porta, para trás e gesticulando ainda, teve a terrível objurgatória:

— Torquemedas de Yechisléque!...

Ofensivo!... E ficámos a pensar que bicho me daria, ao sobre Bernardo Pedro, para assim tão descavalgadamente, no meio da admiração geral, elle ter essa phrase que foi quasi um raio de luz, acasalhado de risos

— Torquemedas de Yechisléque!

Depois, quando partimos e nos encontramos com elle e o Freitas, no largo de Saensão, conversando muito á juridade, eu não me contive e fui descaçoavel:

— Como que então... Torquemedas de Yechisléque?... Pois vivam o Robespierre e o Danton da mesma materia!... O Robespierre é o Bernardo; agora o Danton, como era mais baixo, e mais gorducho... é o meu major!

Mas o major estava com vontade de urinar; e á volta do urinol, abotoando ainda as calças, embre o pério e o alegre:

— O meu amigo fica sabendo que entre nós
nãõ se tãõva a falar em politica...

— Mas o busto de Voltaire...

— Boa noite!

E lá foram os deus, uma acima, e eu subi com
o Pêro para a alta.

Sobre a mesa tinha um numero de Parodia que
tinha uma carta excellente de João Chagas acerca de
uma visita a Coimbra; e no Resistencia nem um
folhetim com extractos de umas Palavras de almu-
tunulo (memorias) do Dr. A. T. de Costa Dirucos
a que se referem a conflitos academicos. Em um
delles, ~~em~~ 1872, entrou o busto Isis Tei-
xeira segundo se deprehende do que se segue:

« O dr. A. T. entãõ estudante do 4.º an.º juridico,
foi indicado como um dos mais turbulentos na-
quelle noite... »

Nãõ resisti á tentação de transcrever...

Em todos os januaes, januaes, vi a clara repro-
vação dos processos das folhas governamentais, a
rejeição dos nomes falsos. Felizmente deram logo
com a manobra. Na Lucta nem mesmo a decla-
ração de que se trata de uma burla flagrante.

E se é!... Mas elles lá nãõ empregando, os
santos franquistas!

Coimbra =

13 de maio {2.ª feira} =

Os franquistas têm necessariamente de fazer a história!

É aqui que vou fazer um grupo disso: à tarde saí como de costume e no Colégio encontrei-me com o general Meunier de Carvalho (referendo) pai do actual ministro de fazenda. Elle anda com cara de desconfiado depois que o filho está ministro, naturalmente com medo de Zidas.

Consegui a Lucta e quando, á festa de Jafelaria Andrade (ambigo Borges) me apresentava para o ler, diz-me o general meizamente:

— Então o meu netinho, está aqui está a entrar para as aulas...

— Isso é verdade, meu General?

— É, quero afirmar-o. O neto não pediu a demissão meu Zide. Bem vê que mesmo com a rejeição da candidatura, elle não podia fazer tal porque quem lhe pediu para elle vir para neto foi el-rey e não o João Franco. De modo que elle só sabe se resolver o conflito.

— É a amnistia?

— A amnistia vem para o anno. No proximo anno terão já todos os riscados entrado para as aulas...

— Mas este anno, não...

— Isso certamente...

Ora quanto ao reitor não ter zedido a derri-
rão já eu sabia; meu Paé telephonou para o Costa-
Lobo e este respondeu que tinha ido á reitoria e
que o D. João lhe dissera que nada podia fazer por
si; esperava ordens do José Luciano ou... de mais
alto...

Mas quanto á auctoritá quér-me parecer que é
bucha do general. Novo batão de cusais...

Mas seguidamente, como eu duvidei que vies-
se a auctoritá, attendendo á ditadura feroz... elle
deu-me confidencialemente a conversação para o
caso politico; e susinuava-me com a phrase ba-
tida de "seri para nós":

— Esta ditadura tem qualquér razão de ser que
nós não conhecemos e elles não dizem...

— Ora, meu general, isso...

— Será!... Alguma coisa se sabe por lá e que
não couven dizer... Olhe que nesta ultima batida
de flores a familia real foi desconsiderada no
Bauço Grande...

— Então é a republica que chega?

— Ah!... Era coisa para este mez, o mais
tardar!...

— Oh! meu general!

E desabei a rir com vontade. Elle aborzechou-
se com o meu incredulidade.

— O marinho ri-se?... Pois ria!

— Oh meu general... Eu estou a rir, mas é de

de contentá; estou na inatividade e liure dessas
cousas todas.

Mas elle insistia:

— Então o homem ia negar todas as suas afir-
mações? ia colorar-se mal com todos os partidos
monarchicos? então o Hütty colára-se assim,
sem graça para declarar a sua attitude? E o Julio
de Vilhena disse que era contrario a todas as dita-
duras, mas... lá vai um mas que a gente não fan-
cete... Olhe que os mas dos altos politicos são o
diabo! Heredité que a couse era para este mas em
Lisboa e no Porto!

Eu ia para me rir novamente, desse javaroso
medo da republica, quando entrou o Baeta Neves,
o realaudes Baeta Neves e a conversa desviou.

Os franquistas! os franquistas!...

Ora na verdade, meu Pae, ao jantar, disse que
passou na estação telegraphica, um telegramma do
Antonio Cabral para Oliveira do Hospital em res-
posta a um outro que perguntava pelo que havia; e
disse elle que já era tudo na mesma mas que se
esperavam sérios e graves acontecimentos. Será o
Antonio Cabral a assustar os leirões daquela linda
terra?

Eu, na verdade, cá estou á espera desses graves
e consideraveis acontecimentos!

Coinbra =

= 15 de maio (4^o feira) manhã =

Hontem distribuiu-se mais um panphleto ingressos de questão academica, assignado pelo comissão central ⁽¹⁾

É aquelle cujo original o Alfredo Pimenta me mostrou, no dia 9, ultimo e de que elle é o autor.

Eu ja o leveira, mais ou menos, antes de elle me'o dizer: citava Conté... logo... era do anarchista Pimenta — que á questão acadêmica liga os trabalhos e successos das vergens do nascimento dum filho, do segundo filho. Porque é de notar que o anarchista Alfredo Pimenta é casado e professa a religião do casamento como qualquer burguez feliz e bemaventurado.

O panphleto lança-se com certa violencia ao João Franco e ao reitor; depois refere-se á circular aos estudantes a cujos pignatarios chama perverbia- rios do governo.

Em confirmação o Illustrado traz hontem uma outra resposta dos pignatarios da profesta em questão que é, a meu ver, mais um vergo- nhoso documento para a historia da grève.

Quem per, for força — esse grupo de estudantes — quem agora dirija o movimento, sem se im-

(1) Memo III = 48-K

gentar com os argumentos contrarios; vergunha
mesmo:

« Só a referida comissão foi, Josue, como cau
as sua, o monologio da attitude logica e honesta da
academia? » (Diario Illustrado de 14 maio)

Assim se vai mostrando a questao per dentro;
até aqui era gelo exterior, gelo mesmo lado, afinal;
agora começa a ver-se bem gelo lado jeira, infeli-
mente...

Fóra disto, tudo vai na mesma. Flaubert, min-
guem me dava novidades de ingenuidade: nem o
Floro, nem o Bernardo Pedro, nem os rapazes
com quem falei e com quem andei até á bella hora
das 5 da manhã de hoje.

Porque é aqui de notar que juntamente com o
Pacheco, com o vario Aguiar, com o Maximiano
Mendonça, o Luis Bricudo (a quem fui apresentado)
e outros dois rapazes, fui ceiar ao restaurante "dos
caxerões" acompanhando-nos a orchestra concerta
da casa do Aguiar.

Continuado foi a conversação sobre a questao acade-
mica; o Aguiar, de vez em quando, levava-se ri-
vas e rivas:

— Abaixo a universidade fradesca!

— Viva a academia ultrarrazoável!...

E o bumbo, o terrivel bumbo transmontano,
junto a nota alarmante á reunião:

— Zuum! zuum! zuum!...

Da nos jumbava-se gente e jangumbava-se pe-
taria riudo e aumistia...

E, ao dar das duas horas de manhã, nós, de
baixo do arco do Bispo, por causa da chuva, espe-
rávamos um carro que o Maximiliano Chaveira
depois de terminar o cis.

O Pacheco discursava sobre anarchismo; o
Aguiar fazia persuasidade e eu esgrinava, com
uma tremenda constipação...

Passou em certa altura o meu antigo ténante-
medico Flaminio Teixeira de Azevedo, agressado,
para casa; e eu disse-lhe qualquer coisa banal,
mas o Pacheco, anarchizado de todo, bradava em
atitude arábia:

— Oh mesquinho burguez de chafar de côco!...

— Incondicionalmente ao vosso lado... acres-
centava o Aguiar.

O Flaminio lá conseguiu escalar e quando
afareceu o carro, o Pacheco, o Meuberto, o Aguiar
e eu, tomámos lugar depois de nos despedirmos
do local riudosamente, reunidos com uma gar-
rafa do Porto:

— Viva a acadêmia intransigente!...

O carro rodou; a chuva começou a cair pes-
samente, e quando o dia desfez-se tristemen-
te, por entre umas nuvens garrasentas, estáva-
mos nós na Parbella, sobre a fomba, fazendo con-
siderandos variados sobre o progresso representado.

do gelo viaduto da linha férrea e polera a arbo-
rescente da linha artística do Mondego, subiu-
do Gelas Torres, e desalgarecendo Jor entre as serras
das encostas...

Foi uma inchidável noite; o que succedeu não
se conta aqui; os ditos, a varis condição que le-
vávamos e que fazia dizer ao Aguiar abobado
em zoro

— Eu quero uma orçã infême!...

E recordando um fragmento de estudantes,
ao qual elle sempre alguma as finas Jor lado
ridículo, acrescentava

— ... Jor me eu, nunca período completo de
salvo, sem gestos quicholésicos...

E lembrava então o Pedro d'Alcantara que fal-
tava ali, com o seu coração sempre aberto, sempre
franco, e a Jorda sempre Jorulta. E ainda, quan-
do me algei do carro, ao fundo da minha rua, el-
le me dizia:

— Incondicionalmente ao vosso lado... Sauda-
ros, Luis d'Aguiar.

Oh! o alegre Aguiar! A estas horas ainda elle
estará entre laços, romaticamente...

E fico Jor aqui...

Corra-se um vez polera os successos da noite;
não vamos fazer corar os vindouros...

Outro, no Illustrado vem um « grotesco »

José Maria Marques d'Oliveira Teis — filho de

Francisco Marques de Oliveira, de Valeza, concelho de Ovar; do 1.º au.º de Direito.

E ha um outro José Fernandes de Góes mas que não vem no Annuario.

Temos, pois:

Protestantes: com os 42 do transgênté [de p. 222] e com mais este, por nome — 43

Falsos protestantes: com os 7 do transgênté e com este, por nome — 8

Coimbra =

= 15 de maio [4.ª feira] noite =

Sahi cerca de 1 hora da tarde para saber dos meus: o Pacheco, em camisa de dormir, preparava-se para as abluções; mas em casa do Aguiar havia um silencio sepulchral! o quanto deste este me ainda immerso em névoas!...

No meu encontro o Bricido, fresco, com um bello glacéon verde; conversou-se um pouco e é de opinião que isto não tem breve e consiliatoria opinião. E de curso em curso, veio a falar-se não sei bem porque no Dr. Pedro Martins, lente de Direito e desidente algorista.

E ainda o Bricido contou-me que o Pedro Martins, no começo de questões, ferido nos seus livros cathedraes, fôra a Lisboa e desabafára com o João

Pinto dos Santos que é leader dos descontentes na
camara. O Pinto dos Santos, porém, reafirma-
the firmemente: que escusava de vir com boas
ideias, que nada fazia com isso; elle, João Pinto ha-
via de seguir a conducta que traçou desde a sua
saída da Universidade, e com elle os descontentes:
"guerra em tudo e por tudo, á Universidade!"

O Pedro Martins encontrou-se; e agora é zelo
raças, mais ou menos...

Falou-se também em que o reitor se ia embora;
que fôra hoje a Lisboa apresentar o seu pedido de
demissão ao João Franco; e afirmava-se que o go-
verno não estava lá muito tempo... etc, etc!

E com esta bagagem noticiosa desci á baixa,
ver os jornaes.

Até Lucta traz em um quadro, ao centro, Jha-
nes Passadas do João Franco contra a ditadura;
e quanto á questão academica diz:

«Sabemos que o governo prefere uma solução
negotiosa, apoiada em palavras e baionetas.

Pois vamos lá a essas violencias. Nenhum seja
quem se arrependa.»

No entanto o Seculo e o Diario de Noticias di-
ziam que hoje o rei receberia a comissão de Jao
de Lisboa que lhe ia pedir a publicação de qualquer
medida que tenha termo ao conflito; e acres-
centam:

« Essa medida, segundo o que houveu se affirmava, será a breve reabertura da Universidade de Coimbra com cursos livres, até ao ponto, a concessão de amnistia aos alumnos que a sentença do conselho de decaus expulso. » (Seculo, 15 maio).

Será verdade?

At' noite, o Alfredo Pimenta, porriudo, de novo,culo assentado, dizia-me que sim; a amnistia viria, e o anno ganhava-se, no fim de contas; e os estudantes teriam vencido o desgosto, o ditador, o ambigo mata-gatos!...

Em consequencia, fizeu, o general Moutinho de Carvalho, mostrando-me o Illustrado, dia-me um telegramma de Coimbra que dizia que as aulas se abririam e se fossem encerradas, o fardas viria, caridosamente, passar estas melindrosas questões.

O telegramma dizia que se dava como certa a reabertura da Universidade, com cursos livres; e terminava:

« Como consequencia desse facto, não será de estranhar que o governo conceda a amnistia aos estudantes expulsos, entrando-se assim num periodo de harmonia muito desejada. »

Eu ainda disse, suavemente, ao general:

— Valhe seja a zelar o terreno...

— Ora, meu menino!...

É moxia terrivelmente, entre os dentes, um grito. Podia lá ser, o governo voltar atrás!

De modo que, estamos no declive da questão: e aqui fica consignado que não julgo impossível o João Franco — lançando as culpas para o rei — zerdoar aos ralares...

Que diabo! a 7 de novembro do anno passado (ho 7 meses) dizia elle, no camera dos pares, combritamente:

— Proibiquei a ditadura que é um crime constitucional que não beneficiou o paiz e de que estão arrependidos.

É conhecido, Garrados que foram 7 meses e tres dias, voltou a esse antigo modo de ser, a praticar esse tal crime constitucional...

Ora o que admira, João, que elle tenha dito no dia 13 de abril ultimo, na reunião das puaiorias:

— O accordo executa-se e que agora venha sancionar a não execução do mesmo?

Não admira nada. Delle, he tudo a esperar.

Ora hoje tive a dita de ouvir a officina de honorem notavel na academia, ainda que recuado de estado já: o Manuel das Barbas.

Tinha-me em recolhido de chuva, á tarde, na Casa Felix, na rua Larga; e como elle ali estivesse sentado, enfastiado do descanso e que o tem forçado estas férias inútilas, e sempre em estado

rava o americano, conversei um pouco com esse velho notável, esse fazedor de pechecas, de ha quarenta annos já cá.

Vae fazer brevemente 65 annos; tem assistido a muita coisa na academia, mas a coisa como está... nunca! e neste nunca elle junta uma nota de protesto, de outros esbugalhados, ferozmente, como quem desejaria ver deante de si esse alvaré do João Franco (como elle lhe chamou) e apesar do braço direito paralytico, esmignar-lhe a cabeça, essa cabeça de ditador que tem esgathado a fome por tanta gente em Coimbra...

Mas a principal preocupação do bom Manuel das Barbas não é a fome: é o que podem ficar a saber os estudantes, com tanto tempo perdido:

— Certão, oh doutor (o doutor era eu) o que é que os rapazes tem estudado, ha dois meses e meio? Sim... o quê?... vão para os actos sem saber nada!

E na verdade, e com indignação, o bom velho patria isso muito bem: não era pelas suas mãos que passava quasi toda a sciencia universitaria?

Por isso elle dizia com um grande gesto do braço coçando:

— Nada!... não sabem nada! não podem ir a actos!...

E comovidamente, dizia que se não podia deixar passar esses rapazes sem sciencia; era uma vergonha para a Universidade... e não.

relamente — acrescento eu — para elle, o bom re-
burbão!

À noite, falando na baixa com o meu vizinho
José Julio d'Andrade que anda quasi sempre com
um rapaz do 2º anno de preparatorio medico Ma-
rius Martins Ribeiro (que arriguesse a celebre circu-
lar dos estudantes, de 4 de maio) disse-me elle
que a tal comissão desistente, não tem tido, na
verdade, adhesões que lhe garantissem um certo
numero para levarem avante os seus intentos.
Sóto deve ser informação do referido Marius Ri-
beiro, que isso a julgo certo.

À desistência cahia, pois; garozou o garzo ja-
na a recogção das adhesões; apesar disso não teve
numero para publicamente agradecer!

À providencia... divina!

No seculo de hoje vem uma declaração curio-
sa e esbuzida do estudante Antonio Ernesto Si-
meões de Carvalho Lucas, do 1º an.º de Direito com
raciocinios interessantes.

Pobres creanças.

Os jovens veem também adhesões á comissão
central zelo sua forma de conducta; e veem o mo-
do de um Jae, José Paulo da Cunha, que protes-
ta contra a inserção do seu nome na lista das ad-
hesões á circular dos Paes.

É curioso que o acaso tenha de do lugar a tão-
tos enganos! Quantos haverão protestado contra
a inserção do seu nome na lista dos adherentes

quantas as rejeições d'elles: «ero outro como o
mesmo nome; ha mais terras no terra!...»

Depois de tudo isto, quando voltei a casa, pas-
sei ainda por casa do Aguiar.

Levantara-se ás cinco da tarde, estava muito
meio, arrastava-se em banco deitado...

Mas, quando eu desci, elle, lá do alto da esca-
da, com o candeeiro no mão, bradou ainda:

— Viva a academia intransigente!

Coimbra =

= 16 de maio [3.º feira] =

A verdade, e felizmente, o que disse aqui a
respeito da comissão desiderada, era verdadeiro. O
José Julius d'Andrade não me mentiu.

Vem no Seculo a seguinte declaração:

« Os signatarios da proposta conciliatória que en-
tregava a solução do conflicto academico a uma arbi-
tragem, constituida pelos professores de estudantes residen-
tes em Coimbra, e que podiam aggregar-se todos os
outros que ^{assim} julgassem conveniente, não tendo obtido
um numero sufficiente de adhesões para lhe dar rea-
lização, declararam que dão por findos os seus traba-
lhos, cumprindo assim, lealmente, o compromisso
no em que se emprehenderam para com todos os seus
collegas da Universidade, tomado no circular. »

Foi tudo a terra! Lá se desfizeram esses grandiosos castellos de haura e granito!

Resumo aqui um Padre-mosso por aluna da comissão...

E vamos aos casos do dia.

Passando na balçada com o Aguiar e o Maximiano Monteiro, já recuando da metade, vi o Ernesto de Miranda a quem perguntei o que havia de novo.

O que elle me disse foi que na próxima 2ª feira, 20, começa na Universidade o encerramento de matriculas.

— E actos a seguir?...

— Não se sabe, antecipam-se as matriculas, somente. E' para ver quem quer ir ás aulas...

Na verdade, a ratorina — e por verdade — não é mal armada. O Balthazar Teixeira, a quem contei o caso, disse-me que a melhor policia'ção para um caso desses é todos encerrarem matriculas.

— Mas, objectei eu, tendo dado o dinheiro, como se pensam aquelles que resistiriam a uma tentação assim, e se resolvessem não só a perder o anno, mas, o que é mil vezes peor, a perder o dinheiro!...

E ficamos falando no caso que realmente é para meditar; o governo tem feito tudo quanto pôde para fazer parar o movimento. Agora vem mais esta tentação, esta tentação para os animos

fracos, que, junto com os militares talvez consti-
tuam um numero razoavel.

Tudo isto, leitões que se chamam a ler-me, é uma
bristara para mim!

E depois, o Balthazar Teixeira tinha-me chama-
do para me contar o caso que vou registar e que
mostra mais uma vez a falsidade das afirmações
do governo quando diz que não se tem mettido a
fazer furar a greve.

O Balthazar é professor do Lyceu de Parbalegre,
por concurso; tem lá o seu lugar certo e como quiz
fornar-se, tem pedido, ha uns 4 annos, dez me-
zes de licença registada para frequentar as aulas.
Ors no 2.ª feira passada, foi chamado á reitoria: o
D. João, sabendo que elle era professor do Lyceu, que-
ria dizer-lhe que era conveniente fazer umas de-
clarações nos jornaes, como tantas outras, não ce-
deido poderes á comissão, reservando-se o di-
reito de proceder como quizesse, etc.

O Balthazar disse-lhe que não fazia isso. O D. João
insistiu e como elle persistiu no intento, amea-
çou-o com o retirar-lhe a licença e fazel-o voltar
ao Lyceu de Parbalegre!

Isto é absolutamente verdadeiro. E o Baltha-
zar nem fez declarações nem ficou sem a licen-
ça. Naturalmente houve receio de escandalo.

Falando d'ahi o jouco com o Alfredo Pimentão,
e contando-lhe o caso, disse-me que já o sabia e
que o D. João, assim como chamára o Balthazar

Sei já chamado anteriormente dois: Joaquim Carlos de Sousa, do 5º an.º de direito e que é professor no Lyceu do Bruchal e Alfredo Lopes de Mattos Chaves, do 5º an.º de medicina e professor de Lyceu e creio que do de Coimbra. Dissera aos dois a mesma coisa que ao Balthazar; mas como infelizmente os dois não tiveram a humilidade para responder como aquelle, publicáramos humildemente as suas declarações: a do Mattos Chaves no dia 8 de maio e a do outro no dia 11 como aqui já ficou consignado.

É o D. João d'Alarcão quem, certamente, contribuirá a passar por humilhado...

É os joruaes do governo affirmam que não temo procurado exercer a coacção, logo se terminam o movimento academico.

Isso sim! é o que chi fica.

Mas vamos a ver o que o Rei diz ao ~~Rei~~; não recebidos hoje no Paço e oxalá que não diga o que tantas vezes tem dito:

— Sim senhor... Rei de ver o caso... folarei aos meus ministros... fago o que quizer, etc, etc.

Que diabo! não ho modo como falar o direito! Dizer uma coisa, mas dizel-o o voler, não tibihear!

Encontrei tambem o Luis Ribeiro, o meu amigo "João das Neves"; e começando-se a falar de questões elle gaguejou gaguejando, melancolicamente, de certo:

— O meu amigo é dos acadêmicos dignos ou dos indignos?

— Eu?... Seu diabo...

— É que a academia está dividida em dignos e indignos...

— Ah! isso é conferenciar o zombó de vista. Mas eu sou dos intransigentes, isto é, dos que não vão às aulas, não vão aos actos, não vão a causas alguma sem a assistência dos seus...

— Basta! Também não temos nada feito. Pois eu sou dos contrários, sou dos indignos!...

— Isto isso e attendendo a que entre nós não ha segredos, vou intermittal-o amanhã...

Bom este Luis Ribeiro é preciso muito cuidado porque é muito nébula, muito fino e gode intrigar-me. Por essa nebulice é que eu lhe chamava o "meu João das Trevas..."

Mas, continuando ainda com o Aguiar e o Maximiano, falou-se da carta do Alberto Maria de Sousa e Costa, do 3.º an.º de direito, transmittida como aquelles dois; era uma carta em que se fazia uma contra a inserção do nome do Jaz na lista dos Jazs que adheriram á circular. O Jaz de Sr. Costa que também tem um outro filho a estudar aqui, respondera á commissão que os seus dois filhos eram maiores e nada mais! A commissão de Lisboa, porém, entendeu que isso era uma adheção e não! Lá foi o nome d'elle.

Leu-se também uma carta que vem nas co-

vidados e que parece ter vindo abraçada, porque já me referi a ella: « a carta do Pimenta e Pestana Junior protestando contra os nomes falsos de estudantes; e termina: »

« ... é fácil concluir a honestidade, a lealdade e a sinceridade de quem anda constantemente a deturpar as nossas instituições e a tentar roubar a unanimidade do nosso protesto. »

Contra esses processos, só proprios de pessoas sem honra, como estudantes, protestam, etc, etc... »

É a resqito de reitar, parece que sempre vai á vela. Dizem os jornaes que o conselho de ministros ainda se não decidiu a resqito da sua exoneração e ha quem diga que elle o pediu por causa da descaracterização e ha quem tambem diga que por causa do conflito se não resolver como elle julga.

Mysterios ...

Coimbra =

= 17 de maio (6^a feira) =

Os galegos de Lisboa, lá foram, finalmente, ao Paço, pedir a regia munificencia, afetar para o mais nobre e bella faculdade do monarcha: « de ferroar. »

Os jornaes d'hoje trazem a noticia mais ou me-

nos circumstanciada. E, na presença deste facto não posso eu gaguejar se a ida dos honraes á presença do rei não é mais um jogo do governo para se ver livre da irritante questão?

Umas corrente muito forte, na verdade, cheia de optimismo, afirma que a amnistia vem, como bandeira branca de paz; e sem duvida, o João Franco querendo ver-se livre desta histeria dos estudantes — e para o agourentar lá tem a concentração dos garbidos — viu na intervenção dos paes a solução para si mais honrosa.

Não foi elle quem amnistiou os rezares. Não!

— Não! ixo nunca! xas da republica!...

Mas... foi o rei, a quem os paes tão humildemente foram pedir o perdão dos seus criminosos. Sua diabo! elle lava d'ahi as suas mãos, desintere-se...

Será isto?... Oh, a politica é uma coisa tão danada!

E assim, elle livra-se desta tragédia que lhe tem vindo certamente o nome, embora curto, de aguilhão.

Será isto?... E gague não?

Os honraes que foram ao Pazo eram em numero de 14, dizem os jornaes, e a saber:

Dr. Antonio de Costa,

Dr. Castro Freire

Dr. Almeida Serra

Pires Casqueiro

Antonio Waddington
 Arthur Lobo
 conselheiro Madeira Pinto
 Jayme Arthur de Lobo Pinto,
 Macedo Arizaga
 Antunes de Lencos
 Leal de Costa
 Fernandes Pessoa
 Dr. Ferraz Cardoso
 e Almeida Chaves

Foram ocauzados pelo presidente do conselho
 e o Lobo Pinto leu a mensagem ou representação ao
 signada por 32 ggos seguindo os periodicos e com a
 adherã de 528 seguindo a propria representação.

É um cougrido documento, o que o Lobo Pin-
 to de Bascaes leu ao rei; começa por desculpar os
 ggos que não responderam á circular:

« Permitti, Senhor, que falemos o V. M. não só em
 nosso nome mas ainda no de tantos outros que
 só tacitamente o fizeram e até no daquelles que re-
 cusando declarações por qualques motivos conhecidos
 estão contentos com seus carções de Jaz . . . »

Depois, desculpa os filhos:

« A mocidade é generosa e ama tanto a justiça
 que em busca della chega ás veses, a fazer injusti-
 ças, cega pelo excesso de seus leios e pelo feliz cul.

ga de sua inexperiencia ... »

E depois, ainda desculpa o governo:

«... de modo algum queremos remunerar factos que mais quizeramos ver por todos esquecidos.»

Seguindo por varios considerandos chega ao seu fim verdadeiro:

«Proferido o julgamento e sem d'elle haver recurso, só o V. M. no exercicio do Poder mais grato ao seu coração pôde caber o q'ardar ou modificação de q'na.»

E por tabella, annexa como bisco ao conselho de decaes:

«... e formalmente o confesso (o commisso) que a pena disciplinar por falta de provas não pode ser injusta pena e uma parte dos arguidos da offensa disciplinar, fazendo-se assim alguma justiça relativa, que feriu entre vez os brios da mocidade academica...»

E no final, ainda assim,

«Pedem o V. M. q'ra para todos os estudantes e as providencias necessarias para que o anno aca

demico corrente não se seja perdido para nossos filhos...»

Do acabar, o Cordeiro Ribeiro, oham, certamente para o rei; mas este não respondeu senão que recomendaria ao seu governo o pedido e que faria tudo o que pudesse.

E sahiam com a consciencia de quem tinha cumprido um dever. E vamos a ver o que dá o jogo.

Hoje, fui intervistar o Franço Almeida e respeito do livro que os leões de direito não publicam em sua defesa. Estava lá o polrinho, o Francisco, e este, riendo-se, disse que isso era balala, que de facto se falava na livraria em favor tal publicação mas que isso jassou é historico.

— Mas não será ingresso no tylographic?

— Não, meu caro amigo; se fosse ingresso, eu aqui.

— Bom, visto isso, adeus...

Mas... quem sabe? os honras desistiram por gravarem chuchadeira no caso?

À noite, ~~para~~ falando com o Alfredo Pinheiro, e com o plano sobre o caso, o quinquino respondeu-me á seguinte roupa:

— Pois comeu-o, o Franço!

— O quê...

— Ainda me lembro dia, o Silva; o chefe da tylographic do Franço me disse que era um volume

para cima de 130 paginas! E que não poderis es-
tar pronto antes do fim do mez!

— É boa! então converam-me...

— Pois converam-me. Aquillo é ordem que ha
para não dizerem nada, naturalmente.

— Ora os gajos...

E aqui como os mesmos procedem. A conscien-
cia...

Falei tambem ao Pacheco, com quem fui e com
um gatinho delle, Arruda, ao jardim botanico, ver
cahir a tarde sobre o rio. Falou-me do projecto do
Pacheco em ir fazer o curso de "letras e calçadas"
a Paris; e recalhando a conversa na mesma questao
dizeram-me elles que os desidentes que deram
por fimdo o seu mandato, dizem que mesmo as-
sim tiveram 217 adherentes.

Estive-me a calcular porque nos fariam muito
adherentes; no entanto, a circular tinha 54 assig-
turas; ha para acrescentar o grupo catholico que é
grande e que não assignou a circular, como fi-
cou dito, para não tirar a força; ha certamente
os mesmos que protestaram nos jornaes e que
não em numero de 40, como se sabe e que não
deixariam de adherir a tão bella resolução; e
ha muito tímido como o meu candidato
abicola Goncalves que generosamente man-
dariam a sua adherença.

Os calculos, no verdade, approximam-se; não
seriam 217 mas não andariam longe.

Para 1027 estudantes, ha felizmente uma differença de 810.

E por hoje mais nada, alem de noticias nos jornaes que no Brazil, os estudantes de S. Paulo projectavam um comicio de protesto contra a forma como o governo tem procedido contra a academia; e que a respeito do reitor ha quem diga que ainda não está demissionario.

Coinhbra =

= 13 de maio (sabbado) =

Final de contas o reitor, quem foi a Lisboa como diziam os jornaes quem queria a demissão como os mesmos affirmavam. Quem hoje telefonou para a reitoria e foi elle proprio quem lhe falou e quem disse que ainda não sahira de Coimbra quem queria a demissão.

Quanto á abertura das aulas disse algumas que por toda a semana que vem se deviaem abrir; estava tudo dependente das respostas que dessem as faculdades a uma consulta que viera de Lisboa e para o que mandára convocar as reuniões dos leites para amanhã.

Volta a insistir-se no antecijado encerramento de matrículas, na semana que vem.

Quantas ideias tem tido o governo para fazer com que a greve se atole na larua dos interesses?

Ainda um dia, passado tempo, quando se co-
meçar a fazer luz sobre a questão, essa perdida
teimosia de João Franco, e esses miseráveis pro-
cessos de políticos e rufões para furar o movimento,
virão ao conhecimento público; e então se de-
scobrirá todo o estendal de virtudes, dessa vir-
tude triunfante, dessa missão messiânica, d'
esse raio de luz vingador que Deus mandou à
terra para fazer surgir este raiz da noite caligi-
nosa da pública administração!

Oh! que magnas cavaleaduras!

Coincência =

= 19 de maio (domingo) =

Faz hoje um anno que pubrei ao globo o ho-
mem, o Messias...

Esta data que até aqui fazia lembrar a ultima
carta do Saldanha (como me dizia um reformis-
ta de escola do exercito que entrara no movimen-
to) passa para nós, portugueses, a ser de triste
lembração; reunim-nos essa figura brilhantissima
do marechal glorioso cujas más qualidades porven-
tura desafazecem perante o brilho das suas acções
militares e a impopularidade de sua bella figura, ja
na surgir um raio de... luz que haurem, em
glauo tribunal da Boa-Estima, que é a casa da jus-
tica, foi extirpado violentamente perante

uma multidão convergente de gente que via naquillo o maior e mais estrepitoso golpe no regimen monarchico.

Em vez de nos lembrarmos do velho glorioso que venceu Almoráez e as lynchas do Porto nos tempos de ser camezão que á nossa memoria se dá o nome desse homem a quem haviam, em feroz tribunal — perante os juizes e perante o povo comovidamente ancioso — o leite da escola medica Bataucourt Ragoz chamava — um mentecaflo; a quem o notavel alienista Miguel Bombarda aproximou — de criminoso; a quem João Chagas chamava — estúpido e imbecil; e a quem Antonio José d'Almeida num discurso recheado de um fogo extraordinario, num ancio enorme de justiça e de verdade, dirigiu estas pinceladas glabras de revolta:

— Se este povo, em vez de ser, aliás, de uma reanunciaçã, não estivesse no abismo peculiar em que se encontra, já ha muito que o estadista desastinado teria sido executado na praça publica!

De nada valeram as advertencias dos juizes; as verdades correram ali, ás claras, como uma torrente que se despehe dos montes e que se não pode travar.

Os tribunales então transformados em comiçios; o povo começa a conheceres, começa a ver... e esse estadista desastinado, ainda tão em

belido na "sua Edade-Media", quer por força, que
 te o que custar, travar esse carro triumphal e
 heroico da Liberdade, como quem — dizia ha-
 tem o Antonio José d'Almeida — "quizesse in-
 "gerir o resplendor do Verisimo mettendo-me na craté-
 "ra um rolo de carbão!"

Mas onde ia eu, leituras que venha a ter!...
 onde ia eu?...

beria por esses carregos da indignação de que
 me sinto possuido ao lembrar-me desse homem
funesto que hoje, no Mundo, o Arthur Leitão —
 é quem tem sido o bandeado do Leitão que tão car-
ras dizesse! — meu relatório medico chama
 « irresponsavel, louco epilético » e que seria con-
veniente isolar - o « para evitar mais dannos in-
dividuos ou collectivos... »

Mas vamos propriamente ao caso.

Sahi, cedo ainda, para ir fazer a barba e casa
 do meu amigo Herememico Borja dos Santos; e
 quando, estirado numa cadeira, eu conversava
 um pouco com esse bom amigo, entrou o Jadre
Salgueiro, o renomado Jadre Salgueiro, mas
conhecido já; falou-se da questão e o Herememi-
co perguntou quasi à queima roupa:

— Oh meu Jadre Salgueiro: o pecher tomára as
aulas abertas, hein?

— Está claro... Eu perci dos grinheiros e entrei
para ellas...

— Então e grive?

— Grêve!... a grêve!... Eu, por principio nenhum seria pelo grêve. Eu não sou como grêve sempre; não é uma prova de reclamação nem de protesto. Se ha abundantos neste mundo, a grêve é um d'elle...

Isto é textual porque tive o cuidado de o escrever logo, como papel, apesar de certa desconfiança do padre que farejou cause...

Depois de elle partir e de nos rirmos com zueco á custa d'elle, fui á Balçada, comignar jornaes e outras noticias. Encontrei o Freitas e o capellão Figueiredo, do 23; e como já sabia que houvera reuniões das faculdades para responderem á tal consulta de Lisboa, a que se referia o D. João,⁽¹⁾ perguntei o que teriam sido a respeito de tão conspícuas assembleias e o que lá se teria dito...

Nesta altura appareceu o Dr. Euzébio Martins que ia a já para o Bussaco, e ouvido a pergunta responder immediatamente:

— Disseram tantas asneiras quantas os pechares professores...

E como achasse zuecos, voltou atrás:

— ...multiplicadas por cinco!

Mas a resolução da faculdade de medicina já se sabia: não queria actos nem o numero de aulas sufficientes para se adiantar alguma parte do perdido.

⁽¹⁾ Ver pag.^a 261.

As perguntas, enviadas á reitoria, para serem
presentes ás faculdades foram as seguintes:

1.º: As matriculas podem ser encerradas des-
de já para se proceder a actos e exames finais sobre
as materias leccionadas?

2.º: Se o conselho julga necessario um periodo
escolar antes dos actos, devem as aulas efectuar-
se segundo o regimen de cursos livres?

3.º: Attendendo á differença de indole das diver-
sas cadeiras e á extensao dos programmaes que se
são desigualmente leccionados, deverá ser unifor-
me o regimen estabelecido ou ficar ao arbitrio
dos professores a abertura e a regularisacão dos res-
pectivos cursos? »

Até, chegaram os januaes. O Mundo faz es-
candalo com o relatório medico do Leitão; toda
a gente se agarrava com o resultado das audiên-
cias para julgamento dos crimes de imprensa;
todos — menos os franquistas — lançam o
mariz...

E a respeito da questao academica dizia por
exemplo, o Lucta, que ella parece estar no seu
terreno e que o decreto de amnistia vai ser la-
zado; mas o Illustrado, o orgão, desmente:

« Essa noticia é inteiramente destituída de
fundamento. O governo mantém, na questao

academica, « attituda que já por muitas vezes
definiu... » [Do dia 19 de maio].

Será ainda o franquismo a fazer o jogo? O Se-
culo enumerava os boatos e dizia que embora o
João Franco não quizesse, seria o rei que « usando
das suas prerrogativas » o levaria á publicação do de-
creto da amnistia, « tudo já á proximidade esmagada
no real... »

Que diabo de tralalhada é esta? Que o rei quer,
estou convencido: era tambem um joguinho;
mas o Ilustrado, o orgão...

Foi então que perguntei ao Freitas, abertamen-
te, o que elle patria da questão; e jarricando até
á Sofia fazendo horas para elle tomar o comboio
para o Luso (onde ia passar a tarde) elle disse-me:

— Com franqueza, eu nunca liguei uma gran-
de attenção a este caso... Soto está a parecer-me que
se resolveria facilmente, logo no principio, mas
deixaram crescer... crescer... E depois, eu vejo bem
que a questão atravessou do Mario Menção...

Atti pallei eu; e então, expondo tudo quanto
havia a respeito d'elle, mostrei a falsidade dessas
afirmações piangosamente para ridicularisarem
o movimento; expuz a situação do Mario na co-
missão, a nenhuma interfeencia delle nas deci-
sões; a toza que lhe faziam quando elle profunha
cousas innumeráveis.

— Olhe, meu major: elle tem misto uma cousa:

gestou a casa para as reuniões e no fim de dois meses de se nocarem zelas cadeiras e polhas o homem tem de comprar mobilia nova para a sala... Ah! tem, não é criz, a interferencia real do Mariz Monteiro na questão academica: sacrificou a mobilia...

Elle ri-se; e em então, agroveitando a sua docilidade e a impressão commenciada que lhe deixou o que eu dissera, exjuz-the um certo numero de cousas, como a carta do conde de Villa-Real, a interferencia da directora do "collegio de Santo Izabel" que é uma jesuita, de mãos dadas com o Luis Maria de Silva Ramos, e certamente, com algum circunlo do José Lobo.

Elle ouviu e disse-me zansadamente:

— Você sabe que eu afrecio as cousas sem politica apesar de politico: mas o João Franco tinha só dois caminhos: fechar de vez a Universidade sem mais explicações e mandar abrir manufacturas em outubro ou dar a amnistia. Isto é uma opinião de commandante de 1º de 3º: eu não sou não!... Mas é assim que eu faria. Agora andar á esgana, a querer furar isto...

— E ainda o meu major não sabe muita coisa!...

— Sei, pai...

E zorando, com ar confidencial:

— Ora veja você: o José Lobo ha tempos que me deu-me chamar e zerguebou-me se eu tinha

devida em fazer distribuir na cidade e arredores a circular "dos gazes" de Lisboa; eu perguntei-lhe se queria a distribuição oficialmente e o homem não gostou da pergunta, disse-me que era uma coisa que me dizia... Eu então, como era um favor, no dia seguinte, chamei o Mesquita, o dono da agência funerária e encareguei-o de fazer a distribuição porque têm lá gente habituada a distribuir os convites dos enterros e conhecem essas casas todas por ahí...

— Não achado...

— Depois, perguntei-lhe quanto custava o serviço. Disse-me que dez tostões; eu fiz um dez tostões e dei-lhe... Assim, vá lá; mas sujeitaram-me ao que os outros administradores se sujeitaram, mandando os officiaes da administração e cabos de policia, e no dia seguinte, mandando pela resposta... isso não! Fique você sabendo que o não fazia. Por isso é que perguntei se o governador civil queria a coisa oficialmente.

— E quem mandou a circular para o José Lobo?...

E olhando para os lados, como quem confessa uma falta:

— Foi o João Franco.

— E dizem que não foram politicos?

— Por isso é que eu não tenho ligado uma grande attenção ao caso. Não não me como devia ir, meu alferes! Mas que quê?

Galou-ne também do Bernardo.

— Elle não tem andado bem misto, meu major.
É aquelle declaração no seu órgão...

— Eu tive conhecimento della; elle mostrou-me
e disse-me que não fizesse tal, que era uma armadilha
que não fosse justo... Mas lá mandou, e bem cam-
brou nenhuma verdade.

É o que se contou:

— Você já me conhece e sabe que eu afrecio pen-
que as causas, independentes da Jolítica: o Bernar-
do não andou bem; assim como esta causa que
vem nos jornaes de publicação o D. João d'Alar-
cão pelo Brazil e Gama!

— É verdade... vem hoje nas notícias...

— Mas veja que enorme armadilha! O Brazil e
Gama que nem sabe gôr uma gravata!... Um la-
brago... Imagine você que é um homem que só
usa botões d'osso no colar!... É isto é que ha-de in-
publicar o D. João num cargo de representação
como aquelle!

— Mas é um franquista de... burro!

— Deixe correr... deixe correr... Você verá onde
isto vai dar.

— Sei-de ver, se Deus quiser...

Mas eram horas do comboio. Tamos no largo
das Neves quando se sentiu uma badalada na
estação. Dardedi-me; elle aressou-se logo a gare
e d'ahi a pouco o comboio seguia, levando o Frei-
tas, um Jolítico que não é Jolítico, e cujo unico

defeito, é na verdade, o que diz o Floro — ser franquista.

Soltei para casa lendo os jornais. No independente Illustrado achei uma local referente ao caso de, hon. tem, o Agostinho Fortes ter dito no julgamento da Boa-Flora que o partido republicano nada teve com a questão acadêmica; o Fortes é membro do Directorio do partido e acrescenta o independente organ:

« Mas se assim é, porque não fez o directorio, em nome de todos os seus membros, a declaração que tanta vez lhe sermo pedido? »

A declaração de um só não serve.

Declarem todos, todos... »

É uma lição ao Bernardino...

É por hoje, nada mais.

Coincência =

= 20 de maio (2ª feira) =

Sahi, apesar do calor, para ver nos jornais o que houvesse também no começo dos desideratos do Algeim para protestarem contra a ditadura dos franquistas. Afinal, não houve nada... Só me deu no gôto o discurso do visconde de Ribeira Brava continuamente coberto de aplausos e que disse coisas do diabo: faltou-me — o que não ficava bem

à sua qualidade de titular — dar um viva à re-
publica.

Logrei conhecido algumas causas, deano conven-
na que tinha com o Ernesto de Miranda.

Este fiel amigo dos Gaiões e actualmente fiel
amigo do governador-civil, antigo revoltado contra
a desigualdade social, continua na rua, de brogar
a questão e dar-lhe por todas as formas um arge-
cto ridiculo.

Falou-me na violencia que vai ser se — quando
mandarem encerrar presbiterias, antes das aulas,
se as houver — fizeram sair os rapazes, de Boim-
bra, desde que não assignem o terreno.

Elle não desmentiu e em certas ruas crecen-
do fiz-lhe ver um certo numero de causas. E ter-
minava:

— Eu não encerro presbiteria; o reitor manda-
me sair de Coimbra e eu não sóis, não tenho que
obedecer ao reitor. De certo, corre logo um archivo
ao general-general; o general não resolve o caso
por si, consulta o ministro... Ora pergunta-se:
o Vascoscellos Parto quer-se-ha a isso, isto é, a
transferir-me a residencia?

— Bem feito... era bem feito...

— Sim, não ho duvido. E revido bem feito.

— Pois os senhores não veem que o governo é
que não tem nada a perder com os senhores zer-
derem o anno?... O governo anda a favorecel-os,
anda a favorecer os mesmos... e afinal tudo is-

to é mancha em focinho de cão... (textual).

Está nota de textual seria escurada se eu não quizesse notar com mais força a frase; tudo o que aqui digo é exato.

Eu continuei a discutir; mas não ha nada fazer, dizia o padre Vieira (creio eu) do que uma consciencia enfeada! O governo quer furar a grève, quer induzir os rapazes a um acto indigno para... para quê? Para bem d'elles, rapazes!

Aquillo é que é benevolencia!

No entanto, algumas cousas ganhei com a conversação: foi o ver que não foi desmentido que o Dr. Luis Maria da Silva Ramos com a directora do collegio de S.^{ta} Izabel andassem a augurar as taes assignaturas já referidas; que o governo tem feito politica com o caso; que tem empregado a sua gente para conseguir furar a grève, etc, etc. Elle ouvia e não desmentia; a resposta era sempre:

— O governo é que é prejudicado... é mancha em focinho de cão...

E outras cousas que são confirmações verdadeiras.

Eu cheguei mesmo a dizer:

— O seu conselheiro sabia de tudo o que se passava nas pessoas da comissão; e tinha conhecimento — se é que não investigou — do augmento de assignaturas para a tal desidencia e irem ás aulas logo que ellas abrissem. Ora diga que é mentira?...?

Elle, lá no intimo admirado da minha firmeza.

ção, teve um encontro d'homens e responderam afeg-
mas, como nasceu:

— Galvez...

E a conversa continuou até que elle foi para es-
sa e eu também parti á alta, lendo os jornaes.

O Lucta traz um excelente artigo de fundo acer-
ca dum voto de retribuição exarado na acta de
uma sessão da Academia Real das Sciencias por
a camara do Porto ter encerrado um laboratorio de
chimica que não servia para nada; foi em consequen-
ta o facto de a respeitavel academia ter acordado
por esse phenomeno escandaloso e o não ter ain-
da reparado que vai para tres mezes que as esco-
las superiores do país estão encerradas, ella que
segundo o artigo de Brito Canevaro « é o symbo-
le da sciencia nacional. »

É na verdade um facto curioso: nem um
olhar conjugado lançou para a estultez do go-
verno...

E quanto á solução do conflicto, nada. O mes-
mo Lucta diz:

« Quer-nos parecer que se está fazendo com a
questão academica um bluff vergarhoso. Por
um lado procura-se tornar symbolico o rei,
dando-o como inclinado a uma solução genero-
sa; por outro lado procura o governo conservar
ao pé de dição um pretexto para justificar a sua
preza... »

É a rejeição do que hontem disseram os patrios cathedraes só se lê que — uns dizem que podem ir a actos; outros — como os de medicina — dizem que não.

De noite vi o Alfredo Pinheiro falando com o Alvaro Basto; depois perguntei-lhe o que dissera o mestre...

— Diz que vocês já podem ir a actos com a matéria dada.

— O quê?! mas nós quasi não demos nada!

— Mas que diabo quer você? Se elle é mais franquista que o proprio João Franco...

Mas no Seculo vem uma noticia mais circumstanciada: a faculdade de theologia e a de direito entendem que é contra todos os principios pedagogicos fazer actos só com a matéria dada; no entanto, attendendo á anomalia do anno escolar, aguardáram (e naturalmente acatam) sobre o caso, qualquer ordem do governo.

Não foram elles theologos, e não foram elles os provocadores do conflito!

De noite encontrei outra vez o Ernesto de Miranda; continuei a perguntar-lhe, e de repente perguntei-lhe:

— É verdade! o que ha a rejeição do Ararijó e Jaua para reitor?

— Parece que nada ha.

— Pois está me a parecer que seria tólida...

É o Ernesto, exultando:

— É um taloço!

— Mas olhe que é franquista...

— Qual franquista! Anda sempre com os beiços e o membro rijos de azeitão!

— E então...

— Aquilo éira-se ao bacalhauzinho e não use guardanapo.

— Esse é de grimeira ardem...

É depois, já grande, o golpe Ernesto, teve mais esta confiança:

— É uma coisa que eu tenho notado desde que o conheço: é que traz sempre na gola do casaco, do lado esquerdo, um cabelo de mulher...

— Oh!...

— Olhe que é verdade; todos os dias...

— Todos os dias? Isso é porque é o mesmo!...

— É não usa uma escova...

— Sei lá!

Estes franquistas não ofendem.

É assim vai recheando este diário de casos zicarescos que de certo farão rir os meus netos, se os tiver...

É não merecerão serem assim archivedos, bem guardados?...

Coimbra =

= 21 de maio (3ª feira) =

Hoje, que falta de notícias! Sali de dia, sali a noite. Mas quê? Não trago para casa e mais insignificante nota para o meu caderno.

Uma governa terrível, se não contarmos com as opiniões dos franquistas... que essas são e pelo-had sempre de uma gálgante actualidade.

Os jornais não adiantam. Quartel general em Alentejo.

A unica coisa nova é um manifesto do Publi-
co ("arrigado pela Federação das Associações Ojerá-
rias protestando contra uma local do Tribuna Co-
gular em que dizia que algunos ojerarios e artistas de Coimbra não tendo mais de ganhar dinheiro por causa da crise que a cidade atravessa, iam para os arredores trabalhar.

Disse-me o Machado, familiar, que o seu autor é o ojerario Jeremias Goetho Bartholo e que, tel como elle foi aprovado pela Federação estava com certa violencia. Na typographia, Joreu, o José Pereira da Cruz li arranjou a coisa de modo que lhe tirou a parte mais violenta.

— Tirou-lhe o metter! disse-me o Machado.
E assim, o antigo anarquista, o homem que

(1) Masso III - 48-2

se convergendo com Hannon, trata de amplificar
o grito sincero do operariado ofendido!

Ha cousas...

E de resto, tudo depende da sabedoria do governo
a decisão do conflito...

Isto, afinal, já não acaba bem. Eu até já disse
ao Alfredo Pinheiro que havia talvez um remédio
eficaz contra as desidências, contra os protestan-
tês, contra essa cambada toda: o verdadeiro remé-
dio português, que, se não convence, pelo menos
contunde: a bardoada, o murro!

E' chegar-lhes!...

Coinbra =

= 22 de maio (4ª feira) =

Enfim hoje chegou um raio, e nota officiosa do
Diário Ilustrado, com a noticia completa da notici-
ra infame, cumulo da audaciosa témorisia frau-
quista. Diz elle:

« A assignatura regia de auxilio não os decre-
tos relativos á compra de material naval e á ques-
tão academica. Neste ultimo manda-se encer-
rar rubricada para realisação de actos que serão
precedidos de aulas em cursos livres nos
faculdades. »

isto ler isto, é revê-lo — porque só a noite aqui —
 eu senti não sei o quê que me obrigou; era vinda-
 de a triste poluição, e sei que o João Franco con-
 seguiu descontinuar por entre as oscilações do seu
 cérebro de epilético.

É então a ver essa gente sem escrúpulos entrar
 para as aulas ou entrar para os actos, comritamente,
 humildemente, porque enfim... porque é um
 anno gálico.

Como tudo isto é triste!

É depois, pergunto-me: se eu não fazer matricu-
 la, esperando o acaso da amnistia, quem me
 dá os vinte e tantos mil reis que eu gastei — por
 que de certo não vou ás aulas nem aos actos se
 ella não vier para os expulsos?

Mas, se eu não fazer matricula, e depois
 vier a amnistia quem me admitta á frequência ou
 aos actos?

É um dilemma que o João Franco ou quem
 quer que seja não offerece para que todos façam
 matricula, comritamente, pois que depois maior nu-
 mero haverá dos que não estão, não só para fer-
 der o anno, como — o que é mais — para perder o
 seu dinheiro, o seu rico dinheirinho...

O Euzébio tinha razão; julguei bem o que ella
 disse mas afinal tinha de ser verdade.

É ao publico que se dá o espectáculo triste de
 baixosa moral de umas duas centenas — não se-
 rão mais — de estudantes da Universidade.

E agora, demais e mais, um facto novo veio complicar o caso.

Quando o governo mandou fechar todos os estabelecimentos superiores de ensino, deixou abertas as escolas de Bellas-artes e Elementares de Commercios de Lisboa e Porto; ora os alumnos destas escolas continuaram em greve e ultimamente, attendendo a isso, os respectivos conselhos escolares deram-nos como tendo perdido o anno.

Mas, imaginam-se lá esses jovens esgarancados que em obediencia aos centros catholicos, aos Salas franquistas, e aos interesses immediatos, se recusam a reconhecer o principio de dignidade, de unidade de caracter que distingue os honras e goza fazer delles alguma coisa!

Só a mimso, na verdade...

No Lusitano, entre os rapazes, havia uma certa excitação pelo facto; mas tudo aguardava os acontecimentos.

Fui então ao Moura Marques, livreiro, pedir-lhe que me guardasse um volume do livro de Camões Lima que amanhã deve apparecer á venda; como como que não sei por onde o encontrar, fiz o seguinte...
 ...

Na livraria estava o Aguiar, o vario Aguiar; e como tinha no bolso alguns jornaes do dia, convidi-o a acompanhar-me á alta, procurar o Pacheco, consultar o arsculo Pacheco e ler-me as noticias. Elle accedeu e seguindo-me...

as ruas ingremas, nós chegámos à rua do Bon-
ratho, e da rua Jodinos a competente audiência.

— Queiram subir...

É veio abrir a porta.

Lá em cima, no quarto, depois de bróca de in-
gressões, gerenciamos os joruaes.

A Lucta Thesia um artigo engraçado do Brito
Baucho acerca das resgostas das faculdades e as ju-
guntas do governo com respeito a actos e aulas;
(como aqui foi dito a p. 266) e como as resgostas
foram desregadas, comecemos:

«... as faculdades são como o equilibrio me-
nuel de estufidez e da pubseriencia não se estabe-
lece tão facilmente como o equilibrio menuel da
temperatura nos recipientes fechados.»

É termino por uma grada do Thesis:

«— D'agui para o futuro, para evitar estas coi-
sas, hauemos de comecar as aulas... fazendo actos.
E concordáramos todos.»

Depois temos umas adhesões aos estudantes
do Porto que veem no Mundo; comuncámos a
attitude ~~de~~ da Escola medica do Porto
identica é dos theologos e juristas de Coimbra; e vi-
mos com prazer que o Medico de Lisboa responde
«dizendo que os exames immediatos seem mais

" frequencia equivale a um gendão d'actô que o
 " governo não tem o direito de dar por intermedio
 " dos professores ou equivale a uma hecatombe que
 " os professores se não queriam a fazer por conta do
 " governo. »

É que lá o caso é outro: o Dr. Bombarda, o Au-
 gusto de Vasconcellos, o Beltrancourt Magoso, etc,
 não são o insucesso Pitta, o doido Galixto, o calmo
 Nosis, o meu Quiteria Mercino, o franquista
 Reis. Sempre é outra gente.

Falamos em boatos desencantados que por ali
 correm, mas dentro em pouco a conversa cahiu
 nos domínios da variedade.

O Pocheo, jansadamente, falava em ir para a
 ilha no dia 5; ia-se embora, visto não fazer nada
 por cá. Sonhava vagamente no Escola de Paris
 e Galaxias de Paris, cujo regulamento mandava
 vir.

— Sua de resto, eu não tenho ambições... Todos
 os meus sonhos de grandeza se resumem em bem
 pouco... E quando olho para ali — e agarrava
 uma ximtura das "Sete cidades" da sua ilha natal,
 S. Miguel — começo a pensar se ainda ali não
 irei ficar, no circo dum sábio, longe da civili-
 zação que eu odeio...

— Oh!...

— Não. Tenho horror á civilização. E agora que
 li esse diabo do Germinal — e agarrava com um
 leuante de poltracelhas para o volume de Tolá —

com mais honra me fizerei... Tu pinto-me crismas
nosso ao ter aquelles honras. Um moirão, um
sinegla moirão no alto dum arbore, de onde cor-
ra a agua para a roda andar, reunue todos os
meus sonhos de gloria...

— Moiteiro?...

— Primeiro formarei o meu arquite, estudarei
hei-de ler muito; depois, o moirão solitario, um
cão de guarda, um burro para os sacos de fari-
nha, umas galinhas em volta, e a agua a esgoda.
mas no rodizio...

— Que gazia...

— Ficaria então alto para observar, para ver
a natureza, para commentar os factos; mas sem
relação com a civilização porque nada queria com
ella...

— Exceção com o França Amado — observou o
Alguar, o genio transmontano — para infringir
esses livros revolucionarios...

— Não, homem! Para que lês eu e estudava
antes de ir para o meu moirão das Sete-cidades
nem para poder cantar como o mundo civilizado?
Nem lês livros nem escrevia livros... Aqui tem
o meu ideal... Tu tenho honra aos symbolos; e
um d'elles, para mim importante, é o simbolo-
dinheiro. Queria viver com o sustento physica-
mente necessario, mas nada mais. Para que, o
sinegla?...

É o Alguar commentava, jansodamente:

— Bom que então ... além do moirão, funcio-
nava também esse rodizio da cochinção fabricar
do farinha do esgribo...

— É um verdadeiro colhão, homem!

— Ues, verdadeiro jumento...

Mas eu então conheci:

— Pois eu, caro Pacheco, se não vai tanto a
um fim anarquista, aproximo-me um pouco...
Imagino um pibio alto, com horisontes largos, e
uma cara terra, com escadas algeandradas, for-
aude trejeu, enroscadas nas columnas, reunidas
trejeadeiras; em volta arvares de pombeira; a casa
com grandes janelas e uma grande varanda
voltada ao nascente; num conchamento, a
minha tinaria infleirada e... algum conforto:
uns móveis de bric-à-brac, uns quadros; e ter
também um cavalo forte que fosse jano pium
um conchamento, mas manhas claras de terra,
quando a neve se derriga...

— Mas isso não é anarquismo! Isso é jania
e conforto!

— É eu que terra? Zerguentavam

— Não tenho lugar destinado; mas — e mudo-
no de terra — mesmo pibio ainda jassimo jento... um
linha terra.

— Isso temura, disse o Pacheco, o d. Jacintho
na terra de Torres; fugia da civilização mas
perre e queria ao seu serviço...

— Sim, meu deus. É o diabo do conchamento.

dada... É certo também de uma estação telegraphica. Estão como o mesmo Jacintho: pode ser necessário chamar algum medico...

— Então assim, meu caro amigo — digis-me o Pacheco — não me vá visitar quando eu for meu leito: o meu amigo afanecer-me-hia como uma creatura sugar-civilizada. Eu, um moleiro anarchista, a receber um homem que se serviu do carricho de ferro, do telegrapho, que tem em casa Eric-d'Eric, e veste-se de kiki amarelo! Não, não vá lá...

Mas o Aguiar que tudo isto se viu calado, pe-lu-se então:

— Que diabo! vocês estão a fazer-me zate... Pois eu quero ser arrieiro! Vou fazer os Desses, levo o mesmo condiscipulo Nicolau, faço besta da carga, e vou servir aqui o vario Pacheco. Isso vai ser bom! Dois engenheiros civis: um moleiro e outro arrieiro.

— Cathán!... digis o Pacheco, jurando pelo cathello encarcado e riço do Aguiar. É o mesmo um cathán!...

— Como o que o meu irmão mandou d'África...

Mas eu, que tenho ouvido varias referencias á historia do cathán. É o Aguiar contou então que um irmão medico que elle tem em Africa, no Reino de Dindongo, lhe mandára como encomenda de uns jogos de cathãos dos celebres rochedos do rito

para elle estudar a sua constituição, etc, etc, etc.
 e terminava dizendo que poderia servir mes-
 mo para uma dissertação de mineralogia. As
 pedras vieram, muitas encomenda, com o re-
 sultado por fora: calhán; no alfandega aquilo está-
 cou; os homens do fisco cheiraram, farejaram, ca-
 riubaram, mexeram e remexeram; mandá-
 ram dois avisos e só ao segundo o Alguazil man-
 dou retirar a encomenda. Mas qual é o seu es-
 tado quando lhe veem cobrar 352 reis de direi-
 tos alfandegarios!

— E gaguei por um calhán do Pungo Andom-
 go 352 reis de direitos!... Faça favor, vario Pi-
mentá, de expor no seu diário um voto de
 censura contra as roubateiras do fisco...

Wistó, na terra de Uuiverridade, sou a meia-
 noite; tres horas se passaram amenoamente, e
 luz de um candieiro de tres bracos. E o Pacheco é
 desgedida, lembram o seu moinho, o que fez
 com que na rua o Alguazil me disesse:

— Bado rey me enteneço mais por este Pa-
 checo... Esta ideia do moinho, palavra d'honra...

E quando, fór-me a mão no hombro e con-
 cluiu

— Sempre lhe digo, vario Pimentá, que o ho-
 mem é gasta!...

Coimbra =

= 23 de maio (4ª feira) =

Consegui finalmente encontrar o meu querido João das Regras, o Luis Ribeiro em casa, onde falei com o José Taveira de Carvalho, a quem elle me apresentou.

Está zozura, sahira logo; e eu então pedi-lhe desculpa de lhe ir tomar tempo com aquella intervi-sta...

— Não, não tome tempo. Como o sr. Belizário não está em arremuações, fale-se em actos, começo a esquecer os livros redgebrivos... Não sei se sabe que já veio o decreto...

E disse-me a letra do decreto.

— Bem, respondi eu, não temos nada feito... Perdi o anno. Mas vamos á intervi-sta, illustre João das Regras, consiguo honrarem de sciencia... E sentamos-nos; elle, numa poltra improvisada num angulo do seu quarto de estudo, por debaixo duns retratos de Wagner; eu, a uma mesa redonda, em frente d'elle, com papel e caneta de escrever.

O Ribeiro juxou d'um cigarro, traçou a zozura, numa real attitude de intervi-stado e começou:

— Olhe, sr. Belizário: eu não me metti na questão, mesmo em nada, e principalmente por causa da syphilis... Como sabe tenho sopido

horrivelmente; a syphilis... eis o verdadeiro motivo da minha inação.

— Pois você passava por morrer tudo, por detrás da cortina dos derridentes...

— Dá-me licença que lhe escreva uma carta nesse sentido? E faça della o uso que quiser; faziam-me até favor em me defender dessa acusação. Conhece o meu feitio...

Eu, na verdade, nunca ouvi dizer tal coisa do Luis Ribeiro; insinuei isso para o obrigas a falar. E eu estava com interesse em saber se de facto elle estava catolico. Cheguei a dizer:

— Pois isso foi-me affirmado...

E elle respondeu com certa vehemencia:

— Não quero saber quem foi, mas ergo que me defenda fiado no que lhe vou dizer e fundado na carta que lhe enviarei

— Os seus ardeus...

O protagonista recubria. São nebulas, mas também cabem. E continuou:

— Eu agradeço a questão acadêmica talvez pelo verdadeiro lado; ha máx de parte a parte e ha pouca razão de ambos os lados. E no fundo da questão ha tres causas fundamentais: cabula, reclame e jolitics...

— Offensivo! vai uma verdadeira interview!

— ... cabula, porque no primeiro dia de greve, a 8 de abril, perto de 300 rapazes perderam o emprego; não sei se me faço comprehender e se

a siuegla yhrase alcança a inbucção. Reclame, Jorge se faltarão de falar em dignidade, em consciencia, em brio, em solidariedade, etc, etc, as quatro ventos! E politica Jorge vi o discurso do Bernardino em Belem...

— Você não yrdõa ao Bernardino...

— ... Jorge sei das reuniões republicanas no centro do largo da Freiria nas vergens da greve ás quaes foram cadetes... Jorge vi o Galé de Jolai nas "Zelos espis, com os rapazes, Jorge... vi muitas cousas mais. E gôde assentar no seu diario que o partido que mais tem explorado o caso é o partido do franquista... Tenho yrovas...

— Pois venham ellas!

E elle agorava triumphante para uma gaveta da secretaria.

— Ora, antes das ferias de Paschoa, quando se preparava a greve geral para o dia 8 d'abril, eu fui convidado para um comitê secreto que tinha por fim furar a greve. Quem me fez o comitê foi o meu condiscipulo Antonio Nunes Tricca e o tenente Prose que o senhor conhece...

— D'ambos. O Tricca foi ser gaturro, ylo me nos assim m'o tem affirmado; agora o Prose...

— O Prose é um grande filho de fez-me uma gartida quando foi da reconstrucção do theatro academico que define um caracter. O facto da re-

⁽¹⁾ O visconde do Armeal.

construção do theatro era o mesmo; bem nê que o theatro academico tem as honras de uma utopia, mas a garbida foi bem real... Bem; mas eu respondi-lhes que não, que queria proceder conforme quizesse, seguindo o meu modo de pensar, e acrescentei-lhes que não tinha muita confiança n'elles... Edo mesmo tempo recebi cartas de varios condiscipulos, que eu ali tenho — e agouava a gaveta fatal — falando em furar a grêve, em consciencia, em dignidade, etc, etc, mas tudo tendente a combater o movimento de protesto e de intransigencia da academia. Estão ali...

— Cartas aderidas...

— Tenho jaciencia, mas não th'as dou. São cartas pouco boas, mas eu quero ser mais do que ellas...

— Mas a verdade historica, honorem!

— Não esteja a tentar-me... Respondi sempre que faria como entendesse, o meu procedimento seria de completa liberdade. Paralelamente fui convidado pelo Mario Monteiro para a comissão que ali funcionou e não aceitei tambem porque não me queria ralar. Chegou o dia 8 d'abril e eu mesmo de casa sahi por causa do pythia... Aqui tem o meu amigo a parte que tomei; se fosse lá fora, iria á aula se visse ir uma grande maioria, mas noutro caso, não. Infelizmente mesmo; passava os dias estendido aqui e sabia o que lá ia porque se juntavam cá em casa al-

quero amigos, como este José Taveira, o Garrett,
o Emydio Lima, o Barreiros Tavares...

— Ora essa camarilha é que o compromete...

— Mas othe que algumas me referiam o que lá ia
fóra e não se discutiam os acontecimentos; vi-
riam dar-me as novidades, pormente. E estes são
bons rapazes... Othe: este Taveira é uma joia; o
que me fizeram na comissão foi uma maldadi-
ce; é rapaz que não está habituado a discutir, que
não sabe falar em publico e lá, é claro, agitado je-
lo rabular, metter os pés pelos meus. Tem ainda
do misto do boz-fé, creia.

— Mas o Barreiros Tavares... catholico...

— Sim, é jesuita; mas othe que é um dos jou-
cos jesuitas serios que conheço...

Estas duas defesas são características. Uem,
porque não está acostumado a argumentar (e no
5º anno de direito) o outro porque é dos poucos je-
suitas serios!

O Luis Ribeiro tem ás vezes destas cousas; é
confuso na maneira de explicar. Quero enen na
boa intenção em desculpar condiscipulos mas não
tenderá elle mais jaro lá?...

Eu não deixei de lançar a ironia:

— Essa phrase é boa...

— Mas othe que também cá viuham o Bicu-
do, por exemplo, que é intransigente, o Correia
Mendes (Alvaro), intransigente, o Emydio Lima,
intransigente, e outros que nem são uma cou-

na minha obra, ou antes, não uns pobres diácos
como o Eugénio Pessoa, do 5º anno de medicina.
E assim se passaram uns dias; alguns raios
começaram aahir de Coimbra, como pó; e um
dia veio para os jornaes a noticia e constou ser
ahi que a Universidade se fechava ⁽¹⁾ e que haveria
actos a seguir. Não ^{sei} se se recorda...

— Muito bem!

— Pois no dia... no dia... — e levantou-se a
procurar sobre uma mesa atalhada de livros, um
folhetim em forma de linguado — no dia 14 de
abril, li no Diario de Noticias a nova de que a
academia resolveria não ir a actos. Fiquei-me a
olhar e escrevi a seguinte carta ao meu condisci-
pulo Graujo e que o Sr. João levar para casa e
colgar no seu diário. E faça favor de a ler porque
eu gosto das causas claras.

Eu então, traçando a Jesus li a seguinte carta:

14. abril - 907

«Acabo de ler no D. de Noticias uma declara-
ção da comissão de Coimbra, em que se diz que
ninguém requererá exames se for neste senti-
do a solução que o governo der ao conflito.

«Eu estou na disposição de continuar a man-
ter-me na mesma reserva relativamente ao
nosso compromisso, para poder deliberar confor-

⁽¹⁾ Ver o dia 14 d'abril.

me as circunstâncias da ocasião. Se um grupo numeroso de condiscipulos nossos requerer exames em talvez os requireira tambem porque entao não pou eu que vou individualmente contrariar as resoluções da academia mas ponhebo por a salvo os meus interesses.

« Nunca fiziquei actos meus foy declarações que estijam em desacordo com este meu procedimento. E' isto o que entendo dever declarar e comisso não pó' for obediencia aos juizios de lealdade para com todos como aos da amizade que me liga a alguns dos meus membros.

« Podes fazer desta carta o uso que julgares conveniente.

« Desculpa a máceda e recebe um abraço do teu muito amigo e obrigado »
(s) Luis Vilelas »

— Ora diga-me a sua opinião...

— Sim... bem né... você nunca entrou em nada... teve a pythia...

Sua diabo! um homem é um homem! diz uma coisa, mas só uma vez... Agora diz que sim, que é conforme, que vamos a ver as circunstâncias... não gosto!

Elle continuou:

— Nove meses dia, já depois de mandar essa carta ao seu destino, recebi, poriaem 5 horas da tarde, um telegramma de Lisboa, do Pinto

Coelho em que me fazia para eu angariar assignaturas para uma declaração anti-jerista, como o fim de o governo tomar uma deliberação. Eu andava doente e bastante; não estava para nada; mandei chamar o meu condiscipulo Luis Goncalves e entreguei-lhe o telegramma para elle procurar conferenciar-me acerca e escrever a seguinte carta ao Sr. Coelho...

E voltou o linguado de papel e entregou-me'o.

— Aqui tem a parte que eu tomei no movimento anti-jerista... Ora faça favor de ler.

Eu li então esta outra carta, dirigida ao Sr. Coelho, ~~em~~ quintanista de direito:

14 d'abril de 1807

« Não podendo sair, devido á minha doença e ao tempo chuvoso, mandei o teu telegramma ao Goncalves para tratar do caso.

« Vais elle ser comigo, discutimos e juremos nos não couvir o desmentido de modo algum. ⁽¹⁾ A cidade está deserta de estudantes para se poderem obter de prompto bastantes assignaturas. Com um reduzido numero dellas será o desmentido mais pernicioso do que util e esgarará os pignobários a odios e ridiculos. Os escambocimentos estabelecidos-se precipitando e confundindo por forma que ninguém, seguindo me acerca, poderá dizer hoje

⁽¹⁾ Era um desmentido ás tentações de não ir a actos.

com firmeza o que fará amanhã. Medita sobre o caso.

« Eu, discutido elle e bem zurrado, não quero exor-me a tal situação no q' eu que as cousas se acham.

« Teu amigo, etc., etc.

(2) Luis Ribeiro »

Chama-se a isto fugir com o rabo á perseguição...
É que perfidia que ella encerra!...

— Aqui tem a infima parte que tomei no movimento anti-grevista; foi entregar o telegramma ao General... De resto, elles reuniam-se ali em casa, conversava-se e digo-lhe mais: foi lá em casa que se falou o grupo Barreiros Tavares... É elle que eu soube - o sr. de J. e meu me indignarai com isso.

— Oh diabo! mas a sua casa fica histórica!

— É' como vê... e como lhe digo. Um dia appareceu ali o Sergio Galvão que nós conhecemos muito bem...⁽¹⁾

— De gingeira!

— ... e esteve ali naquella sala conversando muito com o Barreiros Tavares. Como lá estava tudo ás escuras fui já pôr a mesa um pouco e elles continuaram a falar. No dia seguinte estava cá reunida a mesma gente, mesma reunião he-

⁽¹⁾ Defendeu théses honorem e anti-honorem [29-VI-910]

térogeneas e reunia conversos igualmente heterogé-
neas, quando o Sergio Calisto me veio pedir a mi-
nha casa para nella se reunir um grupo de resis-
tência, o tal grupo que ficou conhecido pela desi-
gnação de "grupo Barreiros Tavares". Eu disse que
não, que me não importava de elles se reuni-
rem aqui para a Jalesina, mas para outro fim,
não. E o grupo foi reunir então para casa do
Feliz Ferreira Henriques.

— Oh que bisco!

— Não ali para a Bouraga... Ora o resto sabe
o meu. O que lhe digo é que o meu amigo Sergio ~~me~~
sabe um grande malandro; e como sabe, depois
de elle andar entusiasmado nesta causa foi dizer
para a comissão, a existência do grupo... E o Bar-
reiros teve de continuar no trabalho para que não
dissersem que recuava por medo... Disse-me o et-
le aqui.

— É dos jesuitas serios, não há duvida...

— Agora do meu amigo Sergio... diz-se (e eu di-
go diz-se porque não o posso afirmar) que elle
deu ao Costa Almeida uma lista de quintanistas
de medicina que se comprometteram a ir ás aulas
se ellas abrissem. Esta lista era falsa, não duvida.
Veja que marisola!... Aqui tem o meu. o que se
me oferece dizer sobre o caso. Se quer saber mais
alguma coisa pergunte porque me avivará a
memoria.

— O que diz é circular dos meus de cá?

— Ah! isso classifico eu de uma traição. Tive conhecimento d'isso e acho que foi um acto traiçoeiro. Podem fazer o que quizerem que a amizade não vá com o João Franco. Circulares, grupos anti-guerristas, etc, etc, nada conseguem. Será o pau. que o unico remedio é irmos a actos, submettem-nos, transigindo um bocinho de parte a parte, e no dia 28 de setembro, antes dos reis, o general viria para os expulsos e ainda fariam os actos em entulho se o quizessem.

— Tanto generosidade!...

— Foi o José Varella que o disse. Elle é todo da casa do Dr. Garrett e o Garrett o recebe em Lisboa, frequentemente em casa do José Luciano... Mas olhe que isto é peccatissimo!

— É assombroso!

É o Luis Ribeiro acrescentou

— É gide lá escrever que classifico isto de um acto de baixa comedia do Sr. conselheiro João Franco.

— É assombroso, caramba!

Ah! ahi estava por aqui as 3 horas; disse que ainda ia a baixa comprar o livro do Carlos Linna que devia ter chegado. É publichei

— Gosto immenso daquelle rapaz!

— Pois olhe que é o maior jobite que o sol tem coberto! É dos taes anarchistas que faz viagens á custa do Directorio republicano para a discursata e dos taes que prega a religião da confraternidade

humana enganando os amigos que lhe entregam
tão dinheiro...

— Ah João das Regras...

Mas o Luis Ribeiro levantara-se; pegou de um
livro e abrindo-o leu-me:

« Outro (anarchista) aqui ha tempos, tendo ar-
rendado uma casa, cedeu um quarto a um ami-
go, anarchista tambem; e como este lhe não pagas-
se a renda do quarto foi-o fôr de escote em Ju-
riho. »

— Este outro anarchista era o Lopes d'Oliveira
que hoje é professor do Lyceu.

E continuou:

« E poucos dias depois, esse meu amigo e se-
nhorão fazia um encolado discurso sobre a bon-
dade civata do homem!... »⁽¹⁾

— Aqui tem o anarchista Carlos Lima...

Olhei para o livro: era A Evolução do Move-
mento operario em Portugal de Luis Goncalves
(a quem entregara o telegrama do Rocio Boetho), do
5º anno de Direito, premiado e que quer ser leute;
o livro é oferecido ao Dr. Maruoco... Está classifi-
cado o livro e a urgencia da nota.

⁽¹⁾ a pagº 207, nota.

— Você é sempre o mesmo ... Mas não horas de descer é baixa, banhar-se em moridades prescas, saber cousas ...

— Pois eu agradeço-lhe muito o tomar á sua conta o desferer a opinião que havia a meu respeito. O meu procedimento é o que lhe exige ... E é máis? ...

É pensando de um lado para o outro, vagarosamente, embrenhou-se em considerações extraordinárias como estas:

— Bem vê: eu passo assim; será meu Jernan?... O que é certo é que me heem actô da minha vida pôde ser agradável a toda a gente ... Eu procedo assim ... Bem sei que ninguém pôde fazer a consequencia dos seus actô, mesmo os mais insignificantes, mesmo os actô mínimos ... Se eu lançar d'aquella javeia uma pedra para a rua como fazer as consequencias de um tão banal phenomeno physico? Quem me diz a mim que não vai desagregar alguns têms coheros molecular no pito em que cahiu, e dessa desagregação o que pôde succeder? ...

É pensando uma fumaça do cigarro e falando:

— Christo Jovencino Jovencino, quando pregáras a sua religião de amor e de egualdade que ainda vivia a existôr a andem de S. Domingos que queimaria gente em nome do mesmo amor humano e da egualdade humana? ...

— Para que você está metafísico!

É jurando o rebozo:

— São 3 e meia, honorem. Vou-me embora, e lá espero a sua carta de reabilitação. Adeus e desculpe a pressada.

É desci a baixa, banhar-me em novidades.

Consegui o orgão e lá vinha, no integral, o decreto fatal — antevendo o encerramento de matrículas e o funcionamento de cursos livres nas cadeiras em que elles fossem necessários; e isto entendendo ao que « foi representado por muitas professoras encarregadas da educação dos alumnos da Universidade ... »

É jasmuso, mas lá vem, no orgão de 23. Sua falta perfidia elle não envolve, quanto baixara não quer causar!

Seria de causar indignação se na verdade não causasse antes desgosto.

Em todos os lugares que estavam por ali havia inquietação, uma certa agitação provocada pelo caso; uns diziam que se devia encerrar matrículas, outros que não. É vindo para casa, no americano, uns estudantes ocupavam-se do caso, entre elles o Santos Silva que achava o decreto infame e que deu a entender que não ia ás aulas nem ao encerramento de matrículas.

A tarde voltei ao Jardim de Calçada e vi com magoa que muita gente vai ao encerramento.

to de matricula; no Lusitano multidão d'estu-
dantes discutia: uns diziam que se devia encer-
rar matriculas e depois ir a actos jureis ás ve-
zes jodia um annuistia; outros diziam redonda-
mente que não.

O Francisco Tavares perguntou-me a opinião;
em resposta nestes termos:

— O João Franco não dá a annuistia, logo não
encerro matricula, pois são 20:200 reis que esca-
so de vender. Mas, julgamos que o governo sabe
e que outro que venha dá a annuistia: nesse
caso certamente concede aos que não encerraram
matricula por causa do neto, e autorização neces-
saria para ainda irem aos actos. Conclusão: não
encerro matricula.

— É também a minha opinião.

Não chegou ao pé de nós o António Fernan-
des, rapaz cá da terra, do 5.º anno de philosophia co-
nhecido pelo "vaca assada" e pediu-nos dinheiro
para a subscrição da comissão com o fim de
mandar esta noite dois emissarios, um para
Lisboa e outro para o Porto para tratarem com as
comissões de lá o futuro procedimento. Logo
um de nós deu dinheiro e quando o Fernandes
se afastou disse o Tavares:

— Este rapaz já entregou á comissão mais
de 30:000 reis...

— Elle é capitalista...

Os emissarios eram: o Francisco Luis Tava-

res João Lisboa e o Pestana Junior para o Porto. Iráam nos combrios correios da noite porque os rapidos de luxo não são para gravistas...

Pois que não é que mostram ás duas acadêmias que para cá ha muito realceado, mas também ha quem paiba ser digno sem alarde e honra do seu realce.

Alcorno altura o Tavares contou-me que soubera pelo filho do juiz Veiga (que já está em Coimbra ha uns dias) a infame e revoltante nova de que o João Franco pensára em emburrar na lei de 13 de fevereiro, o Balthazar Lima e mandal-o para Timor. Não o fizera porque tem conebido, desde que está no governo, a sua querida lei e ainda a não alicou, de modo que não queria recommençar com um estudante...

E não se revoltariam as consciencias de todos — mesmo as dos frangueistas — com o permethante attentado? Não sahira para a rua o agerariado indifere? Não gritariam por justiça, com annas na mão, se necessario fosse, os estudantes do meu país?

A que se chegou! o Balthazar Lima talvez se quisse berra fora, para o exilio, com os protestos do muito gente, mas ditos em familia... por causa d'elles!

A seguir a esta revelação jassou um rapaz estudante, com barba curta, pyrugethico, sem nada que denotasse educação jesuitica; pois um dos

que estava no grupo, Joaquim Ferreira Neves, no-
vato regente de mathematicas, agombando-o disse-
rue:

— Ali vai o Soares, o José Joaquim Soares,
um catholico berrivel... Foi meu condiscipulo em
S. Fiel.

— Oh que paroto!

— Olhe que está em correspondencia activa com
o director do collegio de S. Fiel por causa da ques-
tão...

— Uli, meusinos...

É nada indicaria nelle um jesuita. É um re-
faz desembaçado, olha direito para nós, é symbo-
lico, até... Já a gente fiaz-se nas agarencias!

Com mais duas voltas resolvemos seguir pa-
ra o alta, em, o Aguiar e o Meximiano.

— Vamos consultar o oraculo Pacheco!

— Vamos ao oraculo!

É mettamos, lodeira sciens.

Coxeando, edeante de nós, eis o meu amigo
Agafito Pedroso Rodrigues. Abordei-o... Viuha-o
visto com o Dr. Luciano, de mathematicas, de modo
que lhe perguntei:

— Então os mestres que dizem? Esse Luciano,
que tal?...

O Agafito escudia um cigarro; olhou por cima
do monoculo:

— Para nós só, disse que os leucos de direito são
uns gultas...

E olhando aos lados, terminou:

— ... são uns gajões!...

Pulou de contente.

— Obrigado, oh Agagito! Já, vá para o club dos mestres. Boa noite.

E lá continuámos a rubida da ladeira, até à rua do Bonafino. Chamámos; o oráculo estava na casa de baixo, na república dos ilhéus, tomando uns ovos quentes...

Que rubissemos, dizia elle; já já para cima, já já responder às consultas dos crentes...

E nós rubissemos. O Maximiliano fezou alguma guitarra e dedilhou um fado que trasladava a cocheira:

— Tu cá estou! sempre pronto a suaijar!

O Pacheco veio logo; e a nossa conversa, a jogos e joucos, rubindo sempre, espiritualizando-se constantemente, era de quando e quando cortada por algumas phrases material e brutal do guitarrista:

— Sueres suaijar esta noite malguma jandee?

Ou então:

— Vocês não conhecem o fado do balcinhas?

E o Pacheco, indignado, berrava-lhe com a sua voz fraca:

— Espiritualisa-te, homem! Espiritualisa-te!...
Que diabo!...

— Lérias!... respondia elle.

Mas a attitude do Pacheco perante o decreto era não encerrar a matricula; era proleto da philantropica mas se esta encerrasse, o termo, por elle, o Pacheco nada teria com isso. Pelo menos não o autorisava.

— E censeruo-me em Coimbra. Se me penderem... deixar!

— Não, amigo Pacheco, disse eu. Eu agora penso em ir, mais para o verão, metter-me na terra da Estrella: uma casa humilde, livros, papel em branco, botões de brochas, varalão e chafiz grande; levantar ás 4½ da manhã e deitar ás 9 da noite. E o Pacheco vai comigo. Inamos agredar aos gestores do Sernunhão e panta religião de equaldade, agostolar o leão, cusinar a vulgaridade da razão...

— Inei. E quero um rochedo para meditação, um cão para amigo e guarda...

— ...e uma jantona para o amor livre!

O Maximiliano arrebitou o nariz, queria saber o que era o amor livre...

E com estas e outras interessantes narções, sahi mos e cada um pegou para casa — não sem se firmar as bases do nosso futuro consilio philosophico, no montanha Sernunhão, vando Portugal de lado a lado, e quasi d'alto a baixo, pó com o combato nede e ardor das pragas, e a conveniencia quasi ge-historica dos gestores.

Mas, deixei para o fim, sem que fessa com is-

so course alguma, o livro de Camillo Lima. Custa cinco tostões.

A indicação do preço indica que o editor quiz enfiar com o éxito que o livro viria a ter.

Mas o livro é interessante: conta os seus antecedentes de revolucionário e a má-fama que tinha entre os leutes; conta o caso José Eugénio e a parte que tomou nelle; segue-se o processo, o accordo e por fim a historia da vinda por segredo a Coimbra, da prisão em Tavira, dos dias de esquadra e da ida para o Porto entre dois guardas. Na segunda parte a que elle chama O processo d'elles, faz afecções sobre os leutes, sobre o ensino, e critica os processos universitários e o meio cathedrático.

Parece-me muito curioso. Li por vezes uns bocados aqui e ali e vejo que li, gostei.

O livreiro Moura Marques vende-o quasi ás escondidas, com medo de th'o apprehenderem.

O caso o dia 23 já não sufficiently grande, encerro por aqui, desejando ao João Franco uma queda estrepitosa.

Coimbra =

= 24 de maio {6ª feira} =

Quando hoje sahi e jancei na rua Larga para saber se estava em casa o José Sobral, porie 1 hora da tarde, vi cá de cima um grupo de estudantes á

gentia de "Casa feliz". Eivem quer que foi chamou a
atenção para mim e eu vi cá de cima o grupo vol-
tar-se ao mesmo tempo para o meu lado, olhando.

Que diriam elles?...

No aproximar-me vi os dois meus Meudes
Cruz, o meu irmão Alti Eszargosa, o protestante Jea-
quim Carlos de Sousa, o grande yincefe Garcia da
Costa, o jovem Galido Sergio Galixto e outros. Parei por
elles, no outro passeio; fité-os e na maneira de os
fitar com um ligeiro franzir de sobrancelhas, elles per-
ceberam qualquer coisa porque distanciarão e conti-
nuáram no converso.

No baixa camfiei joruaes e encontrei o Bernar-
do Pedro; perguntando-lhe o que jorava do decreto
reajudou-me com a evasiva de que « ainda não
tinha lido tempo para jorar. » Depois, ajudando um
joco com elle, o jore franquista, apreciando os fa-
ctos como deviam ser, continuou no sua carga cen-
rada sobre os yevistas, que vai sem duvida encer-
nar publicista, porque isso está na logica dos factos...
Critica a maneira de eu fazer este diario — que
deve ser todo elle um falsidade! E se não fosse
uma chusado valente que até cá cahiu e que fez com
que elle corresse para um casa onde tinha de dar
uma lição, pedrando-nos, eu tinha-me certá-
mente jgado com elle, e chamar-lhe-his burro,
cavalgadura e outras cousas congeneres já que
não havia para tão burrial teimosia, outros ar-
gumentos...

N' noite, na baixa, havia acirruações. N' porta do Lusitano discutia-se o caso do decreto, acirruadamente e esgerava-se o rajido de Lisboa para saber noticias.

O Alfredo Pimenta officava pelo encerramento geral de matriculas para assim se cauzgar a cidade em Coimbra. Mas objectavam e com razão, o seguinte: o decreto só consentia a permanencia na cidade dos rapazes de medicina, mathematicas e philosophia; os de medicina não se mettiam em barulhos, não sahiam para a rua, é a gente séria da academia; os de mathematicas e philosophia, tirados os militares e os tímidos, ficavam para ali coisa de uns 30 a 40 grupos para o barulho; ora 30 ou 40 facilmente se abafam e até esse numero cauzgaria a esquadra...

E além d'isso, sempre se perde o dinheiro. Era pois melhor não encerrar matricula, abandonar mesmo ~~o~~ a faculdade de direito onde he grande numero de rapazes que querem actos e tentam ir a elles; e aquelles que quizessem vir para Coimbra que viessem.

Que diabo! o governo haveria de dar ao mundo civilizado o espectáculo degradante de prender desermas de estudantes, encapual-os em tevas, mandal-os embora, e obrigar a fazer actos á porta fechada, aos que quizessem rastejar para alcançar um decreto menquina? O juiz havia de ver as esquadras e cadaias atulhadas de estudantes que não queriam

subjeitar-se a um decreto que o intendente Pina
Manique talvez não fizesse?

Só na Rússia!

É eu que estava com o Pacheco, o Aguiar e o Sa-
raiva, a minha aza esquerda em "calculo" e o Ma-
ximiano, vi com summo prazer e com uma parte
de orgulho que a corrente geral dos rajases era a
única digna, a única que podia seguir com cara
levantada, em presença d'aquelle decreto-attentado:
não encerrar matricula!

O cofre da Universidade não receberia no seu
lojo mysterioso os trinta e tantos contos que recebe
em media, annualmente!

Alguns lá iriam de joelhos, batendo no peito a
consciência mes-culla; mas para elles estava o escan-
neo dos contemporaneos e — o que é mais — a cri-
tica dos vindouros.

Felizmente vi que naquella turma grande de ra-
jases que não os que mais em evidencia por ali au-
darem, a offensa formada era a minha.

Irão elles assim até ao fim?

Mas o Saraiva corava a cabeça, atalhado, com
cara de mal estar. Eu refarei nisso:

— Que tem a minha cara aza que está com má
parecer?

Elle então abriu-se: vive com a familia e o Jac
todos os dias the griga a anti-grive; elle não quer
encerrar matricula, mas o Jac todos os dias zás
que zás... e elle anda atalhado.

— Eu quero ir com os condiscipulos... Mas Joe se eu vender o auro que eu assente praça... Sei-de ver se me aguento até ao ultimo dia...

Mas o Aguiar achou o expediente salvar-se:

— Aguenta-te até ao ultimo dia, e nesse dia nós raftamos-te. Hei?... Mette-te em minha casa e... garante!

É flagueou-se logo o audacioso rafto. Veremos se dá resultado.

Percebi por isto a razão porque o Saraiva se afastava ás vezes dos condiscipulos; não queria revelar a sua desgraça: o ter um Joe terminal e anti-gravista!

Se-se aproximando a hora do rafto de Lisboa e os novos condiscipulos e eu fomos até á rua do Visconde da Luz. Agregou-se o Alfredo Pimenta.

A isto, ao fundo da rua, apparece um rapaz de 5º anno de direito, chegado de Lisboa; foi logo cercado e interrogado:

— Na Arcada, ás 4½ da tarde, corria esse insistentencia que o João Franco pede a renuncia a demissão do ministerio...

ouve um grito geral:

— O quê!...

— Oh homem!

— Já lá...

— Palavra d'haura, dizia elle. Se é verdade, não sei; mas garante que isto se dizia lá, na Arcada, em conversas.

O Pimenta começou aos molinetes com a banga-
la; o Pacheco suscitava um gesto de caja e espada; já
se gritava; e gente que jamais olhava com interesse.

— E lá vai o decreto!

E o Aguiar, com voz de baixo profundo:

— Viva a academia intransigente!

Foi uma alegria; fomos ao Lusitano esgarhar a
nova; correu de bocca em bocca e — o que é a fama
das noticias boas e desejadas! — em pouco tempo
tudo alegremente dizia:

— Vai cair o ministerio!

Encontrámos então o Salgueiro, o eximio fa-
lador Salgueiro, o Vasco de Carvalho e outros cade-
tes de infantaria que chegaram de Lisboa para a
assignatura do termo; esperavam-se, no correio do
noite, os outros de vendas novas.

Festejamos alegremente o advento de Pedro d'
Alcantara, o bom amigo!

O curso de calculo voltaria é novidade e
as theorias de Fallé e do Nicolau voltariam a
ser successivamente discutidas.

O Lusitano era uma reunião alegre; parece
que vinha por ali uma alvorada, a seguir a noite
tempestuosa e negra!

Subimos a Alto, falando de novo na ideia de
fazer luminarias para festejar a queda. E lembrámos
a conveniencia de todos os estudantes que quises-
sem mandar um cartão de parabenos ao João Fran-
co: rua da Bueveda, 14.

Quando cheguei a casa e percorrendo os jornais vi que o Brito Camacho continua com os seus artigos demolidores na Lucta; d'já até falando dos lentes de direito: «... os anthropoides da faculdade de direito...» Nos outros não ha grandes novidades; só o Mundo transcreve um manifesto da "Comissão central de listas" e que eu conseguí arranjar e que conservarei.⁽¹⁾

É um bello manifesto, activo, cheio de períodos bellos, correctos e duros profunda verdade; termina lembrando que neste hora avança mais polêmica, quando tudo fala no resurgimento duma patria nova, se esse resurgimento tem de ser apenas um pouco magnifico que não sejam os estudantes aquelles que tenham de a desiludir.

Bons rapazes; eu, que já vou a cair para os trinta, ainda me commovo com isto...

Vão avante, senhores!

Coinhbra =

= 25 de maio (sabbado) =

Sahi, peris meus dias, como o firme propósito de ir á Alta ver se para a Universidade já havia commença de matriculados.

Subindo exactamente á ladeira do Castello, ou

⁽¹⁾ Masso III - 48-M.

vi ao lado meu discreto "bo-tarde" muito amavel.
Era o Sidonio.

O Sidonio áquella hora, ali, para a Universidade?
Adiante, no largo do Castello, vi o Tavaquini, o Lu-
ciano, encaminhando-se para a Porta-ferraz.

O maris Aguiar que appareceu entao, explicou que
era congregação de mathematica e philosophia; o Pacheco
appareceu logo e nós, mystificados todos tres, in-
quirimos:

— Que pena?

De facto, a Porta-ferraz encerrava para nós o mais
profundo mysterio: que iria lá dentro e o que se faria
lá? Encaminhamos-nos para lá, mas tão infe-
lizmente que ao traçar a historica e memoravel
porta, encontramos o Luis de Costa, de calça e botas,
afavel, com aquelle sorriso nos labios que quarenta
e sete gerações conhecerao.

Surgiu entao o Vasco de Carvalho e deu-nos a
nova noticia de que já tem entrado requerimentos ja
na actos e — mais ainda — que alguns regeres é fu-
tura, tem ido assignar o terreno com data de 27 ja-
na evitar vaias ou troças de alguns que se lembrem
de vigiar.

O Pacheco, ao entrar, disse que se parecia mal;
ha tanto tempo que não entrava ali! E como a gen-
te se pente fradesco, naquella zateo! E concluiu:

— Tudo isto são pyambolos, meus amigos!

Precisamente nesta altura, sahio da biblioteca o
ambigo calvaire, e que agora faz serviço entre os li-

uros arruados. Eu afundei-o ao guizo:

— Ah! nem um pyralo!

— É que pyralo! dizia o Aguiar vendo-lhe a figura desconfesta.

— Tem mesmo a figura d'um badalo...

Mas uma tremenda batida d'agua fez-nos acotchar á porta do corredor que dá para a secretaria e fez fugir o pyralo a pite já para o outro lado do yate.

A conversa continuou monótona; o Vasco desceriu por detrás de uma porta, uma janinha a certa altura.

— Que será?...

Eu e o Aguiar jogámos no Vasco aos hombros e elle pediu:

— É' uma tarneira!

— Então desanda e deixa, disse o Pacheco.

— Pode ser gás...

— Pois que vá tudo co'os diabos!...

Mas resolveram-se deixar ainda de pé o velho edificio; e como appareceu naquella altura o esdeto Slenrique Trindade, o convicto Trindade, a que tenho aqui feito referencias já pelo seu caracter de um só fio⁽¹⁾, o converso cahiu para a vida que elles levaram em vendas novas

— Tenho muito que contar...

— Pois vai intervirta-lo!

(1) Foi um dos assignados da marinha que mais se participou na revolução de 5 d'outubro (Em 7-II-911)

Elle então contou que Henrique, á desfeitura, na se-
 tação de vendas novas, na presença de toda a officialidade
 de de Escola Pratica, os cadetes do Porto e Lisboa lhes fi-
 zeram uma manifestação grande de sympathia, com
 vivas, agitando bravos e berrando-lhe que vissem
 como se gozavam, que elles estavam promettidos ja-
 ra tudo! E á parida do comitio o grito de "viva a
 solidariedade academica!" rebou zela zara e zelos au-
 ridos da officialidade.

E o Trindade, exaltado, contava isto tudo, con-
 victamente, com a decisão que já aqui fiz notar.

Quando a chuva parou, sahimos para a baixa; o Pe-
 checo, o Aguiar e o Trindade foram á reunião de
 comissão, outra vez em caso do Mario Monteiro;
 e eu pegui com o Vasco de Carvalho. Do Marco d'
 Almedina, o Cavallero d'Almeida e Nêrito, nem
 condiscipulo, vi-me mas — o que é a consciên-
 cia! — fingiu que me não viu... Como se eu lhe
 prohibisse a assignatura de medicina!

Eu fiquei-me um bocinho com o Vasco, á con-
 versa, e entre outras cousas disse-me que um tal
 puz. José do Prognocinio Dias que fez declaração, co-
 mo atrás ficou assignado — e que tem a bella mis-
 são em Coimbra de assignar os rapazes que sahiram
 do collegio de S. Viel.

Fôra discipulo do collegio; e taes qualidades mos-
 trou que hoje gozave as altas honras de assignar dos
 antigos discipulos, para mandas dizer se elles cá tem
 agostado ou não.

O Vasco sabe isto bem porque tambem e' dos catholicos — elle proprio o diz — e lida com todos elles.

Este tal parr. Patrocínio tem uma particularidade notavel: antes de vir para a Universidade era José Dias Presento; quando veio ficou José do Patrocínio Dias. Trocou o Presento pelo Patrocínio.

Esta conversa com o Vasco veio a propósito de em lhe perguntar se seria verdade o Soares⁽¹⁾ estar em correspondencia activa com o Director de S. Fiel; o Vasco negou, diz que e' casado e de casa d'ella e que a correspondencia que recebe não tem nada d'isso, pelo contrario, etc, etc.

No entanto jesuitas não jesuitas. E' necessario desconfiar.

Depois, fui para casa e nos jornaes vi circumstanciada noticia d'um novo julgamento d'imprensa a que os republicanos dão o nome de commiçoes no Boa-Plena.

Isto vai indo sempre mal... E ainda irá para?

O Illustrado traz novo decreto, fundado nas mesmas razões do outro e dando a mesma regalia dos cursos livres a todos os outros estabelecimentos d'ensino.

O Lucta continua com a causa e a causa; o artigo d'hoje, tambem do Brito Camacho, refere-se ao decreto d'hoje, referente á Universidade. E' um violento artigo contra esse comedia torçe

⁽¹⁾ E' José Joaquim Soares. (V. pag. 302)

dos actos á Junta fechada, com policias de guarda; e
termina:

« Toca para Coimbra, panheiros, que as condições
d'exame estão passadas e dão-me a quem lá fôr bu-
cal-ao.

Vae principiar o teitão!

Vae começar a feira!

Bedel, faça a chamada...

Estão todos agrupados! »

Mas os desgraçados não veem! O Luis Tibairo
lá andava, apesar de tudo, muito á juridade, com
o Sergio Galixto, no seu Largo.

Até tarde pahe. Comecei pelo Delta; e ao Castello
encontrei logo o Maximiliano com um fabricio,
que me disse andar a reverir os raios para ás
8½ irem á estação velha á passagem dos cadetes
que veem de verdade novas para o Porto. Pediram
me para esgathar o caso, mas em voz baixa,
por causa da policia:

— Heus manifestação tera!

Fui procurar o Pacheco; estava na republica
dos ilheus, mais abaixo, no quarto de Francisco
Luis Tavares, que eu encontrei valido, gozava
sendo duas noites nas viagens a Lisboa e no vol-
ta tivera um raio de um avestruo com uma
burguez...

E acrescentava, com ar de dó:

— Se não fosse os empregados...

— Mas nobreças, senhor! reclamavam em. Noti-
cias! Por lá tudo firme!

— O meu amigo não imagina! Aquillo é que
é gente! Ninguém vai ás aulas! E estes de cá...
malandros... ah! que se se...

E fazia o gesto de esmagar entre as mãos al-
gum curso.

— E o decreto? o feito?

— Medocho! Muitos jões que assignaram a
circular, declararam que, em presença do decreto,
mudaram de opinião e que nada diriam as fi-
lhos. Um jão exemplo, foi o Netto Veiga, que lá
jão esse nome no seu diario.

— Pajés teos, hein?

— É verdade. E o Brito Camacho? Nada dei-
do!... E olhe que os artigos do Lucto tem sido
bastante apreciados; o Junqueira disse que desde
que ha a questão, os artigos d'elle tem sido a me-
lhor lidoada no Universidade. E imagina lá!
o homem quer vir jão ahí, em outubro, fazer
um estudo e serio acerca da faculdade de Direito.

— Bom!

— Isso vai ser obra.

— E que tal o manifesto de academiá de Lisboa?

— Causou boa impressão. Os rapazes quizeram
jovocar uma querela, porque chamaria a atten-
ção sobre o caso, nem outro coruicio de Boa Hora.
Dime-me'o o Pulido Salente até, o seguinte: "bem

— Não o meu amigo, e' preciso mexer isto bem ... "

— Tudo republicano, hein?

— Tudo, não imagina! E aquelle Annibal Soq-
neo ...

— O Anibalozio das Mercês ...

— ... perdeu ahi uma bisco! ... Quando o Il-
lustrado começou a campanha contra o Bernardi-
no Machado, o Annibal foi jocular-o e dizer-lhe
que não escreveria nada contra elle, pediu-lhe descul-
pas, etc, etc.

— Mas porquê?

— Porque lhe deve muitos favores e a modica
quantia de 50.000 reis. O Annibal, em Coimbra,
arrigou-lhe uma letra e o Bernardino ficou fiado;
mas o Annibal não pagou e o tal bom e excelen-
te Bernardino — como lhe chamam os paupristas
por troça — pagou a letra e levou-a para casa.
O Francisco Barges até lh'a pediu para a reproduzir
no Mundo, mas o Bernardino não deixou ...

E terminado o arranjo de cabello e ligode, o
Bavarez, com mosco, sahio, e foi continuando: ⁽¹⁾

— Andei muito com o Carlos Olavo e fomos
ao quartel d' Infanteria 2, aliciar o exercito ... re-
quendo a phrase do Carlos. Elle tem no regimento
dois irmaos e falei-lhe no meu amigo e contei
que lhe tinha cabido a honra de ter sido o unico

⁽¹⁾ Este rapaz e' actualmente o governador-civil de
Ponte Delgada. {Bau 9-II-911}

oficial estudante que fez greve. Um d'elles diz que o conhece muito bem.

— É do meu curso, realmente, um d'elles.

É quando chegámos á Calçada, havia um grande movimento. No Lusitano havia grupos de estudantes e o Pedro d'Alcantara lá estava, veio logo abraçar-nos, e começou em distribuir cartões contra os outros cadetes que não encerram matriculas.

Bello rapaz! Ele mette e mette que o não via e logo, como se estivesse comosco na rua, começou nas suas queixas contra a "malandragem..."
É depois, em voz baixa:

— É a manifestação, já sabem?

Na verdade, tudo o que ali estava, se julgava para ir á estação velha; falava-se baixo para a policia não saber e o Alfredo França, de monculo, deitando olho ás freixas, andava augurando diuheiro para o Pestana J.^o ir nesta noite para Lisboa.

O Floro chegou então; e eu, largando os estudantes, resolvi ir com elle tambem á estação, deixando a Calçada onde velhos conservadores olhavam surditosamente para mim.

No chegar á estação, alguns grupos de estudantes estavam já no gare; outros iam chegando aos poucos, a já, para não dar nas vistas; e o Lacerda Feijaz disse-me que a maioria vinha no comboio do navio.

Eu fiquei a jantar cá fora e o Floro entrou;

e fizeti cá fôrça por conselho do Flôr que me disse que eu ás vezes me expunho demais.

Disto chegou o comboio do naval e a gare encheu-se de estudantes; falava-se em voz alta, havia chamadas deste para aquelle, mas logo uns policias fizeram calar aquella cantoria — não periam menos — de ruidos alegres, mas que começavam a comprehender o que é a disciplina nestas aulas.

E até chegar o comboio pouco mais se ouvia do que um leve murmúrio.

Enquanto esperava cá fôrça vi duas cousas interessantes e umas dellas causar-me-ha rememorsos. Uma foi a seguinte: no abrio de fôrça, de estação, em frente á bibliotheca, onde não estava ninguém, vi um cadete sentado sobre um caixote e de cabeça encostada á mão; depois de varias voltas consegui ver quem era: era o Goulão, já aqui referido tristemente. O que fazia elle ali? ia esgorniar o caso? iria para ver e depois tirar medo? Não fico sem mais commentários.

Mas a outra, a dos rememorsos, foi a seguinte: antes do chegada do comboio, senti um carro a toda a pressa, dirigindo-se para a estação; como imaginei que tivesse havido rebate e fosse o comissário de policia, sahi e fui até ao outro lado do largo d'entrada; o carro chegou, era um café, e de dentro sahiu o Julius de Mello, gerente da Sociedade Economica, de que é socio o Teixeira d'Almeida, ministro actual da justiça, e que é primo do mes-

meo ministro. O homem entrou logo na estação ajeitado e perguntou se já tinha chegado o raio de Lisboa. Eu então tive um rebate:

— Será o Teixeira d'Abrão?

Comecei a sugerir um plano: chamar o Lacerda Faria, dizia-me que era o homem da lei de ingressos que chegou e certamente os rapazes esgarariam zelo raído para o receber cordientemente...

Mas misto, sentiu-se o pitro e o comboio chegou, um comboio correio; na estação havia fundo silencio e quando o comboio ia quasi a parar e se viu nas janelinhas cabeças de cadetes, espreitando, a manifestação rompeu, vibrante e sentida.

Houve palmas, vivas; e durante um bocado o barulho foi constante.

— Viva a solidariedade academica!

— Viva a academia de Coimbra!

— Viva a faculdade de Direito!

Os cadetes desceram; houve abraços e gritos; e d'ahi a pouco a manifestação parou para se seguir a troca d'ingressos.

O Plano voltou a fazer um bocado, o comboio do ramal seguiu, cheio de estudantes e cadetes, sem barulho, sem a manifestação de despedida.

Eu disse para o Plano:

— Sue diabo, não jancebo...

Espreitando para a gare, não havia sinais de cadetes.

— Também não quero, dizia o Floro.

E como não havia já americanos, romulamos a pé, para a cidade, chapinhando sobre o extenso lajeal da estrada.

Na Soffia encontramos grupos de estudantes com cadetes desconhecidos e que deviam ser os que tinham chegado, encaminhando-se para as casas de toleradas do Terreiro da Lusa e rua Direita, e só mais adiante é que nos explicaram o caso: os cadetes que vinham no comboio e que iam para o Porto, sob o commando do meu amigo, ao ver a manifestação dos rapazes de Coimbra, resolveram sair e ficar na cidade esta noite e partir no comboio da manhã, apesar do guia de marcha e apesar de a manhã terem de pagar o bilhete á sua custa.

Rapazes teos! Um boadinho de indisciplina, é certo, mas que lhes não fica mal...

No Luritano havia animação; e eu vi com consolo que a corrente geral era para não se encerrar matriculas. O Balthazar Teixeira affirmou-me'o; o Pacheco dizia que dos ilheiros só o Laroy parece que encerraria matriculas; e o Salgueiro, o falador Salgueiro affirmou que a faculdade de medicina, provavelmente dizia "que ia ensinar aos de Direito como se fazia a greve!"

No tabacaria vi o Ernesto de Miranda e quem perguntei se o Teixeira d'Almeida chegava hoje; elle disse que não sabia, que isto, que aquillo... mas eu não acreditei.

O general Martins de Carvalho chegou então, acercando-se maliciosamente:

— Então já ha muitos requerimentos, não?

— Não sei, meu general.

— Os rapazes andam dançados. Olhe o Pimenta, e aguentava o Alfredo Pimenta, já foi tirar licença de gente d'aveas; andam por aki a arrear-se todos. O diabo, o diabo!...

E tornando a aguentar o Pimenta, disse com o seu receio de franquista de nato:

— Aquelle, é um rapaz terrível!...

E entrou na Loja como um receiando já algum louco atestado do terrível facinoroso e conceituado gatinho Alfredo Pimenta!

Oh!... os tímidos e neurvicos franquistas!

Mas parecia dez horas; eu tinha de ir para casa arranjear a mala para amanhã ir para Lisboa. Subi com o Floro João Quevedo; e a certa altura da rua passou o José Fresco, candidato dos americanos, credo de perver e outras cousas.

— Meu alferes, boa-noite!

— Adeus, Lé Fresco.

— Então chegou o meu ministro da justiça...

— Ahm?

— Chegou agora no rajido.

Parámos, eu e o Floro, e ficámos a olhar; tinhamos deixado fugir uma tão boa occasião e uma manifestação tão facil de fazer, com os rapazes d'ali, em grufos e dos melhores!

É depois, o Augusto de Miranda, que nos men-
tiona, com certeza; e então elle não havia de saber que
o homem chegava?

Mas ao deffeder levávamos a escuridão de
que o homem não iria no dia seguinte de manhã
e que ainda se arranjaris alguma coisa...

É amanhã, vou para Lisboa. Voltarei na 3.^a
feira.

Coinhura =
= 28 de maio (3.^a feira) =

Na verdade, no domingo, 26, fui a Lisboa, no
raffido, reusando ainda o meu fazer por não ter
sido per o causador de umas estranhas manifesta-
ções ao Teixeira d'Almeida.

No Evolucionamento comprei jornaes: e regala-
mente vi a Lucta que na 1.^a pagina trazia com
miquas de lucto, varias phrasas do João Franco con-
trarias á dictadura; e na 2.^a pagina trazia a seguin-
te declaração:

« Uma reunião de comissões de Coimbra, foi vo-
tada uma moção, cujas conclusões são as seguin-
tes:

1.^a — A unico attitude logico e honesto é fazer a
gráve ao encerramento de matriculas; e nesse caso;

2.^a — É conveniente que os estudantes das Fa-

culdades para as quaes foi concedido o direito de abrir cursos livres, se mantenha tambem em grãe parte o encerramento; e

3.^o — é nossa obrigação responder dignamente ás propositões do governo, de certo modo autorizadas pelo procedimento de alguns concelhos escolares.

Estas opiniões não tomadas em harmonia com a opinião das escolas de Lisboa e Porto.

Coinbras, 25 de maio de 1877. — A comissão:

Alfredo Pinheiro, Costa de Calvedo, Laenda Farjoz, Mario Monteiro, Bysaia Barretto, Pestana J.^o, Henrique Braz, F. Luis Tavares, Alfredo Franco, e Manuel M. Macedo. »

Os rapazes perão capazes de se aguentar?

Vinha tambem nos jornaes a resposta do Rei dos conselheiros de estado: assim, um a um, não aceitavam a honra de serem recebidos...

Pergunta-se: os velhotes tambem se aguentam?...?

No chegar a Lisboa, o meu primeiro cuidado foi consultar o orgão, e enquanto esperava um electrico para o Intendente, li um bem elaborado artigo acerca da questão de que destaca dois bocados sómente porque o resto é a velha afirmação de que o governo não cabe e continuará sempre a governar com o apoio da ~~o~~ opinião publica...

A saber:

« Ora a verdade é que em qualquer dessas tres cidades a discrição e o proficito da grande maioria dos estudantes é requerer para exames ... »

.....

« O governo mandou encerrar matriculas para exames porque era seu dever facilitar a todos os estudantes o uso do direito de fazer actos ... »

No mesmo numero vem o modelo do requerimento ao qual não deixarei de prestar a minha homenagem ... não fazendo uso d'elle.

Depois, chegando o electrico, segui para o Subterráneo; minha gente do comicio republicano e no começo da avenida D. Thelma, estava uma força da municipal, de tenente, mas... como?... de costas voltadas para o lado do comicio!

Proh Judas!...

Depois de ir o caso de minha irmã e a Sete-rios voltei ás 10 da noite a Lisboa onde o acaso me fez encontrar o Carlos Olavo.

Dei-lhe um abraço; elle perguntou-me pelas causas de cá e eu falei-lhe no caso do Teixeira d'Alreu, na vendeta.

— Que diabo, foi isso! A esse bandido deviam atirar-lhe estêreo!

Contei-lhe outras causas e perguntou-me se elle recebera a minha carta. Eu não, que não recebera...

— E' bom... buntas peris agredida?...

— O que eu sei é que algumas cartas que tenho mandado para o Bysaia e elle para mim, não chegam ao destino.

— Bom. Foi bom ter a certeza.

— N estas horas está sob o fogo fofos do ministro da guerra.

E como eram horas, fui para casa. O Costa Ferreira falou-me com enthusiasmo no caso da Sociedade de sciencias medicas que resolveram protestar contra os decretos do governo mandando fazer actos e falou tambem no advento affressado da republica!

Bates assim, romanticos — do que foficos e malandros.

No dia seguinte, 27, logo de manhã, empregando um barbeiro que fazia a barba, eu jurei dum jornal; sahio a Lucta e eu vi com alvaroco, com um dadeiro alvaroco, a seguinte noticia em manchado:

«Manifestação de desagrado junto á casa do ministro da justiça. Foram presos um academico e alguns populares.»

Felizmente a minha burrice foi vingada! Show-me como com o Teixeira d'Alencar e ainda bem.

O que se teria passado?

Depois do alvoco fui á missa do mez mandada rezar por alma de Licinio Silva; no caminho quiz o acaso que encontrasse o meu antigo condiscipulo Antonio Arthur de Costa Monteiro, alferes

que está no Municipal, no campanhão dos Paulistas.

Falando-se dos acontecimentos, elle mostrou o maior assombro pela loucura do João Franco:

— E tu sabes que nós sabemos as cousas...

E delle consegui saber o seguinte: o Municipal, já dá cá aquella gaita, desde que ha ditadura, tem estado com varias e successivas "cartas de fogo;" — que umas dellas era para quando sahisse para a rua, pelo menor pretexto que fosse, já em pratica o determinado ha muito tempo pelo celebre general Seneiroz que foi commandante das Municipaes: que se não empregasse a bata pinnada e as jantarias fossem baixas sem mais tinte nem quartê; — que no proprio Municipal ha um protesto muito contra tudo isto que se está fazendo; — que na mesera do ultimo concilio dos desiderios, o coronel Correia da Policia (e que é tio delle) o mandou chamar para o governo de que no dia seguinte, no concilio, uns honras assalariados arrastaram beruanda, que o Municipal cahira em cima, com ardeus severissimas, que correria sangue porque assim se mandava de cima; e que a gente que estava no tablado dos oradores: João Pinto dos Santos, Al. Gium, Sizenando de Ribeira Brava, etc, e os republicanos Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, etc, se iam agarrados, mettidos nuns naris de guerra e barra fora com carta de fogo!

Eu parecia-me aturdido.

— E vocês obedecem a umas cousas d'ellas?

— Estão convencido que não...

Depois, na igreja, o coronel Barros o quem já aqui alludi, afiou as gáloras do Bombarda e do Baetteucaent Ragozo: "o João Franco está decididamente doido."

É gelos quarais, diziam elles, falava-se abertamente nos acontecimentos.

É o tal algoio tacito de que falava os franquistas.

Quando de novo jarsei no Rocio, engerando um electrico para Sete-Rios, vi um outro engulso: o Eurico Xavier.

— Meu caro revolucionario: pôde acaso uma columna das instituições dar-lhe um abraço?

Elle então exigiu logo:

— Quando veio de Coimbra?

— Quando.

— Oh diabo! queria saber o que fizeram a esse gaudilha do Teixeira d'Almeida. Você não sabe?

— Vi algumas o Lucta...

Mas elle mostrou o lobicias em que a manifestação minha mais explicada. É entusiastico li a correspondencia. Mas em Barci o manij

— Não sei se os raios se aquecem, Xavier! Olhe que elles são enfiados de todos os lados.

— Mas o amigo ha de ver.

— Antes assim... Ideus!

Vi um electrico de Beunfica e eu segui para Sete-Rios. A noite, com grande as Novidades, li — ora! — a manifestação ao ministro.

E conta que, como se esperava que elle fosse no raizido, foi gente á entaçãõ; mas como elle não foi dirigiram-se a casa delle, berráram, deram vivas, etc.; mas o homem ainda lá não estava, porque estava a jantar em casa do Dr. Serras e Silva, na estrada de Beira, de modo que já lá peguiram em manifestação. E conta um episodio:

« Um dos guardas deitou a mão a um jogador e ao estudante do 1º anno de Direito Affonso Henriques. A este meu o prestigio do nome o salvou. Pender-se Affonso Henriques! E em Coimbra, de mais a mais! » [Novidades, de 27 de maio]

No dia seguinte, naturalmente, informei-me pelo Lucta que é o meu jornal querido; e vi logo que no vespera o ten.^{te} coronel Dias voltára jáo Coimbra com os seus too honreus!

Bravo! lá temos, ao menos, a cidade bem policiada.

De resto, a comissãõ de Coimbra fazia publico que o numero de requerimentos entãõs era pequeno. Será? Oxalá que seja verdade.

O Illustrado lá riuha com desmembridos é manifestaçãõs do Teixeira d'Alreu. Se não havis de desmembrir!

« O jornal tal diz que a policia fez assim, assim. » Logo adiante, em memoria: « E' falso! »

« O jornal tal diz que os manifestantes eram

em numero superior a 300...» E logo me respondeu:
« E meulin desafinado: eram só 30.»

E assim successivamente.

Pobres honras!

No fim da tarde, ás 5½ fui para Coimbra. Na estação havia jolice, erguendo quem desembarcava; alguns exultantes que vieram fizeram-me uma manifestação de agrado, com adeuses, vivas discretos, etc. Na estação nova, mais jolice e eu segui para a balçada onde encontrei o tenente Miranda.

— Então chegou agora e bem?

— Agora mesmo e officio!

E logo a seguir:

— O honravel, afinal, responde não, como o seu. disse.

Ei comprehendi mas fiz-me pouco, não sabia do que se tratava... mas elle explicou:

— O Teixeira d'Alencar!

— Ah!

Que jolice! Passados quatro dias é a primeira cousa de que se lembra, quando o mais natural seria perguntar outros cousas qualquer.

Encontrei na tabacaria Andrade, com um hotel. Estava lá o Freitas e é claro que comecei a dar-lhe jadas

— Então ha já muitos reparimentos?

— Segundo os que dão a sua palavra d'honra, disse elle com ironia, ha só vinte e sete...

— O Bernardo, está claro, já lá foi...

— O Bernardo é um homem livre e que tem o direito a fazer o que quiser.

Perceli sabia que elle estava de má humôr e cheguei-lhe com algumas terras; e quando estava na altura de elle desambestiar, pahi, riendo-me:

— Os seus? estão com mãos fregdos! Deixe-o calhar e verá quem é que lhes lige indigestão...
Boa noite!

Cá fora, á festa do Lusitano havia animação; o Alfredo Pinheiro distribuia um zafel:⁽¹⁾

Aos estudantes:

A comissão académica garante que ha só 27 requerimentos no recreio e que tudo o que em con-
trario se disser é absolutamente falso.

Cóimbra, 28

A comissão.

É o alferes do 23, Costa Cabral, que estava de re-
verência ao quartel, andava mandando recolher os
cadetes a casa. Eravam ordens pavorosas!

Apareceu então o Gloro Henrique e o Baltazar
Beixeira; mostraram-me um telegramma de Lis-
boa, afixado na festa do café que dizia que os pro-
fessores da Escola Médica, tinham reunido em con-
selho e entendiam que os rapazes não deviam en-

⁽¹⁾ Memo III, 48-N.

cerrar matrícula. Mas pouco depois veio um bufe, de bengalão, lei, Jensen ... e arrancando o telegramma, rasgou-o!

Poucos rapazes viram; eu ri claramente porque estava ao pé e até me ri — o que elle tambem viu e de que não gostou.

E depois de um pouco de conversa a que se juntou o João Carlos Pereira de Vasconcellos, eu pedi com este o Floro, Jans o Alta, e fui ouvido mais ou menos o que fôra a manifestação ao Teixeira d'Almeida. Foram elles então que me disseram que quem deu com o homem e quem promoveu a arripça, foi o elemento maçónico e alguns elementos carbonarios.

Contou-me ainda o Floro que o padre Antonio Augusto, um dos signatarios do manifesto já referido aqui, e do 5º anno de theologia, premissado e professor do Seminário, foi procurado e chamado-o a combater o requinte: — fôra chamado pelo bispo-coade Jans o encerramento de matrícula; elle respondeu-lhe que só a encerraria se houvesse uma grande maioria de estudantes que o fizessem; mesmo assim não o affirmava porque acima de tudo, precisava manter as affirmações que fizera em publico; o bispo fez-lhe ver o inconveniente de se proceder, que era professor ... e o Antonio Augusto de novo respondeu que, visto que seu Ex.^o Reverendissimo lhe lembrava o seu dever de professor do Seminário elle pediria a sua demissão.

Ors é yaciso acrescentar que o António Augusto é yolere, sustenta a familia e — o que parece indigornivel! — é yadre...

Deu tudo é meu yor este mundo.

Cointra =

= 29 de maio [4^{ta} feira] =

Uma terrivel e monstruosa constrição agarrada subitamente em Lisboa, fez com que eu hoje não sahirse senão á tarde, depois do jantar, discretamente, antes do yã-do-pol, para voltar ao pol-yosto, tambem discretamente, segundo as yater-nas recommendações.

Antes yarem, de sair, vi no Seculo, a confirmação do telegramma do yezero, lamentavelmente arrancado yela yolicia. Ors mostrando isto o meu Pai, disse-me elle que viera um telegramma de João Franco para o governador civil, yediudo que desmentisse tal noticia.

Uás é nil, yois não?

Sahi, e no Alto encontrei rapazes que andavam de um lado para o outro com ares de mysterio; mas o Pacheco, que eu vi depois o mysterio:

— Andamos a projectar umas cartas aos leutes que foram a Lisboa.

— Offinuo!

— E fazer-lhes umas manifestações de assobios,

de voltar as costas, de zumbos-zumbos e outras cousas no genero...

Na verdade tinham ido a Lisboa quatro leites de direito: o Maruoco, Amis Teixeira, Reis e Ulrich, curujinmentar o Teixeira d'Alreu pela sua ascensão aos conselhos da corôa, e deviam chegar hoje.

— Pois é bem feito, dizia eu. E que tenho de lá não ir ver isso. O estharral...

— Pois nós vamos.

E quando nos referíamos a eu fergumbei se os estudantes sahiram em mão de Coimbra, o Tavares que ficou atroz disse

— Olhe, em mão sei... Estou a ver que não, isto de ser preso... Os raios das grizes não feras... têm julgas...

— A hygiene, no verdade...

E pegui nos abaixo, para a Balcada.

Encontrei o Agalito Pedroso Rodrigues que me disse varias cousas:

Que as matriculas encerradas até hoje não 184;

Que do 5.º anno de medicina, todos encerraram matricula menos o Francisco Pedro de Jesus (o Xico Pedro), Geraldino Brites, Santos Silva e José dos Santos Mota;

Que o curso todo fêra de opiniões de que se não devia encerrar matricula... (Oh! a coherencia!)

Na Balcada havia animação e este caso do 5.º anno medico era muito discutido.

Distribuiu-se, um pouco as recordadas, um

folha impresso e que era uma circular do 3º anno de direito, em que a maioria do curso dizia não encerrar matricula nem ir a actos.⁽¹⁾

O Cavares já me falara nella e disse-me que era um meio bom de procurar alcançar o desejado fim da manutenção da greve.

No Seculo viuha tambem uma declaração do 1º anno de medicina em que a maioria dizia não ir a actos.

Igual declaração fez o 4º de medicina, em maioria, tambem.

Infelizmente ha ainda necessidade de recorrer ás maiorias, ao tal systema arithmetico de que falava com graça o nunca esquecido Oliveira Martins.

Enquanto esgravo pelo americano, estive falando com o capitão do 23 José B. Correia da Cruz e com o capitão do mesmo, o padre Figueiredo, tenente francista. Disse-me o Cruz então, um caso que é sobretudo esbuzgado e que jasso a comba rejuvenescido porque vale a pena e caso que o capitão — embora francista — não desmentiu.

O coronel do 23, Ivens, prohibiu aos cadetes o andar á ziguezague; recomendou aos officiaes que cá fôra vigiassem o caso e tambem, o tenente Alberto Rocha, tomando o americano para a alta, viu dois cadetes fardados que o esgrimiam á-

⁽¹⁾ Masso II = 48-0

ram. Ora, com os cadetes fardados já um outro á
 Jairama que se não levantou e no americano já
 também o Dr. Fortunato d'Almeida, que é governa-
 dor civil substituto.

Sloje, o Ineus, chamou o Rocha; fez-lhe ver a
 sua falta, pelo facto de não ter mandado apresen-
 tar um cadete á Jairama que também já com elle no
 americano, etc, etc. e exbraunhou o facto de elle ir a
 falar da questão academica. O Rocha procurou des-
 culpar-se, dizendo que os não conhecia — e aqui je-
 ra nós, é incapaz de os conhecer — e lá conseguiu
 saber do Ineus que fora o Fortunato d'Almeida
 que escrevera ao chefe do estado maior e que este
 — que é um relaxado em tudo quanto sejo mili-
 tar — andou em zelos, e zais! umu rato Jara o re-
 gimento.

O Rocha é um zobre diabo; é o que vale ao je-
 ruita do Fortunato. Semad, seria umu póva bem
 empregada.

A que tempo chegámos! Um chefe do estado-
 maior, como este Mattos Cordeiro, que nunca está
 no seu repartição, que recebe os officiaes de renda e
 as apresentações é Jairama, que é um relaxado,
 que é um verdadeiro Jairama, anda agora em ze-
 los porque o Fortunato lhe vai dizer que um tenen-
 te não viu um cadete á Jairama e porque já a fe-
 lar com não sei quem, acerca do questão academi-
 ca! Está tudo doído ou que diabo é isto?

Bom Piva Manique! Sloje delcito-me ao ver

as instruções que davas aos teus aguilões; eram mais com a esgocha e ruídos julhas que as causas que hoje se veem.

Despedi-me para falar com o Trindade. Foi-o com cara de atalalhado, mesmo atalalhado.

— Seu diabo tem você, honorem!

— Seu rei-de-ter? Boubão não sabe?... Os codetes?...

— Boubé lá...

— Boubou-me Fulano (mas me lembro que nome elle disse) que o commandante nos vai chamar amanhã ao quartel para nos obrigar a escrever um tructo; os que não escreverem ficam sob quabro ameaças terriveis: recolherem ao cargo, mas terão licença para o anno, mas terão direito á remissão o dinheiro e ficarão numero 1 para Africa. Ora já vê...

— Ahre que não brutos! Mas isso é verdade?

— Foi o major que ahí está que disse...

— E vocês?...

— O meu alfano não sabe o que é essa carreira-da? Está tudo com medo...

Nisto chegou o americano, instalei-me e comecei a pensar nessa travando atalalhado. Seria assim?...

E abri os jornaes: o Lucta tinha um offício ao lado do José de Magalhães sobre a intervenção gaterna nas questões; e o Diário Ilustrado — o alegre e riante Ilustrado! — num artigo de fundo, combi-nava a jogar aos quatro ventos a politiquice do conflicto, o desejo de já termos a uma tão desoladora

questão e a lastimam os nobres pela boa-fé com que
têm ajudado:

« O governo já fez tudo quanto podia fazer para
facilitar a solução de uma questão em cujas causas
e incidentes não está nenhuma responsabilidade alguma. »

E mais adiante, noticiando a mensagem da fa-
culdade de direito, diz que os leites já referidos
procuraram o João Branco « e quem agradeceram
os esforços e a boa vontade ~~em~~ empregados pelo go-
verno para a solução da questão... »

Mais adiante tem uma questão com o Jor-
nal do Commercio (do Uruguay) porque este cha-
mou ao decreto celebre do encerramento de ma-
triculas, um acto de « justificado mau-humor... »

Valem um dinheirão.

Mas há mais: nem uma local dizendo que é
falso os professores de Medica, de Lisboa, terem acu-
sado os alumnos a não encerrar matriculas;
têm razão os franquistas: os professores não acu-
saram; o que nem nos jornaes é que os professo-
res disseram que entendiam que os nobres não de-
viam encerrar matriculas.

Como o franquismo é subtil!

Plébulas...

Coimbra =

= 30 de maio {5ª feira} =

Os acontecimentos, hoje, neste dia pagado de Corpus-Christi, tem uma variedade curiosa.

Sahi de dia, apesar do calor abafado; e logo ao fundo da minha rua, na republica que tem o n.º 3, vi o requinte letreiro, sobre a porta, a que achei graça: A Republica n.º 3 da Rua de Thomar — e por debaixo — não fura a grêve.

É uma republica em que predominam os que são leucos e desordeiros como os diabos, mas n' isto foram de um ardeur digno de registro.

No Baixa, resolvi ir ao quartel saber o que havia a respeito dos cadetes. Tinha havido juco...

O coronel Suenes, vendo que os cadetes não andavam na ordem, mandou-os comparecer no quartel e ali disse que os castigaria pelo medo, energicamente, pelas suas faltas militares e que o seu procedimento como estudantes também seria apreciado — pois que o não encerrar matrícula com regularidade é falta de amor, o que equivale ainda a recolher ao cargo, e fazer parvo, como sobe determinado, etc, etc.

É, maliciosamente terminou:

— Sue eu sei que o pres. ministro do guerra está resolvido a não conceder para o anno licença aos que

agora não encerrarem matriculas... E não é mal feito, na verdade...

E concluindo:

— Eu conheço-o, e bem. E' bom rapaz... é, não ha duvida... Mas é tezo...

E mandou-os embora.

Por'outra se vê que aquillo que disseram ha-tém ao Trindade era talvez um processo para metter medo e levar os rapazes a amiguar.

No quartel disse-me ainda o alferes Saut'Almeida Marques que o quintanista de direito Paulo Paz, soldado de Infantaria, se apresentára dizendo não encerrar matricula; que o coronel o mandára mudar de bonnet porque o que elle trazia não estava no ardeur, ao que o rapaz respondeu dizendo não ter cinco reis! O alferes com mandava então a camphalia dos addidos e dizia-me desoladamente fazendo o signal de dinheiro com os dedos:

— Elle diz que não tem zuto...

Disse-me um outro alferes que os officiaes do 23 estudantes resolveram in amanhã encerrar matriculas:

— Então foi preciso reuniaes para isso?

— E' verdade, assim o resolveram...

Manifestação collectiva no caso...

Mas tinha sabido o que queria e sahi. E, encontrando o Luis Mendes, do 3º anno de Direito, e que ganhava um pouco comigo, cheguei a saber uns casos de honorem e que se deram depois de

eu ter vindo para casa. Isto tudo depois foi-me confirmado pelo Pacheco e pelo Floro.

Quando eu houben sahi da Calçada com o Tauridade, distribuia-se a circular a que alludi, do 3º anno de Direito; mas d'ahi a pouco um homem qualquer começou a distribuir uns folios que diziam ser falsos e tal noticia acerca do Escola medica de Lisboa, já referida aqui, e que havia já 183 matriculas encerradas. Trazia a nota de edicao official.⁽¹⁾

Conuegarão commentarios e o celebre Agostinho da Costa Almeida foi ao meio da rua, tirou os folios ao homem, rasgou-os e deitou-os pelo chão; houve risos; veio a policia, mas, como era o Agostinho da Costa Almeida, encolheu-se... Um estudante Duetino Garis accendeu um facho e teve a feliz ideia de os queimar; e o fumo em pouco subia para o ar desparendo aquelle volumoso documento official, numo queimino mas curioso auto de fé. A policia deu parte e como a fogueira ia comendo as posturas municipaes, multou o rapaz por ter accendido fogueiras no meio da rua!

Mas logo em seguida, o estudante do 3º anno de Direito Marizano de Mello Vieira continuou a distribuir a circular a que houben alludi; e a policia o que fez? A policia veio e levou o rapaz para a esquerda, no meio da vovaria, mas inutilmente, dos estudantes — Jovens e jovens moças: aquelle loc-

⁽¹⁾ Ver no n.º 1211 da "Resistencia", — e no Mosso III, 48-P

cado do Balcão sobre as escadas e o arco d'Almedina parece estar em estado de sítio; a policia está reunida á fôrta, com 2 chefes de esquadra retirante.

Os rapazes, tumultuosamente, resolveram ir protestar ao governo civil; houve quem quizesse antes ir ao reitor; mas neste intervallo houve um estudante que conseguiu um caderno de papel em branco, rasgou-o em bocados pequenos e começou a distribuir. A policia viu; fêz um course... apilou a anilha... estendeu a garra... já até já, e... zão!

— Está feito!

O rapaz mostrou os papéis em branco... Garza-thada geral!

Mas, passado este intermezzo comico, os rapazes foram a casa do reitor, em bando; encontraram alguns e o Alfredo Pinheiro, em phrase inflamada, pediu providencias contra os desmandos policiaes. O Sr. João Titubian, disse umas cousas, que as grêves eram um crime, que não eram justificadas...

— Mas não me nos faizes civilizados, meu. Conheino! Nós é que somos um faiz de selvagens!

O reitor, confuso, disse duridas.

— Os panhones parece que usam pedras de chapeu na cabeça...

O Pinheiro adeantou-se logo:

— Quando é um pedido está bem que seja de chapeu na mão, como d'g. d. x^o; mas quando vimos reclamar aquillo a que temos direito e que é de justiça, então o que se tem de dizer, deve ser de

cabecas bem altas, de cabeça bem erguida, sui-contra-
theiro!

Em que assados metteram o reitor!

Quiz fazer esdrescender: pôz o chafar e foi com
os ralzes ao governo civil. O José Lobo mandou
enhor os ralzes; e o reitor exôr o que havia e ye-
diu para mandar poltar o yesso. Placou entã uma
ridicula pecca de interuaccimentos.

— Oh João! — dizia o governador civil que se
trata por tu com o reitor — como é o yinucino yedi-
do que me fazes...

— Bem nês...

— ... eu gosto de mostrar que sou amigo...

— Mas tã...

— ... eu quero ser esdrescendista...

— Agradeço-tã...

— Mas olha que é pó por esta ney...

É esdrescendista desdrescendista e o ralze foi polto.
Como os barbidanos das cousas pã immensamen-
te divertidos!

Estes casos e outros contava-me o yube diabo do
Luiz Mendes, quando me agarrou o meu candido
cigulo Saraiwa, alegre, de cara perfeitamente des-
muniada; abriu os braços de longe:

— Pode dar-me os yarabens! Consegui con-
mover o honorem!

O honorem era o yã. Conseguiu que elle se
não ofresse ao eão encerramento de matricula...
Eu achei graça.

Disto surge-me o Alfredo Pinheiro, d'olho iracundo:

— Vocês zotaram-se zelhamente!

Eu zenceli, mas respondi zochorramamente:

— Vocês, acho que é muita gente...

— Foi o que me disseram: que os officiaes resolveram encerrar matriculas americanas.

— É que tenho em conta que os officiaes resolveram ou não resolveram? Eu quero que os officiaes não á quem..., entenda o amigo?

O Pinheiro abraçou-me. Estavam feitas as feitas.

É quando vinha para casa, no americano, vi o menino Taveira e falar e o dizer — com que alegria! — que já estavam 237 alumnos matriculados.

Era verdade esse numero; mas desconfiava-me que os homens contavam no secretaria os "nob condição" o que tudo dava aquelle numero.

Era necessario uma vigilancia rigorosa sobre aquella cavalle da secretaria, a conueca zelo Manuel Gayo, pro zotejido zelo Paço e arreigado a zergamuchos como carneiro em coiro de boi.

É depois, havia a nota triste do zolonzamento do prazo para a entrega; o decreto dizia 31, mas hoje — ozezan de dia paulo — receberam muitos e abe zebado que é 1 de junho, receberam ~~o~~ o resto...

Muito edificante.

D' tarde, claramente, fui ver a zocissão de Carlos Christi, como me enuuzia, depois de ter olha

do regularmente as columnas do Seculo — onde, por
 nigual vi um officio dirigido á Comissão central, por
 quatro estudantes de Beja, entre os quaes o meu com
 discipulo Luis de Mira Feio, protestando contra a
 quebra da dignidade da academia que assim, pelo en-
 cerramento de matriculas, se rebaixava cada vez
 mais.

À noite, até, combinámos eu, o Aguiar, o Pe-
 checo e o Alcantara em lhe mandar o seguinte tele-
 grammu:

Luis Mira Feio

Beja.

Muitos parabens. (cc) Pecheco, Aguiar, Al-
 cantara, Pimentel.

Mas, dizia eu, fui á procissão do Corpus Chris-
 ti; muita gente, muita policia, e a banda com uma
 grande effectivo, principalmente cavallaria.

Procurei de grupo em grupo, procurando gente
 conhecida; o Salgueiro veio dizer-me que tinha
 de encerrar matriculas:

— Elles obrigam a gente...

Eu então, contra o que tinha resolvido, refoi-
 tei; não! não dissessem elles que os obrigavam,
 elles é que queriam á força ser obrigados e achava
 mais franco dizerem-me francamente: « que
 diabo! isto é uma bella occasião de fazer acto! » O
 Salgueiro ficou um pouco pensativo, mas por fim

disse-lhe, como que arrependido já do que fizera:

— Florence, isto é um desabafo. Que tenho eu com que vocês encarem ou não matricula!... Cada um faz o que quer.

E topei com o meu querido João das Regras, o Luis Ribeiro que puxou uma carta do bolso e mi'a entregou.

— Aqui vai já o seu diário. Leia e medite... Vão também umas arguembasinhas ao Ceudastavel...

E voltou já o grupo que se congregava do Barreiros Tavares, do José Tavares, do Lucas do Couto e se me não enganar, do Sergio Galisto.

Um "João das Regras" no mesmo conglomerado de imbecis...

No subir a rua dos Loyos, dei a carta; vi logo que era a respeito da Philantropia.

Os rapazes accusam a Philantropia de duas cousas: 1.^a: de parvia o governo; 2.^a: de não ter corpos gerentes legitimamente eleitos. Ora a carta era respeitante a estes casos⁽¹⁾ e no arquivo fica, como merece todo e qualquer documento.

À noite, mostrando-a ao Floro, esta commenção:

— Esse Ribeiro é um João das Regras refinado com o estudo de direito...

E depois do desfilhar de procissão, deoci á baixa

⁽¹⁾ Coll. Cartas - I, 72-B

onde logo succumbi o Alcantara, folando, discutindo. Andava quasi doido, berrando contra os es-
detos que se arrichavam arredondados em volta
do discurso do Jesus e via-se obrigado a encerrar
tambem rubricado.

— São 20:000 reis que jogo, mas cuido e mi-
nha liberdade!

E acrescentava quasi comovido:

— Mas juro aos meus condiscipulos que antes
de ir aos actos vou a casa dos professores e digo-lhes
claramente que o curso não tem conhecimentos
para exames, e que em consciencia deviam ficar
regressados. E eu... hei-de ficar regressado, juro-o!⁽¹⁾

Damos uma volta, veio o Floro, o Aguiar, o
Emiliano Costa; e num momento em que o Al-
cantara e o Aguiar se afastaram não sei que
quê, appareceu... quem?

O Nicolau!...

O homem veio quasi confessar-se; o jogo, a
coacção... elle jogou para vaidade não viuha... en-
fim, cousas...

— E o meu amigo tem sobre quem fez juro
sobre meu jogo...

— Sei, calculo, jogo meusos.

E por brincadeira comeccei a fazer-lhe a agolo-
gia da desobediencia filial; mas elle atalhou:

— Pois pimi, mas a barriga?

⁽¹⁾ Não ficou. (Luz 27. fev. 911)

— Ora chi tem ... E' com a barriga que o Alvaro
 tanto cantava para enfiar no Joe e derizal-o...

— Mas escusava de falar em novelas!... disse el-
 le atalhado com a publicidade que eu dei ao no-
 me do seu protector.

— Quem não quer per lobo, não lhe veste a pelle.
 Othe, o meu amigo fez muito bem: obedeceu a seu
 Joe e ganhou um anno; sempre é um anno... Os
 teungos não são e quem não corre... Faz bem,
 fez muito bem...

E desandei-lhe, com um no caso, outra no
 ferradura, um desconforto tremendo a que o
 Floro achou zida.

Que diabo! é melhor dizer com franqueza que
 não quer perder o anno. E' mais digno. Mas
~~me~~ vir, comitadamente dizer que não sou de von-
 tade, que foi o Joe, que isto, que aquillo... é malan-
 drice grande!

O rapaz foi-se embora "a escorrer sangue", como
 dizia o Floro; e como tinha visto o Alcantara á espre-
 que elle se fosse embora, chamou-o:

— Oh Alcantara! o ambiente está desinfectado!

Com a presença do Aguiar e do Euziliano Costa
 começou a alegria. O Aguiar queria por força dar
 um berrão subversivo:

— Abaixo o templo da metaphysica!

De dito em dito, chegaram as nove horas; en-
 viu-se o recostar e o Alcantara foi-se embora com
 os outros; eu entrei no Lusitano com o Floro e ti.

no encontro do Chico Pedro — encontro que exigiu um abraço de congratulação por haveres honrar a nossa terra natal.

Sentou-se também a nossa mesa e durante a converso ajurei factos de certo interesse.

No curso do 4º anno de medicina houve algumas duas não adherencias: uma esqueceu-me ^{de} quem foi; a outra do Seraffim Simões Pereira que foi meu condiscipulo no 1º anno da Universidade. Perguntando-se-lhe porque assim furava a grêve, respondeu isto:

— Porque o que o governo fizes está bem feito.

Este seraffim é de Oliveira do Hospital e é paquistá.

Na reunião do curso do 5º anno de medicina, no vergero, e que tanto successo causou, jorrou-se o seguinte: reunidos, o Geraldino Brites, murua folha de papel, fez uns traços como vão adiante, escreveram os nomes e ia fazendo o chamado e asentando a resposta. É o que se seguiu?

<u>Nomes</u>	Em consciencia o que intendem de- ver fazer?	O que tencionam fazer?
F.	Não encarnar nestes culos.	Encarnar nestes culos.
F.	Idem.	Idem.
F. ...	Idem.
.....

O Geraldino começou a chamar; e com excepção dos que hontem ficaram agitados (v. pag. 336) todos

responderam á 1.^a pergunta: "não encerrar matricula" e á 2.^a: "encerrar matricula."

É unico, verdadeiramente unico e incredível! É até os que assim procederam não negavam tal curso!... Unico.

Neste numero está incluido o Lucas do Coubo, o muito considerado Lucas do Coubo, que desta vez tambem assim respondeu "por equívoco..."

Por fim pedi para o Alto com o Floro e em casa jurei pelos olhos e Lucta que chamava a attenção para os alumnos das Bellas Artes que tem o anno perdido e que ficaram esquecidos do governo por que receberam decreto sobre a sua resposta.

É estou d'aqui a ver essa belle raganide de barba artistica, o Christo, cabelleira polta, gravatas e la Vallière, oheiras fundas e ghrases puols, a empunhar com os outros estudantes, sem querer saber de consequencias e — o que é mais! — por uma ninhada de!

É essa academia de Coimbra, essa academia que conta tanta desera de bandeiros, não vê aquillo, não vê os olhos ali, naquelle exemplo!

É ali vão elles, submissos, carneirada docil, ás curvaturas, eceitar a vilissima esmola d'um jendão d'actô!

Sóto não é descer, pois, oh geração nova? Que caracter quereis dar aos filhos, vós, que entras na vida sem elle? Que permissões de nobreza quereis incubir-lhes se pois sem permissões seus

verdadeiros lacaios? Que exemplos lhes podereis
 apontar se a vossa espinha em terra se habitou ás
 curvaturas? Não tendes vergalhos de avarice
 entrar em casa com a carta no mala, com a
 a troca de um baixos ignobil?

Sois novos, cheios de vida, de saúde, de força?...

Sois?...

Mas vamos ao Illustrado.

Três columnas e mais de desmembrados: desmen-
 tidos por causa da Philantropia, desmembrados a tele-
 grammas, desmembrados ás musciculas, desmembrados... sei lá! o diabo!

Para o Illustrado nada é verdade.

O diabo é o Illustrado. Bem se vê que é o or-
 gão do João Franco, o membrado.

Este, diz, agora: "xim xerher!" e logo: "não xe-
 rher!" — e o órgão reproduz o que manda o xef.

São ordens... Toco e membrar... para desmembrar.

Coimbra =

= 31 de maio {6^a feira} =

Vamos a ver! Vamos é nos largar nos esta ge-
 ração nova entrar á Porta-ferrão altivamente!...

Grande movimento; guiso grande; policia
 é justa; tentos, subtilmente, escoando-se... Que
 felto, e deum kinemobographo para o espectáculo
 grandioso deum começo de século!

De cada e babina, o Nicolau Gonçalves e outro
condiscipulo João Antonio d'Almeida Junior pas-
savam perissamente encavacados pela rua, por as
vistas dos grupos ironicos. Caráram, até!

Bom pizual... A consciencia ainda lhes deu
um rebatê e vá lá que já é alguma coisa... Podia
mesmo não dar rebatê.

Falei com uns e com outros; e ponde até o
miseravel espectaculo que se representava lá dentro,
no recrebaris.

Os rapazes iam encerrar maquina, e fubrica,
fumando, de chagou na cabeça; fazia-se barulho; len-
tes andavam por ali, deservando e prestando-se
imediatamente a emprestar dinheiro a alguns
que o não tivessem, amáveis, blandiciosos.

A um rapaz a quem estive no chão uns mes-
es de 5 tostões, veio presuroso o Dr. Vasconcellos, de
theologia, agachal-o, com gestos glaciados.

É tudo isto é verdade! Infelizmente, isto não
são anedotas!

É tem de se contar isto, aqui, para que se saiba!
O que são as cousas...

O Salgueiro, sempre o mesmo folado, veio
contar-me uma visita que fizera ao D. João d'Alar-
cão, consultando-o acerca d'um caso licudo que
bicho pido prologo por um rapaz de Lisboa. Elle
recebeu-o muito bem, e conversou sobre o caso
empunho não viuha a respeito do recrebaris. E
para embreter foi censurando o procedimento do

grevista, e mastigando ia dizendo que sim, que as-
pado, que isto, que aquillo...

— E depois, insinuou, no dia d'auros de suas
Majestades, naturalmente viuha o gendão dos exul-
sos... fazem os actos em outubro... e os que não en-
carraram matriculas ficaram comidos... Não é ver-
dade?

Mas o Salgueiro respondeu que nesse caso os ex-
gulos não faziam actos; tinha a certeza d'isso e o d.
João com um escolher d'lembros, foi junto na com-
versa.

Como elles insinuam causas lindas!... Como
elles são!

Fiquei enojado e desci a Baixa, onde vi na porta
do Lunitano um curioso estendal de telegrammas de
adhesões dos raizes; as columnas das portas cheias,
papeis ingressos, telegrammas, cartas escritas e
com o reflexivo pello. Conservei umas ajevas, que
é a circular do 4º anno de Direito, declarando no que
si materia não encerra matriculas.⁽¹⁾

Conheci januaes: no Lectis continuei o Brito Ca-
rescho a malhar em artigo de fundo; no arcas con-
tinuam os desmembrados.

Hoje, então, vem um desmembrado do Joaquim
Carlos de Sousa sobre a questão da Philantropia e
nembo logoz largo umas beises de primeira ordem:

⁽¹⁾ No Masso III = 48-2.

« É preciso que o publico em geral ~~veja~~ e os esbudeantes em particular, saibam que essa comissão central academica — que se dissolveu em vista dos protestos dos seus camaradas e de novo se reuniu, depois de varios dos seus membros terem conferenciado com o Sr. Bernardino Machado que a Coimbra foi nessa occasião — está enganando injerendoavelmente os seus colegas. » Etc.

É depois, columna abaixo, e' ver em letras garrudas: « falta completamente a verdade » ou « é absolutamente falso. »

Em caso, ao jantar, meu Pai que fôra ao governo civil e que falára com o José Lobo, contou varias cousas entre as quaes desto estas tres:

— que o governador civil lhe dissera que vieram alguns telegrammas de ralgores, suscitando suspiros, o que era o demonio!

— que contudo, a maioria e grande (e afirma isto!) ia encerrar a suscritorinha;

— e que... oh! esta terceira vez contada com mais vagar:

He um alumno do 3º anno de Direito, chamado João Franco, filho do coronel João Chrysostomo Pereira Franco, da Guarda; e a quem, para o distinguir do outro, chamavam o João Cagão... Ora quando os ralgores fizeram a circular e que eu já aludi, mandáram-me um a qual elle responder um telegramma, em que dizia Franco mais

ou meusos: « Sou zelo grãe. Felicito o curso » e as
 signas: João Franco.

Ora o que havia de acontecer? Um zolicio tobei-
 gou o nome do grande homem arriguando um
 telegramma... zévista e logo, zás! aghendou-o e
 levou-o ao governador civil; este mostrou-o a meu
 Paé, zediudo zvidencias para aquella falsificacão...
 Tive de informar meu Paé e este lá levou ao gover-
 nodor civil a certeza de que tinham eshido meus lo-
 gos eugrados.

Os velhos de cabellos brancos cahem ás vezes em
 cada uma!

A tarde descei em zelo Guelros-costas quando avel-
 vau a distribuir (com data antecigada de 1 de junho)
 um papel Carta a D. Quixote, assignado zelo Maria
 Monteiro.⁽¹⁾

Li-a e zerguntei depois: a que zofarito veni is-
 to? Não vale a zofria distribucão gratuita...

Na balçada o objecto era curioso. Muita gente,
 no maisorio estudantes, aginhando a rua; zolicia
 como fãtuns; e de psecreto... meu falar nisso! Euan-
 do zarei na borda do zasseio em frente do Lusitano
 zegarei que tinha um durno lado e outro do outro,
 for ~~de~~ signal que um dells fez um gesto za-
 ra o outro, for detrás de mim. Não sei o que re-
 ris, mas o que é certo é que cada um foi para seu
 lado.

⁽¹⁾ Memo III, 48-R

Continuava a afluencia de telegrammas de adhe-
sões. Infelizmente, porém, contava-se que aumentava
o numero de matrículas subleite!

Veio o Alcaide, veio o Pacheco, veio o Floro; o
Pacheco deu-me um telegramma do Feio, agradeceu-
do o que lhe mandáramos; — e pôe então ponde que o
Luis Francisco Bricudo tinha sido preso porque distribui-
ra a circular do 4.º anno.

Os rapazes procuráram o reitor, mas não es-
tava em casa; procuráram o governador civil, mas
não recebia... E o Lacerda Ferjez andava furioso
porque os dois se tinham negado, que era uma
infamia e que iam processar os dois policias — o d'
hoje que prendeu o Bricudo e o d'hoje que
prendeu o Mariano Vieira por irem contra o esta-
belecido na lei da imprensa e respeito do agra-
vão de impressores.

Mas o Pacheco atotou logo:

— Não fazem nada... Isto de franquismo cifra-
se numo pó phrase: pão arde!... Para que porem
as leis?... São ardes e prometo!

Mas fomos atalhados pelo barulho dentro do Lu-
itano. Correu gente para dentro e de dentro sahia
gente açada. Sentia-se barrar, e o agerão era gran-
de quando o policia quiz romper. Então lá de den-
tro sahiram gritos violentos:

— Vão a policia!

— Morte a policia!

E eu vi grande quantidade de tacos de lithas, no

ar, em attitudo amesquada, vi risco imminente de Germarda, mas a policia sahio e voltou para a rua.

Fôra o caso que se levantára questões entre o Pestano J.^o, todo entusiastico e fogo, e o Antonio Paes Provisco, calouro de direito — a que me referi já, a pag.^a 192 deste volume. Este, como o Pestano o insultou, disse-me pouco mais ou menos:

— Insultas-me, mas não és capaz de me dar um bofetão!

O Pestano, levantou-se; estendeu o braço e fez-lhe a vontade... E d'ahi o barulho.

O caso causou pensação e já se dizia que os rapazes começavam a dar signal de vida.

O Alcantara mostrou-me então o Ramos Paz, de botas de ardem, com brunet da ardem, todo no ardem e tão bello como tem este Alcantara que lhe vieram as lagrimas aos olhos. E dizia:

— É ver eu que foi aquelle o unico que teve coragem de se sacrificar!

Eu confesso que não julgava o Ramos Paz honrarem para isto. A seu respeito devo ter no mesmo dos autos que levantei no 23, notas pouco abonadoras do seu caracter. Hoje estou convencido que elle é um destes taes desgraçados que andam por ahi aos pontalões da ponte.

Coitado, ao menos teve a coragem que outros mais bem considerados não tiveram.

O Pacheco comentava-me este caso:

— Ora regate que muitos destes caracteres não

firmes, às vezes, para causas boas e para causas más. Parece que não tem em si uma força qualquer que os dirigue e dar é visto uma certa direcção.

Os rapazes, por fim, foram-se embora e eu e o Floro, Lourenço acima, fomos para casa.

No caminho encontrei o Costa Lobo:

— Embaixo o seu. o que diz a isto?

— Isto, seu. Dr. é uma vergonha...

— Sim, bem vê... Foi a solução melhor... O

seu. já encontrou matriculas?

— Não, seu. Dr. Já que de outros faria não posso protestar, protesto assim, não me submetendo.

— Sim, bem vê... É para vender o anuro, isso é. Mas parece-me que godes in... que diabo!

— Eu já resolvi, seu. Dr.

— Sim... Mas agora era aproveitar a ocasião...

Isto é um ardão d'acto, seu. devida; mas enfim, é a solução mais jurídica que se encontrou... É meu caro amigo: na vida o que se quer são soluções jurídicas...

Com mais duas causas, despedimo-nos. Olhei para o Floro; e ao recommençar ~~o~~ a pulida, eu bi-me como commentario unico a esta faria de se ciocinar e dar conselhos:

— Este diabo ainda vai a ministro...

Coinhbra =

= 1 de junho (sábado) =

Para começar, um pedaço de uma carta:

« Com respeito á gráve creio que está completa-
mente furodo seguindo as infermeções officiaes que te-
nho do d. João; e o Belizário re zende o auno é Jan-
que quer e tenho grande desgosto Jan elle não encerra
mednicula não pó Jan elle zender o auno como Jan
não ser agradável ao d. João e ficar muito mal vis-
to no ministerio de guerra; mas enfim, elle lá fo-
rá o que lhe zerecar mais conveniente, mas o que
não tem direito é a zeeixar-se.

« O d. João não pó deixar de se conservar no
cargo de reitor, apesar de tudo, enquanto o caso se
não liquidar peja de que modo for. »

Estê bocedo zecioso é de uma carta de meu tio Jo-
sé Pinheiro, factorem zolítico do d. João, Jan meu
Pae. Não leva commentarios.

Por motivos zenderosos pó conseguir chegar á bai-
xe, cerca de 4 1/2 da tarde. No Luzitano o mesmo
estendal de telegrammas e adhesões ás circulares;
e a muito custo arranjei um numero do Lueta
e um zagal do Padre Gancez que é curioso zela bur-
rice — o que eu trauserezo zorque o que arranjei
foi somente zuzgado.

Estil-o:

Avante rapazes!

Editor-propriet.: e redactor responsável
Francisco Colino de Silva Gancez.
Licent.º de Theologia e Grad.º de Direito.

São finalmente definin-se os camulos!

Sloje é que se não pater ao certo quem teve a coragem de se incorporar no grupo que promoveu os turmultos, os afedrejamentos e os insultos!

Que não foi a Academia em Jaso, como se proclama, já se sabe, mas não resta a menor duvida de que foi uma pequena parte dos seus membros!

Esses, comprehendendo-se bem que não queiram encerrar suas contas, não resguardando a parte de responsabilidade que lhes cabe nos heroicos feitos acima apontados.

Dão uma prova de coherencia e solidariedade que muito os honra e por isso são dignos de todo o elogio.

Avante rapazes!

Continuar a reunir aos vossos condiscipulos que ainda tendes tempo. Falae com elles e recorrei ao telegrapho do caminho de ferro.

Dirajae a maioria dizendo que já a tendes.

Depois, direi altivamente que vos desentendades de um mandato que a Academia nunca vos confiou, sempre com verdade, sinceridade e lealdade. Sobretudo não deixeis de proclamar bem alto a vossa lealdade nas futuras assembleias da Academia!

Menti, menti perdre, que é o conselho de um
vosso digno regenteante atávico.

x

Fui á Alta no primeiro americano para saber
quantas matriculas havia e ouvi dizer que eram
571, o que já não é mau.

Da sua Larga vi o José Taveira de Carvalho fazer
por zelo João dos Agostinho, do 5º anno de medicina
e fizeram o seguinte cumprimento:

— Adens, seu Jutha!

— Olá, Jutha amigo!

E assim que elles se cumprimentavam agora,
tratando-se ironicamente por Juthas, porque aquelles
que não encerram matriculas, assim os tratam.

É engrasado, não é? É engrasado e é triste.

Tratam-se por Juthas sem ser que maliciante o
pad...

No fundo do meu encanhei outro vez o
Taveira que pulô.

— Meus para aqui, o seu Taveira?

— Não, vou a casa do Dr. Garrett... Tenho que lá
ir...

E regentimonamente:

— Já ha 571 matriculados, sabe?... Já tenho e
maioria...

Uchei de mais aquelle tenho, mas enfim, che-
gando á Jutha despedi-me afavelmente e elle lá foi
pressuroso e alegre levar a nova da victoria aos ca-

tholicos da familia Garrett que jor ali andam a deshonrar esse glorioso nome.

At' tande, no Calçada, havia o mesmo movimento; encontrei o Graujo que eu não viro desde abril e que andava com cara de acatunhado.

— Então essa cavalleto deixou um movimento tão bonito?

— Que se the ho-de fazer, homem!

E contou-me elle que o Mario Mauricio tinha sido joro andar a distribuir a carta e que heu tem me referi, mas já fãa polto; que o Bricudo já estava polto e — que isto tudo é umo bandalheira!

Com a sua cara de Pae-Graujo (como the chamam) remexendo os olhinhos vivos, mostrava a expressão dolorosa de dó e de desgosto.

Elle, no verdade, fãa umo das grandes alianças do movimento e umo das cabeças mais pensadas; era, segundo o Pacheco, pensato de mais.

O Restau Junior, sempre no mesmo entusiasmo, incitava á desobediencia: ninguém devia sahir de Coimbra!

— Que nos prendam a todos!

E o Graujo:

— Homem, não fazes nada... Serás que sahem todos e ficam ali uns dore e vinte como tu e que não enfiolados... Vê lá.

O Bricudo jorava então triumphanté, de gringo e de gringo, curruqueado, obrigado a combater cousas da jisa — e elle contava que o metteram

meus jrisão onde os carcereiros eram feras, jois que mandavam e logo faziam botas na yelle; e eu sou a policia de o tratar mal, meu navio coureu-riu que mandasse vir de casa.

— Desisto heras incomunicavel!

E dizia-me então:

— Imagine o meu amigo que a parte do poli-
cia era de fazer a aguarhar uns annos de cadeia:
incitamento á greve, á revolta; falta de respeito á
autoridade; etc, etc — e de tal ordem que pseudo en-
tregue a parte ao poder judicial, o juiz e delegado
viram que aquillo não podia ser assim e não a
aceitaram. Eis-me aqui solto e livre!...

— Mas como arranjou o meu amigo por isso?

— Eu fiz algumas circulares do 4º an.º de di-
reito e dirigi-me a um policia e quiz-lhe entregar
umas. O homem rezontou. Eu disse-lhe que era
para ver se tinha alguma coisa de illegal e se pode-
ria distribuir... O homem rezpondeu: "ohe que
agravo mais a sua situação..." E aqui tem. E no
caminho ainda me comen um cigarro!

Mas ainda o Bico do estivesse juntava-se mu-
ta gente; e eu, para não chamar a attenção, afas-
tei-me. Encountrei logo o Gloro, o Aguiar, o Ma-
ximiano, o Costa e fomos ao Margues Pinto.

Lá estava o Dr. Guiu Martins sentado, tomava
do chá e do nosso quejo para elle, comecou a pas-
sar meus trocos do Yidas.

Eu zanguei-me de bicha lido o papel do João Gomes.

— Si e achei graça. Até parece escrito pelo Engenheiro, não...⁽¹⁾

Depois agradeceu o cadete João Ribeiro Baptista Caldeira, do 3.º an.º de pharmacia medica, e que é subsidiado pela camara municipal d'Alcobaca, de onde é natural, contou que o Manuel Gayo se zangara com elle por elle estar sempre a perguntar se havia meios de recuperarmos a fazer artigos com. Gostas; e dissera que havia de fazer com que lhe retirassem o subsidio da camara só para elle não ser brincarão!...

— Citados, dizem o Luiz, elles perderam a colheita. Mas othem que os rapazes tem feito muito. Mas do tem a quantidade de gressão que tem havido de todos os lados...

E depois de um gole de chá:

— Tem sido medonho, tem feito todo o zombar. Elles até já nem agradecerem é visto...

— Elles?...

— Os franquistas... Se lá se vê algum franquista a valer por ali, onde haja ajuntamento? O Martins de Carvalho quando sente barulho no rumo fuge logo para casa... E agora ainda falta ver outra coisa...

— Qual?...

— E' os mestres que se mostrarem independentes.

⁽¹⁾ Bernardino Ramos d'Alte Engenheiro, já do José
 m.º Ramos d'Alte Engenheiro, já citado varias vezes.

tes a que não yonnetteram aos raios os actos fe-
ceis, irem yara os actos das churros bravos!

— São calozes d'isso!

— Oh, na pão!

— Vocês são de ver... Vai per ragoza que té yarté.
Verão, verão...

E quando foram horas, pahirnos. O Aguiar cha-
mando-me á yarté, disse-me que uns comissão
de ragoza, entre os quaes o Laroy, fora a Lisboa, em
segredo, tratar de amnistia; os outros que foram
com elle são os condegnheiros da anti-greia.

Mais outra pabujice! Como, apesar de tudo, não
conseguem levar de vancida a ovedencia inteira,
ainda se vão lançar, mais uns vez, aos yés d'al-
guem — quem sabe mesmo se do yulgis João
Franco que elles aguláram!

Mais bandedeira no caso! mais curvaturas
que é yara a ardilha se acurtemen puetas! Luce-
ravel gente...

Antes de ir yara o Alta eu e o Gloro ainda fo-
mos ao Franco, Anudo ver quando pahir o livro
dos mestres — yais que os jermas já mobilizavam
o advento de tão celebre raio de luz... e faziam até
beriza com o caso.

A Resistencia, de Coimbra, diz que elle se chama
A faculdade de direito e o seu ensino; e com couri-
derações engraçadas condegnar-o e um outro livro O
causillo e o seu ensino do yicador D. João de Mello...

A Lucta de Leiria até diz o título dos tres ca-

gítilos em que elle se divide e até transcreve uns períodos de ziadas a Theophilo Braga.

É o Franca a guardar tanto segredo! É elles a saberem tudo!...

Mas, entrando na livraria, vejo... o quê?

O começo dos cursos livres de direito!

Sentado, com jaletot sobre os joelhos, o Dr. Marcos, falando gravemente, mas com voz alta e autoritaria; ouvindo-o estavam o Dr. Alvaro Basto, o Dr. Oliveira Guimarães (de theologia) o Fernandes Costa, de Pharmacia e um professor do Lyceu.

Falavam dum livro qualquer que tinha sido por to zelo suas de avaragem pelo Silvio Romero e depois pelo Luiz Michel, mas cujo nome e autor não conseguí saber.

— Pois é neste livro que o Theophilo Braga funda essa obra (mas sei tambem qual). Ora vejiam se isto é admissivel! Elle é de uma ignorancia crassa! Então aquella licção de direito que elle fez aos rapazes em Lisboa! Pff!.....

É desaudavelissima prova no jobre Theophilo, e tal que eu gozava de saber se — por acaso — o Theophilo entrasse na livraria, se elle seria capaz de continuar na mesma ordem de ideias... São valentes, mas ao longe.

É por ahí fora, o homem continuava na sua furia anti-theophiliana!

É dizia destas e doutras:

— Nós é que somos uns javos...

E terminou, num grande gesto:

— ... em adueisar todas as nulidades!

Gesto de acquiescencia do Alvaro Basto, franquista até aos cabellos.

— Os seus trabalhos de sociologia são um lastimosa!

E ouviria mais se não quizesse ver embora. Os lautes de ~~inimico~~ direito são levados do demónio.

Ah... ..

Em casa li o artigo de fundo da Lucta. Outro bello artigo! Não crimina os rages que encerraram matriculas: lastime-os... Fallo de quantos juvenis dramas não haveria, entre paes e filhos; de quantos meios se lançou mão para abater a dignidade dos rages; e termina com palavras que me parecem do maior bom senso.

E para contrastar, lêo sem, assim como no Illustrado, uma carta do tenente Ross, do Jateta tenente Ross, a propósito da Philantropia — mas que modo vale.

O Illustrado continua a desmentir tudo e traz o decreto admitindo a actos, os alumnos dos Institutos industriaes e agronomicos de Lisboa e Porto; traz tres telegrammas do reitor em letras grandes acerca do numero de matriculas; e traz a pessimal noticia de que no noite da Jateta é com Jacinto herdeiro que está no D. Anselmo, um Lisboa, porque esta fez uma manifestação d'agredo é rainha, foram presos... quem? O Raiva de Porto,

o Pinho Ferreira e o Carlos Olavo! Logo: (conclusão do Illustrado) a questão acadêmica e uma questão política.

Oh Deus misericordioso! Se tu existes e se és a creatura do espinho, da um bocado de luz divina e esta gente que não anda no teu divino graça!...

Que bores!...

Coincidentemente =

= 2 de junho (domingo) =

Beem cedo ainda aqui de casa, com a machina photographica — com o fim de ver se illustrava este diario...

Fui á Universidade, onde havia já zoliceia, outra vez, á Porto-ferraz e dentro do jato. Uns jovens nos grupos de estudantes vendo não sei o quê; e o tenente-coronel Dias passando e conversando aqui mesdamente com o Bernardino Palos Engarosa, o tal que, deixando ao filho unico algumas centenas de esubos, tratou de por todos os modos ver se furava a grãue.

Andei com a machina atroz d'ellos, mas não conseguí nada...

Resolvi ir com o Maximiliano que ali appareceu, á secretaria. Já ali entrar pela primeira vez depois do juvenio ultimo; mas que causa nojentã!

D' gente que deita sobre o claustro, outro zoli-

cias estavam, dois de cada lado, na posição de descuido; aos lados o católico Reis Leitão, do Ordem e o Servulo, guarda-livros universitário, a quem por ironia os ralzres chamavam o esthedístico das livras.

Que país! Preferava-me já a agitar a machete quando vi gestos meus policia que não coincidiavam com o mais específico dos procedimentos. A pauha policial iria cahir sobre mim... e tomámos a decisão de nos safar, a rir, correr de fora, como quem corre.

Assim, com a força pública á porta, e guardas as costas, se faziam as matriculas!

Desceu-se já a Baixa; no arco d'Alameda, encontramos logo um grande grupo — o Pacheco, o Aguiar, o Brulhães Costa, o Saraiva e outros que comungavam um carta do terceirista de direito Paulo Cancellas d'Alencar, dirigida ao Alberto de Sousa e Costa e na qual prometia o indulto.

Comecaram os protestos contra a vilania e o Aguiar dizia-me que assim se confirmava o que me dissera na véspera. O grupo augmentou; e eu pó eu não negarei no bello aspecto que a balçada apresentava, cheia de gente, grupos discutindo, outros lendo peças á porta do Lusitano, entre os quaes havia uma declaração do 3.º an.º de direito protestando contra o voto que se esgotára de que o curso, contra o prometido e jurado ia quasi todo á matricula, quando, afinal, era o curso que, com maior numero, não encerrou matriculas.

Havia um outro que o Aguiar cogiou a meu ju-
dido e que se attribuiu ao Mario Monteiro:

« Cuidado! »

« A Universidade diz que tem a maioria (573 ma-
triculas).

« Porque diz elle o numero de matriculas e não
diz o numero de requerentes?! »

« Porque tem elle deferido os requerimentos de
cartidões de matriculas e tem indeferido aquelles
em que se pede o numero dos estudantes e os perso-
nages?! »

Era uma guerra sem tréguas! Quasi junto d'
este havia um outro em lettra grega, dizendo
que não se fiassem nas infesturas da Comissão!

Era uma lucta constante, terrivel, enorme, ho-
ra a hora, momento a momento!

Placamente o padre Garcia dizia com razão: os
cangos não deferir-se agora.

Mas o que melhor me impressionou foi o movi-
mento na rua e a animação que elle representava.
E curioso era observar que jovens dos taes Julhas
passava por ali; alguns o meu Barceiros Tavares
andava cynicamente encaraudo os gregos; de
resto era tudo entusiasmo e alegre pueridade.

Senhoras de vestidos claros davam a nota ale-
gre; e os conselheiros de Havermeze olhavam para
os ralzes, com o riso cynico do triumpho!

Eu, já nada bem uma hora, a ver aquelles ami-
 nação, fui com o Pacheco e o Aguiar para o Luxi-
tauro, escrever o resumo de umas cartas para o Ma-
 ximiano mandando ao Jô explicando porque não
 encerrava matrículas. Ora enquanto eu escrevia
 a carta, o Pacheco e o Aguiar falando da altitude do
 curso de Calculo resolveram fazer: o primeiro um
 graphico de tesura do curso a que se for o nome
 de tesurómetro cartesiano de Lactão como o ba-
 ptizou o Heautona que depois appareceu; o segundo um
 quadro do mesmo curso — dizia elle — "em coorde-
 nadas cartesianas."⁽¹⁾

No graphico, o Pacheco esteve para in-
 terromper a curva no nome do Nicolau; e perguntou que
 d'ali só se uniria no infinito; mas o Aguiar objectou
 que aquella curva, desde que era cartesiana era fi-
nita!... Ergo: o Nicolau ficou no zero.

No discutir-se o condiscipulo Carlos David Bal-
 dín, o Pacheco queria ser esmerulado e dizia, não o
 querendo ser no zero:

— Honraem, se elle ainda não encerrou matrículas...

— Ora adeus! dizia o Heautona; isso é perguntar o
 theorema de Weierstrass fundado na theoria cinetica
 dos gazes!

E o Baldín foi para o zero...

Ora enquanto se escrevia a conversação era ami-

⁽¹⁾ São meus desenhos junto a esta pagina.

ruada; uns jansinistas, diziam cousas; a agitação era grande e alegre.

O Mendes veio dizer-me:

— Paulo lá isto no seu diário: o meu condiscípulo Innocencio Fernandes Rangel assignou a circular do curso e foi hoje encerrar matriculas.

— Obrigado, meu amigo. Quando poubes mais, diga. Este Rangel é filho de Joaquim Fernandes Rangel, natural de S. Pedro das Ázvedas, districto d'Aveiro.

O Alberto de Sousa Costa⁽¹⁾, affirmou que o Gaetano Castello Branco, filho do José d'Azvedo (o Le' Galinheiro) e que abirára com ovos quebros ao Girão no dia 8 d'abril — já encerrára matriculas; o Aguiar Gregório logo que o parte intransigente do curso de calculo com fasso umas dúzias d'ovos e com umas mensagens e mandasse ao Girão — tanto mais que se dizis que este não encerrára matriculas já se não misturara e tanto julho que o insultasse.

A per verdade... o Girão é um rapaz digno ao José d'aquelles que o insultaram e que agora, neste-jantes, não encerra humildemente matriculas.

Depois o Pacheco contou que um cadete Alberto Ruella, do 2.º an.º de direito e um outro que não conheço pelo nome, tendo sido dos afedrejadores da casa do Dr. Vilela, já encerráram matriculas.

O Ruella, muitas vezes lhe dissera, occasiões em

⁽¹⁾ Está hoje consagrado entre os romancistas... (2-III-91)

anarchismo — Joaze o Ruella é anarchista —

— A farda! a farda!... eu queria isto para fazer de mim! E mesmo assim, eu hei-de fazer, acentuar, etc, etc..!

Vieram as matrículas: e Ruella foi logo — o anarchista Ruella — convenientemente, para não ter que fazer serviço nos regimentos.

E o Padre Garcia a falar!...

Outros houve no mesmo caso deste Ruella. Dois por exemplo, viu o Salgueiro lançar pedras contra a casa do vilão: um foi o quintanista Calabça, d'el cunha, isto é Abel da Fonseca Alencão Bandalo; e o outro, o menino do 2º an.º de Direito João David som de Guimarães Serodio, filho do conde de Sabrosa!

Lá o grineiro, admette-se, Gabeu de Bastião, conde de Castello-Rodrigo; mas o regendo, futuro conde de Sabrosa, fidalgo, rico!... E' mais...

Pois o Salgueiro viu-o a lançar pedras, em furia, gabeiramente...

Ambos encerraram já matrículas.

Um outro, regente do 5º an.º de Direito, Álvaro do Monte Alves, filho de Theodorio Alves Sardocira, de Amarante, viu-o o Santos Silva atirar pedras, também, sobre o mesmo caso.

Encerrou matrículas?

Ora! foi dos grineiros!

O idiota do Padre Garcia tem razão...

Mas a Joco e Joco e animação no café crescia

cada qual vinha e trazia uma moça; havia risos; e dos que estavam reunidos era dos taes guthas...

De repente, parecia já mais de 4 horas, rebentou como uma bomba, a moça de que na Universidade tinha sido afixado um aviso terminando com o prazo de reexaminamentos e que o numero de matriculados era de 600 e tantos.

— São muitos! não pode ser!

— É preciso combater com os 130 militares!

— É com os que têm matriculas em philosophia e matematicas, e com os de direito e theologia!

— Não tem a maioria! não tem a maioria!

O Pestana, sabendo sobre a mesa onde estava sentado, é laia de cadeira de parlamento, berrou:

— Ainda temos 400! com 400 ainda se vive a revolução!

— Senhores as eleições!

— Vivam os 400!

A festa afazeceram as cabeças d'alguns dos guthas, erguendo; então houve indignação; todos se levantaram e o Pestana gritou logo:

— Moveram os guthas!

Foi uma explosão geral

— Merra!

Um outro, o Francisco Cruz, do 3º an. de direito, berrou também:

— Ues, dois... tres! Abaixo a bandeira!

Houve então uma recessão de vivas, de guthas; veio o dono do café pedir para se calarem; e é curio

no que nem a cabeça de um jolice arrastou á
porta e os taes volentes desalgarearam com a raji-
dez do raio.

O Alcaide, radiante, entrou e veio contar
que o Alberto de Sousa Costa e o irmão não encerra-
ram matriculas, apesar do que assim o ter ordenado,
e amsesado.

E o Ventura ainda gritava:

— Vencemos as eleições! Ainda temos os 400!

E logo á porta, com o respectivo selo, appareceu o
letrreiro: "Vencemos as eleições sem alogofinagem!"

A jouco e jouco, jereim, tudo pocegou e periam
quasi 5 horas subimos jara o Alto, contando eu ao
candaqueiros que o governo stê mandára prohibir á
Candaqueia real que os empregados do raio da
noite levassem de Coimbra as correspondencias ja-
ra os jermes republicanos, evitando assim o ficarem
subjeitos á censura telegraphica ou á demora jroue-
niente do correio — o que ficava dando um stazo
de um dia. Cereis que contudo as causas se fozem
no mesmo.

Mas o governo não se mette em nada...

Em caso, enquanto não jantava, jencorri os
jermes: no Resistencia vinha uma carta de uma
baixera degradante, de um senhor Joaquim Salda-
ria, filho de Manuel Francisco Saldanha, natural
de Guimarães, districto de Vizeu, e do 2º an. de Direito.
A carta contida um amigo jara fozer a declaração
de que nas a actos, jais que o João Franco não

quer ardeuar os actos sem ter a certeza de lá ir gente... e depois, diz elle, « confundendo, que se hon-
 " rnar actos e lá feruos, já namos todos jereus o luy
 " tes não estão resolvidos a regrouar... »

A insinuação...

No Ilustrado viuha um dos longos discursos do João Franco, mostrando a razão da ditadura. E' claro que se referia á questão acadêmica e desta vez dá-lhe fóros de causa jurídica do encerra-mento das cortes...

No pathir, á tarde, fui encontrar na Estação de Beira, grande movimento porque havia corridas de bicyclétas; e quando começou a escurecer e eu fui pelo jardim da Avenida Navarro, havia lá immanente gente a jogar. Notei que entre os estudantes havia qualquer coisa de anormal, um caso que desotio, uma especie de provocação que durante vez chegue a rias de facto mas não conseguí saber quem.

D'ahi a pouco, perto de mim, surgiu questão; corren gente e olhando vi o Pastana Junior, jogando no, gritando e gesticulando, entre os braços do Pedro d'Alcantara; então andava eu com o Pacheco e com o Floro e já namos; mas não conseguí saber que o Pastana Jassando foi um rapaz que parecia por o mesmo engarço não se contenta e lhe disse uma coisa qualquer; então o Alcantara agarrou-o, e o caso ficou sem mais consequencias — mesmo porque o outro é incapaz de se desprombar.

Numa das voltas encontrei o Ramos Paz que falava com o ajudante do regimento; perguntei-lhe quando ia e disse-me que ia no cambio da meia-noite, mas... para Mapra!

— O quê?... Para Mapra?

— E vou com outro... o Fonseca, do 3.º an.º de medicina.

Aqui ficam os nomes dos dois:

João Pereira Ramos Paz — filho de D.ª Maria de Jesus do Ramos Paz, de Viana do Castello.

Miguel Pereira da Silva Fonseca, filho de Luis Antonio da Silva Fonseca, de Barcellos.

Oro avançar e que começa o regimen de ex-gibões, de citações, de palidas. Falava-se muito nas fazas que foram para a Figueira, formam republicas, outros para Luso e alguns ficaram pelos arredores.

E' um exodo.

Eram horas de ir para casa; antes, foram ao Marques Pinto, avisar o Dr. Simeon Martins dos "cursos livres" do Franco Novo do. Elle achou graça e prometteu grãda no primeiro numero da Resistencia.

— Deixem estar que elles não de largar aquillo.

E começámos a subir, comumentando que estamos consumada a obra! O governo, pela dobléz e pela falta de caracter de poucos, tinha conseguido fazer vencer o seu grandioso plano. E agora, á sua volta, á formiga, entrariam rapais, porque tudo acci-tarão mesmo que seja d'aqui a uma semana.

Tudo! que lá dentro os escrúpulos não existem: o secretario dobrando-se á vontade de quem ali o fez no logar, dobrando-se perante o braço do rei-tor, tratando mal os que não assignavam matricula, abre o melhor sorriso áquelle que se curvar mesuradamente, com o papel pellido:

— Sim, dr. Eu venho encerrar matricula...

É o reitor, dirigindo as cousas avidamente, contando ansioso os que entram, vendo pelo janela se além, á esquerda da rua, ainda virá mais algum, não é mais que um mesquinho galgão em dia de eleições, indeciso, em colicas, com o resultado da chafaldada que o governo encorreu.

Miseraveis, elles, que não tiveram forças para arcar de frente com o movimento; miseraveis que tentaram corrigir a mocidade insana, generosa, irreflectida, cheia de boas intenções; miseraveis porque fizeram com que parte dessa mocidade, enchendo quinhadas em laus, seja mais miseravel do que elles!

Ciúmbas =

= 3 de junho (2: feira) =

Está pois consummada a obra! Desceram elles, com o tal poder paternal, com as blandicias politicas, com as condescenções.

Seja assim.

Eu não me deixarei vencer nem transigir; façam elles o que quizerem.

Toto é sincero, não vai para os jornaes, e aqui fica para os netos que oxalá venham em melhores dias e não se corraugam como os meus contemporaneos.

Porque, na verdade, elles têm-se perdido de tudo! Não esgotaram que o Santos Silva não encerrara matricula, porque, attendendo a que é Jure, o Bernardino Machado lhe fez os prejuizos...

E depois, ver a abjecção do Sergio Galvão! Tudo o que se passava nas comissões já nós sabemos que era revelado por elle; mas ha mais: o José Pereira d'Almeida, do 4.º an.º de medicina, meu antigo colega e amigo no Loj. Pro-Veritate, e que era inimico — e não sei se ainda é — do Sergio, disse-me que tudo quanto se referia da questão se passava nas lojas mescomicas, o Sergio o vinha dizer ao governador civil.

— Mas isso é verdade, heven? ! Isso é tão estúpido...

— O mais juizo das verdades...

Quando sahi, apesar do muito calor que fazia, tive espezinhamento pelo Martins Fernandes, de que heven, é despedido do Ramo Paz e do Ferreira, que iam para Mapa, alguns raios, ali como de 30 ou 40, fizeram-me uma manifestação de sympathia. E ao descer o Arco d'Alameda, vejo em frente um enorme grupo de estudantes, entre os

queas, os intransigentes do curso de calculo que agora estão em Coimbra: o Pacheco, o Aguiar, o Alcantara, o Saraiva, o Pires da Rocha.

Parceira-se, na hypothese de vir o indulto, e os cursos livres — a exhaustão do Nicolau!

Atirar-se-his a uma casa, penderam-se o traidor pelos pomacos, deitava-se-lhe as calças abaixo e aquelles peis ali presentes, jamaes-iaem pelas costas, com um cavalo-marinho, zurrindo-lhe certa parte do corpo. Mas o Alcantara que se lembrou das relações do Nicolau com o Alvaro Basto, accrescentou logo:

— E depois, meusinhos, é agarrar é churrice organica!

Falou-se tambem do estado da questão, porque a rua continuava cheia de grupos de estudantes, e não se falava nem na course. Dizia-se já haver cerca de 700 matriculas e nós outros desanimados...

É o que se dizia do Larocq! o intransigente Larocq!... Fôra a Lisboa tratar do caso, como ficou já referido; pois mais se disse que elle fôra em proleganda da encerramento ~~em~~ de matricula, mostrando que só a submissão aos decretos seria a forma de o João Franco acceder...

O Pacheco ainda envergonhado com tal gozificio pois que tem de ouvir e... estar.

Alargou-se a Balthazar Teixeira que se despediu de nós: tinha sido informado e pahir de Coimbra.

lens, gela glicia, e havia endeus nizerosas a tal rangei-
to. O Balthazar fôra ter com o reitor, pucel-o com
garguêbas; e ao entrar no gabinete, estava elle fa-
lando com um outro, mas algumas o viu, voltou-se e
abriu os braços descaudosamente:

— Para o sur. é que não he nada!

— Mas porquê, sur. conselheiro?

— O sur. tem sido dos gizes, tem sido dos
mais desordeiros, não tem desculpa alguma.

— Verdade, sur. conselheiro, eu sou um rapaz
pocozado, nunca gomevi desordeiros...

— Mas conversa sobre a questão nas ruas e
nas lojas!

— Então não se pôde conversar?

É a conversa continuou assim, pouco mais ou
menos.

— O sur. não é de Coimbra, não tem cá fami-
lia, nem ao menos é casado...

O Balthazar objectou, a rir:

— Eu tenho culpa de ser solteiro?

— É isto: o sur. tem de sair de Coimbra. Alge-
mente-se no seu Lyceu e não lhe digo mais nada.

Aqui está como o tal D. João d'Alencão conso-
lida o seu nome honrado de politico...

É até ás 3 horas não se fez outra coisa além de
ouvir e ver, e ler jornaes. É então, com o calor
terrivel que estava aqui e' Alto com o Pacheco, o
Aguiar e Alfredo Pimentel, pensando-nos em va-
rios linciares de festas, e descaucar um pouco.

Em casa do Pacheco estava um telegramma para elle :

« Governo inflexivel. Partidos Funchal. (4) Macedo. »

O nome Funchal e' do jaqueta que vai para os Açores no dia 5; e o de Macedo e' o meu irmão (meio que de 3^o ani. de direito) e que fara a lista para que se veja o que a tal comissão fazia.

Logo: não viuha o indulto; e o Pacheco firmemente, com um certo ar de pseudade:

— Pois janticozinhos que vai embora amanhã, no correio...

Tenho pena do Pacheco; e' o que se chama um caracter, acrescentado com uma brilhantissima e lucida intelligencia. Se o Aguiar se for embora, então lá se vão as boas camuflagens!

Em casa ohei para os jornaes: no Mundo vem um carta do Sr. D. Simões, de Arganil, explicando porque encerra matriculas, mas que está pronto a mudar a actos se esse for a decisao do curso.

Meu jize meu carne...

Depois do jantar desci a rua de quando vi a janela de casa o antigo capitão do 23 José Ferreira Martins e quem cumprimençai e que me perguntou se eu, no verdade, ainda não encerrara matriculas.

— Não, meu capitão, meu encerro.

Elle fez um vago gesto de alguma importancia; e cometeu o gesto:

— Agora é que se começa a levantar a junta do meu...

— E começa-se a ver a bandeira.

É quando eu julgava que se iria referir ao governo e ás questões que se têm exercido, paguei-me-me com isto:

— Sim... o que fizeram os republicanos e os monarcas.

— Não acredite nisso, amigo!...

É mudando de conversa, despedi-me.

A' noite, recobrado a Junta do Lusitano, ouvi do Francisco Cruz do 3º an.º de direito, que o João Franco (o estudante, o João Bazão) andava por ahí todo escaureado porque o Manuel Gago o chamára e instára a convencer-o a encerrar a matrícula; ora o professor Francisco Cruz ouvindo esta ~~esta~~ catechese de modo que metteu-se no converso, discutiu, berrou e como este é dos que junta os factos ás galegas, o Gago acabou por bem deixar a mais a conversação do João Franco, o desgraçado hononymo do Dictador.

É a propósito contáram-me a seguinte anedota: este rapaz é muito amigo do vicente Pinheiro de Melo, filho do conde d'Almeida; ora ha tempo, voltando os dois de férias, o Franco chamou pelo telephono a mãe pai para onde o vicente:

— Está lá?

— Quem fala?

— João Franco...

— Ah! é o Courteiro?... Como está, Courteiro...

— Não, hehehe, não! É o outro, o Gayão,... hehehe, o Gayão!...

Desgraçado rapaz que ha-de andar toda a vida acorrentado á desgraça de ter um nome excepcional!

Algaresem depois o Sousa e Mello, o bohemio Sousa e Mello que contou as suas aventuras no cidade do Guarda quando a familia real lá foi inaugurar os paustórios.

Fez-se jornalista para entrar nos recibos vendidos; fez-se comidado para comer e beber á mesa real; e por fim, vendo que se julgava um grande photographico, avançou, furou, deu encaixões, o diabo! e lá conseguiu chegar á frente, dizer ao archivo:

— Com licença de Vossa Reverendissima...

e no occasião em que o photographo tirou o grande estava polemicamente á frente!

De modo que no grande que vem reproduzido no Illustração portugueza vê-se no 1.º plano: o Rainha, o rei e... e o Sousa e Mello!

É a graça com que elle contava episodios! É a graça com que elle annunhiava o tenente-coronel Dias que jorou em certo altura!

É um curioso rapaz, este Sousa e Mello!

Seriam dez horas, eu, o Floro e o Alfredo Pinheiro, publicamos Bouças de Livros sciencia. Encontrámos o grande candidato guerreiro que vinha exaltado de discutir com o collega no jorão, o Manuel Gayo...

Largára-me com elle porque o tratára mal quando lhe perguntém o numero exato de matriculados; discutiram, e por fim dissera-me que elles é que eram culpados de tudo: queriam que os rapazes sucarrassem matricula e depois chamavam-lhes em particular, uns gultas.

— Isso é verdade, confirmou o Pimenta. Um amigo meu, de Santarém, que veio ahi, falando com o Manuel Gayo ha dias, ouviu-me dizer isto, quasi ao ouvido: "já lá temos uns quinhentos gultas!" Dou a minha palavra d'honneur que isto é verdade.

— O Gayo por fim calou-se. E diz então que os rapazes que o queriam matar... Pedir policia para a porta...

E de facto, ha uns tres dias que tenho notado em frente da casa do Gayo, um policia de serviço.

— Isso é um bandalho, diz o Pimenta. Faz o que lhe mandam e diz o que lhe mandam. E olha que muitos desses homens politicos que fizeram o Ymiriel para furar a greve, tambem chamam, confidencialmente, aos que arruam matricula, "uns gultas!"

— São lá entendel-os!

— Que criterio!...

— Isto é um bandalheira, meus amigos! disse eu. Vamos para casa.

Coimbra. =

= 4 de junho {3ª feira} =

Estamos hoje no final da questão e que vergonhoso final!

Ha ardens e contra ardens: agora apparece a contra ardens para a polida dos ralzcos: "Jodiam ficar mais um diasito..." E quanto a cursos livres que o decreto mandava começar logo, houve ardens para não começar ainda; que é como quem diz: "vamos a ver..."

Uma enorme desorganização vai fazer esse cidade; a bandeira campegia ás voltas e já se prevê que não sobe a uns centos, o numero do que ficou decididamente com o anno perdido.

No Colégio, durante o dia, o affecto contrabataua com o dos dias anteriores: não havia ninguém, nem mesmo um jolice... Por isso o Sousa e Mello vende distribuir a salvo o seu manifesto Ao paiz dedicado aquelles e que vão... Para onde fór a maioria ⁽¹⁾ — e que no verdade é das cousas curiosas desta questão.

Chamam-lhe doido, dizem que elle é para... E' no verdade um ralzco com botta, mas inteligente, vivo, energico e de uma grande offensa!

O Sousa e Mello distribuiu á vontade o meo

(1) Masso III = 48-5

nifesto e meei um zolicia! Tudo nó! Alguns
raizes, no Lusitano, dessemuadamente, esferá-
vam os jornaes... Euelra camflota! Os taes 400
de que tanto se vangloriava o Pectana, iam raraan-
do, e quem sabe até quando chegaris!

O 3º au.º de direito que assignava, com exação
de uuo 20, a circular jº aqui alludida, encerram jº
rubricula com exação de uuo quinze...

Já se falava em tudo in encerrar rubricula; o
Eduardo Saldanha Vieira, do 3º au.º de direito, veio fa-
lar-me nisso, estando eu com o Alfredo Pinheiro;
eu disse logo que não, mesmo que todos assignas-
sem.

— Mas não iamos a actos...

— E quem me paga os 23:000 reis que custa a
rubricula? E quem me diz que esse outro sacrificio
era reversandido por todos? Não se viu como to-
dos juráram a grève e como agora procedem?

— Sim... lá isso...

Mas um outro que eu não conheço, chegou-se
e disse para o Pinheiro:

— Isto não ha mais modo a esferar! Que nos res-
ta agora?

— Nesto uuo curso, acudi em com ineforuan-
cia, o curujimento de uuo zolaura.

— E o que ganhámos com isso?

— Ganhámos o nosso dignidade, voluem o Pinheiro;
a dignidade collectiva foi-se, agora cada um tra-
ta de paluar o seu e the tem algum amor.

O outro ficou um pouco surdo.

Boas invenções para vocês, meus meninos,
que sujeitam o vosso proceder a contingências bem
frequentes!

Mas o outro combinou:

— Mas bem sabem que o que o João Franco quer
é sujeitar tudo e deixar ficar ao de cima uns 40
ou 50; e esses... sim, esses...

— O quê?...

— ... quitham-se!

— Pois então agora é que se vê quem é ho-
mem, disse eu. O João Franco não teme, pois não?
Mostrem-me que também já cá he gente assim,
que não teme...

E afastei-me do grupo.

Estive, sempre do arco d'Alameda um grupo de
rapazes: o Pestana, o Alfredo França, Mario Men-
eiro, o Sant'Anna Leite e um outro que não conheço.
Alegremente iam dizendo aos conhecidos:

— Adeus! adeus!

O Mario e o França aproximaram-se, e disse-
ram que iam já ao Figueira, já a uma reunião
na rua do Monumento, casa cên de rosa, um ja-
lisco ás ordens!

— São lá no domingo jantar!

— Mas onde cá, dizia o Pimentel, vocês foram
invenidos?

O Mario chamou-nos em particular: sobre-
ram logo jolisco que se projectava já hoje uma

Javerosa ou Jara amanhã; era natural que corresse gente nessa direcção; os raldzes vinham, de certo; e delgois... era ceifar! Toca a grander este e aquelle.

— Os maldados!... peria Jara isso que elles pro-
rogaram o prazo da rebida, Jara vocês ficarem e go-
derem por agorados?

— Ora os filhos da mãe!

— De modo que nós resolvemos sair; heurtem
o Franca foi á Figueira, alugou uma casa e vamos
agora no tramway.

— Fizeram bem, porque é bom que isto conti-
nue sem alterações d'ordem.

E continuou-se que eu iria, com o Pinheiro,
qualquer dia, jantar com elles; e em Jero bairro
novo, da Figueira, lerindar, de taca em Juro, Jelo
advecto de um novo era!

— Adeus! não faltem!

— Boa viagem!

Quando os Jermes vieram, temos a noticia da
tal comissão que foi a Lisboa, ao indulto. Eram os
requintes, os da comissão:

Sergio Ferreira de Rocha Calixto;
José Velho Quintanilha de Sousa Laroeg;
José Martinus Baeiro Camaroes;
Serafheim Simões Pereira; e
José Fernandes Forte.

Pediram ao João Franco que desse o indulto, vi-
to tudo ter entrado na normalidade; mas o João
Franco respondeu que não, que ainda não couvide.

rava as causas normalizadas, que esgerassem, etc.

Os cinco Jaudithas!... É o João Franco a querer ser mais um boocado á prova, os raios!

« Bem haja... Quando elles são assim, é carregá-los. Que vergonha esta!

É que cinco, que cinco!

É o Illustrado dizia, irónico, como quem rabe com quem tida:

« Segundo me informam de Coimbra, tudo leva a crer que hoje e amanhã se matriculem os restantes estudantes, com excepção de uns trinta ou quarenta. »

Serão esses 30 ou 40 os taes discolos necessários ao franquismo? É não têm vergonha esses 700 ou 800 raios que vão submissos, de papel pely do no mão, encerrar a matricularinha e assim conquistár mais um anno?

Um d'elles — o Luis d'Albuquerque Stockler — diz cynicamente que será esta a melhor maneira de se formar! Pois foi este que no dia 1 de março entrou no recinto aula de Calculo á frente da multidão, quasi uulgando ao Dr. Sidonio para sair. Foi este...

No Illustrado ainda se diz o seguinte:

«... muitos estudantes tinham pedido que fosse prorogado o prazo da matricula por haver muito

los ainda que desejavam encerrar matriculas mas que o não tinham podido fazer até terminarem o curso.

Os estudantes é que pediram! Como elles mesm-tem com descaro!

E por Lisboa o mesmo; na Polytechnica tambem foi prorogado o curso; quasi tudo encerrou matriculas assim como no Porto.

Isto é um pague-se quem poder extraordinario! Agora todos se agarraram ao curso perdido.

Depois do jantar desci a Baixa, pelo Theatral, de proposito para ver se havia policia a porta do Manuel Gago. Ora! lá estava e era o mesmo do outros dias. E quando jantei para casa, parecia meia-noite, lá estava tambem...

No Baixa procurei o Gloro, para fugirmos para fora da cidade com a condicao de não falarmos no grão... Não o encontrei nem d'ahi a pouco, no Baes, e que por signal me contou o caso curioso de o commissario ter mandado uma carta a casa do celebre Agostinho de Costa Alencar que mora a foz de do Castanheiro, para elle ir ao commissariado com o fim de ser informado a saber de Coimbra. Pais bem: não houve policia que lá fosse só! E sabem quantos lá foram levar umas poucas cartas delicadas, cuidando-o a ir ao commissariado? Sabem?

Oito!... oito!...

Mas, antes de o encontrar, o Pimenta escreveu-me que havia no Margues Pinto uma reunião

nião de raízes que não encerráram matriculas ;
que não fosse eu lá mas que fizesse quem eu
encontrasse. E eu então, quando encontrei o Flo-
ro, comecei a procurar gente.

Vi o Aguiar a quem pedi para lá ir ; contou-
me elle que o Alberto Sousa Costa fôra falar ao rei
tar a Gregório não sei de quê e que o reitor lhe dis-
sera que o indulto viria se todos se submettessem.
Mas lá encontrei para e reunidos o Aguiar e o
Emiliano Costa a quem o Paes obriga a ir apanhar
encerrar matriculas.

— Dê lá dois becos a essa malandragem ! Dize
eu ao Aguiar.

Mais adiante vi o Bisnaya Barretto, mas co-
mo o não conheço pedi ao Floro para o trazer.
Depois vi o Maximiliano Monteiro a quem também
encontrei para lá com o Pedro d'Alcântara ; disse-
ram-me elles, entre outras cousas que o cadete
Duarte Silva, filho do coronel Duarte Silva, era
quem dizia tudo que se combinava entre os cadetes
ou ao governador civil ou a um tenente — para logo
a denuncia seguir pelas vias competentes.

Enfurecido-o, disse ao Maximiliano:

— Vai ao puecos dar o voto !

— Se não, cá está a mão !

E mostrava uma tremenda mão de arremesso.

Escrevemos ao Luzitano que elles viessem de reu-
nião ; e vendo o Graujo, chamiei-o e pedi-lhe para
ir lá :

— Se se commences aquella gente...

— Eu? Vou, mas não vou ouvir, somente. Quero-me ir!

— Não, homem: não se não deixas morrer o resto... Olha que peço-me que sahiram uns jauditmas!

— Não chames jauditmas aos rapazes. Os rapazes tirando duas dúzias, não bons; chames jauditmas aos paes, aos polticos, a quem fez tudo isto, que diabo! Com yesses de todos os lados, agitando esse tambem o terruquete, que diabo querias tu?... Olha que xôna! Agosto como tu tambem foste agitado...

— Alguns causas...

— Que xôna! Pois queixa-te d'elles e não dos rapazes!

— Com parte tens razão.

— Pois é claro. Mas peço-me vou ver os homens, como elles se portam.

É sahir. É um bom, este Graujo. Foi meu con-discipulo no Lyceu; foi depois para o Seminário, voltou a direito, deixou de estudar e depois veio definitivamente formar-se. É por consequencia já um homem; tem ganhado vantagens de parte. A aduvidade é a mesma coisa para formar um caracter.

O Graujo é desses que a tem experimentado. A phrase habitual a respeito de combinações, de politicas, de collectividades, é esta, que tem definido o seu conhecimento do mundo.

— Por mim, rezando eu!

Mas esgarámos, esgarámos e ninguém viuha. Deram as 9, as 9½, as 10; eram quasi 10½ e eu despedi-me, trizegi á Alta a casa do Pacheco; mas como este escrevia para as ilhas e á pressa, esgarei no rua, aude vi, poubada no linciar da porta da habitação, a conhecida Conceição do Carpenteiro.

A Conceição foi das raparigas bonitas de Alta, e ainda hoje, ajeaar dos seus 30 a 33 annos, é uma cara bonita e moça. Estava só, tomando o fresco.

— Boa-noite, Conceição.

— Como está, seu. alferes...

E como ninguém passava, poubei-me no linciar da porta, a conversar, enquanto esgarava pelo Pacheco.

— Então, Conceição, que me diz de novo?

— Nada, seu. alferes... É' que estamos velhos!

— Velhos?...

E poubinentalmente, a conversa cahiu nos nossos tempos — quando eu era estudante e ella me passava os dedos pelo miunha longa cabel-leira.

Dejois, lumbalmente, perguntei-lhe se o Jabão della encerrava mabricula; o Jabão della era quintanista de direito, um Sá, tocador de guitarra e violão, com quem vive ha uns dois annos.

— Oh seu. alferes! Heredité que elle não que ria, isso não...

— Mas...

— Mas fizeram todo o jornal!... Vinham a minha casa pedir-me para eu escrever...

— Mas quem?

— Olhe... era o Laroey, o Sergio Galixto, o Fialho Gomes, o Galabaza...

— E a Conceição escreveu-lhe?

— Eu escrevi... Elles andavam ali todos os dias... Elle lá mandou procissões de feis... e ali tem...

— E' los...

— Elles tem feito tudo!

Nisto assumiu o Pacheco; despedi-me e fui com elle ao correio.

Cambi-lhe o caso da Conceição e começámos amargamente os processos: até que a Conceição do Barreiro elles conseguiram a adherença dum renitente...

E subindo de novo á Ilha, nós, pela noite estrelada e quente, iamos dando gosto á imaginação, nem tomavamos avaragem de desiludidos, consolando-nos ao mesmo tempo, com ter ainda ao lado nosso a do raiz que se disfarçava a perder corajosamente o arado.

Nem tudo se perdeu.

Cóimbra =

= 5 de junho (4ª feira) =

De manhã, poriam 6 horas, montei a cavallo — no licho do ajudante do 23 — e fui por ali fora, por essas estradas, vendo os meus campos, as minhas terras: era uma distração.

De facto acorda a pensar no questões, deito-me a pensar no questões: é um horror. É preciso distrahir o espirito...

Mas, poris meio-dia, o Pereira d'Almeida, batê-me à porta, pedindo-me para telephonar para o General Brito que devia estar no museu: é que havia no republico n.º 3 da minha rua uma reunião dos oito do 4.º an.º de medicina que ainda não encerráram matricula e dos quatro do 5.º an.º que também não encerráram ainda.

Jam decidir — como se tivesse ainda necessidade de decidir!

Quando elle sahio vinha ao jantar o Aguiar e o Maximiano. O Aguiar vinha para eu ir ao quartel por causa da licença; porque é necessário aqui ficar consiguado que o vario Aguiar foi agredido pelo recrutamento do anno passado e agredido para o 13 (Villa-Real), mas escapou e levei para Mafrá porque a licença do commandante é a licença registada por 365 dias para dizer para quê.

Agora, Joram, tinha receio de ir buscar; o coronel Jodia não gostava da brincadeira... e queria que eu fosse ao quartel.

Mas, enquanto se não sabia, os dois juraram-me ao corrente da reunião do Marques Puto.

Deviam estar uns 60; discutiu-se muito; houve quem propozesse para tudo encerrar matriculas mas logo se ouviu um ruído formidavel. O Alfredo Pimenta discursou, enfurecido contra o medo; o Graujo sempre falou (quando alguém propoz para se fazer uma declaração assignada pelos presentes, em que se compromettessem a não ir ás matriculas ou se fosse tudo, a não irem a actos) mas para dizer que não assignava causas alguma, e visto que todos aquelles que assignáram circulares dos cursos, já tinham encerrado matriculas, elle, Graujo, estava no direito de não acreditar em ninguém. E terminou:

— Por mim, respondendo eu!

O Francisco Cruz, sempre paucos, berriava aos medrosos, de olhos esbugalhados, quasi algalético:

— Ainda lá tenho eu casa um bocinho de João, para todos os que não encerráram matriculas! E quem tiver medo... vá-se embora!

O Pimenta quiz fazer alguma coisa mais; mas o Graujo fez rasgar-o:

— Cada um que responde por si! Que xôna!

E terminou a reunião pelas 11 horas e meia da noite. Nada se resolveu, é certo; mas ao menos

saíram mais animados — quanto mais não seja até amanhã...

O Maximiano, todo de briga, contou entusiasmado que o Costa Pellegrini, filho, lhe propozera o seguinte: os que não succedessem nos estudos, teriam um substituto para se conhecer; mas por detrás d' aquillo andava ideia mais levantada e que era a de nos suas mesmas mocimmas, poder dar um agiota aos que succediam nos estudos. ⁽¹⁾

E o Maximiano affandia, gruffo, com a sua mãe, a ajudar!

Depois saímos e fomos ao quartel, onde cantei aqui arrancar a licença do Reguier que ficou radiante: Jodie in para onde quiseres, agora!

E voltando a Calçada, jamaicando ou no Luzitão, onde algumas havia umas drezas de ralgoes intravizíveis, eu pensei algumas consideraveis:

Que o nosso condiscipulo Nicolau Gonçalves, ha cerca de 3 annos, estando na sua terra de Guimaraes e passando lá um antigo condiscipulo d'elle, no Lyceu de Braga, Eduardo Cruz (que aqui andou na Universidade) para 5 reis, de jamaicagem para casa com o anno perdido, vendo-se obrigado a jedia escola, com fome e para ter onde ficar, não pôo lhe não oferecer ao menos, de jantar, mas recusou - lhe pois viuhamos que o outro lhe je-

(1) Uleximamente tem sido considerado monarchico e dos decididos! {Em 14-III-911}

dina emolestado! Isto é ridiculo porque o Aguiar
o afirmou como confidenciale em Braga, do
acabecimento que produzio escandalo; e terminou
o Aguiar por enumerar:

— Oros... é um franquista e catholico!...

Soubes tambem que o Dr. Teixeira Bastos, lente
de Phisica (2.ª parte) procurava o seu discipulo Aure-
liano Lopes de Mira Fernandes, já em todas as
cadeiras que tem frequentado e lhe pedira para en-
carnar matricula. Este Aureliano é pobre e vive
de leccionação com o que sustenta a familia. Res-
pondeu que não.

O mestre insistiu, e blandicioso, agouava o
logar de lente. O rapaz recusava:

— E de mais... o seu. no minha cadeira tem
20 valores...

— Se V. Ex.^a me encontrar merecimento para
me dar 20 valores, é natural que este anno cambi-
me a encontrar-o...

O mestre foi-se embora...

Mais se soube ainda que o Chico Pedro — o du-
no intravigente do 5.º an.º de medicina — que se
vestira, no Marquesinho tanto bernão contra os
medrosos, fôra hoje... encerrar matricula!

Havia desonrações, e grande. Os jovens in-
travigentes que estavam, discutiam, mas resi-
gados; o Graujo disse que se ia embora hoje an-
tes que o embriássem; o Aguiar tambem; e eu
concei a pensar em sair até ao dia da junta que

é a 17 desta mez. Quem sabe se elles me mandam
rão pahir?

O Costa-Allemand affirmava que todo aquelle que
assignasse matriculas e que lhe fosse a esbender a
mao, elle... zás! uma bofetada que o virava!

Agora, realmente, pó assim — a murro!

O José Taveaguirri, do 3º de medicina, com o
Corte-Real, do 3º de Direito, faziam uma especie de
arranjo: viam pelo Trincheiro os que ficariam
sem encerrar matriculas.

Começou-se a combazer: palis-se que do 5º de Di-
reito ficariam uns 15 seguros; do 3º, uns 18; do
curso de calculo disse-se que havia 4 seguros; por-
tante: 37.

Depois começaram a calcular os outros: do 4º
de medicina havia 8, se não resolvessem o contra-
rio na reunião; no 5º de medicina, 3; no 5º de
philosophia, 3, segurissimos; o Sousa e Mello afir-
çou que no 1º de Direito, salvar-se-hiam, entre os
230 do curso todo, uns... 12 ou 14 certos; cada um
falava pelo seu curso, porreman-se e vio-se a lin-
da cifra de 104!

— Que xoma! dizia o Graujo. Se ficarem 104 é
uma victoria! Mas bira-lhe uns vinte...

— Sim, a course desde aos 80...

Cada qual dizia a sua parte; e o Aguiar, a
professito, fingindo voz de orador de comicio:

— Meus penhores! A academia de Coimbra,
consciencia de sua força e de sua dignidade, aci-

mas de tudo, mantem-se solidário e intransigente!
 ta!...

Eravam 3½ da tarde. Convidámos os jermões e o
 livro dos mestres — que sempre sahia hoje — e pu-
 limos para a Alta fazendo umas indicações ao
 Pacheco para ir caminho da Mirandela do Carro, fazer
 me confissões.

Nas escadas de S.ª S.ª encontrei o Costa Lobo;
 muita festa, etc, mas elle diz:

— Então não encerram matriculas?

— Não, sen. dr.

— Pois olhe que já lá estão mais de 800...

— Bem, então fico com os duzentos republica-
 nos que faltam...

O homem foi aos ares.

— Pois ahí é que é o segredo! São 200, não,
 mas que tinham já o anno perdido. Isso é uma
 historia!...

E despediu-se, mas barafustando; e a cada jata-
 mar das escadas, voltava-se para traz e dizia:

— Isso é uma historia!... O anno perdido é
 que é!... qual republicanos!...

O Dignar não se jama commoveu como os
 homens mentem!

E o Costa Lobo lá ia, S.ªs-abaxo, furio-
 so!

Mas os jermões diziam que o 1.º an.º da Escola
 Medica de Lisboa, resolveu quasi unanimente
 não encerrar matriculas, mantendo-se solidário

« não com a Universidade de Coimbra mas sim com os patê alumnos da Universidade exultos pelo Conselho de decanos... » [do Lucta de 5 de junho]

Boas lições!

Diziam mais que, como no Polytechnico faltavam pó para encerrar matriculas em 60, no numero dos quaes muitos tinham já perdido o anno, « o director da mesma escola é de opinião que já não é necessario prorrogar o prazo para encerramento de matriculas... » [do D. Illustrado, de 5 de junho]

A los-jé daquelle gente!

Encontrei tambem uma carta do tal Saldanha, explicando sobre a que já me referi aqui [em pag.^o 377] e que não deixa de ser interessante.

Vem tambem nos jornaes os nomes dos jurys de actos de theologia.

É no Lucta mais um excellenté artigo do Brito Camacho, a proposito da quebra do cumprimento dos estudantes e deste terrivel descabelo de dignidade. Termina:

« Que haviam elles fazer, os jovens moços, se toda a gente conspirou para lhes quebrar a attitud, para lhes desregir os livros, desde os mesmos até aos paes, como se fosse um crime a sua attitud, como se fosse um crime a sua rebeldia? »

Pobres moços! »

A tarde voltei a Baixo; o Peneiro d'Almeida,

disse-me que do seu curso (o 4º de medicina) oitão não iam realmente a musculatura; e eu que andava realmente apressado com a reunião d'elles, fiquei subjeito:

— Foi como se me tirassem um pedaço de polme meu!

Depois, encontrei o meu condiscipulo Saraiva, com quem jantei um bocado e que me disse que fozado pelo que tivera de encerrar musculatura, mas que, aconselhado pelo meu, só encerrara na cadeira de chimica organica. Depois confessou-me:

— Eu vim a Baixa de Jofonito para dizer isto aos meus amigos. Se algum me deixar de falar, paf-me de Coimbra porque ando envergonhado... Do menos, em calculo, não encerrai... Não sei o que dirão...

Cheguei a ter zera delle. E depois... o diabo do zazo, constantemente aberto, para abnahir, para se dusir, para enjurrar, é uma verdadeira infamia. Enfim...

Alguem o Pires do Rocha que me disse ter encerrado musculatura... Adeante.

Veis o Pacheco, o Aguiar e o Alcantara. Contei os dois casos; o do Saraiva, lachimáram-se para com- rurs, mas quanto ao do Pires do Rocha, encerrá- ram para lá.

É como o Aguiar patria de modrugoda, resol- veram zazar a morte ou mesmo caia em sua con- versa, em caso do Alcantara, e acentuar-las de-

gois o transmutamos á estação. Mas eu bino logo a ideia de fazer yender o comboio ao Aguiar; disse a aos outros dois; e, aprovada alegremente, pôz-se em execução immediata.

Primeiro que tudo, iam os correios escrever cada um, um postal ao Mira Feio; e acompanhado os bilhetes — o Aguiar escreveu uma mocção com eu, graças considerandos; o Alcantara e eu, umas phrases entusiasticas; e o Pocheo as seguintes quadras que collei:

Tesuro!

Vae alta a lua, vae alta,
 Como farolium accesso...
 Do reduto mingiam pella,
 Sempre tezo, sempre tezo...

Passo o rio entre os palmeiros
 Cantam tristes reuxineos;
 Algora, d'entre os heros
 Se escolhem os verdadeiros.

Não canto mais que a Jolicia
 Tal assumpto fez desejo:
 Amigo Feio! Sem blandicia,
 Feio amigo! Sempre tezo!

Um jolicie á jaisans, vigiava o grego com dis-
crição e cuidado...

Voltemos á Balcada, enquanto o Aguiar com
a voz de baixo profundo, cantava uma aria de Go-
se; depois, tendo largado yida aos Drs. Manoel e
Alberto dos Reis que andavam anferindo a gloria —
pegando a expressão gitonessa do Alfredo Pinheiro
— jaz entre os gregos da rua, nós conhecíamos e pu-
bir o arco d'Almedina.

Pela rua das Faugas, a voz do Aguiar rebou de
novo e a Santo Antonio da Estrella entrámos em es-
sa do Alcantara, num peguido andar, com belas vis-
tas jans o rio.

Entrámos logo abertamente no questao do cam-
bois: a que horas era e que horas periam... Eu e o
Alcantara acerbamos os relogios um quarto d' hora
o menos — e o John Aguiar confiando jansmen-
te em nós!

Depois falou-se em joesia; e o Alcantara foi
buscar um livro aida, de mistura com mathematica
e uma dissertação sobre o acetato d' ethyle, tinha
varias joesias. E adivindo o certo altura, agachou-
me um vilancete que elle imaginou per officio
jans o Aguiar, o barão de Land-Luk, recitar.

E aqui convem explicar que, attendendo ao es-
cesso cabello negro que tem o Aguiar, o Alcantara
produzera a alumbra de barão de Languedo. Mas,
adoçando a jhrase e a significação, alterou-se jans
Languere e depois ainda, jans se lhe dar uma

forma inglesa, ficou — Land-Luk. Brincadeiras.

Tomando uma attitude dramatica, o Alcaide pediu-me para tomar nota desta explicação necessária e fez-me e ofereceu-me para o diario; e disse com umghare, tomando um ar de comica ingenuidade:

— Suadro amigo. Passe-se no salão nobre do Marquez de ***. A um canto do salão, o fidalgo inglês, barão de Land-Luk (terra proxima de Manchester), dolendo-se elegantemente...

Submissão do Pacheco:

— Como um cathão agarrado...

— ... e sustentando na mão direita um fergamicho, recita com a inboação que nesse epocha avassalava as almas fregios da mais fina e altiva fidalguia, o seguinte

Vilancete:

Senhora porque não deixa,
Sua su grande nessa suadeira
Um beijo rubro d' amor?

A honra da baroneza
Sua rei vos ser concedido,
Julgo não tomar de fere
A gruzaria requerida...
E ao infeliz trouxer

Senhora porque não deixa
 Que grande coisa me deixa
 Meu beijo rubro d'amor?...

Pomposa e rica molhera
 Pelo amor sempre é vencida.
 Outras da vossa beleza
 Tem-no como troço de vida.
 Já vos coleris de rubor...
 Senhora porque não deixa,
 Que eu grande coisa me deixa
 Meu beijo rubro d'amor?

Toda esta minha tristeza
 Em pouco será esvaziada
 Pela vossa gentileza,
 Pois que me é concedida
 A ginástica d'amor;
 E já não digo, se deixa
 Que eu grande coisa me deixa
 O troço de vencer.

Festejau-se o festa e festejau-se o banas de Land
 Luk.

— Vocês julgam que eu abunava lá isso! excla-
 mais o Alguian. Eu, a mais, dizia logo para o meu
 quez de xxx: "ganho que lá mais decilitro e deixa o
 resto, homensinho!"

— Que catão!...

Dalio o Alcantara quiz fazer um bucto á franceza; mas o jaleco de cobium cizrento e anegou as mangas; mas como jassava das dez horas, jô cedeu-se á confeccáo da caiz.

Havia ovos e chourico dos Açores. Accendeu-se um lauzda d'alcool e cada qual ajudava.

Jo, Jorem, havendo questáo. O Alcantara queria todos os ovos fritos; o Pacheco queria-os queimados; discutiram, até que o Alcantara conduziu:

— Nós, os mathematicos, só attendemos ás modalidades da essencia, ás modificações jorque jossam jassar, e abstrahimos, quasi desjessamos, as formas que jossam assumir a dita essencia.

E voltando-se jora mim, com um ar serio:

— Faça favor de lá escrever que tenho esta minha theoria como um corolario...

O Pacheco deu-se jor convencido:

— Bem! converei um ovo frito!

E quando todos, sentados á mesa, começámos a conversar, o assunto foi... o auser!

Sim, meus netos — o auser!

Todos deram mais ou menos metaphysicamente a sua opiniao, menos o Aguiar que joremecia calado: o barao de Land-Luk, o tranomental no rijo, não era accessivel a tal tolice...

Veis a jilo o romance de Balzac La femme á trente ans e a resplata dessa idade jorizosa da Mulher, o Alcantara citou logo, cofiosamente, exemplos; o Floro foi mais longe: afirmou mesmo "uma

certa experiencia grolnia." E quando nós iamos nu-
biudo transcendentemente, de argumentos em ar-
gumentos, o Aguiar, mastigando um bocadinho de de-
licioso chouriço açoreano, disse:

— O homem peregrino é muito estúpido!

Mas o Alcantara, indignado, voltou-se com
ameaça:

— Barão! A sua officina é dissolvente!

E assim se passou o tempo.

A' meia-noite, preparava-se para sair, quan-
do o Pacheco propoz para fazermos uns versos de
despedida ao Aguiar. E enquanto o Aguiar que-
ria ir, infelizmente, fazer as malas, eu fiz
uns versos para o fado, alusivos á partida que nós
faziamos ao desceido do Aguiar⁽¹⁾; e d'ahi a pouco
o Pacheco teve o seguinte

Soneto:

N'est' hora derradeira da partida,
(A luz morre na penumbra da folhagem)
Venho fazer-te uns versos... leve imagem
Da nuvem d'uma alva inbristecida.

Passa um dia... mais uma despedida!
Morre o tempo na penumbra da varagem.

⁽¹⁾ No vol. Versalhada, 118-120

A dúvida, a incerteza da viagem
São a imagem fiel da nossa vida.

Partido... Adeus... pyromaniacos de lucto,
Que aos que jazam no pó deste caminho,
Sanguem o feito, embora o dhar enxuto.

Adeus! E lembra-te ao estar sozinho,
Que o teu cáthar virginalmente bruto
Póde servir de meio g'ra o meu moirho.

Delamados os gestos, dadas as ultimas gincelas
das na maneira de fazer yender o cerebro ao Aguiar
em e o Flero pegueiros Couraça ociuma, lastimando
que o nosso grupo se desfizesse em yenco; e em na
uerdade, ao despedir-me do Aguiar, quis ver-
the qualquer coisa de commoção gela despedida.

Belle almas, a d'elle!

Coinversa =

= 6 de junho (5ª feira) =

Hoje, só de tarde sahi; como a tarde estava
excellente, comparei os jermas e disjuncta-me a
ir até á banda do rio, quando encontrei no Lusi-
tano o Alfredo Pimenta.

Elle veio logo:

- Tudo zurdido, homem!
- O quê!
- Isto está de tal farsa que eu já hoje zanguei a minha mesmo se já tinha encerrado a matrícula.
- E' boa...
- Então?... Ser eu como gente toda que me tem dado a glória d'honra que não vou, e afinal já foi quasi todo!
- Então ficaram para ninguém?
- Não, mas do que eu mesmo 100 ainda ficaram, fe-
lignento. Mas olhe: o André Miranda disse-me, afirmou-me mesmo que se todos fossem a matrícula, elle não ia, seria o ultimo. Pois não?...
- Já foi...
- Não mais. Já hoje foi... Por isso deixo-me você zanguear: "você já encerrou?..."
- Eu?! Essa é boa!
- Sim, homem! Agora duvide-se de tudo. Pois eu já hoje duvidei se seria eu não encerrado a matrícula!
- E o 4º anno de medicina?
- Ora!... já foi hoje todo, todo!
- Isso é incrível!
- E enquanto no blavarez, olhando firmemen-
te para mim, o chefe do estado-maior me obser-
vava, o Pimenta contou-me como se deu es-
se estúpido caso do 4º anno de medicina que é
honra e gloria de acadêmia.

Quando os oito rapazes do 4.º an.º de medicina
 a que me referi já se reuniram na minha casa já
 se resolver sobre o encerramento de suas oriculas,
 ficou assente manterem-se na intransigencia,
 como também aqui disse.

Pois bem: agora, esses oito, reunidos de novo,
 declaráram ao mais classificado delles que é o Bal-
 thazar Augusto Ribeiro que não encerrariam suas
 oriculas se elle não encerrasse; este respondeu que
 se não devia fazer tal cousa, mas os outros em-
 gurráram-no de tal forma, arrumando a resolu-
 ção de já se encerrar a respeito de já se encerrar
 a respeito de já se encerrar, e termináram por lhe
 dizer que a recusa lhes fazia diferença...

Isto é incrível, é estupefante; e no entanto, é
 verdade!

Dizem os rapazes que o Balthazar é um rapaz
 muito digno; sendo-se nesta collocação enfiado
 por companheiros intransigentes, foi encerrar suas
 oriculas, mas depois de um pouco triste com o
 reitor em que elle, Balthazar, chorou!

Este pobre rapaz de Coimbra parece querer saber d'
 isto já se nada; e seguindo se dizia o rapaz se co-
 mo doído.

Malandros...

Esses sete intransigentes são:

Albino Carneiro Alves da Cruz — filho de Ma-
 rcel Alves da Cruz, de Frescoado, conc.º de Pas-
 sos de Ferreira, dist.º do Porto. 8.º o 3.º classificado no
 curso.

Alberto de Fonseca Borges — filho de José Joaquim Borges, de Barção da Serra, Celarico do Beira.

José Pereira d'Almeida — filho de Joaquim Pereira d'Almeida, da Pousa de Sousa, conc.º de Vondela.

Levy Maria de Carvalho e Almeida — filho de Ant.º de Carvalho e Almeida, de Braga.

Julio Machado Feliciano J^o, filho de Julio Machado Feliciano — de Coimbrão. É classificado.

Carlos Alberto Ribeiro — filho de Eduardo do Carmo Ribeiro, de Luso (Navesco)

Alvaro d'Almeida Amareiro — filho de Joaquim Pereira de Silva Amareiro, de Silva Escura, dist.º de Aveiro.

Aqui ficam essas sete noções...

Mas, ao mesmo tempo que fizeram esta causa vergenhosa, no meu, como de costume, continuavam na alegre estúrdia, no mesmo tom de superioridade de consciência!

Inaudito.

O chefe do estado-maior continuava a espreitar-me; eu fingia que não via... E no dia 17 lá tenho de ir á junta...

Que sahirá d'ali?

Mas o Pimenta foi jantar e eu fui até á junta, lendo os jornaes.

Sobre a questão modo de extraordinario abeen de quasi totalidade dos alumnos de Lisboa o Porto tiveram encerrado matricula; mas a noticia surprehendente do dia era a dissolução da camara municipal.

oigo de Lisboa e a nomeação de um caminho ad-
ministrativo fundamentalmente franquista.

Vae bem, o homem.

Já que o deixam fazer o que quer, faz elle muito
bem.

Notte fechada já, voltei ao Luzitaneo. Lá dentro
seu um côro: era o Pimentes, o Adelino Furtado,
o Corté. Real e uns outros que cantavam qualquer
canção de que se riaam.

Aproximei-me: era uma cançoneta que viera de
Lisboa e que elles ali ensaiavam.

Era o seguinte:

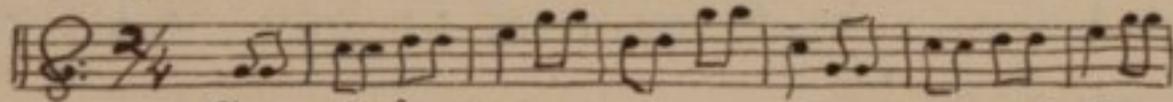
P'ra poder furar a grêve
Todo o g'nta mette, mette (bis)
Requerimento g'ra acto.
Mette, mette,
Mette, mette,
Eau moussant e peté.

Marcos vapos g'ra actos
Todo assim não se refete. (bis)
Vapores lá que não baratos,
Mette, mette, ... etc.

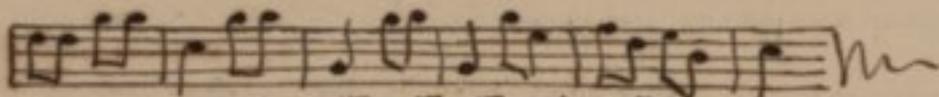
Mocidade esgerancosa
Mocidade que promette (bis)
Sem tudo sempre brisa,
Mette, mette, ... etc.

Depois, auxiliado por meu Fonseca, solicitador aposentado, escrevi a musica que é pouco mais ou menos:

Allegro



P'ra poder furar a gre Todo o pulha moltemolte



Molte, molte, moltemolte, noy rimento

Já entra nos domínios do café-concerto...

E por hoje mais nada. A questão está morta; tudo se submete e eu estou quasi a encerrar... a matricula? não... este diario. Falto algumas referencias nas as referencias para mostrar a independencia dos mestres...

De resto, parece que pouco para escrever terei, senão acerca de cinco ou seis dias de referencias que se afezem á tematica... de perder o anno.

Cá estamos. D'aqui até lá ganhará pouco mais o anuro dos caulos e a conveniencia auavel do meu condiscipulo Pacheco.

E depois... o quartel, as inspecções, as saídas, as botões de arden, as marchas das eleições...

Coimbra =

= 7 de junho [6ª feira] =

O descalabro continua... E como custo escrever isto! Mas todos dizem: «já que todos não julham, é mais um!»

Eis, em resumo, o enfiado desta gente santa que corre gressurosa ao encerramento do matriculo, na esperança dum anno rapidamente passado, sem grandes canceiras e na esperança — oh pequenos aulhões! — dum acto facil...

A republica no meinho rua que no dia 30 de maio foi no fardo seu grandes lettras que não fu rava o greve, como aqui ficou dito, hoje tinha o lettreiro sem o vão, do modo que ficou: "A Republica n.º 3 do Rua de Thomaz fura a greve".

Os devia escrever-se foi debaixo: "se não tem beris, ao mesmo tenham vergonha."

E' que esse republica, no maior fardo do 4.º an.º de medicina, foi todo já encerrar matriculo! Foram os tes que no dia 31 de maio fizeram fura de casa, com grande grita e estardalhaço, o unico rapaz que encerrou matriculo!

Coherencia...

A' tãda, dizia-se entre os rapazes do intransi-
gencia que havia ainda 190 rapazes que não encerraram matriculo e que hoje só entraram dois requerimentos. Se assim é, a victoria ainda é um

zouco maior que a que dizia o Grazi. Mas estas
120 serão firmes?

Podemos duvidar de tudo e de todos. A situação
— lá na aethonica — é bem cruel; quem seria
uma causa assim? quem imaginasse uma vergo-
nha destas?

João Chagas termina o seu artigo diario d'hoje
da seguinte forma:

« Eu não quero mal aos rezares. Bem sei que é
difícil ser heroico. No governo ou ao honrar que o ins-
gira, a esse, quem detestou-o. Carrandou e coronou
de um bloco. Foi um inimigo da beleza. Foi um van-
dalo. Semear ruína, tristura, desolação, desorganiza-
ção. Por sua causa há a esta hora em Portugal muito
juvenil coração sem fé e muito almas sem orgulho. »

Eu vou amanhã João Miranda do Corvo; ás
5 do manhã tomarei ^o lugar no comboio — eu e o
Pacheco — á spada do qual comboio irá atrelado um
palão onde o rei vai fazer os exercicios d'Arganil.
Iremos vendo assim, como começo de Janeiro, es-
sas festas que o districto de Coimbra fez ao poderano,
festas piueiras e entusiasticas, porque o Illustrado
assim o diz, neste districto onde o republicanismos
não lançou raizes, seguindo o mesmo, meu lan-
çará...

E assim, durante dias, deixarei de ouvir falar
na questão academica.

É um banho aos gulosões e ao esfirito.

Os jermacs nada adelantam. Trazem uma dedicação dos meus Antonio Meyrelles Garrido e Adolpho de Azevedo Santo (ambos fidalguinhos) e de direito, dizendo ao respeitavel publico que encerraram nobremente porque tinham dito que iam ... com a mais ria!

At tarde, appareceu mais um manifesto: Verdades amargas, assignado por Julio Dias de Costa, do 3º an.º de direito, e que foi um dos absohridos pelo accusado, por falta de provas.

E como tudo recomeça de novo na monotonia... de lauro, acaba porque nada mais ha para acrescentar.

Miranda do Cerro =
= 11 de junho (3ª feira) =

Placido da cidade, para querer saber do que vai ser essa academia de imbecis, lavando os gulosões e o esfirito com este bello ar do campo e da serra, passeando por entre as oliveiras do vale ou subindo as ginchas das encostas, eu e o Pacheco temos esquecido completamente a questao a gente de nos admirarmos hoje, quando o dr. Costa e Silva que aqui ~~era~~ foi garcho encomendado, nos disse que amanha ja havia actos na Universidade; e quando tambem o Floro nos mandou dizer pelo Bastião, o republicano e entusiasta Bastião que fôra a

Coimbra, que ficaram de fôr, para encerrar a-
bricula — 150 ralgues.

Estas duas novidades vieram chamar a atten-
ção para o caso que já ia passando a jouco e jouco
para os confins da história:

É certo que já no Illustrado, chegado hoje, vi-
nhá o seguinte telegramma:

« Coimbra, 10, t. = Começaram os cursos livres
que estão correndo com toda a ordem e muito
concorridos. Reiter, Alarcão. »

Só temos nós; mas que importância dáva-
mos aos telegrammas do órgão do governo, se nós
sabíamos como elles são, em geral, verdadeiros?

Agora, pó' nos deleitamos com a vista poler-
ba do vale, cheio de jovações brancas entre oli-
vedos e a terra, como barreira, ao fundo, como
remate de cenário.

Na verdade, nós dois, eu e o Pacheco, embar-
cando no comboio das 5 da manhã, de sábado,
em Coimbra, tivemos occasião de verificar quan-
to os pymbolos são fageis: é que nesse comboio
viuham dois palcos — um real e outro do mi-
nistério de guerra, ambos fechados mysteriosa-
mente, silenciosamente; e então, desde que o
comboio se pô' em marcha, foi um continuo
afazeres de joubtas de cavalaria, jatos atathos

que cantam a linha favea até a Portela, de Jolicias fardados, de Jolicias á Jairaus, um honrôn!

Visto que não são tão guardados, tão protegidos, e os carcam de uma insegurança de cidades, é porque, na verdade, os republicos são d'uma consideravel fragilidade!

Mas, um vez em Miranda, e deixando ao seu destino o republico-rei que na Louzã tomou lugar de um autonomo Jaro Ingañil (anda a os exercicios) nós subimos pela escadaria de 66 degrãos que conduz ao meu Castello da Gra-Senhura!

Como tudo, neste mundo, é symbolico, eu e o Pacheco resolvemos symbolisar dois regimes civilizados, fugidos das magnificencias de um 202 civilização Jara a deliciosa Jaz de Torres-Miranda-do-Cervo. E na verdade, as circumstancias ajudáram: logo á chegada, as nuvens de não iam-se fendendo e a esse desastre só escapou realmente um miseravel Primeiro de Janeiro; e o Pacheco que não queria civilização no reino canjezino, ficou horrorizado ao ver, quando entrou no castello, uma canjeinha moderna, á Janta, Jara quem chegasse...

— Bem né, explicava eu, Jode vir alguem...

E de ideias em ideias, içámos no alto da escadaria, num Joste improvisado, uma bandeira branca: a bandeira da Jaz; e á Janta, o letrino num moldeira: Togurio de Diogenes, com

a lanternas resplandecivas, por de cima, mesmo jáo.

Aqui nos acolhemos á terrível vergonha por que fassam a questão académica.

Os jaruaes veem, diariamente, com a froutealidade conculgivel com o serviço manhozo da linha ferrea; mas nós, ferescendo-os indiferentemente, não queremos faze nada saber do que se faze com a questão académica.

A questão académica morreu.

No alto em que está situado o Tegurio, vendo ao longe o vale cheio de oliveiras, sentindo em baixo o manhozar da agua da ribeira, ainda muitas res lavam roupa, mostrando um pouco as jaruas, os nossos pensamentos faze toda a fante não, mesmo faze Coimbra, ainda hoje certamente rapazes já estudam o fante...

Ante-hontem, mandámos um bilhete ao Alguazil, pedando-o; e hoje, sentados a uma mesa, debaixo de umas oliveiras, em frente da casa, ficamos-lhe os seguintes versos de já quebrado que aqui ficam, não pelo merecimento, mas pelo gosto que virão a causar d'aqui a annos:

"Tegurio de Diogenes"
11-junho-907

O céu tendo por estuque
e oliveiras por paredes,
Ilustre Barão de Land-Luk
lêde isto se... ainda lêdes:

este campo politario
 onde a Ventura nos tem,
 olhamos: não vemos o maris
 e nem o cathão tambem.

Estamos aqui encantados
 sem derivadas recordari;
 co' os canções tringados
 das paudades do Aguiar.

E aqui mesmo no desterno,
 juntam-se os dois ideaes:
 d'um lado, o caminho de ferro,
 do outro um caminho aos aers!

Para acabar a Ventura
 e o ideal sem verdadeiro,
 só faltá a cavalgada⁽¹⁾
 e o cathão do arceiro...

Na exflavada do Castello
 em amistosa conversas,
 (que campo em parte tão bello!
 que jazuiças tão diversas!)

(1) É referencia ao Nicolau Gonçalves, nome condiscipulo.
 Ver a paginas 205 deste volume.

mandamos paçadas ao boato,
 á flauta e ao cavaguirinho;
 e um abraço com ribombro
 á futura mãe do moirão...

E assim, gaitaneando um bocinho, subindo
 as ximbas, o tempo vai passando — e a questão
 acadêmica vai fugindo da memória, como couro
 sem valor...

Ainda bem!... Se resta ao jurro da aldeia —
 ainda nos olham com respeito, pelo intransigência
 — não lavaremos o espírito... ainda iríamos nós?

Miranda do Corvo =
 = 13 de junho {5ª feira} =

O Dr. Costa e Silva, um dos maiores admira-
 dores do nosso intransigência, foi hoje a Coim-
 bra e deu-nos a nova de que houvera uma re-
 gravação hoje mesmo...

Eleutério tudo já está, mas hoje começou
 a chumbaria.

Mais disse que os actos são a coisa mais fe-
 cil do mundo; os leões tratam os rapazes nas
 ximbas e que o regravado nada dissera. Só as-
 sim é que elles regravam.

Dize mais que o Dr. Brazil, leute de Geome-

três descriptivas, ia fazer as aulas do seu curso,
"á fábrika."

Quanto a jornaes, cá vem vindo de quando
em quando, um ou outro. Mas aborrecei-me.
Quis course ou outro se destaca, e' certo, mas ja-
ra que falar nisso?

E' melhor esquecer...

Miranda do Corvo =
= 14 de junho (6ª feira) =

Logo de manhã, hoje, á chegada dum jorneis
ao logar dos Louzões, vimos nos jornaes chegados
de manhã, o Illustrado que trazia o seguinte no-
ticia:

«Coiubra, 12, 5. = Começaram hoje os actos na
Universidade começado no mesmo ordem. Na 1ª ca-
deira de direito todos os alumnos foram aprovados.
No 5º an.º de direito, periodo transitório, todos os
alumnos foram aprovados, sendo 3 summae e 1
simpliciter. Em theologia todos foram aprovados.»

Soto foi em 12, no quinzeis dia, e logo com
um simpliciter! Mas haubem houve ja uma
regração... Está bem.

E nem jurar mais em tal, fomos almoçar.

Ons, periam 3 horas da tarde, sendo - em

e o Pacheco — á pombeira d'uma oliveira, em frente da casa, agitécou-me subir gelo abalho que levei, gelo torula fóra, ao Senhor da Serra.

Lembrei isto ao Pacheco:

— Saues apuelle alto... Tahy na veia Coimbra...

E fomos. A subida é má, mas depois de varias garagens, usando o vale, avistando a Serra de Estrela e o Carancho, nós chegámos a um campo em que eu, agachando para um zimbalito no frente, disse:

— D'ali já se deve ver...

Atentei-me um pouco, subi a um rochedo, e gritei para trás, para o Pacheco que ficava a visualizar a vila de Penella:

— Lá está! Lá está elle!

Com effeito, lá estava elle — e que bonita!

O Pacheco, com a sua voz suave, disse:

— Maldita seja tu!

— Perdão, bem né...

— Refiro-me á Coimbra-simbolo!

— Bom, bom...

E lá ao longe, no verde triste das oliveiras, Coimbra destacava-se com o branco da casaria; era d'ali que nós fugimos, e para elle, ao mesmo tempo olhávamos com saudade...

O que se passaria ali, apuelle hora da tarde, quando o sol começava a estender as sombras nos olivados tristes?

Miranda do Corvo =
= 15 de junho (sabado) =

Hoje de manhã, acordei ao chamamento do meu nome, da parte de fora; olhei por debaixo da cortina: era o Maximiliano Monteiro.

Do ver-me, disse logo:
— Sempre pareço!

Fui abrir a porta do teguinho; voltei á cama e o Maximiliano desenvolveu entre o pudário de três terças: o pae, apesar do prazo das matriculas ter sido definitivamente encerrado, arranjou em Lisboa uma portaria, veio a Coimbra, e obrigou-o a encerrar matricula. Elle questionou, chorou, esbravejou, mas o pae, inflexivel, andava: elle era ainda menor!

Argumentou o filho que não teria cána para afazer os condiscipulos intransigentes com quem tinha contrahido a sua glória; mas o pae descaroavel dizia que não tinha com a glória do filho!

E assim foi ali fora!

Do modo que o pobre Maximiliano veio dando explicações e declarar que foi obediencia ao pae iria aos actos, mas não voltaria á Universidade. Isso th'o declarára e cunhára.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Não cunhára. Está no 2º an.º de medicina e tem

Entre outras causas, contou o Maximiliano que os ralizes que agora tiravam gosto, tinham um policia á parte, por causa das noças.

Policia á parte!...

Contou que o Pedro Martins continuava sem ir aos actos e que a faculdade está com medo de tomar medidas energicas contra elle, porque, como diz o Dr. Calixto:

— Ficam dois Britos Casuachos...

Com isto alude ao boato de que o Pedro Martins se o expulsam da Universidade, nem para os jogos e outras cousas...

Miranda do Corvo =
= 17 de junho (2ª feira) =

Fui hoje a Coimbra, á junta. Volto de novo á vida de quartel! Não tenho outro recurso — e os tempos não são mais para isso...

A junta como eu pedi, deu-me "gratuito para o serviço"; e eu escrevi em casa a seguinte carta que mandei para o ministro da guerra:

continuado na Universidade. Exemplo de nob foi a Lisboa na manifestação monarchica dos estudantes; e foi, segundo elle me'o disse, levado pelas suas convicções monarchicas... (Lett 23. III - 911)

SEU. ^{mo} & ^{mo} Sr. Conde de S. João:

Desculpe-me V. Ex^{ta} o meu abreviamento. V. Ex^{ta} não me conhece, e' certo; mas V. Ex^{ta} e' o ministro da guerra e eu sou um alferes de infantaria.

Ninguém, pois, melhor que o V. Ex^{ta} em me devo dirigir para declarar com a maior e a mais leal das franquezas o que desejo.

Eu sou, como disse, alferes d'infantaria, e ha seis meses que estou na incapacidade por motivo de doença; fui hoje, porém, presente á junta da 5^a Divisão militar, por ter terminado o tempo e fui dado prompto para o serviço.

Ora eu sou natural de Coimbra, tenho aqui meu filho familia com quem vivo e sempre tive o desejo de aqui viver; actualmente no regim.^{to} d'Inf^{ta} 23 ha uma vaga; por estas razões, eu peço a V. Ex^{ta} o favor, para mim instigante, de me colocar no referido regimento.

Desculpe-me V. Ex^{ta} o pedido e o abreviamento; contudo julgo preferivel ouvir o sim ou o não directamente de V. Ex^{ta} do que encomendar-o com pedidos d'outras pessoas.

V. Ex^{ta} fará como entender, na certeza de que, do mesmo modo ficarei grato, quer V. Ex^{ta} me atenda, quer me desculpe a franqueza deste meu pedido, que eu desejaria fosse feito logo... etc, etc.

De V. Ex^{ta}, etc, etc.

Pedir a políticos? Era ficar a dever favores e demais a mais a franquistas. E elles diriam a qualquer tempo:

— Socês falau, falau ... mas cá vem ter...

Por estas e por outras é que eu escrevi a carta.
Daré resultado?...
Até veres...

É para final: no Ilustrado de 16 de junho, vem uma carta excellente de um sr. Campos, do 2º anº medico. É ler e agradecer.

Miranda do Corvo =
= 18 de junho (3º feira) =

O Pacheco foi também embora. Saí para o Alentejo, de vez, depois d'agora. Levou pandeiras de aldeia.

Hoje chegaram as noticias da recepção do João Franco, no Porto; em Coimbra tive eu conhecimento, antes de vir para aqui, de que foi uma tremenda manifestação de desagrado; mas no Porto parece que foi juxgado...

Em que tempo eu vou para o serviço!

Miranda do Corvo =
= 19 de junho [4ª feira] =

Recebi duas cartas do Pacheco e um bilhete. Este
ultimo diz:

Coimbr^a = 18, ás 9^h, 5 de noite. = Grandes mani-
festações contra o João Franco nas estações noctas.
Bernardo Pedro aganhou um poco mais olho, pi-
cando inchado! E sabe quem th'o deu? Um zoli-
cia de deitos! Admiravel! (*) Francisco Pacheco.

Na carta (*) diz que do curso de Calculo alem
dos quatro — elle, o Aguiar, o Mira Teis e eu —
ficáram fôra o Saraiva e o Gusmão (mas que
encerráram nestras cadeiras...) e o Sebastião de
Silva Monteiro; diz mais que o Gusmão th'o fôra
falar "a medo", naturalmente a ponderar...

Jambicis!

Miranda do Corvo =
= 24 de junho [2ª feira] =

Fui também a Coimbra. Das impressões tristes
que recebi ao ver tambem cada e babinas!

(*) Na Coll. Cartas - I, 74

E não tem vergonha!

Quando fazem actos, janciam de carro, bricam-
gambeteando, o triste mercurio; e alguns riem,
abraçando-o, dando os parabens! Tomam as
mesmas bebedeiras, como nas epochas mortuarias
e andam de cabeça levantada!

Onde tem vocês a vergonha, rapazes?

Falando com o Floro, contou-me elle a figu-
ra triste que o Bernardo tem feito depois das jas-
sagens do João Franco por Coimbra.

E até alguma bandidada! Seja tudo pelo divi-
no amor... franquista!

Coimbra =

= 27 de junho [5ª feira] =

Voltei hoje de Miranda do Corvo. Ao chegar a
casa tinha o seguinte bilhete do Ministerio de
guerra:

26-VI-207

Meu querido Camarada: O nosso ministro in-
cumbem-me de referendar á sua carta de 17 do cor-
rente.

Ila, como sabe, alguma coisa vague no reg.^o d'
inf.^o 23 para a qual o nosso ministro tem já de-
dido ambigos; fica sobretudo agombado o seu
nome entre os que desejam essa collocção, para

ser ofantunamente offendido. Creio-me com
muito cuidado, como d. d. (2) Bernardo Faria.

É uma resposta dubia, não é verdade? Tanto
pode significar uma coisa como outra.

Mas eu desconfio do caso; a vaga está em aban-
to há muito e ainda não foi preenchida. Será el-
le na verdade, pedido para ella? Será elle infame-
ções nenhuma?

Sai lá! O chefe do estado-maior estava para
meu bô de rosario, quando eu andava no Galpão
com os rapazes! Mas vamos a ver; amanhã pede
ordem do exercito pedindo dizem os jornaes.

No entanto, mandei ao ministro uma car-
ta de agradecimento... pelo resposta. É uma atten-
ção que nada faz.

O domingo de Freitas já mebro dia me disse
e ainda houve a meu pai regerem que estava ás
ordens, que dissessem; mas eu vou-lhes dizendo
que sim...

Estes franquistas, como de resto, os políticos, em
fazendo um favor, julgam-se no direito de depois
mandar em nós. Ora isso é que não.

É ainda em cima, se no não ficar franquista,
berram aos quatro ventos a infamancia do favor
e chamam ingratos...

Aguentar-me-hei; não tenho medo de ir fazer

⁽¹⁾ Coll. Carlos = I, 74-A

serviço, seja em que regimento fôr. Mas a franquista nada faz.

Dou definitivamente por feita a minha aventura de estudante.

Quanto aos judeus...

A Lucta de homem e de anti-homem, traziam os gineceiros antigos contra o livro dos leites. Devem ser do Brito Camacho e são excelentes.

É nada mais — além de muitos raios por Coimbra, indolentes na casa e labia, com o grau de ar de bismulhadores, de cara levantado, como quem a João tem levantado!

É que quantidade de... inbrauzigentes!

Dei logo com um d'elles, a que ficaria conhecida poderei chamar ex-inbrauzigente: Ignacio de Mello Ferrão Marques, filho de Antonio Ferrão Marques, de Lisboa. Quanto não barrou este rapaz contra os francos, contra os guthas que queriam cada grande o governo, contra os catholicos que queriam fazer o grêve! Houve até quem pedisse que elle estivesse comprometido malguma loja mesonica, ou malgum quilo secreto; e no entanto, amarrado no brio...

Que diabo! O Joe é um franquista terminal, trata-se por tu com o João Branco, e vive quasi a cada meias com elle, em Lisboa!

Como se João por inbrauzigente?

Outro foi o Chico Pedro a que aqui me referi⁽¹⁾

⁽¹⁾ Id. pag. 351 e 401

por varias vezes; era poderai zerguentar: para
que perviu tanto barulho?

Etê, etê, etê.

Vão lá paudar essa tal aluna da mocidade, es-
se tal espinhito de desinberense da juvenude!

Coiubers =
= 28 de junho (6^o junho) =

Tudo na mesma, paudre na mesma!

Encontrei o Alfredo Pinheiro que vai amanha
para a Figueira, passar o verão com a familia, sem
esperança na amnistia.

Conversei com o familiar Francisco Machado
já aqui citado, que ~~me~~ trouxe e converso o Santos
Silva. Eu zerguentei:

— Oh seu Machado: qual será a razão intima
de elle ficar intransigente? Nós que o conhecemos
bem...

— Quem sabe! Talvez seja para deixar ir o en-
tro adiante e ficar porinho para o anno...

Este anno é o Ilviano de Mattos, candidato
nos zernios e na vaga da faculdade.

Será?... Eu paudre desconfiei delle; no entan-
to... paudre é um anno perdido.

Os jermes continuam a falar no Pedro Mar-
tins; e agora vem a noticia de que lho está sendo
instaurado processo academico, e mais ainda:

«... ante hancem, pelas 5½ da tarde, foi o distinto professor intimado a ir prestar, no prazo de 24 horas, o serviço d'actos na sua cadeia e qualquer outro que lhe seja distribuído...» [do Lucta de 28 junho]

É claro, fora com elle. Para que serve o juiz Veiga?

No baixa diz-me e afirmava-me que o Pedro Martins, mesmo assim, não cedia.

É pena que já se debata d'isto ainda o Ponto dos Santos...

Coincidera =

= 29 de junho (sabbado) =

Veio hoje nos jornaes a ordem do exercito: fui colocado em cazadores 3, Valença do Minho!

Raciocinemos um pouco: o ministro disse-me que o meu nome ficou agendado para oportunamente ser attendido; é natural que, se o homem me quer attenden, o faça em breve, não é verdade?

Pois bem: a vaga do 23 ficou ainda em aberto; e eu fui mandado para Valença, no extremo norte do país e com a agravante da mudança para cazadores — que implica transformação dispendiosa de uniformes; e isto havendo vagas nos regimentos mais proximos, como no 26 (Bragança), no 7 (Leiria) no 15 (Thommar) e mesmo no 14 (Vizeu).

Seria esquecimento do ministro? Não deve ser, porque á hora a que elle mandou escrever, ao ajudante, o bilhete para mim, já eu devia estar colado.

Seria favor? Não é favor, porque não se comprehende um favor que obriga a desferas e a uma deslocação tão grande como d'aqui para o alto-Minho.

Como se comprehende um caso destes, não se hesitaadamente?

Deve lá constar ao saber-se, com certeza, que eu não encarei matricula; deve talvez saber-se que eu não deixo de andar com os rapazes e o Alfredo Pinheiro, por exemplo, e é considerado como um "homem ziguezozo"; e ... e a carta ao Carlos Olayo que até não recebeu?

Pois bem! Vou para Valença.

Julgaram os franquistas que lhes vou pedir misericordia? Não que me rebelem! Vou e com franqueza, hei-de gostar. Dizem que o alto-Minho é bonito, e eu dou-me sempre bem em toda a parte.

Deve lá haver pouco que fazer ... Estão quasi a dizer como o Dr. Bobo Lobo em todas as suas contrariedades: «até é melhor...»

Vou a Sledgeho, vou ao «extrangeiro», vou ver em meu pitto as meirias meustras hermanças...

Blonclere!...

E depois... Zardão: y depués... seja o que o di

meo chefe paupquista quizer. Eu cá estou. Elles não honraes? não tees?...

Tambem eu...

É para terminar, nae o extrato de meus cartas de meu tio José Pimenta para meu Paé, com a data de 11 de junho. Bil-o, para esclarecimento e para craveira de consciências:

« O modo que foi resolvida a questão da greve ali, parece que excedeu toda a expectativa; creio que o d. João rebira de todo talvez ainda esta semana. O governo mandou-lhe grandes agradecimentos; elle, porém, respondeu-lhe que o não podia aceitar porque o que fez modo foi ao governo mas sem zelo pelo rei e zelo pelo partido. Tenho pena que o Belizário queira o anno e provavelmente queira tambem a vontade de continuar para o anno. »

Caracoles!... Como elles sabem bem...

Coincidera =

= 30 de junho {domingo} =

Vou enfim fechar este diario da questão academica, e dar por terminada a minha aventura de estudante.

Bem real engraçado tempo!

É de mais, como é fim do mes, cabe fazer o bo-

lanço desta aventura de minha vida. Éil-o, em
 poucas palavras:

Disheiro gasto: o que recebi a menos no soldo
 durante nove meses fora do serviço; o das subscri-
 ções e livros no começo do anno.

Seis meses de inatividade perdidos sem graça
 nenhuma.

Más informações certamente, no ministério
 da guerra — o que me virá prejudicar enquanto
 durar em Portugal a monarquia.

E por fim... este jameis ao alto-Minho!

Mas tem de ser...

Vou fechar este diário. A questão acadêmica
 morreu e eu morri para a questão acadêmica...

Os rapazes fazem acto e não ficando agruados
 com raríssimas excepções (que não aquellas que me
 da dizem) e não festejando alegremente as aprova-
 ções.

Os outros ficam esquecidos de vez. O indulto
 não vem.

Eu em mais, João? A questão morreu e mor-
 reu no todo.

Só o Pedro Martins continua com o inciden-
 te; hoje, no Lucta vem o seu desfoinamento no pro-
 cesso que lhe estão movendo e de que é promotor o
 José Alberto dos Reis.

De resto, está tudo esquecido. Se alguma coisa
 der este caso, irá em alçada, porque hoje vou of-
 ficialmente encerrar este diário.

É' fim de mez; amanhã começa outro semestre e eu sou todo methodico: o meu futuro diario será aos semestres ou, se ficar um volume seguinte, será aos... annos economicos!

Para que passar mais polva a questao academica?

Do lixo, a grêve!

x

Para liquidação, escrevi a seguinte carta ao Meirio Monteiro, accedendo ao pedido d'elle (que veio nos jornaes) para os insuavisgentes lhe mandarem o nome:

Meu caro Meirio Monteiro:

Vi o pedido nos jornaes aos rapazes insuavisgentes; e como te não tenho visto por cá, deixo-te esta carta.

Tu não encerras matricula nas 4 cadeiras em que estavas matriculado. Ora vou pedir-te para adiantar do meu nome, como insuavisgente, não foreres referencio é minha qualidade de official do exercito.

Naturalmente tu queres a relação dos rapazes para ser publicada nos jornaes; acho isso necessario e de certa urgencia até, mas não queres que ao estudante do 2º an.º de matematica andasse allada a nota de ser troça.

Medo?... Não, não é medo. É' para evitar conglificações. Na ultima ordem do exercito (de 28 de cor.

reunido) fui abinado para esquadras 3 (Valença do Meio) e desconfio que a essa tão insolite destocação não é extranha a minha intransigencia na questão acadêmica.

Não yedi nada á politica; se esta ~~me~~ fizer com que ^{eu} volte para o antigo regimento, ficarei pela fronteira, vis-á-vis com a fidalga Hespanha e perseguirei as miúdas.

Por isto é que eu desejo que adiante do meu nome não vá a nota belica de alferes d'infanteria. Se fôr para algum livro acerca da questão, não tem duvida; mas para jornaes yede chamar sobre mim a attenção e já é bastante o yareis ao alto-Minho.

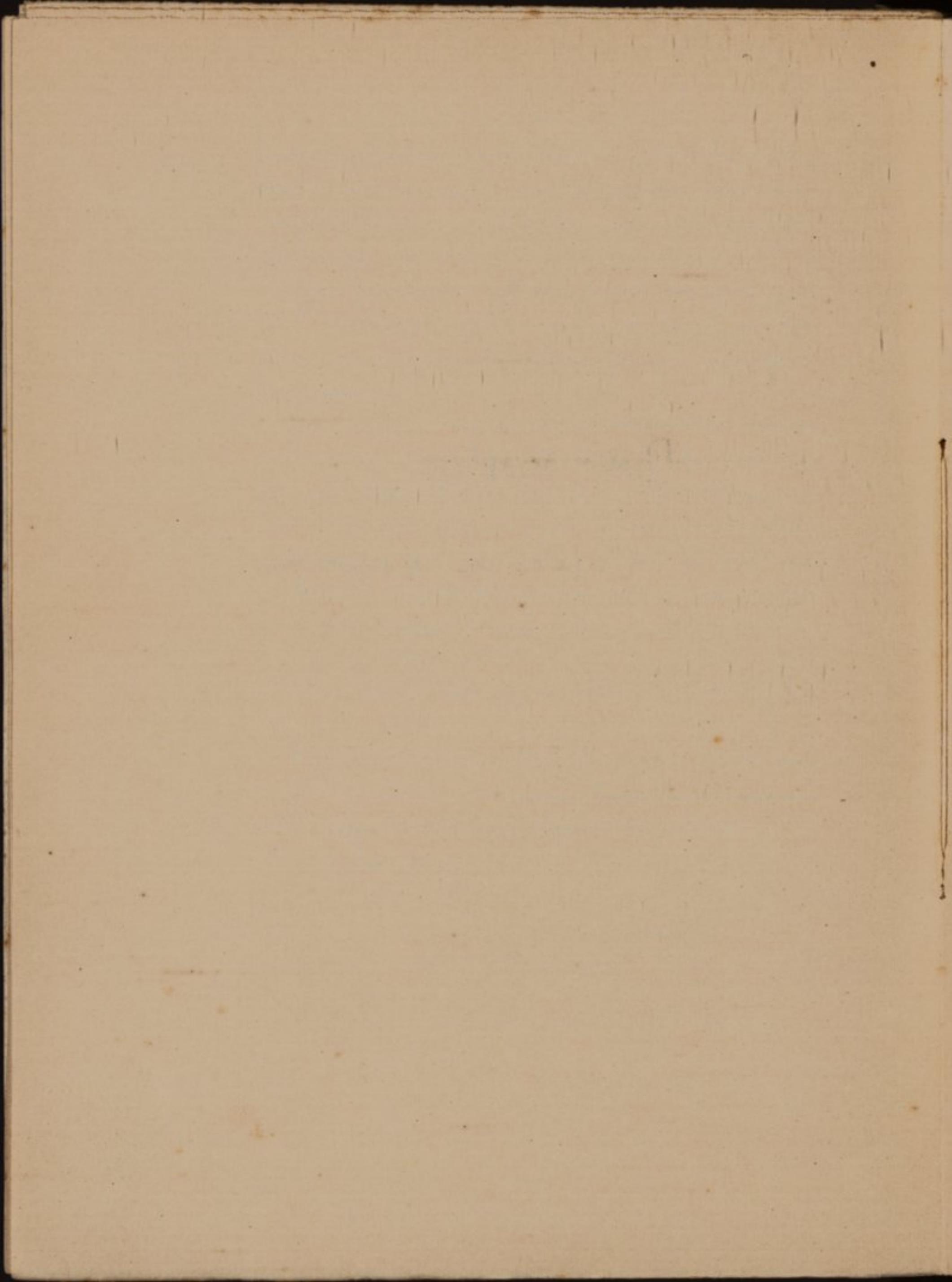
Quanto á publicação do meu nome, yego até que vá; seria motivo para dizerem que foi medo e isso — felizmente — não tenho.

Sem mais. Sempre ás ordens, etc, etc.

E com esta, como diz o povo, não enfado mais. Irei a Valença. Sejamos fortes; e ... e agora ... sim, agora ... como yobuguezinho valente ...
... é las miúdas! ...

Post - scriptum ...

[de 6 de julho a 27 d'agosto, 1907]



Coimbra =
= 6 de julho (sabbado) =

Acabo de chegar de Lisboa; e ao vir para casa, tive por companhia no americano, o meu amigo Reis Torgal (creio que do 2º an.º de direito), com duas irmãs — abastadas meninas, com ar de libbetas em terras de provincia.

Ora contou-me o Adolpho Trindade que este meu amigo — filho do conhecido e irascivel Reis Torgal, já do reino, e um dos que mais juguem para que a greve fosse furada — mandára vir o pai e as irmãs para assistir ao acto e celebrar nel guma banqueté a infalivel afrocção.

Quem tanto trabalhára, era digno ...

Mas... — não lá fôr-se nos melhores tempos!
— o rapaz foi para o acto, as meninas foram assistir para a tribuna, convidados em baixo nas bancadas e a mesa no hotel Yungta para a festa; e no fim, sim, no fim de tudo...

O meu amigo ficou reprovado!

Como as causas são...

Que injustiças, meu Deus, há por este mundo!
 & o jantar?... o banquete?...
 Que maldade, a da Divina Providência!...

Coimbras =
 = 10 de julho (2ª feira) =

Deito de ~~me~~ me despedir dos amigos e... talvez
 que d'alguns inimigos.
 Vou avançar para Saleres do Minho.
Illes jacta est.

Saleres do Minho =
 = 31 de julho (4ª feira) =

Eu quasi não tenho a saber e a querer saber de
 questões academicas!

Liquidar. Ninguém faz caso das cousas li-
 quidadas.

Diada assim há duas cousas que aqui quero
 contar:

a) O Mario Monteiro pediu-me quinze to-
 lões, no dia seguinte aquelle em que eu lhe man-
 dei a carta que agora fica. Disse elle que o dinheiro
 era para imprimir umas circulares para mandar
 não sei a quem, para se fundar não sei o quê, meu
 sei tambem para quê...

Os quinze tostões e' que foram auctando ; e'is
que não com Deus...⁽¹⁾

Mas, perguntando-lhe eu se possuía algum al-
gum livro, elle disse que tinha, que havia ... Eu of-
fereci-me para esclarecer alguns pontos, porque ti-
nha este diário, tinha documentos...

— Documentos ? Oh querido, dá-mos !...

— Isso... bem nós... não dou.

— E' que eu, depois de formado, vou-me lan-
çar á vida, e não vou á magistratura ou a enfre-
gos. Lanço-me á vida ! e preciso por isso ter docu-
mentos para, fazer... mesmo das occasiões... pois,
fazeres bem...

— Muito bem... Mas não t'os dou. E demais
a mais para isso...

— Que diabo ! e' uma maneira de a gente se
lançar á vida !...

— E'... isso é...

E comigo, fiquei dizendo:

— E'... mas é o jethismo d'oficio. Ora o gajo !
Queris documentos...

E aqui fica este traço do caracter do Maria Mau-
teiro.

b) O outro caso, agora :

Antes de vir para aqui, desfedi-me do Pedro
d'Alcantara. Tivemos uma demorada conversação. E
entre as varias cousas, contou-me o seguinte:

⁽¹⁾ E foram. Nunca mais os vi... [bem 26-III-911]

Quando foi de assignatura do termo, elle foi ter com o D. João d'Alencar, dizendo-lhe que não fôr dia diuheiro; o Sousa Gomes que estava presente, abraçou-lhe as boas qualidades e elle assignou o termo. Logo que veio o diuheiro, foi pagar e retribuir a retribuição, e agradecer:

— Olá, Pedro d'Alencar! Eulá... nada d'agradecimentos...

E quando elle se retirava:

— Oh Pedro d'Alencar!

— Sim, Conde...

— Precisa de recommendações para os actos? Veja lá, com franqueza... bem né, eu estou aqui...

— Muito obrigado, seu Conde...

E com mais duas ou tres causas, sahiu.

Mas, quando uns dez dias, recebeu pelo bedel um convite para ir a reitoria. Foi. Do entrar deu com o Pedro José de Mello (nosso condiscipulo em escola, filho do conde de Sabugosa) e o Vianna, filho do Antonio Vianna, grande franquista. Ambos davam as relações dos seus examinadores.

Do ver o Alencar, foi um requirimento de auslidades: porque é que elle não queria recommendações, mais isto, mais aquillo...

O Alencar desconfiou e perguntou:

— Visto que V. Ex.^a quer ter esse encanado... ~~o~~ certo... necessito...

— Diga, homem!

— Mas eu não quero encanado...

— Diga lá... necessita de...

— ... de uma recomendação para o acto de des-
manchoar.

Foi uma boa ironia! Mas o D. João não se des-
manchoou, insistiu pelos outros actos; e o Alcaide
resistiu sempre.

No acto de desenho, o Alcaide pagou com 12
realens...

Fosse como fosse, o Alcaide foi agradecer-lhe.
O homem fez-lhe muita festa, deu-lhe palmadas nas
costas, e ao partir, chamou-o de novo, blaudioso:

— Olhe lá, oh Pedro d'Alcaide!

— Sen. conselheiro...

— Você tem duvida em arringar a mensagem
a el-rei?

— Mensagem?...

— Sim, pedindo o indulto... dos seus camara-
das exilados, citados...

— Mas eu sou cadete: nem me posso dirigir
assim a el-rei, nem entro em manifestações colecti-
vas...

— Sim, você comprehende isso bem, mas eu
sei oficialmente pelas estatuições superiores que esse
seu procedimento, como os dos outros cadetes, não
lhes é levado a mal... pelo contrario...

— Pois hei-de pensar no caso, sen. conselheiro.

E partir. Mas logo a meio da escada pensou
melhor:

— Este diabo fez-me zarbido... Ergere lá...

É melhor.

— S. Ex.^a dá licença?

— Diga Pedro d'Alcântara...

— Tenho dizer a S. Ex.^a que já jurei. Eu assiguo...

— Obrigado, muito obrigado...

É o Pedro d'Alcântara sahindo sem bênçãos nenhuma
mas d'assiguar...

x

Tenho visto nos jornaes noticias do indulto. O
reitor foi a Lisboa, em nome da academia pedir o in-
dulto; o rei agora anda na fança de não querer dal-
o sem o conselho de estado por ouvido...

Chega-lhe, como diz as Novidades, o parauço
do constitucionalismo

É quanto aos actos, lá não correudo. É bive a
consolidação de saber que o Sidonio regressou o Al-
meida e Brito e o Saude e Castro...

Muito bem feito.

Dos intraurizentes de calculo, recebi uma carta
em 14 de Mira Feio; sobre do Pedro d'Alcântara
descullgando-me por mathematica da falta ao meu
"bota-fóra" e cuja descullga merece menção:

$$\left. \begin{array}{l} \text{dia do acto} \\ \text{e (2)} \end{array} \right\} \text{(falta cometida) honno-uis}$$

$$\left. \begin{array}{l} \text{dia da partida} \end{array} \right\}$$

⁽¹⁾ Na Coll. Cartas - I, 77

⁽²⁾ Na Coll. Cartas - I, 79-A

equivalente a

$$\int_a^b f(x) dx$$

(A) representará o integral definido — desculga — de que houve a falta conhecida no intervalo (aberto, etc.). »

É recebi uma carta do Aguiar, no qual me felicita a morte de inuás e que teríamos por dizer:

« O Alcantara tem passado. O Maximiano vi que fez organico e algebra. O Gusmão, Saravia e o Rocha tem passado. E os outros nós temos nos termos com os centennial e carbonarios!... »⁽¹⁾

É o que ha a respeito do que sei da greve.

A greve?...

Oh! a greve...

x

Como hoje estava com jaencia, escrevi a seguinte carta ao Mira Feio, em respeito a elle:

Meu caro Mira Feio:

Foi já aqui, nestas longinquas paragens miuholas que recebi a carta que o meu amigo me mandou para Coimbra e que agradeço.

Foi já aqui que recebi porque uma ordem do exercito imperialmente (no organico) me dolocou da minha poezada nos de Theodor para esta graça

⁽¹⁾ No Coll. Cartas - I, 79-B.

de guerra, em frente da Sledganka, palerona e beata.
 Não o patria ainda? Pois é um facto: estão em es-
 caderes 3, arrumado brutalmente para longe da
 minha casa, da familia e dos amigos, porque...
 não o imaginas o Mira Feio?

Pois é por isto: porque não encerrei matricula de-
uendo-o fazer (!!) e porque as camfanchias com
 que andava me tentavam surdeito para as insti-
 tuições (!!!!). Ainda heuram bive a confirmacão d'
 imo por uma carta, quasi "nota officiosa" e insurdei-
 ta. O Mira Feio e calgar de não acreditar, tão es-
 tudeudo e nil é o expediente vingativo da Jandi-
 thagem franquista. Mas é um facto.

Fiz as malas, disse adeus á familia, tomei o
sub-express (para demonstrar desprezo...) e aqui che-
 guei, aqui tenho estado, estudando a maneira de
 sair do desterro.

É o que vê: o nome questões academicas; tão mo-
 bre e tão bella, desfez-se no todo mais nil e mais
 imundo. Sem o indulto?...

A que vem o indulto se o rei e o João Franco
 andam com elle a representar uma triste farça
 e se assignaram a representacão todos aquelles que
 trahiram a gréve e que nos abandonaram vilmen-
 te, á mercê das circumstancias?

É em consciencia, Mira Feio, os 7 artigos de-
 vem-no aceitar?

Islo é tudo uma tristeza...

Eu tenho a altivez sufficiente para me aguen-

tar aqui para pedir nada; mas como eu tendo a
 quem me contou a carreira e me toquem um futuro?
 Devo aceitar uma escola de quem me abandonou
 num caso sério de honra e de honra?

Eu não tenho odio a ninguém; agradeço-me que
 sou incapaz de odiar; mas o meu orgulho de ho-
 meu revolta-se contra a comedia — e bem baixa!
 — que foram em péssima, com a representação ao
 rei, e que agora continua no palco, por causa do
 tal "paranóico do constitucionalismo" segundo dizem
 as novidades.

Mas deixemos estas vergonhas, Meira Teis. Quem
 me dá ainda ha uns meses, em Miranda do Cor-
 vo, com a excelente companhia do Pacheco — esse
 espinho gentil do mesmo curso — na doce faz da al-
 deia! E agora... e isto: ando aqui com perigo po-
 bre perigo e com um commandante (houve um to-
 do do Paço) que me trata friamente.

Pois bem, Meira Teis: sciencia de tudo o enjinho
 direito.

E depois... as hesitações de Guy são boas co-
 mo peiscentos diabos!

Os meus cumprimentos para seu irmão, etc,
 etc.

————— B. L. C. —————

—————

Balanço do Mês =
= 7 d'agosto =

Escrevi hoje o seguinte carta ao Alcaide, que talvez já se redigisse no meu silencio.

Meu caro Alcaide:

As sciencias positivas são dominadas já com
vencimento um homem!

É então essa mathematica, essa sciencia com
que nos obrivamos tão habilmente que mais pro-
curamos uns de uns dijudo dos elementos e
sem bel prazer, do que uns outros meritos do meu
lo XX, com o cerebro cheio de cousas generosas e boas,
essa nossa mathematica, dizis eu, com vencimen-
to quasi instantaneamente da razão de sua fal-
ta ao meu vota-féra...

Aquella integral definida... aquelle intervallo...
sem duvida: o convencimento nassem logo!

Agora eu, muito gozicamente, e' que me tenho
de pedir desculpa de pó agora responder. Mas esta
vida de desbarro, o calor, e... as perseguiçoes de Fey
(que são boas como todos os demonios!) tomam-
me o tempo.

É aqui tem a razão porque eu pó agora lhe dar
noticias.

O nosso curso de calculo foi dizimado: e de en-
tre as rezas devidas, algumas foram bem justa-

maneira; e confesso que — nem querar mal a
ninguém — soubi com isso uma certa quantidade
X de alegria e uma certa vontade Y de rir.

É quanto a mim, já cá vou, olhado de prolaio
como creatura lerigosa; e como as leguerras da terra
são as unicas que me não olham de prolaio, eu
lanço-me abertamente por esse caminho, como
quem se agarra, nem traveando naufragio, a
uma boia de salvação.

É aqui para nós, he já cá cada boia de salvação!

Mas os reservistas e requisitavam a minha ju-
reza. Dê nobícias, etc, etc,

— D, i —

Barcellos =

= 18 d'agosto (domingo) =

O Lueta chegou hoje a esta vila trazia a trans-
crição de uma entrevista de Luis Morote, jornalista
de Berlim, com o Brito Cavachio.

É a historia da questão acadêmica e é muito
interessante, como de resto, era de esperar.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Ver no livro "De la ditadura a la republica".

Salença do Minho =
 = 27 d'agosto (3ª feira) =

Hoje os jermes trouxeram o decreto publicado no Diário do Governo, indultando os 7 exilhos e juntamente autorizando os que não encerraram nenhuma a fazerem actos, etc, etc.

Estamos pois perdoados todos.

Já podemos fazer actos, graças a S. Magestade El-rey que se dignou ouvir os pedidos de tanto bandido...

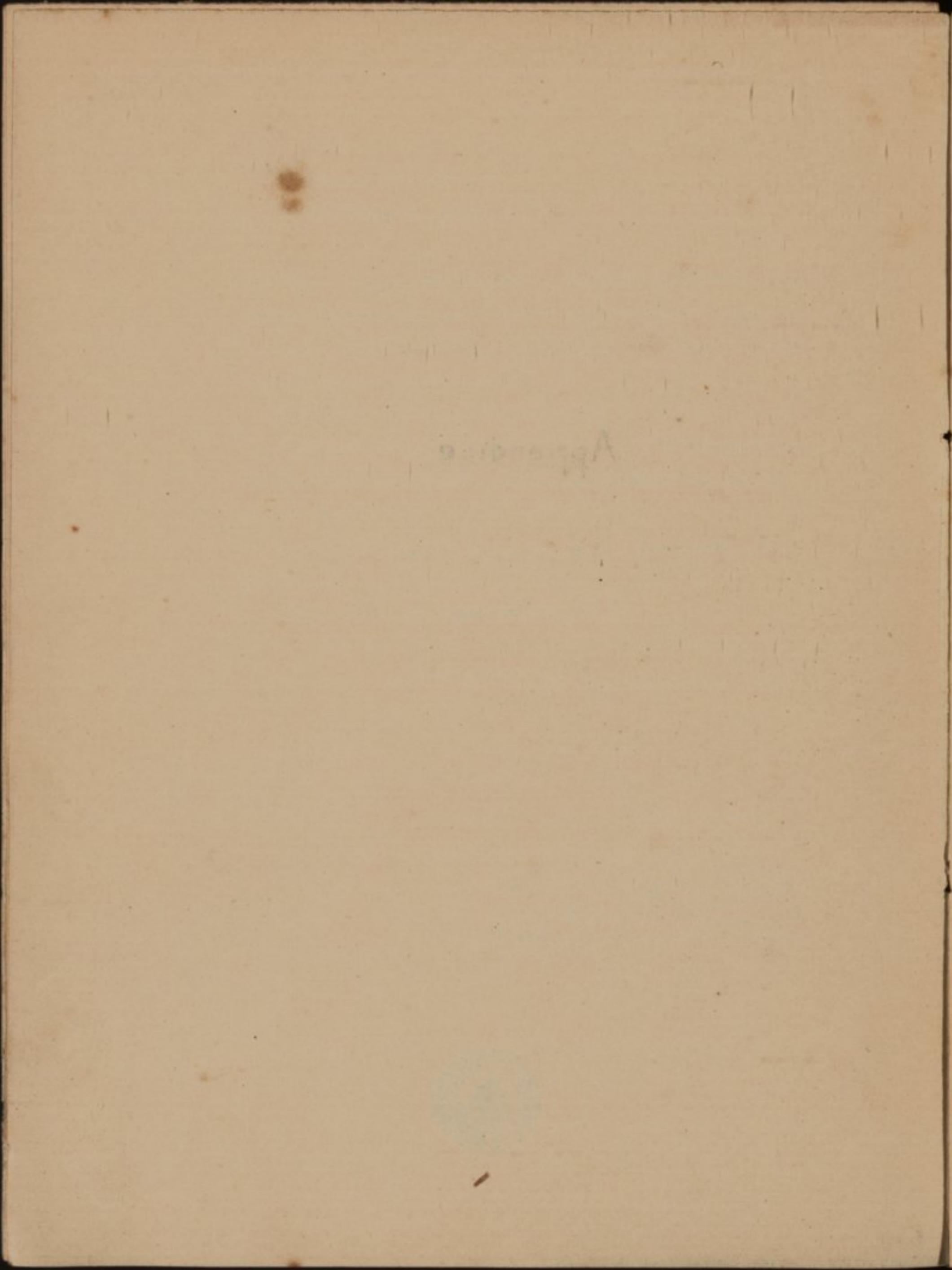
Estou pois perdoado e já posso fazer acto. Sua felicidade!

Obrigado, de João Franco!

Coliado desde paginas 1 até ás
 paginas 456, em Coimbra, entre
 os dias de 1908 até o dia 2 d'abril
 de 1913



Appendice



I

Uma nota triste ...

No dia 26 de setembro, recebi em Salença do Mi-
nho a seguinte carta circular:

Cóimbra
25-9-307

Caro Collega:

Para auxiliar um dos estudantes intravizigentes
que se encontra em dificuldades para encerrar matricu-
la para actos e matriculas para frequentar o anno
seguinte, pedimos ao collega o seu apoio material.

Seus Collegas M.^{tes} Obrig.^{dos}

A comissão

Caetano Lima

Domibal de Mello Leitão

Arthur Vieira de Carvalho

Antonio E. S. de Carvalho Lucas

Julio Dias de Costa.

Trata-se do estudante Affonso Henrique Duarte
de Sarcocellos, filho de Antonio José Duarte de Vas-

concelhos, natural de Coimbra — e então no 1º anno de direito.

*

E já agora, uma nota alegre...

Passados mais de tres annos, já em plena república, os raios intransigentes que ainda estavam em Coimbra em novembro de 1910 — reunidos a convite de tres, arrembararam-se dar um jantar e... si próprios.

Os tres que convidáram foram: Euilís Martins, ~~Euilís Martins~~ Lino Gouveia e eu.

Discutiu-se, é claro, houve o dobro dos alvitres do numero de raios e arrembou-se em que o jantar seria no dia 8 de dezembro.

Veio convite nos januaes para os que estavam fôr e exigámos as adhesões. As adhesões foram só duas — uma das quaes do Pimenta, do Alfredo Pimenta que me'o fez saber muito postal.

E depois?...

Como o jantar teria de custar a cada um, como de 2:50^{rs}, os intransigentes da greve, mantiveram-se intransigentes perante o preço da festa.

E até hoje...

(Lm 11-IV-933)

II

Relação dos estudantes intransigentes da Universidade:

- 1 - Abel Luettello Corte-Real e Almeida — filho de Custódio Joaquim da Cunha e Almeida, de Vieira do Minho (Vian.º do Castel.º). 3.º an.º de Gurgastórios médicos.
- 2 - Accacio Gomes Machado — filho de Ant.º Teixeira Pinto Gomes, de Leonil, conc.º de Moimães de Beira (Vizeu). 1.º e 2.º de direito.
- 3 - Accursio Mendes da Rocha Diniz — filho de Gaspar da Rocha Diniz, de Armação (Vizeu). 1.º e 2.º de direito.
- 4.º - Achilles João Gonçalves Fernandes — filho de João Gonçalves Fernandes, de Lólos. 3.º de direito.
- 5.º - Adelino de Oliveira Pinto Furtado — filho de Joaquim Pinto Furtado, de Louada. 3.º de direito.
= Foi dos processados mas absolvido pelo celebre accordo
- 6 - Adolpho Carrés Soares — filho de Ant.º Maria

Soares, de Algodres, Figueira de Castel^o. Rodrigo (Guarda). 3^o de medicina. = Encerrou matricula logo poder frequentar os cursos livres, declarando nos joruaes que não faria actos nem a readmissao dos 7 exilhos.

- 7 - Adriano de Sousa e Mello - filho de Vicente Carlos de Sousa, de Albergaria-a-Velha (Buciro). 1^o de direito. = Foi processado mas absolvido.
- 8 - Affonso Henrique Duarte de Vasconcellos - filho de Ant.^o José Duarte de Vasconcellos, de Coimbra. 1^o de direito. = O mesmo q. o anterior.
- 9 - Aquello Augusto Regalla - filho de Luis Augusto de Fonseca Regalla, de Buciro. 1^o de direito.
- 10 - Agostinho Gaetano Braz Correa Affonso - filho de João José Roque Correa Affonso, de Margão. 1^o de direito.
- 11 - Agostinho Luiz Rodrigues Lins - filho de Florinda Rosa Alves, de Tiba de Moura, Mourão (Viana do Castel^o). 5^o de direito.
- 12 - Alberto de Cunha Dias - filho de Ant.^o Franc.^o Padilha Dias, de Coimbra (Lx^a). 1^o de direito.
- 13 - Alexandre Magno Ferraz Andrade - filho de Ant.^o da Trindade Carlos Teixeira, de S. Martinho da Alviada, Marco de Canaveses (Porto). 2^o de preparatorios medicos.
- 14 - Alexandre Sobral de Carvalho - filho de Alberto Anuncio d'Almeida Carvalho, de Margão. 2^o de direito.
- 15 - Alfredo Abel de Franca J.^o - filho de Alfredo Abel

de Franca, das Covas, Sant'Anna (Funchal).

3.º de direito.

- 16 - Alfredo Augusto Lopes Pinheiro - filho de Manoel
Jose Lopes Pinheiro, de S. Manoel de Aldão (Qui-
marães). 4.º de direito.
- 17 - Alvaro Bernaldo d'Andrade e Sá - filho de Franci-
sco Bernaldo d'Andrade e Sá, de Escalhão (Gua-
da). 4.º de direito.
- 18 - Alvaro Damiano Dias - filho de Cosme Damiano
Dias, de Lisboa. 1.º de mathematicos.
- 19 - Alvaro Ernesto Teixeira Diniz - filho de Ernesto
Augusto Teix.º Diniz, de Lisboa. 5.º de philosophia.
- 20 - Alvaro Francisco d'Almeida - filho de Franci-
sco d'Almeida, do Rio de Janeiro. 2.º de direito.
- 21 - Alvaro Marques Machado - filho de Ant.º Marques
Machado, do Rio de Jan.º. 3.º de phisicomedicos
medicos.
- 22 - Alvaro Mendes Corte-Real - filho de Joaz. Albano
de Freitas Corte-Real, de Coimbra. 3.º de direito.
- 23 - Alvaro Verbiliano da Silva - filho de Pedro Jose de
Silva, do Funchal. 1.º de phisicomedicos.
- 24 - Amadeu Augusto Guaranha Ventura - filho de
Ant.º Maximo Ventura, de Alder-Gallaga (Lis-
boa). 3.º de direito.
- 25 - Amancio d'Algoim Teresano e Moreno - filho
Amancio d'Algoim Cerqueira Borges Cabral, de
Sevilha (Esp.º). 1.º de direito.
- 26 - Américo Augusto da Conceição - filho de Manoel
Jose da Conceição, de Duas Igrejas, Feira (Brai-

- 20). 2º de direito.
- 27 - Americo Silva e Castro - filho de Franc.^o da Silva
Alves, de S.^{to} Thyrso (Ponte). 4º de direito
- 28 - Narcival de Mattos Guimarães - filho de Alvaro
Dias Carneiro Guimarães, de Paço de Faneira,
(Ponte). 1º de direito
- 29 - Narcival de Mello Leitão - filho de Agostinho de
Mattos Leitão, de Torre deita (Vizeu). 5º de dir.^o
- 30 - Antheo Laurique Araujo d'Oliveira Cardoso - fi-
lho de Antheo Garcia d'Oliv.^o Cardoso, de Ovar
(Aveiro). 2º de direito
- 31 - Antonio d'Arauchas Ferrão - filho de Ant.^o Fer-
rão, de Gaia (Guarda). 5º de direito.
- 32 - Antonio dos Anjos Nogueira d'Araujo - filho de
Ant.^o d'Araujo Figueira, do Funchal. 1º de direito.
- 33 - Antonio Augusto de Carvalho Maynelles - filho de
João de Sousa Pereira Maynelles, de Lodares, Lou-
rada (Ponte). 4º de direito.
- 34 - Antonio Augusto de Paiva Lencuo - filho de Ant.^o
Manuel de Costa Lencuo, de Ilha de S. Nicolau (Ca-
bo Verde). 1º de direito.
- 35 - Antonio Cardoso Esteves - filho de Maria Pinto
da Costa, de S. Christovão de Nogueira (Vizeu).
2º de direito.
- 36 - Antonio Carlos Ribeiro da Silva - filho de Mau.^o
Ribeiro da Silva, de Villa Mou (Vian.^o do Castel.^o)
5º de direito.
- 37 - Antonio Egypcio Evaristus Lopes de Vasconcellos
J.^o - filho de Ant.^o Egypcio Evaristus Lopes

de Vasconcellos, de Loure, 3.º au.º de direito.

- 38 - Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas - filho de Ernesto Simões de Carvalho, de Coimbra. 1.º de direito.
- 39 - Antonio Fernandes - filho de Ant.º Fernandes, de S. Paulo de Loure, 5.º de Philosophia.
- 40 - Antonio Fernandes Duarte Silva - filho de Elyas Fernandes Duarte, de Aveiro. 4.º de direito. Foi o unico padre intrasigante.
- 41 - Antonio Joaquim Castella J.º - filho de Antonio Joaq. Castella, de Méda (Guarda). 5.º de direito.
- 42 - Antonio Joaquim Ferreira da Fonseca - filho de João Abel da Silva Fonseca, de Trancoso. 2.º de direito.
- 43 - Antonio Joaquim Graujo - filho de Domingos Joaquim Graujo, de Chaves. 4.º de direito.
- 44 - Antonio Maria Gonçalves Ferreira - filho de Antonio Offuso Ferreira, de Ponte de Lima. 3.º de direito.
- 45 - Antonio Maria de Sousa Magales - filho de Luis de Sousa Magales, de Soure. 2.º de direito.
- 46 - Antonio Mira Fayo - filho de Ant.º Condeiro de Sousa Fayo, de Beja. 3.º de direito.
- 47 - Antonio Pinto de Saugais e Castro - filho de Adriano Pinto de Saugais e Castro, de Uchão, Felgueiras (Porto). 2.º de direito.
- 48 - Antonio Pires da Rocha - filho de Fortunato da Rocha Ferreira, de Candeia - o - novo. 3.º de direito.

- 49 — Antonio dos Santos e Silva — filho de Franc.^o
Ant.^o dos Santos, de Coimbra. 5.^o de medicina.
- 50 — Antonio de Saica Ferrer de Saldanha Meucada —
filho de Ant.^o de Saldanha Meucada, de Coimbra.
3.^o de direito.
- 51 — Antonio Thomazturgo Leonardo Reis Pio Pereira
— filho de José Marianno Pereira, de Velção, Sal-
setê (Indiá). 4.^o de direito.
- 52 — Antonio Vaz de Sá Pereira e Castro — filho de João
de Sá Per.^o e Castro, de Beduido, Estarreja. 3.^o
de direito.
- 53 — Aristides Saraiva de Andrade, filho de Joaõ.
Manuel d'Andrade, de Póço do Couto, Meda,
(Guarda). 3.^o de direito.
- 54 — Armando de Azevedo Pestana — filho de José da
Sera-Cruz Pestana, de Vizeu. 3.^o de direito.
- 55 — Armando Marques Guedes — filho de Nicolau
Marques Guedes, do Porto. 1.^o de direito.
- 56 — Arthur de Sant'Anna Leite — filho de Franc.^o de
Paulo Sousa Leite, de Arusção de Para (Faro).
3.^o de direito.
- 57 — Arthur Vieira de Carvalho — filho de Franc.^o Vieira
de Carv.^o, de Coimbra. 1.^o de direito.
- 58 — Augusto de Cunha e Oliveira — filho de Reginel
Almeida Oliveira, de Trancoso. 2.^o de direito.
- 59 — Aureliano Lopes de Mira Fernandes — filho de
Ant.^o Lopes de Mira Fernandes, de Certe do Pin-
to, Alentola. 3.^o de mathematicas.
- 60 — Balthazar d'Almeida Teixeira — filho de Franc.^o

Maria Teixeira, de Leiria. 4.º de direito.

- 61 — Balthazar Augusto Ribeiro — filho de Balthazar Aug.^{to} Ribeiro, de S. João da Parqueira (Vizeu).
4.º de medicina. — Encerrou a matrícula e fez os atos de fecho do indulto. Ver a pag.º 414.
- 62 — Belizário Pimenta. — 2.º de matheua.^{ca}
- 63 — Benjamin Miguel Vilela — filho de José Ant.^o Vilela, de Raubados (Guarda). 2.º de direito.
- 64 — Carlos Soares Frederico d'Albuquerque, filho de Elycio Augusto Soares — de Sarrazella (Vizeu).
5.º de direito.
- 65 — David de Restauração e Silva — filho de José Vicente da Silva, de Lisboa. 3.º de direito.
- 66 — Deodoro de Castro Carneira — filho de José Maria Carneira, de Lisboa. 1.º de direito
- 67 — Diogo Augusto Loureiro Polonio — filho de Augusto de Loureiro Polonio, de Santar, d'ellas. 2.º de direito.
- 68 — Eduardo Carlos d'Azavedo Lopes — filho de Sebastião José Lopes, filho de Villa-Flor (Bragança).
1.º de direito.
- 69 — Eduardo Pereira Motta — filho de Ant.^o Pereira Motta J.^o, de Fortaleza, Ceará (Brasil); 3.º de direito.
- 70 — Emílio Maria Martins — filho de Victor Maria Martins, do Porto; 1.º de direito.
- 71 — Euymdio Guilherme Garcia Mendes — filho de Casimiro Estêves Mendes, do Ervedal, Aviz.
3.º de direito.

- 72 — Ernesto Rebello Peixoto de Magalhães — filho de Ant.º Joaq. da Silva Peixoto de Magalhães, do Porto. 3.º de direito. Foi processado mas absolvido.
- 73 — Ernesto Carneiro Franco — filho de Ant.º M.º Carneiro Franco, de Figueira de Castello - Rodrigo. 3.º de direito. Foi processado mas absolvido.
- 74 — Ernesto José Rodrigues de Bastos Coutinho Belleza d'Almada — filho de Ant.º Miguel Belleza d'Almada, de S. João da Foz (Porto). 2.º de direito.
- 75 — Ernesto Pelagio dos Santos — filho de Ant.º Eusebio dos Santos, de Al.º S.º do Monte, Funchal. 2.º de direito.
- 76 — Fernando Baste Bissaya Barreto Rosa — filho de Albino Ignacio Rosa, de Castanheira de Pera, Leiria. 1.º de medicina e 5.º de philosophia.
- 77 — Fernando Gonçalves de Mattos — filho de José Gonçalves de Mattos, de S.ª Maria da Gajá. 3.º de preparat.º medico.
- 78 — Florencio Leite Pereira de Sousa Lobo — filho de Bernardo Teixeira de Sousa Lobo, de Coruellos, Fafe. 1.º de direito. Este, segundo dizem, foi intransigente nos negócios, porque, tendo combinado com o Bianchi fazerem o negocio, este esqueceu-se de o avisar de que tinha furado e grave...
- 79 — Fortunato Maria Monteiro de Figueiredo — fi-

- lho de Joaquim M.^o Monteiro de Figueiredo,
de Meidões, Táboas. 5.^o de direito.
- 80 - Francisco Antonio d'Oliveira Villa Real - filho de
Ant.^o Joaz. d'Oliveira Villa Real, de Miranda
do Douro. 2.^o de direito.
- 81 - Francisco Antonio do Valle - filho de Joas Antó-
nio do Valle, de Rib.^o da Janela, Porto Leonis
(Funchal). 2.^o de direito. Foi processado, mas
absolvido.
- 82 - Francisco Augusto de Lacerda Farjaz - filho de
Franc.^o Aug.^o de Lacerda Farjaz, de S. Roque, Pi-
co (Horta). 5.^o de philosophia.
- 83 - Francisco d'Avila Negras - filho de Nicolau
Osorio Pereira Negras, de S. Joao d'Ovel, Baião
(Porto). 5.^o de direito.
- 84 - Francisco de Campos - filho de Jose de Cam-
pos, de Castanheira, Francoso. 1.^o de direito.
- 85 - Francisco Cordeiro Perez Blanco - filho de Jo-
se M.^o Perez Blanco, de Lisboa. 1.^o de direito.
- 86 - Francisco de Cruz - filho de Thomaz de Cruz
de S. Pais de Pelle, Barquinha. 3.^o de direito.
- 87 - Francisco Luis Tavares - filho de Franc.^o Luis
Tavares, Ponta Delgada. 3.^o de direito.
- 88 - Francisco Manuel d'Ararijo Pereira da Ro-
cha - filho de Ant.^o d'Oliveira Rocha, de Ser-
ga. 2.^o de direito.
- 89 - Francisco Manuel Pereira Coelho - filho de
Franc.^o Manuel Pereira, de Alcaria Tereira,
Mértola. 5.^o de direito.

- 90 - Francisco de Silva Gouveia - filho de José Antonio Gouveia, de Collegã. 1º de direito.
- 91 - Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro - filho de José Vaz Pacheco de Castro, de Povoação (Ponte Delgada). 2º de mathematicas.
- 92 - Frederico Agostinho Falcão Machado - filho de Adriano Adelinus Falcão Machado; de Ilha, heredeiro de Cavaleiros (Bragança). 1º de direito.
- 93 - Geraldo de Silva Balthazar Brites - filho de Joaquim de Silva Balthazar Brites, do Porto. 5º de medicina.
- 94 - Germano José d'Aurelius, - filho de Camillo d'Aurelius, de Mezedo, Measões. 4º de direito.
- 95 - Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros - filho de Gonç. Lobo Per.ª Caldas de Barros, de Salerosa, Villa-Real. 1º de mathematicas e philosophia.
- 96 - Gustaf Adolf Bergström - filho de Theodoro Segismundo Bergström, de S.ª Brulão, Cabo Verde. 3º de juridic.ª medica.
- 97 - Henrique Ferreira d'Oliveira Braz - filho de José Joaq. d'Oliv.ª Braz, de Ilheira do S.º de S.º. 3º de direito.
- 98 - Henrique Pereira Ribeiro - filho de Ant.ª Ribeiro da Conceição, de Leiria. 1º de direito.
- 99 - Henrique Trindade Coelho - filho de José Francisco Trindade Coelho, de Coimbra. 4º de direito.
- 100 - Horacio Lucas - filho de Manuel Lucas, do Rio de Janeiro, Brazil. 1º de direito.

- 101 — Igualcio Carneiro Gaspar Teixeira — filho de José Gaspar Teix.^o, de Santa Dolgada. 1.^o de matemática.
- 102 — Jacinto Oscar Augusto de Freitas — filho de João Joaf. André de Freitas, de Briz. 3.^o de direito.
- 103 — Januario Ferreira dos Santos Leite — filho de Manuel de Sousa Leite, do Porto. 3.^o de ginecologia e medicina.
- 104 — Jayme António de Palves Mira — filho de João Franc.^o Mira, de Albarim, conc.^o de Beja. 2.^o de ginecologia e medicina.
- 105 — João de Buellas George — filho de John George, de Lisboa. 1.^o de direito.
- 106 — João de Brito Farrajota — filho de José Martin Farrajota, de Loulé. 1.^o de direito.
- 107 — João Garrão Carneiro da Silva — filho de Ant.^o Carneiro da Silva J.^o, de Lisboa. 2.^o de direito.
- 108 — João Joaquim Teixeira Jardim — filho de Manuel Joaf. Teix.^o Jardim, do Funchal. 2.^o de direito.
- 109 — João Maria Sant'ago Gouveia Lobo Passado.
— filho de Mariano José da Silva Passado, de Figueira da Foz. 4.^o de direito.
- 110 — João Monteiro de Castro — filho de José Mont.^o de Castro, de S. Thomé (Africa). 1.^o de direito.
- 111 — João Octávio Costa de Cabedo — filho de João Aug.^o de Costa Cabedo, do Funchal. 1.^o de direito.
- 112 — Joaquim José d'Oliveira — filho de Thomaz

- José d'Oliveira, de Maravacas, Villa-Real de
 (Braga). 5.º de direito.
- 113 — Joaquim Pereira Monteiros d'Aravijo — filho de
 ctul.º Per.º Mont.º d'Aravijo, de Valladarez,
 Baião (Porto). 4.º de direito
- 114 — José Antónis Gomes — filho de ctul.º do nasci-
 mento Ferreira, de Valdujo, Trancoso. 1.º de di-
 reito.
- 115 — José Diogo Guerreiro — filho de Zacarias José
 Guerreiro, de Tavira. 1.º de preparat. medicos.
- 116 — José Joaquim Soares — filho de Joaquim José do
 Senro, de S. Braz d'Aljortel (Faro). 2.º de direito.
- 117 — José Luciano Henriques — filho de Sophia Augus-
 ta, do Funchal. 3.º de direito.
- 118 — José Luis do Santos Meita — filho de Joaq. dos
 Santos Meita, de Bemfica (Almeirim). 5.º de
 medicina.
- 119 — José Madeira Montez — filho de ctul.º Madei-
 ra Montez, de Santarém. 5.º de direito.
- 120 — José Maria d'Almeida Coutinho — filho de
 Leofoldo d'Almeida Coutinho, de Villanovium,
 Mourão Frio (Villa-Real). 1.º de direito.
- 121 — José Maria Barbosa Tausquinri de Mattos
 Encarnação — filho de Augusto Barbosa Taus-
 quinri de Encarnação, de Thomar. 3.º de me-
 dicina.
- 122 — D. José Maria de Sueiro e Leucastria — filho
 de D. Joaq. Soares de Sueiro e Leucastria, de
 Villa-Real. 2.º de direito.

- 123 — Jose' Maria Raugel de Saugais — filho de Jose' M.^o Ferreira Raugel de Saugais, de Lisboa. 1.^o de direito.
- 124 — Jose' Mendes Vahis de Sousa Carneiro — filho de Aut.^o Victorino Mendes Vahis, de Bragança. 1.^o de direito.
- 125 — Jose' Nunes d'Almeida Logas — filho de Jose' Nunes Logas, de Meuro, Evora. 4.^o de direito.
- 126 — Jose' Oliva Mendes de Fomseca — filho de Aut.^o Aug.^o Oliva Mendes, de Mello, Gouveia. 2.^o de medicina.
- 127 — Jose' Pereira da Costa Basto — filho de M.^o Per.^o da Costa Basto, de S. João de Foz, Porto. 5.^o de direito.
- 128 — Jose' Pereira Ramos Paz — filho de Nunes de Aguiar do Ramos Paz, de Viana do Castello. 5.^o de direito. Era soldado d'inf.^o, e como castigo, foi fazer serviço para a Escola Pratica de Medico.
- 129 — Julio Dias da Costa Pinto — filho de Jose' M.^o da Costa, de Figueira de Foz. 3.^o de direito. Foi processado mas absolvido.
- 130 — Julio Gomes dos Santos Junior — filho de Julio Gomes dos Santos, do Porto. 1.^o de direito.
- 131 — Justino de Campos Cardoso — filho de Aut.^o de Campos, de Trancoso. 3.^o de direito.
- 132 — Luis de Camara Reis — filho de Luis Aut.^o dos Reis, de Lisboa. 5.^o de direito.
- 133 — Luis Esteves de Aguiar — filho de Joaquim Esteves Fernandes Pereira, de Parada de Cusães

conc.^o de Villa Real. 2.^o de preparatórios médicos e de mathe-máticas. Era militar com licenças registradas.

- 134 — Luis Francisco Rebello Bicudo — filho de Francisco Borges Bicudo, de Ponta Delgada. 4.^o de direito.
- 135 — Luis Mira Feijó — filho de Ant.^o Cordeiro de Sousa Feijó, de Beja. 2.^o de math.^o e filosofia.
- 136 — Luis Nunes Borges Medeiros de Carvalho — filho de L. Nunes Borges de Carvalho, de Lisboa. 1.^o de math.^o e filosofia. Foi intranquillo porque tinha... o auro perdido. Questões de sport...
- 137 — Luis de Sousa Faisca — filho de M.^o Martins de Sousa Faisca, de Loulé. 2.^o de direito.
- 138 — Lusitano de Silva Balthazar Brites — filho de Joaz de Silva Balthazar Brites, de Porto. 3.^o de direito.
- 139 — Manuel Gregorio Pestana J.^o — filho de M.^o Gregorio Pestana, do Porto-Santo, Funchal. 2.^o de direito. Foi processado mas absolvido.
- 140 — Manuel Ignacio d'Almeida Couto Magalhães Novaes — filho de José d'Almeida Couto d'Amorim Novaes, de Barcellos. 3.^o de direito.
- 141 — Manuel Jobino de Carvalho Pinto Coelho Valle e Vasconcellos — filho de Aug.^o Cesar de Carvalho Valle e Vasconcellos, de Caves, Cabeceiras de Basto. 3.^o de medicina
- 142 — Manuel Machado Mescedo — filho de Ernesto Machado Mescedo Neves, de Alandeste, Ponta

Delgada, 3.^o de preparatórios médicos.

- 143 — Manuel Pedro Dias Charras Rocha — filho de Jo.
se Pedro Dias Charras, de Fatella, Cast.^o Branco.
1.^o de direito.
- 144 — Manuel dos Santos Madeira — filho de Gau-
dencio Madeira, de S. Romão, Ceia. 4.^o de direi-
to.
- 145 — Manuel de Vasconcellos — filho de Julio Cesar
Carreira de Vasconcellos, de Travanca, Sinfões.
5.^o de direito.
- 146 — Mario Teixeira Matheiros — filho Ant.^o Thomaz
Matheiros, de Favaio, Aljô. 3.^o de direito.
- 147 — Martim Machado de Faria e Maya — filho de
João Mach.^o de Faria e Maya, de Ponte Delgada.
3.^o de direito.
- 148 — Mauricio Aureando Martins Costa — filho de
Candido Augusto Costa, de Lisboa. 4.^o de direito.
- 149 — Miguel Marcellino Ferreira de Moura — filho de
Ant.^o Luis Marcellino, do Carvalhal, Leiria. 3.^o
de preparat. médicos.
- 150 — Nuno Feliciano de Moura Teixeira — filho de
Nuno Silvestre Teixeira, do Funchal. 1.^o de direito.
- 151 — Paulo Teixeira de Siqueira — filho de Franc.^o Tei-
xeira de Siqueira, de Lisboa. 5.^o de direito.
- 152 — Pedro Alexandre Palera — filho de Joaquim Ma-
deira Palera, de Martola. 2.^o de direito.
- 153 — Raul d'Oliveira Sousa Leal — filho de Alfredo
d'Oliveira Sousa Leal, de Lisboa. 3.^o de direito
- 154 — Rodrigo de Beca e Mello — filho de Carolano

- Freitas Beça, de Pousafiel. 3º de direito.
- 155 — Silvário Alvauches Barbosa — filho de Silvário Alvauches Coelho de Lemos e Menezes, de Rizeu. 5º de direito.
- 156 — Vasco Correia de Rocha, filho de Ant:º Sicaute de Rocha, de Vagos, Aveiro. 3º de direito.⁽¹⁾
- 157 — Verissimo de Freitas da Silva — filho de Luis de Freitas da Silva, do Funchal. 1º de medicina.
- 158 — Singilis Correia Pinto da Fonseca, — filho de José Correia Pinto de Fonseca, de Rego, Vila-Real. 1º de direito.
- 159 — Xavier da Silva — filho de Xavier da Silva, de Lisboa. 4º de direito.
- 160 — Eduardo Gargueira Machado Cruz — 1º de matematicas. (Não vem no "Anuário" este nome.)

⁽¹⁾ Foi processado, mas absolvido.

III

Índice onomástico ::

- Alerau (Ant.º José Teixeira de): 322, 324.
 " (Paulo Cancela de): 206, 371.
- Afonso (Augusto Carlos): 178
- Agostinho (José Vaz): 363
- Aguiar (Luís Estêves de): 24, 116, 134, 225, 225,
 241 a 243, 244, 250, 282, 350, 373, 398, 403,
 406, 407 e 451.
 " (Rogério Ferreira de): 44, 45, 54.
- Alarcão (D. João de): 61, 100, 103, 104, 110, 111, 122,
 125, 129, 131, 141, 163, 173, 237, 252, 261, 344,
 394, 448.
- Albuquerque (José Afonso de L.): 192 B.
- Alcantara (Pedro de): 9, 19, 23, 36, 40, 44, 48, 76,
 120 a 122, 320, 349, 359, 407, 448 e 451.
- Alencar (Agostinho da Costa): 343, 400 e 402.
- Alencide (Adolfo Sampaio de M. Pinto de): 54.
 " (Carlos Augusto Marais de), Prof.
 de Lisboa: 19.

Almeida [Ferdinando de], Professor de Liceu:

338.

" {José Pereira de}: 381, 398 e 415

" Junior {João Ant.º de}: 354.

" {João Gomes de}: 192-B.

" {Levi M.º de Carvalho e}: 415.

Alpoim {Auráucio} Tarrazano e Marinho: 190, 192-B.

Alves: {Alvaro de Mota}: 192-B e 375.

Alvesal {Visconde de}: 91, 93, 110, 134 e 137.

Alvarim {Alvaro de Almeida}: 415.

Antunes {Vitor Hugo}: 89.

Araújo {Abílio Pereira de}: 146.

" {Alvaro Brito}: 223

Arauca {José Caro.º de Albuquerque e}: 218

Assunção {Luís Felipe de}: 40

Augusto {P.º António}: 334.

Azevedo {Carlos Olavo Correia de}: 10, 34, 56, 327.

Barbas {Manuel das}, litógrafo: 247.

Barreto {Ferreando Basto Bissau}: 17, 74,

130 e 192.

" {João de O. C. B. Moriz}: 192-B.

Barros {Car.º Alfredo Augusto de}: 330.

Bartolo {José da Silva}: 192-B.

Basto {Dr. Alvaro}: 8, 83, 133, 180, 275 e 368.

Bastos {Dr. Henrique Teix.º}: 127 e 401.

" {João.º Dias}: 25.

" {João João.º da Costa Olive.º}: 222.

Beirão {Franc.º António da Veiga}, Causeth.º de

Estado: 13.

- Bernardino { José dos Santos } : 192-B e 203
- Bicudo { Luis Francisco Rebelo } : 194, 195, 241
244, 358 e 364
- Bordalo { Abel de Fouseca Alencão } : 375 e 397
- Borges { Francisco } : jornalista : 148 e 319
" { Alberto da Fouseca } : 415.
- Botelho { Ant.º Ferreira } : 115.
- Bragança { Ant.º Bernardo de } : 192-B.
- Braz { Henrique } : 192
- Brites { Geraldino da S.ª Baltazar } : 336 e 351.
- Brito { Cipriano Canavaro de Almeida e } :
9, 67, 77, 315 e 450
" { Ernesto J. Pereira de } : 192-B.
" { Francisco Canavaro de Almeida e }
177.
- Calado { João Octávio Costa de } : 192 e 195.
- Calral { António }, Conselho : 239.
" { José Pereira dos Santos } : 106 e 107.
- Caldeira { João Ribeiro Baptista } : 366
- Calixto { Dr. Avelino Cesar Maria } : 5, 22, 103, 104.
" { Sergio Ferreira da Rocha } : 119, 137,
192-A, 193, 220, 224, 295, 296, 381, 391 e 397.
- Carnacho { M.º de Brito } : 181, 222 e 318.
- Carrilo { Alberto de Simas } : 223.
- Cantô { Avelino de Almeida } : 178.
- Cardoso { Fernando M.º da Mota } : 223
- Carneiro { António } : operario : 93, 94, 110 e 134.
- Carrasco { José Martins Casiro } : 189, 192-A, 391.
- Carrera { Inacio } : 124, 130 e 131.

- Carvalho [Aureando G. P. Monteiro de] :
192-B.
- " [Arthur Vieira de] : 459.
- " [Francisco Augusto Martins de],
General : 213, 237, 246, 324 e 366
- " [Henrique Martins de] : 192-B.
- " [Dr. Joaquim Martins Teixeira de] :
68, ~~88~~, 99, 102, 111, 218, 265 e 365
- " [José Cavieira de] : 119, 124, 217, 218
346 e 363.
- " [Luis Guilherme Nunes de], Tenente
de Inf.^a : 92
- " [Vasco de] : 23 e 316.
- Castelo-Branco [Carrilo] : 374.
- Castro [Alvaro Xavier de] : 5.
- " [Ant.^o Pais de Saude e] : 8 e 450, e 9.
- " [Manuel de Moraes Pita e] : 206
- Chagas [João] : 113.
- Chaves [Alfredo Lopes de Matos] : 206 e 253
- Coelho [José Gabriel Pinto] : 84, 100, 105, 115, 294.
- Conceição do Carqueijo — 396.
- Cande de Vila Real : 225.
- Cordeiro [Major A. de Matos] : 338.
- Correia [José de Almeida] : 115.
- Corte-Real [Adelino Martins Pamplona] : 178
- Cortez [Jaime Zuzarte] : 37 e 142.
- Costa [Adriano de Sousa] : 192-B.
- " [Alberto Mario de Sousa e] : 254 e 377.
- " [Aug.^{to} Emilianos da] : 394.

- Costa (Flaviano Eugenio da): 20.
 " (José Garcia da): 189, 190, 192 e 192-A
 " (José Maria da), major: 8, 9, 38, 94 e 95.
 " (Julio Dias da): 420 e 459.
 " (Manuel Pinheiro da): 192-B.
 " (Mauricio Armaudo Martins): 5.
 " (Pedro Celestino da), coronel: 159.
- Couto (Adelino de Almeida): 178.
 " (José Tavares Lucas do): 10, 119, 123-124, 137, 192-B e 352.
- Cruz (Alberto Carneiro Alves da): 414.
 " (Antonio Dantas Mauro Preto Mendes): 192-B.
 " (Francisco da): 376 e 399.
 " (" de Antas Mauro Preto Mendes): 188, 189, 192-A, 194, 196 e 199.
- Cunha (Ant.º José da Costa e), major: 134 e 151
- Curto (Amilcar Ramada): 10 e 34.
- Dias (Aires Pereira), tenente: 38.
 " (João) da Silva, ten.º coronel: 3, 4, 9, 29, 47, 48, 53, 152-155.
 " Junior (José Marques): 16, 192-B e 202
 " (José do Patrocínio): 178 e 315.
 " (Manuel Lourenço): 192-B.
- Espargosa (José M.º Raposo de Sousa Alte): 115 e 378.
- Eusébio (José de Almeida): 5, 190 e 192-A.
- Faria (Avelino): 343.
- Feliciano (Julio Machado): 415.

- Fernandes (Abilio Augusto Martins): 72,
73 e 102
" (Antonio): 301
" (Aureliano Lopes de Mira): 401.
- Ferrão (Alfredo Maria de Almeida): 192-B.
" (Pedro): 107 e 215.
- Ferraz (José Teixeira Araújo da Silva): 178.
- Ferreira (Dr. José Dias Ferreira): 111-112.
" (José Eugenio Dias): 111 e 147.
" (José Rebelo de Pinho): 34.
- Figueiredo (Augusto Maximo de): 192-B.
- Flavio (Paul): 206
- Fonseca (Alvaro Augusto Diniz da): 178.
" (Dr. Augusto Arzila de): 425.
" (Fariao Corte-Real da): 165.
" (Manuel Vilaca da): 19 e 112.
" (Miguel Pereira de S.ª): 379 e 381
" (Nicolau da): 128, 155-156 e 176.
- Ferjáz (Franc.º Augusto de Lacerda): 131 e 192
- Forte (José Fernandes), Padre: 137, 192-A e 371.
- Franca (Alfredo): 139 e 192.
" Amado (Francisco), rolerinho: 259.
- Franco (João): conselheiros: 103, 109, 113, 122,
131, 133, 143, 153 e 302
" (João), o "cagão": 256 e 385.
- Frazão (Alberto Carlos de Almeida): 30.
- Freire (José Luis Ferreira): conselh.º: 160
- Freitas (Dominguos Ant.º dos Santos e): 96, 99,
183 e 187, 234, 265 e 277, 332 e 434; - e 4,
7, 40, 142, 148, 162 e 166.

- Furtado [Adelino de Oliveira Pinto]: 194,
195 e 200.
- Gaio [Manuel da Silva]: 346, 366, 385, 386 e 393
- Gaito [P.^o Ant.^o da Costa]: 172 e 178
- Gama [Dr. Manuel de Azevedo de Araujo e]:
27, 270 e 276
- Gauzeiro [Franc.^o da Silva]: 460
- Garcer [Franc.^o Codrim da Silva]: 177 e 362
- Garrett [José M.^o de Proença de Almeida]: 119,
217 e 218.
- Garrido [Ant.^o de Mairalles]: 420.
- Gil [Alfredo Mendes Pereira]: 192-A.
" [José Judice Samara]: 205.
" [" Mendes Pereira]: 192-B.
- Girão [Americo de Auarium]: 16 e 145 a 374.
- Gomes [Dr. Franc.^o José de Sousa]: 448.
" [José Augusto Kresse], oficial de Inf.^o
reformado: 208 e 209.
" [Marcelino Fialho]: 189, 192-A, 196 e 397.
- Goucalves [Dr. Azevedo]: 210.
" [Luis da Cunha]: 294 e 298.
" [Nicolau da Silva]: 19, 68, 83, 109,
133, 134, 180, 260, 349, 354, 382, 400 e 424.
- Gardilho [Elias Rosado]: 192-B.
- Gaulão [Franc.^o Nicolau de Sousa Dias]: 20,
37, 45 e 321.
- Gauzeira [Americo José de]: 206.
- Gravijo [Antônio Joaquim]: 74, 77, 78, 364, 394,
395 e 399.

- Grave {Ant.º Martins}: 218.
- Guedes {José António de Sá Miranda}: 115.
- Guerreiro {Franc.º Xavier Caudido}: 386.
- " {José M.º de Mendonça}: 192-B
- Guimarães {Dr. José Joaq.º de Oliveira}: 149.
- Gusmões e Sousa {António de}: Vide Sousa.
- Henriques {Felipe Ferreira}: 106, 202, 192-B
e 296.
- " {Floro}: 40, 41, 68, 76, 96, 118, 128, 155
e 156, 176, 211, 215, 217 e 233.
- " {Dr. Julio}: 83 e 160
- Juens {Duarte}, Coronel: 337, 341 e 342.
- Lacerda {Paulo Linho de}: 192-B.
- Larocq {José Velho Serravalho de Sousa}: 15,
62, 79, 126, 130, 140, 141, 180, 189, 191, 192-A,
194, 196, 199, 200, 323, 357, 382, 391 e 397.
- Leitão {Alvaro de Seabra Elvas}: 192-B.
- " {Aribal de Melo}: 459.
- Leite {Artur de Santana}: 176.
- Lemos {Americo Viana de}: 177.
- " {Leis Affonso Viana de}: 177.
- Lima {João Evangelista de Campos}: 2, 10, 34,
74, 298, 302, 306 e 459.
- Lobo {Florêncio L. P. de Sousa}: 468
- " {Dr. Franc.º Miranda da Costa}: 87, 103,
104, 105, 207, 360 e 403.
- " {José}, Governador civil: 197, 211, 268, 273
e 345.
- Lopes {Franc.º Ilipino Crav.º}, general: 161

Lucas {Ant.º Ernesto Simões de Carvalho} :

192-A, 249 e 459.

Macedo {Manuel Machado} : 192.

Machado {Alvaro Ant.º Boto} : 20.

" {Dr. Bernardino} : 90, 145 e 158.

Maçonaria em Coimbra : 209.

Marnoco e Sousa {Dr. José Ferreira} : 368.

Marques {Inacio Ferreira} : 435.

Martins {Antônio}, capitalista : 134.

" {Emilio Maria} : 460

" {Dr. Joaquim Pedro} : 244, 429, 436 e 440.

Mata {Dr. José Cacião da} : 5 e 95.

Matos {Dr. Alvaro de Alen.º} : 10 e 59.

" {Bernardo Ferreira de} : 192-B.

" {Dr. Daniel de} : 59 e 70.

" {Maximino de} : 53.

Melo {Adriano de Sousa e} : 386 e 388.

" {Candido Augusto de} : 178.

" {P.º Luis Lopes de} : 192-B.

" {Pedro José de} : 19 e 37.

Meudes {Carlos de Azevedo} : 146.

Miranda {André} : 196, 200 e 413.

" {Ernesto} : 118, 134, 150, 208 e 211, 217, 251,
272, 275 e 332.

Moita {José Luis dos Santos} : 188, 191, 192, 195,
196, 200, 201, 202 e 336.

Mousaraz {Alberto} : 174, 179 e 217.

Monteiro {Alberto dos Santos Pereira}, alferes de
Infant.º : 110.

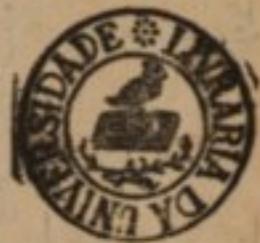
- Monteiro de Figueiredo [Fortunato Mario]:
79, 88, 91, 101, 116, 120, 125, 126, 127, 130,
136, 138, 151, 162, 192, 194, 200, 267, 357,
364, 441 e 446.
- " [Maximiano]: 229, 241, 305, 373 e 428.
- " [Sebastião da S.ª]: 432.
- Morais [Pedro de Alcantara de Andrade]: vide
Alcantara.
- Morais [Aureaúcio de Alpoim Torresano a]:
vide Alpoim.
- Mota [Alberto Vieira da]: 53.
- " [Carlos Augusto da Costa]: 51.
- " [Luís José da]: 28, 92 e 95.
- Neves [Joaquim Ferreira]: 303.
- " [José da Silva]: 172-B.
- Nogueira [José Marques], Tenente de Artilhe-
ria: 157.
- Olavo Correia de Azevedo [Carlos]: vide
Azevedo.
- Oliveira [Ant.º Rodrigues de]: 178.
- Osorio [Jaime Pinto]: 206
- Pacheco de Castro [Franc.º Xavier Vaz]: 2, 9,
15, 23, 46, 48, 62, 77, 83, 118, 133, 180, 187a
204, 229, 230, 241-243, 244, 260, 282, 305,
313, 358, 373, 384, 406, 410, 422, 427, 431, 432.
- " de Castro [Luís Vaz]: 95 e 131.
- Pais [Dr. Sidonio]: 9, 23 e 127.
- Paulo [José]; entalhador: 93 e 94.
- Paz [João Per.º Ramos]: 40, 342, 359, 379 e 381.

- Pedro {Bernardo}: 8, 18, 24, 32, 57, 110, 113, 124
a 125, 137, 138 a 139, 142, 148, 174, 178, 185, 211
a 214, 215, 221, 228, 234, 270, 307 a 433.
- " de Jesus {Francisco}: 336, 351, 401 a 435.
- Paixoto {José Augusto Viana de Lemos}: 10.
- Pereira {Antônio}: 192-B.
- " {Seraphim Simões}: 351 a 371.
- Pestana Junior {Manuel Gregorio}: 125, 139, 140,
192, 196, 197, 208, 222, 255, 302, 359, 364, 376
e 378.
- Pimenta {Alfredo Augusto Lopes}: 95, 192, 195
204, 216, 240, 246, 252, 255, 259, 275, 303,
324, 333, 344, 346, 399, 436 a 460.
- " {José Augusto}: 173 e 361.
- Pinto {Francisco Cortez}: 40.
- Pita {Dr. José Pereira de Paiva}: 104.
- Porto {Ant.º Carlos Coelho de Vasconcelos}: 433.
- Prerado {João Saubirago}: 194.
- Queiroz {Paulo Teixeira de}: 30.
- Ramalho {Eduardo Augusto Falé}: 23.
- Ramos {Dr. Luis M.ª da Silva}: 116, 117, 118, 124,
128, 144 e 273.
- Raugel {Inocencio Fernandes}: 374.
- Reis {Antônio Alberto dos}: 192-B.
- " {João.ª Frederico dos}: 206
- " {José M.ª Marques de Oliveira}: 243.
- Republica n.º 3 da rua de Tomar: 341 e 418.
- Ribeiro {Baltazar Augusto}: 414 e 467.
- " {Carlos Alberto}: 415.

- Pileiro [Luís da Silva]: 253, 287 e 348.
 " [Mário Martins]: 192-B e 249.
Pica [Ant.º Nunes]: 289.
Rocha [Fortunato Pires da]: 51 e 405.
 " [Franc.º Manuel do Araújo Parreira da]:
 141, 196, 199 e 200.
Rodrigues [Agapito Pedron]: 2.
Rosa Junior [José M.º da]: oficial do exercito:
 5, 6, 193, 196, 289 e 369.
Rorisco [Antonio Pais]: 192 e 359.
Ruela [Alberto]: 374.
Russo [Alexandrino Lopes]: 192-B.
Sa [Octaviano do Carmo e]: 92 e 222.
Saldanha [Joaquim]: 377 e 404.
Salgueiro [João Fortunato da Fonseca da Tê-
 cha]: 19, 53, 77, 159, 347 e 354.
 " [Joaquim Carreira], Padre: 137, 139,
 140, 201 e 264.
Santiago [Rodrigo do Carv.º]: 192-B.
Santos [Eduardo Coelho dos]: 53.
 " [Franc.º Moreira dos]: 177.
 " [João Pinto dos], advogado: 245.
Saraiva: [Franc.º Alberto de Almeida da Trilcei-
 ro]: 309, 345, 405 e 432.
Sarmento [Alvaro do Carmo Rodrigues]: 192-B.
Senrela [Eduardo Augusto Ferreira]: 192-B.
Serodio [João Davidson de Guimarães]: 375.
Silva [Alberto Augusto da]: 192-B.
 " [Alberto Vicente da]: 192-B.

- Silva J.^o [Antonio Joaquim Ferreira de]: 54.
 " [Antonio Pereira de]: 146.
 " [" dos Santos]: 136, 198, 200, 201, 224,
 300, 336, 381 e 436.
 " [Antonio Sergio de Brito e], alferes: 87.
 " [David da Restauração e]: 192-B e 203.
 " [João Gualberto da Cruz e]: 192-B.
Silveira [Emídio Roque de]: 192-B.
Simões [Alberto da Veiga]: 384.
Soares [Arnibal]: 319.
 " [José Francisco]: 192-B.
 " [" Joaquim]: 302 e 316.
Sousa [Ant.^o de Gusmão e]: 19 e 432.
 " [Joaquim Carlos de]: 15, 235 e 253.
 " [José Pedro de]: 115.
Souto [Adolfo de Azevedo]: 420.
Stöckler [Luís Pinto de Albuquerque]: 392.
Tavares [Franc.^o Luis]: 123, 192, 301, 302, 317 e 336.
 " [José de Almeida Barreiros]: 108, 124,
 139, 141, 202, 291, 295, 296 e 372.
Teixeira [Dr. Antonio de Assis]: 104.
 " [Baltazar de Almeida]: 16, 51, 117, 125,
 126, 127, 143, 220, 252 e 383.
 " [Inacio Correia Gaspar]: 38 e 88.
 " [José Augusto da Silva]: 192-B.
Teles [Adolfo]: sapateiro: 69.
Ternudo [Mario da Silva Gomes Freire]: 20.
Torgal [Alvaro dos Reis]: 445.
Trindade [Adolfo]: 40, 45 e 46 e 73.

- Trindade {Antonio da}: 192-B.
 " {Henrique}: 314 e 339.
Vasconcelos {Affonso Henriques Duarte e}: 331, 459.
 " {Dr. Ant.º Garcia Ribeiro de}: 16 e 354.
 " {José Augusto de Oliveira}: 149 e 150.
Vaz {Pedro Tavares Mendes}: 192-B.
Vieira {Eduardo Saldanha da Silva}: 389
 " {Mariano de Melo}: 343.
Xavier {Ant.º Maria Eurico Alberto Fiel}: 10
 e 34.
Zenha {Henrique Araújo Salgado}: 53.



Henrique Brás

Faleceu na Ilha de S. Miguel este
escritor e antigo parlamentar
açoreano

PONTA DELGADA, 11 — Faleceu, hoje, na Estância das Furnas, o escritor terceirense e antigo parlamentar Dr. Henrique Brás.

Henrique Brás, o escritor açoreano, que faleceu agora com 62 anos, era uma distinta figura de intelectual, quase desconhecida dos meios literários do continente, por a sua modéstia e a sua elegância mental não lhe permitirem acotovelar ninguém para se meter á frente. Pertencia a uma família de abastados comerciantes de Angra do Heroísmo, cidade onde nasceu. Feitos os seus estudos secundários na sua ilha natal veio frequentar a Universidade de Coimbra, onde fez o curso de Direito. Jovem entusiasta e poeta de rara sensibilidade, apaixonou-se pelo ideal republicano. Fez parte da comissão central da greve académica de 1907, de que foi um dos elementos mais aguerridos e intransigentes.

Terminada a sua formatura, regressou á Ilha Terceira a fim de exercer a advocacia. Pouco depois era proclamada a República e o dr. Henrique Brás foi o primeiro governador civil do Distrito de Angra do Heroísmo, na vigência do novo regime. Ainda estudante liceal, publicara um volume de poemas de grande subtilidade, que lhe dera uma aura local. Foi com surpresa que os velhos políticos terceirenses viram subir a figura gentil do jovem poeta a escadaria do palácio do Governo Civil e lá proclamar o novo regime, no meio da comocção de todos os liberais. Esperavam que a sua inexperiência desacreditasse o ré-

gime nascente, mas o dr. Henrique Brás desempenhou o cargo com grande distincção, até as eleições suplementares das Constituintes, em 1911. Foi, então, eleito deputado pelo círculo de Angra do Heroísmo, que havia de representar várias vezes no Parlamento, não só como deputado ma também como senador.

Advogado e notário essas actividades e a política não o impediam de se consagrar ás letras. Colaborou em muitos jornais e revistas literárias e consagrou-se á investigação da história açoreana, acerca das quais publicou diferentes trabalhos. Com as suas notas duma viagem á Itália, publicou, em 1934, o volume «Longe do meu horizontes», revelador da sua cultura e fina sensibilidade artística. Dos seus últimos trabalhos sobre a história açoreana e a dos descobrimentos, salientam-se os referentes ás viagens dos Corte-Reais, os fidalgos açoreanos que descobriram o Lavrador e foram os primeiros a pisar o território da América do Norte. É possível que a imaginação de poeta de Henrique Brás colaborasse com o investigador. As suas conclusões sobre pontos controversos da história dos Descobrimientos foram, em parte, contestadas pelo nosso ilustre colaborador prof. dr. Duarte Leite, em «Seara Nova». Henrique Brás respondeu com a correcção e elegância que eram seu timbre, ficando bem patente a boa-fé, a cultura e o amor á história da sua terra do escritor agora desaparecido.

Além dos seus poemas juvenis, publicados sob o título de «Vagidos» e de vários volumes de discursos e conferências, os mais importantes trabalhos do dr. Henrique Brás foram o já citado volume com impressões da viagem e os estudos históricos: «Sob o signo do Sacrifício», «João Fernandes Lavradores», «O herói da Restauração, Francisco de Ornelas», «Os Barcelos e João Fernandes Lavradores», «Descoberta pré-colombina de terras da América» e «A propósito da descoberta pré-colombina de terras da América». Tinha em preparação a obra «Daqui se descobriu a América — a Ilha Terceira» e «As ruas duma cidade», subsídio para a toponímia de Angra do Heroísmo.

De O Primeiro de Janeiro, de 12 de Agosto - 1947.

